PARALAMAS & CÓLERA: EUROPA E AMÉRICA NA ROTA DO ROCK BRASIL

EDITORA AZUL
N.º 27
Outubro 1987
Cz$ 80,00

BIZZ

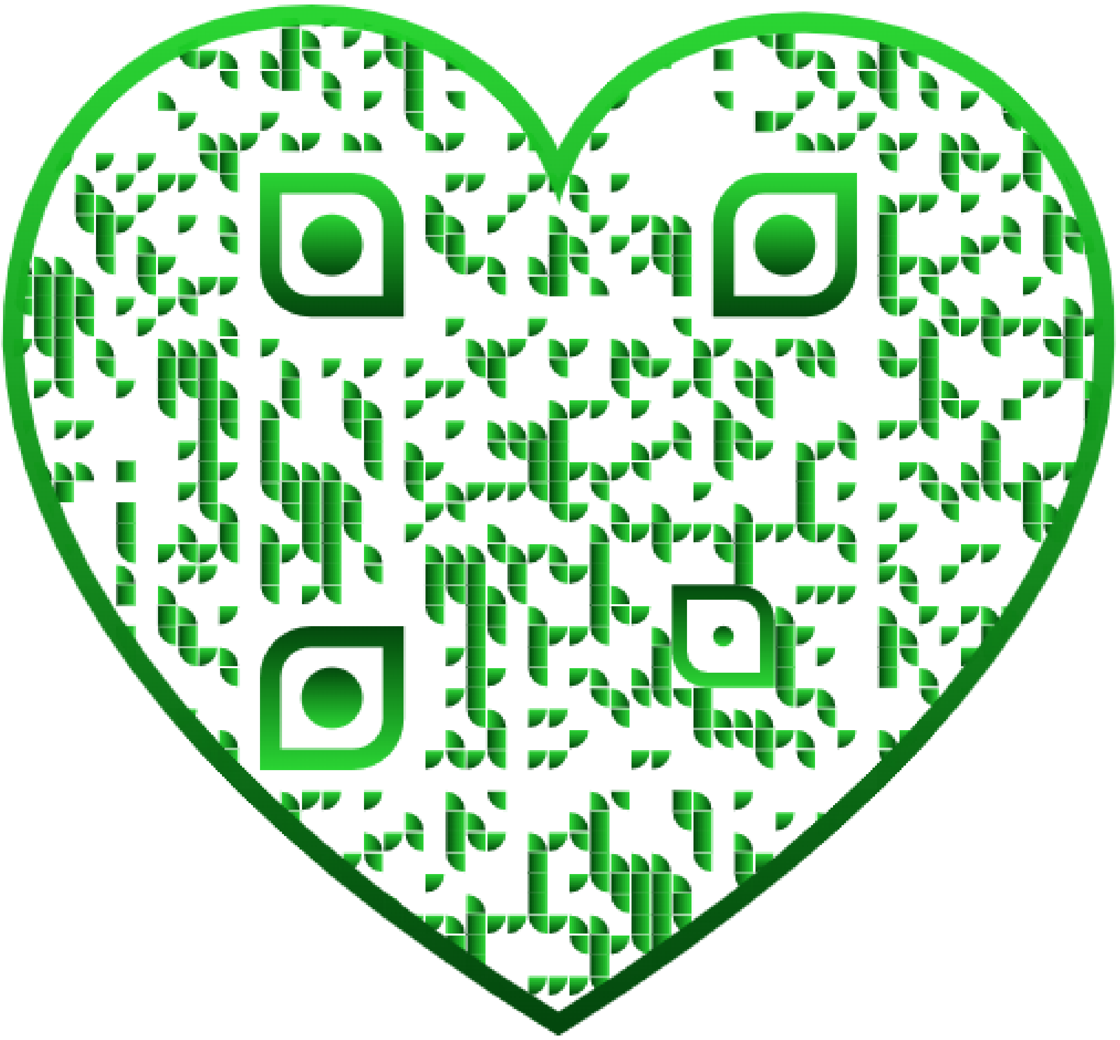
INOCENTES
CABARET VOLTAIRE
PINK FLOYD
JORGE BEN
SUZANNE VEGA
A NOVA ONDA DO JAZZ
JOY DIVISION
LA BAMBA, O FILME

JAPÃO, URGENTE

MICHAEL JACKSON

COBERTURA EXCLUSIVA DO INÍCIO DA TURNÊ MUNDIAL

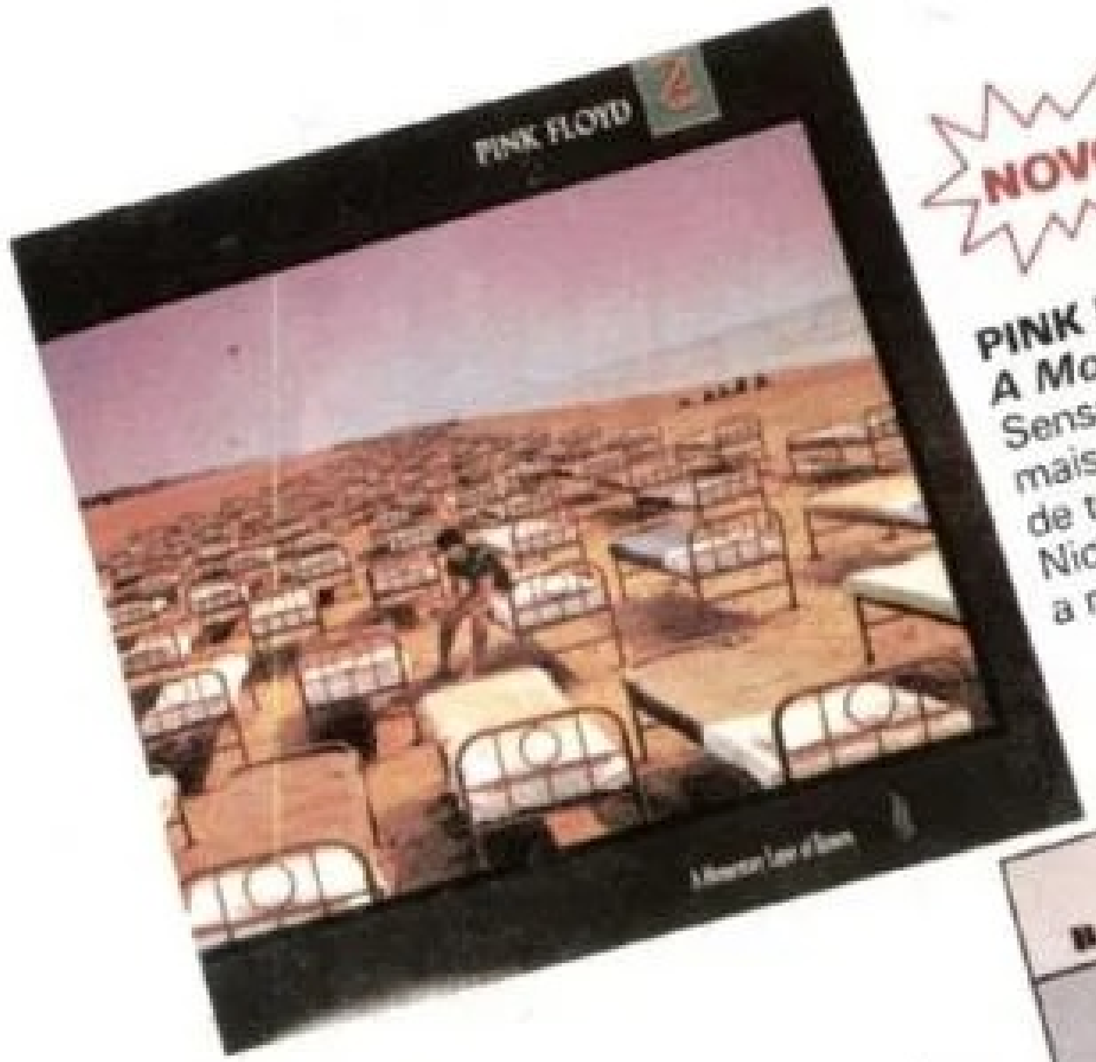
Altamira, Boa Vista, Macapá, Manaus, Rio Branco, Santarém (via aérea) Cz$ 104,00 - 5681



FINALMENTE PARALAMAS
CAPTURADOS AO VIVO!
O
NOVO LP/K7
DOS
PARALAMAS
DO SUCESSO
OS
PARALAMAS
GRAVADO
AO VIVO
EM MONTREUX '87!
PRODUZIDO POR LIMINHA
LANÇAMENTO
EMI
JÁ À VENDA EM TODO O BRASIL
NO K7 UMA MÚSICA EXTRA:
SERÁ QUE VAI CHOVER (VERSÃO ESTÚDIO)

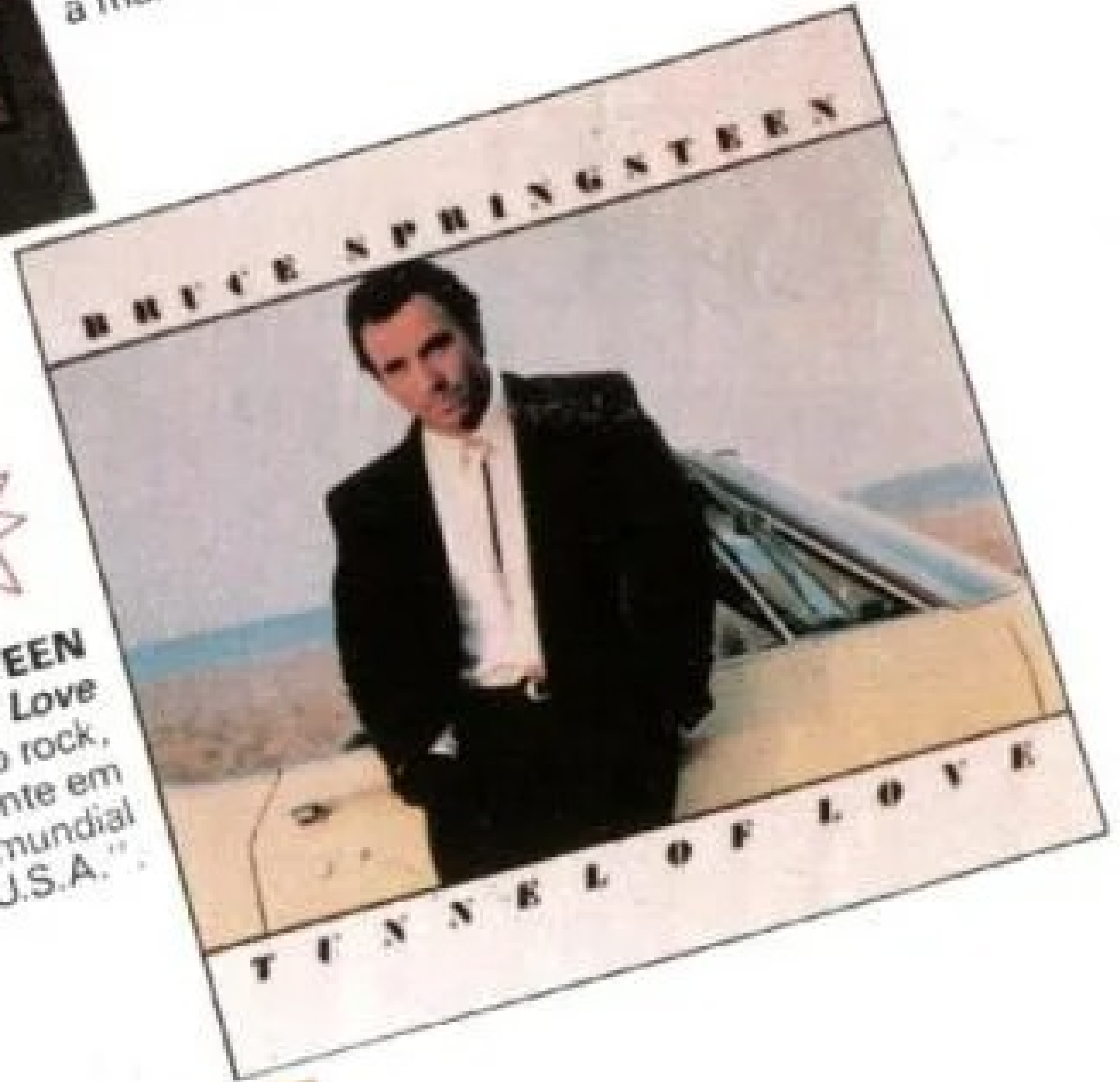
RECUSE IMITAÇÕES!

MICHAEL JACKSON SÓ EXISTE UM.
PINK FLOYD, BRUCE E JETHRO TULL TAMBÉM.



NOVO

PINK FLOYD
A Momentary Lapse of Reason
Sensacional retorno de um dos mais importantes grupos de rock de todos os tempos. David Gilmour, Nick Mason e Rick Wright detonam a maior explosão musical do ano.



NOVO

BRUCE SPRINGSTEEN
Tunnel of Love
"The Boss", o novo rei do rock, e sua E Street Band novamente em ação após o fabuloso sucesso mundial do show e do disco "Born in the U.S.A.".

NOVO

JETHRO TULL
Crest of a Knave
Ian Anderson e sua banda original criam mais uma obra-prima só comparável aos inesquecíveis "Aqualung" e "Thick as a Brick". Um disco imprescindível.

BREVE NAS LOJAS EM DISCOS, FITAS E COMPACT DISCS

CBS

A

revolução

continua.

O selo Eldorado começou a revolução em junho, com o lançamento de seis álbuns de músicos ingleses independentes. Agora, são mais três: **Mask** (Bauhaus), **The Moon and the Melodies** (Harold Budd e The Cocteau Twins) e **Bend Sinister** (The Fall). Eles chegam para mexer com você, para mudar e ficar.

Licenciado por Stiletto

ESTUDIO ELDORADO

Dez anos de boa música.

BIZZ

Foto Paul Cox LFI

Mal e Kirk (flutuando): Cabaret Voltaire na pág. 72

Fazia cinco anos que mr. Jackson — lembram-se daquela vozinha que cantava "Ben"? — só freqüentava as páginas da imprensa quando descobria-se uma nova esquisitice — operações plásticas, *peelings* para embranquecer, câmaras de oxigênio puro, cadeira de rodas, entre outras. Entre um truque e outro para rejuvenescer, **Michael Jackson** gravou *Bad* — se não o mais aguardado, o mais adiado LP do ano. Para crer, **Ana Maria Bahiana** pôs seu melhor quimono na bagagem e se mandou para Osaka na velocidade do trem-bala.

E para rebater as turnês internacionais — que comparecem no Ao Vivo com **PIL** e **BAD** —, pelas quais fomos invadidos este ano, os **Paralamas** e o **Cólera** deram o troco. **Thomas Pappon** e **Sônia Maia** fizeram seus diários de bordo. Enquanto isso, **Pepe Escobar** foi ver e ouvir de perto a nova paixão européia pelos velhos mestres de jazz.

Um nome que remete à vanguarda da arte do começo do século e um som que sugere — se isso é possível — a música de vanguarda deste final de século: **Cabaret Voltaire. José Augusto Lemos** faz a ponte (quase) impossível. Na área nacional, **Jean-Yves de Neufville** falou com **Jorge** Simpatia **Ben;** Sônia interrogou os — até prova em contrário — **Inocentes** e descobriu um novo queijinho de Minas, o **Divergência Socialista.**

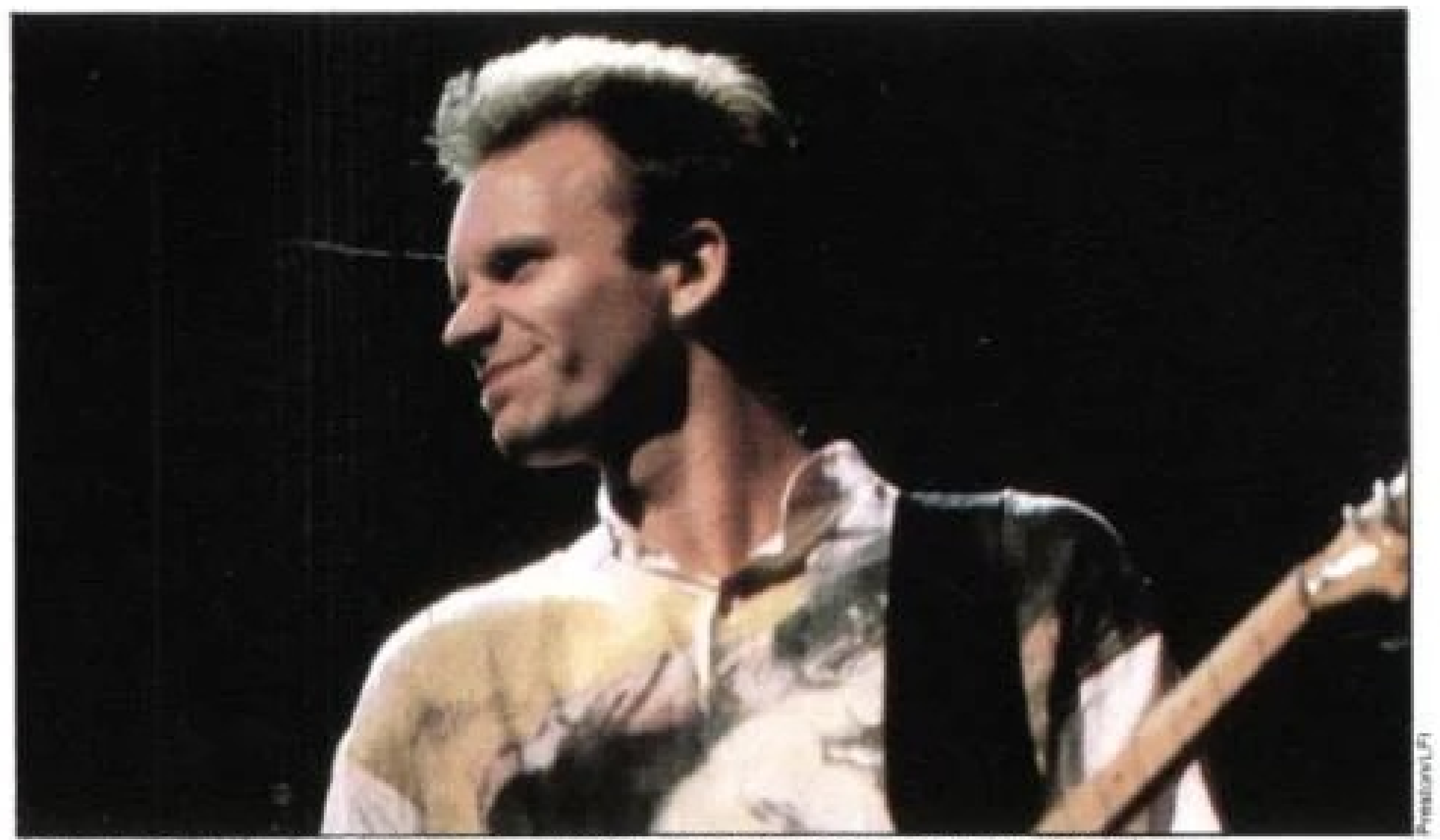
Ana, nossa super-agente de Los Angeles ainda teve tempo de se encantar com a doce **Suzanne Vega,** que vem surpreendendo as paradas americanas, e assistir **La Bamba,** o filme que conta a história do hispano-americano **Ritchie Valens,** que morreu na flor da idade e no auge de uma carreira vertiginosa. Ah, ainda tem a segunda parte da história do **Pink Floyd,** e **Valdir Montanari** lança ainda um pouco de luz sobre os misteriosos rapazes do **Laibach.**

Se isso não bastar, ainda tem **Brian Eno** na Discoteca Básica, **Joy Division** em Letras...

Bia Abramo

7 **ÍNDICE**
Você está aqui...
8 **SHOWBIZZ**
Notas, notícias & boataria
14 **PARADA**
EUA, Grã-Bretanha e Parada do Leitor
18 **LANÇAMENTOS**
Discos quentinhos da boca do forno
28 **VÍDEO**
Um apanhado dos principais lançamentos
30 **MICHAEL JACKSON**
Valeu a espera?!?!
38 **INOCENTES**
Justiça seja feita
40 **SUZANNE VEGA**
Um cantinho, um violão
44 **JORGE BEN**
A geografia particular de mr. Ben
50 **PINK FLOYD**
A história e a glória, segunda parte
59 **ENTREVISTÃO**
Paralamas do Sucesso e Cólera invadindo outras praias
72 **CABARET VOLTAIRE**
Uma turma do barulho
76 **DIVERGÊNCIA SOCIALISTA**
Nem só de esquina vive Minas
80 **JAZZ**
A volta dos que nunca se foram
86 **LAIBACH**
Made in Iugoslávia
90 **AO VIVO**
Big Audio Dynamite, PIL, Härte 10, Allison Moyet, Maria Angélica, João Bosco, Picassos Falsos/Conexão Japeri/Black Future, Ratos de Porão/Sepultura e Gang 90
98 **CINEMA**
Nas telas, uma das maiores tragédias do rock'n'roll
102 **EM CARTAZ**
Os Intocáveis, Robocop e *As Bruxas de Eastwick*
106 **CLIP**
"Bad", de Michael Jackson
108 **PORÃO**
Soup Dragons e notas de Belo Horizonte e Rio
110 **LETRAS**
"Isolation", de Joy Division
112 **MEU INSTRUMENTO**
John McGeoch e sua guitarra
114 **AIR MAIL**
Direto dos EUA e Europa
118 **DISCOTECA BÁSICA**
Another Green World, de Brian Eno
120 **CARTAS & SERVIÇOS**

Foto de capa: Kevin Mazur LFI


Sting no Brasil: shows confirmados para São Paulo e Rio, em novembro/dezembro

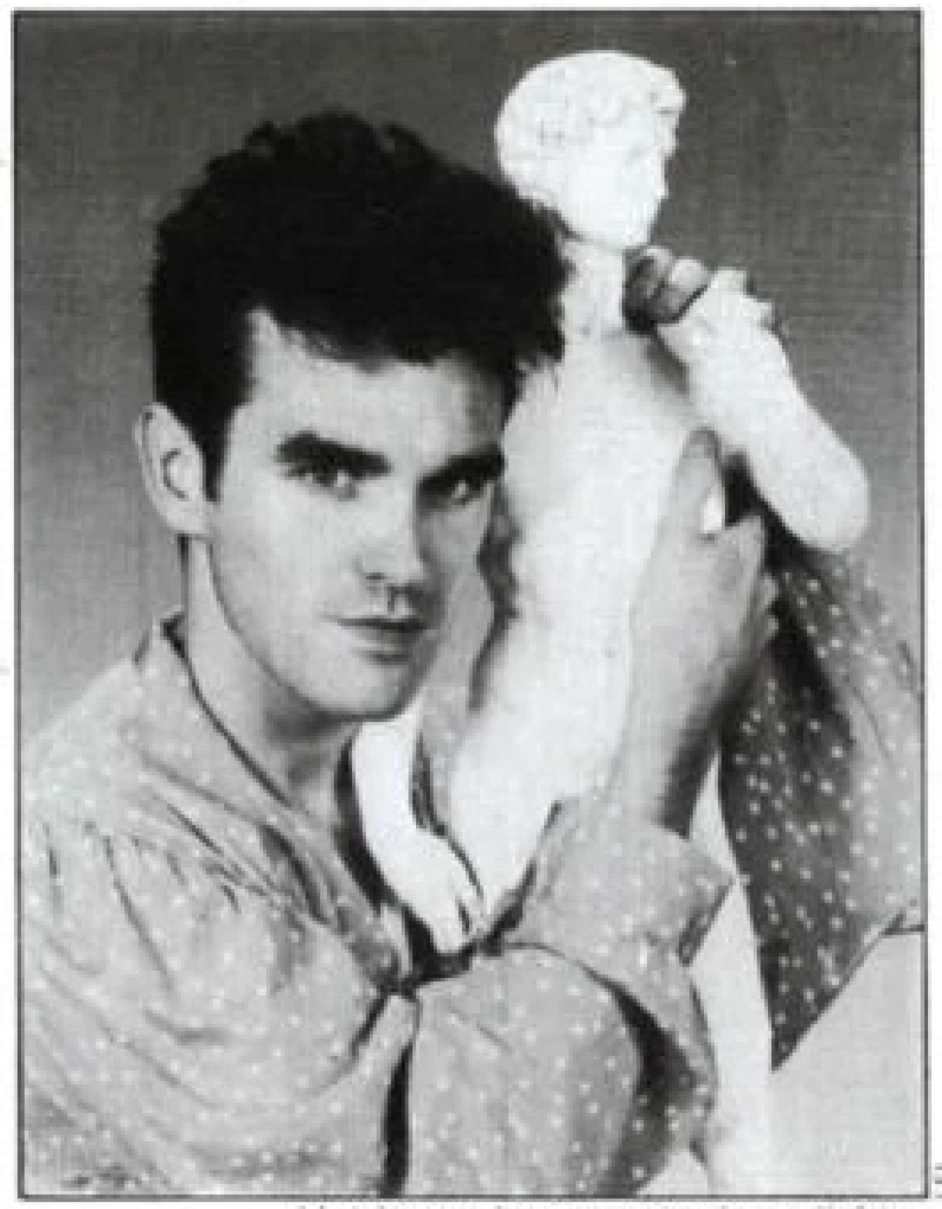
Preston/LFI

STING, U2, PRETENDERS E NEW ORDER VÊM AÍ

E o primeiro mundo descobre o terceiro. Uma avalanche de supershows está programada para o fim deste ano e o início do próximo. Caso **Sting** não confirmasse sua vinda em novembro (veja Showbizz 25), as datas reservadas para ele seriam preenchidas pelo **U2**, com **Pretenders** abrindo o show! Como Sting vem mesmo, as duas bandas deixam sua turnê brasileira para 88. E quem parece que gostou daqui foram os coelhinhos do **Echo**. Em maio do ano que vem eles voltam para alguns shows, acompanhados por ninguém menos que o **New Order**. O responsável pela vinda desse time é a Poladian Produções.

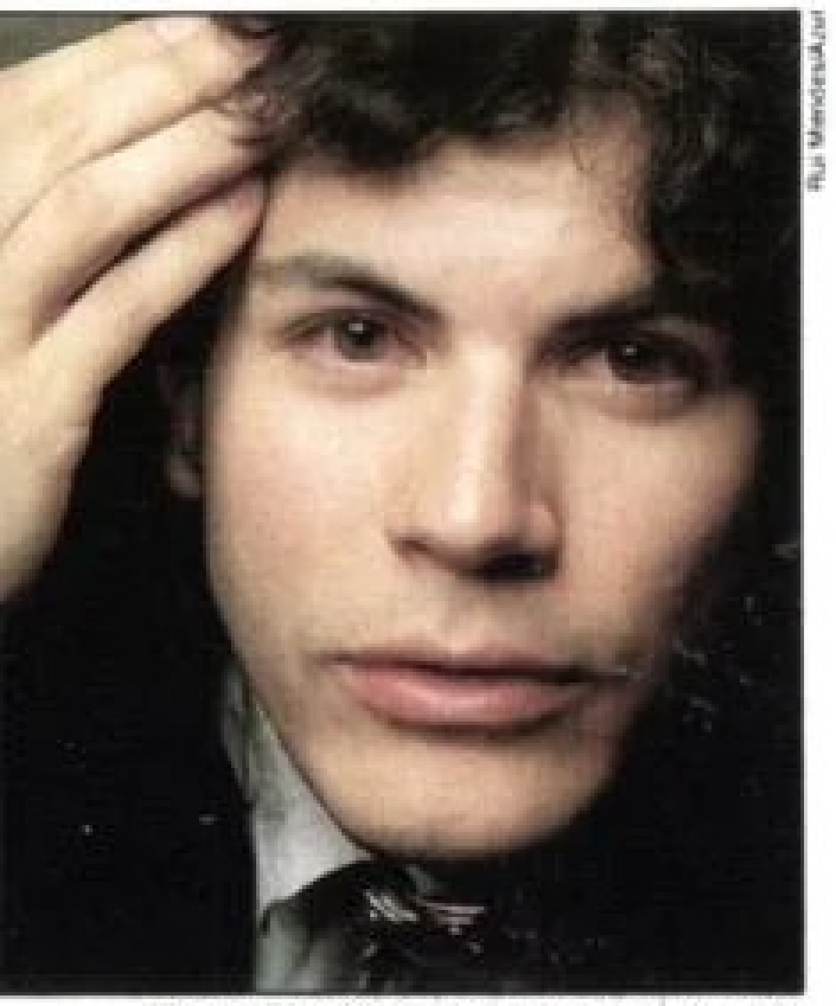
MORRISSEY SOLO

E os **Smiths** acabaram de vez. Após semanas de especulações em torno da substituição de **Johnny Marr**, o coelho acabou saindo da cartola: **Morrissey** parte para uma carreira solo. Ele até arranjou um novo parceiro para compor. Trata-se de **Stephen Street**, produtor e técnico que estava trabalhando com os Smiths desde a colaboração do grupo com Sandis Shaw, em março de 1984. A nova dupla já gravou duas canções, que poderão se transformar num compacto a ser lançado nas lojas inglesas até o final do ano. Enquanto isso, os remanescentes dos Smiths, o batera **Mike Joyce** e o baixista **Andy Pourke** se juntaram a nova banda de Johnny Marr


Morrissey abraça a carreira solitária

LFI

DE RPM A PRM


Paulo Ricardo, a caminho do disco solo

Rui Mendes/Azul

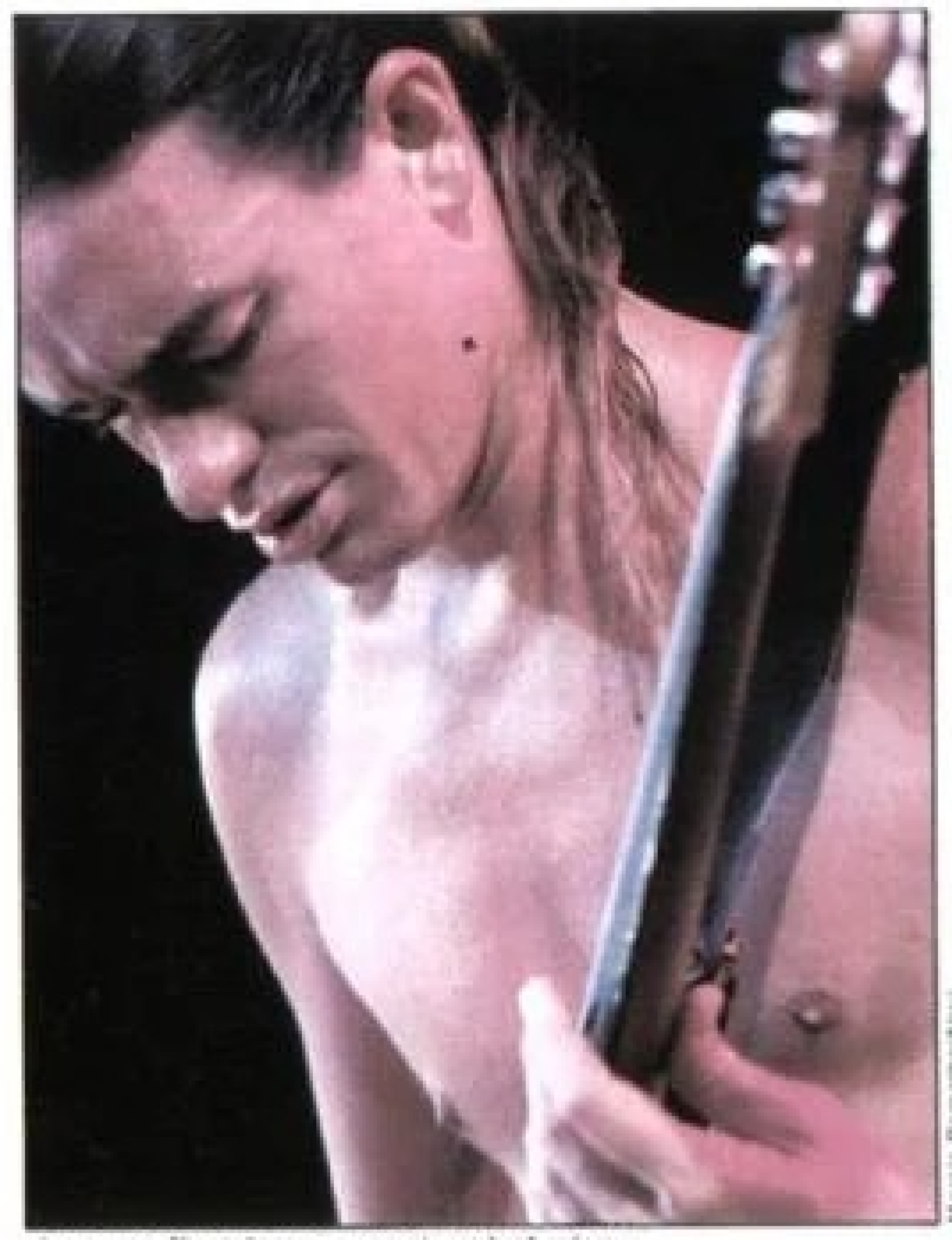
Ligamos para o outro lado do ex-RPM — **Fernando Deluqui e P.A.** — que, ao contrário de **Paulo Ricardo** e **Luiz Schiavon**, não estão proibidos pelos empresários de falar à imprensa... Fernando nos confirmou que a separação se deu porque, embora ele e P.A. tivessem inúmeras composições prontas para o terceiro LP do RPM, nem um terço delas entraria na bolacha final. Aí, amigavelmente, cada dupla partiu para seu próprio projeto. P.A. e Deluqui preparam agora uma *demo* com suas músicas. Além disso, comenta-se que P.A. poderia tentar a carreira solo, lançando-se como cantor. No meio do ti-ti-ti todo, parece que o fim da novela será: cada um por si e Deus por Paulo Ricardo.

MOVIMENTAÇÃO DE ESTÚDIO

Aproxima-se o final do ano e as gravadoras agitam os estúdios para aproveitar os 13.º salários, que sempre aumentam as vendas no final do ano. Pela Polygram entram **Marina, Luís Caldas e Evandro.** Na Odeon se preparam **Beto Guedes** e **Arte no Escuro** (Porão BIZZ 14). Pela WEA estão os **Titãs.** A CBS colocou **Neguinho da Beija-Flor** e os inevitáveis **Roberto Carlos** e **Simone,** enquanto a Continental prepara o **Chiclete com Banana, Dominguinhos** — num disco só de chorinho — e **Tadeu Matias**, para um disco reggae. Já a RCA vem com **Chico Buarque, Fagner, Alcione** e **João Penca e os Miquinhos Amestrados.** E a 3M se prepara para lançar o tão esperado LP de **Arrigo Barnabé.**

Do lado independente, a Point Rock, do Rio de Janeiro, prepara o grupo **Azul Limão,** enquanto a Heavy, também de lá, ataca de **Dorsal Atlântico.** A Cogumelo, de Belo Horizonte, está finalizando os trabalhos com o recém-contratado **Ratos de Porão.** Para finalizar, a Vortex, de Porto Alegre, que trabalha com fitas K-7, se prepara para lançar duas gravações com as bandas **Kadafi** e **Cobaia.**

AS MORTES DE PASTORIUS E SADKIN


Jaco: o fim de um mestre do baixo

Marcia Ramalho/Abril

Jaco Pastorius, ex-baixista do **Weather Report** e considerado por muitos o melhor de todos os tempos em seu instrumento, morreu no dia 21 de setembro, em conseqüência de ferimentos graves sofridos em uma briga. Ele foi agredido no dia 12 pelo leão-de-chácara de um *night club* em Fort Launderdale, Flórida, que tentava impedir sua entrada no estabelecimento. John Francis Pastorius, ou Jaco, 35 anos, vinha enfrentando instabilidades psicológicas graves desde o início da década, incluindo alcoolismo e tentativa de suicídio, e suas gravações eram cada vez mais raras. Seu último LP solo, *Invitation*, foi gravado ao vivo em 83, e sua última participação foi registrada no LP *Down by Law*, do grupo Deadline, ao lado de **Bill Laswell** (85). Por coincidência, a WEA acaba de lançar no Brasil seu segundo LP solo, *Word of Mouth* (veja Lançamentos), de 1982.

O produtor **Alex Sadkin** faleceu no dia 25 de julho, vítima de um acidente de automóvel sofrido perto de Kingston, Jamaica. Ele voltava de uma sessão de gravações em um estúdio local. Sadkin (que morreu aos 38 anos) produziu LPs do **Duran Duran, Bob Marley, Talking Heads, Simply Red, Grace Jones, Foreigner** e **Thompson Twins.**

A VOLTA DO PINK FLOYD

A nuvem negra que pesava sobre o futuro do **Pink Floyd** parece ter se dissipado por completo. O processo intentado por **Roger Waters** visando impedir seus parceiros de usar o nome Pink Floyd foi por água abaixo por falta de condições jurídicas. O baixista terá então de se contentar com seu LP solo, *Radio K.A.O.S.*

Waters será substituído pelo baixista **Tony Levin**. Este, pela folha de serviços que apresenta — é um famoso tubarão de estúdios que já foi integrante do King Crimson e participou de LPs tão diversos como *Berlin*, de Lou Reed, e *Double Fantasy*, último trabalho de John Lennon, entre muitos outros —, deverá estar à altura da tarefa. Tarefa que começa por uma turnê pela América do Norte, a ser iniciada em Toronto, Canadá. Retomando a tradição, o show deverá durar mais de três horas e será dividido em três partes. Na primeira, o grupo ataca com os títulos de seu novo álbum, *A Momentary Lapse of Reason*. A segunda parte será dedicada a uma recriação especial do LP *Dark Side of the Moon*, com inclusão de novos efeitos acústicos. Alguns trabalhos mais antigos *(Saucerful of Secrets, Meddle...)* serão retomados na terceira parte.

GET BACK

George, Ringo, Yoko, John e Paul, entre o experimento e a separação

Abril

Atenção, beatlemaníacos! Muitos já devem ter ouvido falar num misterioso "LP dos **Beatles** que nunca saiu". Pois é, esse disco, oficialmente intitulado *Get Back*, está andando pelas prateleiras dos EUA e Europa, apesar de ser pirata (com boa qualidade de som e capa fac-símile do original). Não é de se espantar que não tenha acontecido esse lançamento. Na verdade, o LP *Get Back* foi um projeto interrompido pouco antes da prensagem das primeiras cópias, na época em que corriam soltas as brigas internas e já se anunciava o fim dos Beatles.

O conceito do disco era algo com uma "volta ao passado" *(gettin'back)*, um som informal, sem orquestra, arranjos mirabolantes e *overdubs*, apenas os quatro Beatles, seus instrumentos e a participação do amigo Billy Preston nos teclados. A gravação foi feita ao vivo e tudo foi documentado, visando ao lançamento simultâneo de um filme. Algumas cópias (cerca de duzentas) do *Get Back* chegaram a ser distribuídas à imprensa, só que requisitadas pela gravadora na seqüência. Acontece que o grupo não aprovou o lançamento e voltou atrás no último momento. Também, pudera, a coisa toda era ousada demais para a época: muitas letras estavam incompletas, outras canções tinham inícios falsos, muitas falas no meio, ruídos e outros absurdos. Oito meses depois da gravação, os *masters* foram parar nas mãos de **Phil Spector**, que remixou tudo, transformando o material gravado no último LP dos Beatles, *Let it Be* (o filme virou aquele homônimo manjado, com os Beatles tocando no telhado da Apple Records, em Londres). O resultado final é algo completamente diferente do conceito original, já que *Let it Be* tem orquestrações, arranjos modificados por adições de outros instrumentos *(overdubs)* e, o pior, não conta com as intervenções que pintaram durante a gravação original. Que pena! Mas a dica taí: apesar de pirata, *Get Back* é o registro da última idéia corajosa dos Beatles.

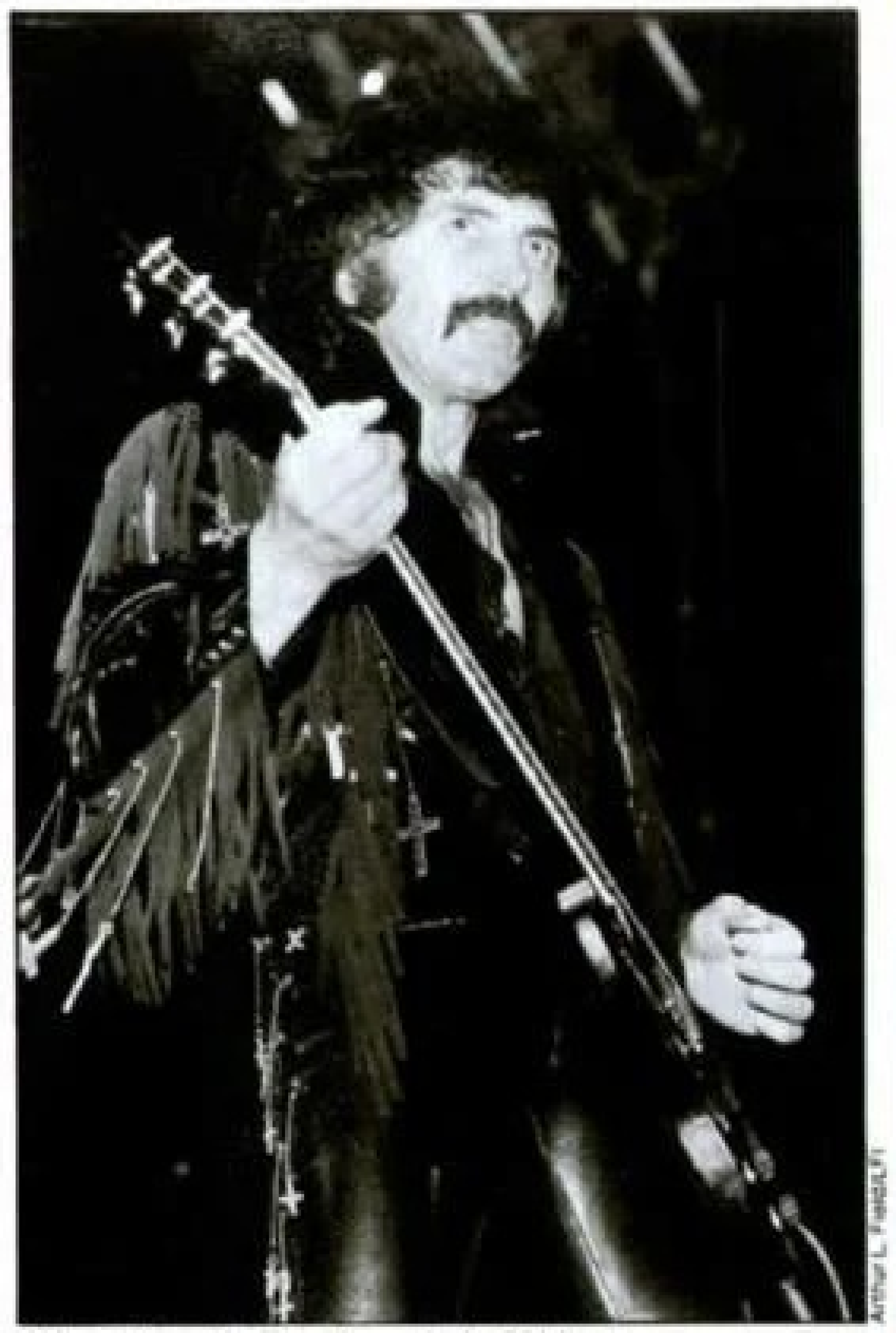
OUÇA ESSA I

"Prefiro uma criança às voltas com a ossada do homem-elefante a uma libra de cocaína."
Quincy Jones no *USA Today*, falando sobre **Michael Jackson**, que há meses atrás tentou comprar os restos mortais de John Merrick, o popular homem-elefante, que inspirou o filme homônimo.

PLÁGIO DE PRINCE?

Prince: afanando a irmã?

Lorna Nelson, meia-irmã de **Prince**, está acusando seu púrpuro parente de roubo de músicas. Ela alega que Prince "passou a mão" numa letra sua para usá-la na música "U Got Me Look" e que ele ainda chupou outras duas canções de sua autoria para transformá-las em "Love for Money" e "Around the World in a Day". E ela não se deu por satisfeita com os trinta mil dólares oferecidos "por fora" para que ela tivesse uma pequena amnésia... Resultado: a coisa agora depende da Justiça americana.



O fura-bloqueio Tony Iommi, do Sabbath

WHITE SABBATH

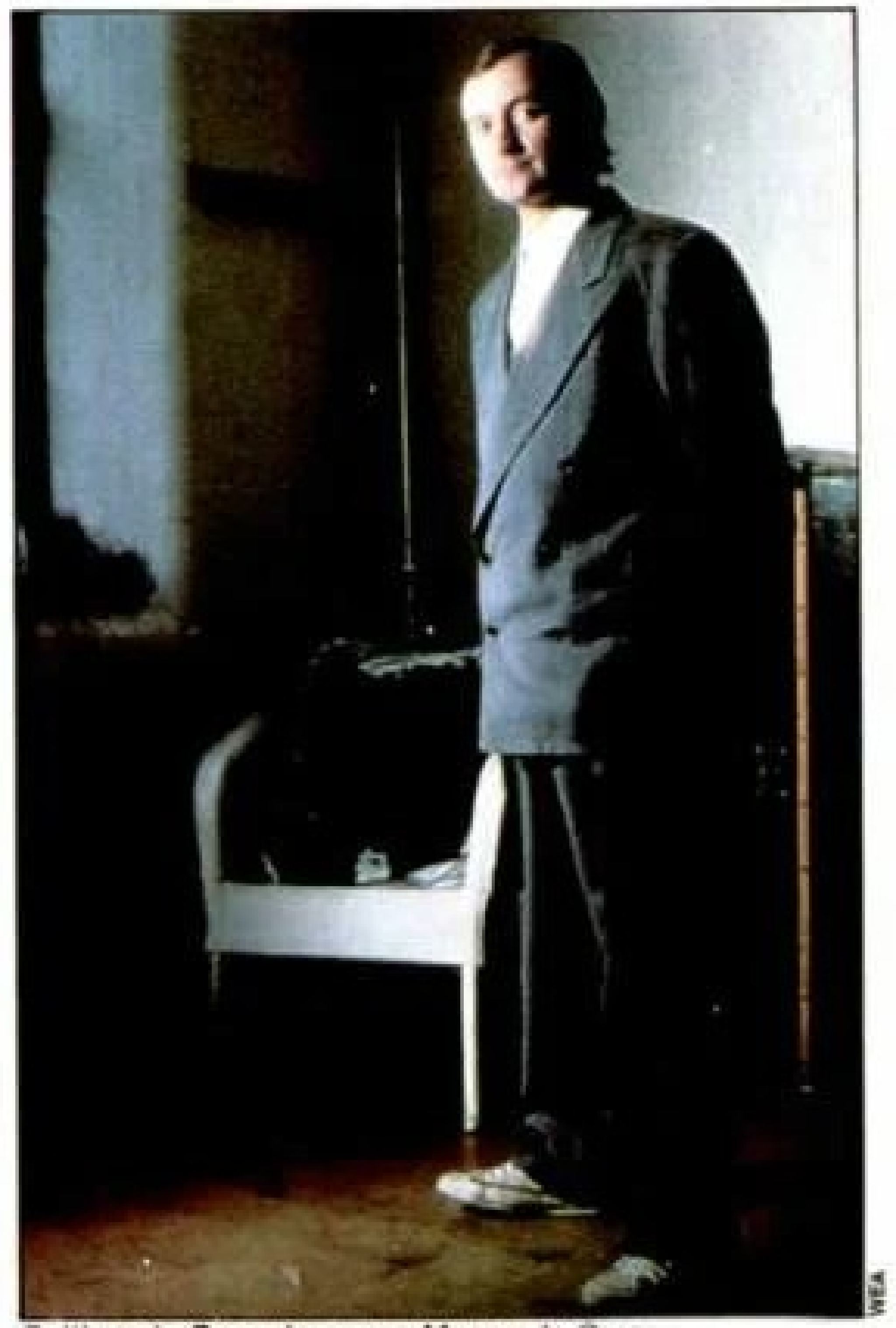
O **Black Sabbath**, glorioso ancestral do heavy metal, pisou no tomate e corre o risco de ter piqueteiros anti-apartheid agindo na entrada dos seus próximos shows. Eles cometeram o erro de tocar em Sun City, a odiosa Las Vegas sul-africana — só para brancos —, incrustada em Botswana. Eles ainda tentaram manter a coisa toda na moita, mas esqueceram de tapar os decalques sul-africanos colados em seu equipamento, quando desembarcaram no aeroporto de Heathrow, Londres, onde foram fotografados. Também foram dedados à ONU e engrossaram a "lista negra" dos artistas (como Sinatra e o Queen) que romperam o boicote cultural à África do Sul da pior maneira possível, ou seja, tocando em Sun City. Que coisa feia, hein?!

OUÇA ESSA II

"Eu tentei escutar o LP do Jesus & Mary Chain, mas não pude acreditar naquilo: é horrível. É tão superficial quanto o Velvet sem Lou Reed."
David Bowie, em entrevista à Musician.

O NOVO BONECO

Phil Collins (que, a exemplo dos seus companheiros do **Genesis**, faturou sozinho trinta milhões de dólares com a última turnê mundial do grupo) deverá ser o próximo astro do rock a virar boneco no Museu de Cera da Madame Tussaud, em Londres. Suas medidas (que gracinha!) já foram solicitadas, mas Collins não teve tempo para isso: deve estar muito ocupado contando a grana...



Collins: do Genesis para o Museu de Cera

NOVIDADES NO VINIL I

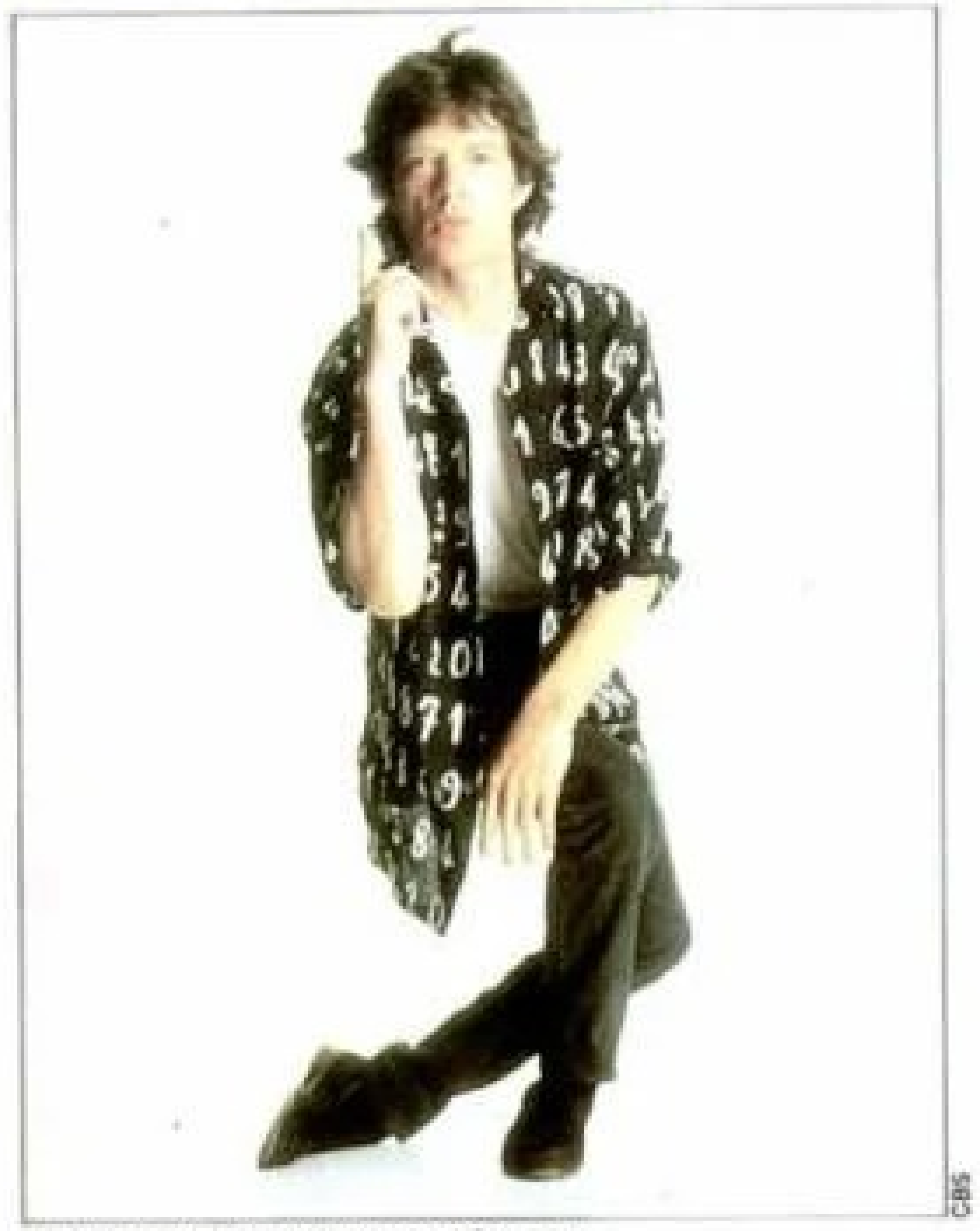
Give Me Convenience or Give Me Death (vale a pena a tradução: *Dê-me Conveniência ou Dê-me Morte*) é o título do último lançamento dos **Dead Kennedys**. Trata-se de uma compilação de faixas inéditas e raridades. O disco já foi lançado há alguns meses e andou freqüentando os primeiros postos das paradas independentes na Europa.

Robbie Robertson, guitarrista do lendário **The Band**, está lançando seu primeiro LP solo, que tem participações de **Peter Gabriel** e **U2**.

Brian Wilson, o cabeça dos **Beach Boys**, também está preparando seu primeiro LP solo. Aguardem...

A Rhino Records (importantíssima gravadora independente americana, responsável pelo relançamento de clássicos dos anos 50, 60 e 70) está anunciando o lançamento de *Wall of Sound: The Essential* **Phil Spector**, com sessenta músicas (algumas inéditas) produzidas por Spector (grande responsável por várias inovações nos conceitos de gravação de rock'n'roll e produtor de Gene Pitney, Ben E. King, Ronettes, Crystals, Ike & Tina Turner, John Lennon, George Harrison, Leonard Cohen, Ramones etc. etc). O próprio Spector está supervisionando os remixes digitais. Ooobaaaaa!

JAGGER NEWS



"Lábios de borracha" sem Stones

Já saiu o primeiro single do LP *Primitive Cool*, de **Mick Jagger**. A música chama-se "Let's Work", e já tem até um clip promocional, dirigido pelo experiente **Zbigniw Rybczynski** (Lou Reed, Simple Minds, Pet Shop Boys). E Jagger já escolheu os integrantes da banda que o acompanhará em excursão pela Europa e EUA, ainda neste final de ano (*snif, snif*, não tem nenhum Stone no meio). São eles: **Jeff Beck** e **G.E. Smith** nas guitarras, **Doug Wimbish** no baixo, **Phil Ashley** nos teclados e **Simon Phillips** na bateria.

MÍLTON INTERNACIONAL

Durante todo o mês de agosto, **Mílton Nascimento** esteve nos estúdios Lion's Share, em Beverly Hills, Los Angeles, gravando seu novo álbum. Ao contrário dos planos iniciais de Mílton e de seu produtor, Mazola, o álbum não será lançado nos Estados Unidos: para o mercado americano será preparado um outro LP, com — segundo Mazola — setenta a oitenta por cento do repertório em inglês. Neste outro disco, que deverá ser lançado nos Estados Unidos no início de 88, a presença de **Sting** já é certa — o ex-**Police** gravará com Mílton no Brasil, por ocasião de sua turnê por diversas cidades brasileiras.

O álbum que Mílton gravou no Lion's Share tem as participações de **Paul Simon**, cantando em dueto com Mílton (em português) a letra de "Vendedor de Sonhos"; **Quincy Jones**, que arranjou uma nova versão para "Morro Velho"; **Herbie Hancock** e **Wayne Shorter**, solos de teclados e sax em "Mountain/Irmão de Fé", que tem letra em inglês de **Cat Stevens**. O LP, ainda sem título, deverá ser lançado no Brasil até o final deste ano. Em 88, coincidindo com o lançamento do LP americano, Mílton fará uma grande turnê pela América, Europa e Japão.

O Cult, arrumando as malas

CULT NO BRASIL

Está confirmada a vinda dos pós-heavies ingleses do **Cult** ao Brasil para novembro próximo. Sem datas e locais de apresentação definidos, eles deverão tocar em São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre. Os responsáveis são os mesmos que trouxeram **Pil, Siouxsie** e **Ramones**, a WTR Produções.

4 000 LPs GRÁTIS

Por um erro de composição, o nome de Jim Kerr foi trocado por *Jean* Kerr na segunda pergunta da promoção dos 4 000 LPs grátis, publicada na BIZZ 26. Como se trata de um concurso, resolvemos anular essa pergunta para evitar injustiças na premiação. Ficam valendo as outras três, e boa sorte para quem concorreu.

BLACK TOTAL

Durante almoço no restaurante Rodeio, no seleto bairro dos Jardins, em São Paulo, na sexta-feira, 11 de setembro, aconteceu um encontro histórico à margem do Free Jazz Festival: **Jorge Ben** e **King Sunny Adé** foram vistos trocando idéias e fitas. Uma dessas fitas era a demo de "Mamma Africa", composição que deverá constar do LP que Jorge está preparando — deve ser lançado em janeiro próximo pela WEA. O nigeriano gostou muito do que ouviu. Tanto que armaram uma sessão de gravação para o dia seguinte, no estúdio Vice Versa. Além de escrever os arranjos para teclados, King Sunny Adé juntou sua voz à de **Niyi, Akambi** e **Ogundele** e destacou **Abegundé** (baixo), **Rasaki** (talking drum) e **Jonah** (teclados), tudo para candomblé moderno nenhum botar defeito. Como se não bastasse, o resultado dessa sessão foi levado no domingo para o estúdio RAC, onde **Danny Gottlieb** (bateria) e **Chris Hunter** (sax alto), integrantes da orquestra de **Gil Evans**, deram o toque final. O resultado deverá ser lançado sob forma de mix até o final do ano no Brasil, assim como no resto do mundo. Baixaram os santos no terreiro!

No estúdio, o produtor Peninha, Adé, Ben e Jonah Samuel

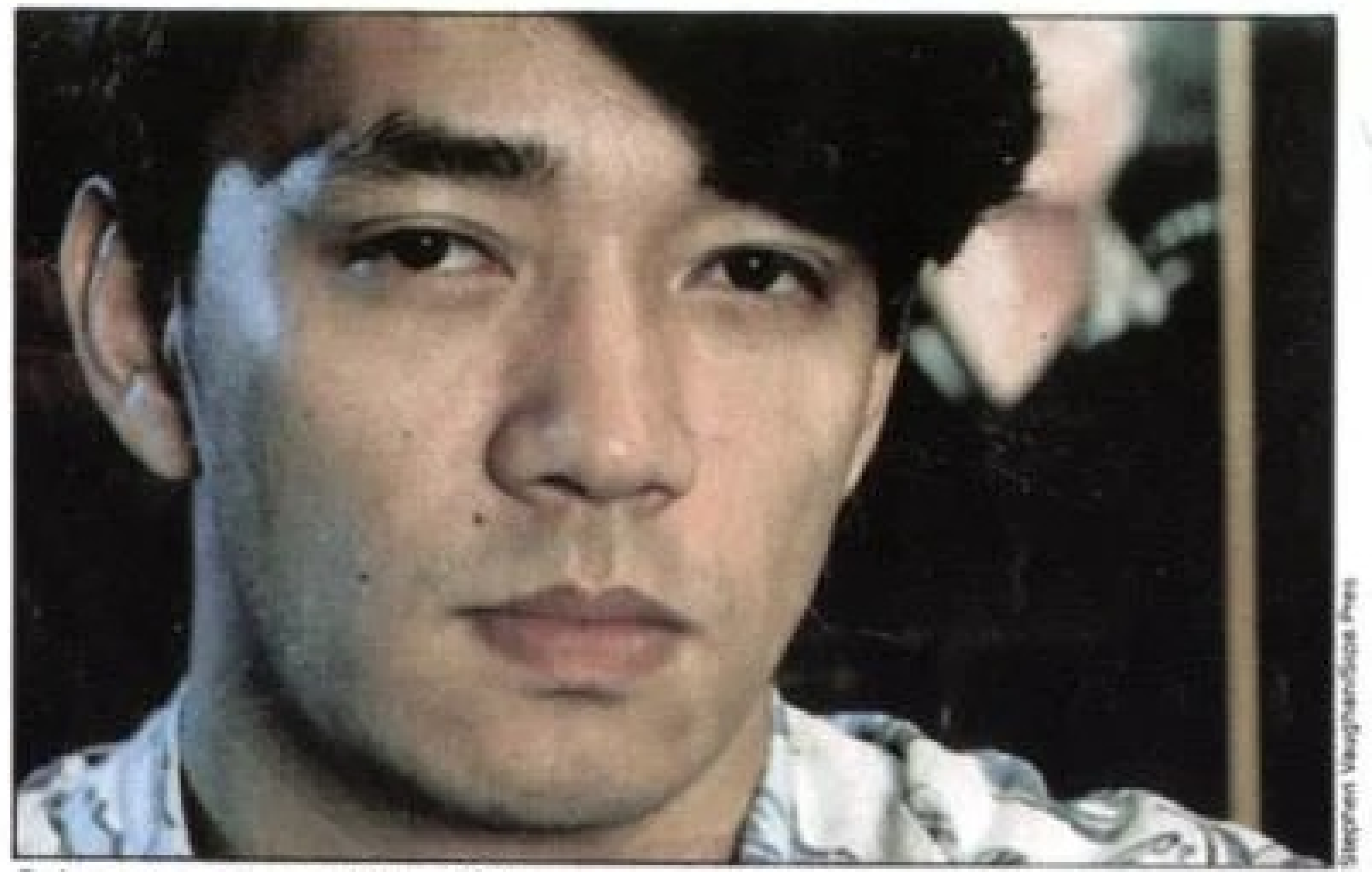
MADONNA NEWS

Foi um sucesso estrondoso a excursão de **Madonna** pelo Japão, Europa e EUA. Ela lotou todos os lugares em que se apresentou (em Londres apareceram 75 mil pessoas por noite nos três concertos que deu no estádio de Wembley), causando histerias, desmaios, desordens e uma série de incidentes causados por fãs que queriam chegar mais perto do palco a qualquer custo. Ganhando a capa de dezenas de revistas em todo o mundo, ela segue provando que ainda é a grande estrela do pop (apesar do fracasso de bilheteria do seu novo filme, *Who's That Girl*, nos EUA), que atrai jovens de todos os sexos. E atenção: vem aí o LP *You Can Dance*, com remixagens dançantes de vários sucessos de Madonna.

Kevin Mazur/LFI

Madonna e seu partner-mirim, no show de Tóquio

NOVIDADES NO VINIL II


Stephen Vaughan/Sipa Press

Sakamoto, no nono LP (a RCA prepara, aqui, o lançamento do anterior)

Enquanto correm soltos os rumores de que **Roddy Frame** seria o substituto de **Johnny Marr** nos **Smiths,** o guitarrista/vocalista anuncia o novo lançamento do **Aztec Camera.** É o LP *Love*, que conta com novos músicos no time do grupo.

Quem também trocou de músico foram os **Ramones.** O baterista **Richie Ramone** foi substituído por **Clem Burke** (ex-**Blondie**), para as gravações do novo LP deles, intitulado *Halfway to Sanity*.

Vem aí o novo LP de **Ryuichi Sakamoto:** *Neo Geo*. Uma das faixas, "Risky", tem a participação de **Iggy Pop** nos vocais. E por falar em Sakamoto, ele também toca no LP que **David Sylvian** está gravando, no mesmo estúdio no sul da França em que o **Cure** gravou o *Kiss Me, Kiss Me, Kiss Me*. O irmão e ex-companheiro de Sylvian no **Japan, Steve Jansen,** também participa do projeto. E ainda correm boatos de que Sylvian teria gravado um LP com **Holger Czukay** (ex-**Can**), a ser lançado em breve. Oooooooobaaaaaaaa!

E atenção, metaleiros: **Michael Shenker,** o fenomenal guitarrista que deixou os **Scorpions** em 84 para iniciar carreira solo, está de volta depois de largar o vício do álcool. Seu novo LP chama-se *Perfect Timing*. E o **Blue Öyster Cult** finalmente lança seu novo LP (que eles estão gravando desde 82!). Chama-se *Imaginos* e tem participação especial do ex-**Doors Robby Krieger**.

PETER TOSH
1944-1987

"Toda vez que experimento um progresso, que começo a ir em frente, surgem obstáculos..."

Perturbam essas palavras de Winston Hubert McIntosh, mais conhecido como Peter Tosh, confiadas a um jornalista quando esteve no Brasil, em maio de 1980, para participar da segunda edição do Festival Internacional de Jazz. O cantor/compositor não gravava há quatro anos, desde o LP *Mamma Africa*. Justamente quando estava voltando à cena com *No Nuclear War* (ver lançamentos), foi assassinado na noite de sexta-feira, 11 de setembro. Segundo a versão oficial, três pistoleiros invadiram a casa do artista e exigiram dinheiro. Encontrando resistência, atiraram. Marlene Brown, atual mulher de Tosh, e quatro convidados, entre os quais o popular DJ Jeff Dixon, ficaram feridos. Outra vítima fatal do assalto foi identificada apenas como Doc.

Nascido em Church Lincoln, Westmoreland, Jamaica, a 9 de outubro de 1944, Peter era o filho único de James McIntosh — que o abandonara quando criança — e de Alvera Coke. Esta, mulher muito jovem, o confiou a uma tia. Tosh passou sua infância na aldeia costeira de Savanna-La-Mar e num bairro de Kingston, Denham Town, a partir de 1956. Quando sua tia morreu, Tosh foi levado por outro tio para Trench Town, bairro pobre da periferia da capital jamaicana. Sem profissão nem rumo, Tosh viu na música uma maneira de fugir da solidão, se juntando a Bob Marley e Bunny Wailer. Seu primeiro instrumento foi um velho violão que conseguira por empréstimo "a longo prazo" do pároco da igreja, Ebenezer, de Trench Town. Tosh restaurou o instrumento e conseguiu uns bicos para comprar um novo jogo de cordas. Em busca de identidade, ele gostava de ser apresentado como o líder dos Wailers, que ele fundou com Bob e Bunny em 1962. A partir de 1966, Tosh inicia sua carreira solo em paralelo aos seus trabalhos com a banda, gravando em compactos esparsos as primeiras versões de "I'm the Toughest", "400 Years", "Arise Blackman", entre outras, com a ajuda de produtores importantes como

Mauricio Valladares/Abril

O fim trágico de Tosh, após uma carreira farta de obstáculos e lutas

Coxsone e Joe Gibbs. Por volta de 71, ele até fundou seu selo próprio, Intel-Diplo HIM (Intelligent Diplomat for His Imperial Majesty), onde gravou vinte compactos até 78 (os mais famosos foram "The Mark of The Beast", "Ketchy Shubby", "What You Gonna Do", "Legalize It" e "Burial"). Em 73 os Wailers começaram a chamar a atenção do mundo com o LP *Catch a Fire*, complementado por uma turnê na Inglaterra e nos Estados Unidos. Em seguida, os desentendimentos começaram. Tosh ficou revoltado com a mudança do nome da banda para Bob Marley & The Wailers, mudança que ele atribuía ao produtor Chris Blackwell (que ele chamava de Whiteworst — de "Preto-Bem" o sobrenome mudava para "Branco-Pior"), e não demorou para sair da banda, acompanhado por Bunny. A partir de 74, ele tenta gravar seu primeiro LP, pedindo a Chris Blackwell o apoio da Island. Um sonoro "não" conduz Peter a procurar outros caminhos que o levam a assinar um contrato com a CBS. *Legalize It* é gravado num luxuoso estúdio de Nova York e lançado em 76.

Um acontecimento grave influenciou de forma brutal a realização deste LP. No verão de 75, a polícia invadira sua casa para agredi-lo com golpes de cassetete. Quando recobrou os sentidos, ele estava deitado no chão do hospital público de Kingston, com várias costelas quebradas. Os policiais em volta dele, um deles apoiando a bota sobre o peito de Peter. O músico ficaria horas nesta situação sem que ninguém o atendesse. A intenção era fazer dele um exemplo.

Nem bem se recuperou, Tosh se precipitou no estúdio para gravar três composições diretamente relacionadas com o episódio: "Watch You Gonna Do", que ridiculariza seus carrascos, "Can't Blame The Youth", em defesa da juventude marginalizada, e "Legalize It", em defesa da *ganja* (marijuana, maconha), este último compacto, o mais vendido em toda a história da ilha. Tosh seguraria essa bandeira durante o resto de sua carreira, marcada pelo engajamento político e social.

No ano seguinte, um acidente de carro na Hope Road. Peter é gravemente ferido no rosto e sua mulher Evonne morre, após ter ficado em estado de coma durante três semanas. A partir deste acontecimento, o *rastaman* mergulha de vez na sua música e grava em 77 o álbum que pode ser considerado sua obra-prima: *Equal Rights*, ainda pela Columbia/CBS. Neste disco, ele apela para que todos os negros do mundo reconheçam na África sua pátria comum, alertando para os perigos da opressão, do racismo e da necessidade de se recobrar uma vida espiritual. Com o apoio essencial do baterista Sly Dunbar e do guitarrista Robbie Shakespeare, *Equal Rights* é um LP musicalmente brilhante, que tira Tosh do relativo anonimato a que ainda estava confinado. Tanto que os Glimmer Twins, Mick Jagger e Keith Richards assinam um contrato com Tosh, que grava seu terceiro LP solo, *Bush Doctor*, pela Rolling Stones Records. É a porta aberta para a consagração internacional. Os shows se sucedem, os músicos que integram a banda — chamava Word, Sound and Power — são feras: além de Sly e Robbie, Mickey "Mao" Chung (guitarra, percussão e teclados), Robbie Lyn (órgão e piano) e Keith Sterling (piano) completam o elenco que pôde ser visto em maio de 1980 no Anhembi, no segundo Festival Internacional de Jazz. Os paulistas tiveram a oportunidade de assistir a dois dos melhores shows que já aconteceram naquele palco. No mesmo ano é lançado o LP *Mystic Man*, que contou com nada menos que 16 músicos em suas gravações.

Talvez Peter Tosh seja lembrado pela maioria dos brasileiros por sua surrealista participação na novela *Água Viva*. Para o mundo, se Bob Marley foi o pólo positivo do reggae, Peter Tosh pode ser considerado o pólo negativo, indispensável para fazer a ligação que projetou a música da ilha como fusão de ritmos, como dança, como mensagem. Quem captou a mensagem sabe que ela vai muito além do cheiro de maconha suspenso no ar, para defender um ideal essencial: a dignidade do homem. Peter pagou muito caro pelas suas posições contra a exploração dos países do terceiro mundo pela Babilônia. E sua luta pela igualdade de direitos entre classes sociais e raças, contra a repressão em seu país, exigiu dele muita coragem: "O reggae, nossa música política, existe há muito tempo e tem sido estigmatizado pelo governo e pelos políticos em todo o mundo, tem sido explorado e seus direitos infringidos. Mas seus ingredientes, sua espiritualidade nunca morreram, jamais morrerão".

A vida bandida de Lobão estreando na Parada do Leitor

Parada do Leitor (LPs)

1 (2) *Kiss Me Kiss Me Kiss Me* — **Cure** (Polygram)
2 (1) *The Joshua Tree* — **U2** (WEA)
3 (3) *The World Won't Listen* — **Smiths** (WEA)
4 (N) *Vida Bandida* — **Lobão** (RCA)
5 (7) *Sexo!!* — **Ultraje a Rigor** (WEA)
6 (4) *The Top* — **Cure** (Polygram)
7 (11) *Scoundrel Days* — **A-ha** (WEA)
8 (7) *Standing On a Beach* — **Cure** (Polygram)
9 (4) *Every Breath You Take* — **Police** (Polygram)
(R) *Hunting High and Low* — **A-ha** (WEA)
(R) *Dois* — **Legião Urbana** (EMI-Odeon)
12 (N) *The Autobiography* — **Supertramp** (Polygram)
13 (11) *Closer* — **Joy Division** (Eldorado)
(R) *Notorious* — **Duran Duran** (EMI-Odeon)
15 (N) *Nunca Fomos Tão Brasileiros* — **Plebe Rude** (EMI-Odeon)

Levi's MESBLA

Convenções

( ) indica a posição na parada anterior
(N) indica novidades na parada
(R) indica retorno à parada

Leitor! Sua participação é importante na parada BIZZ!

Escreva para BIZZ, Caixa Postal 60081, CEP 05096, dizendo quais os discos que você comprou neste mês. Acrescente seu nome, endereço e telefone para que possamos voltar a consultá-lo.

LPs (EUA)

1 (1) *Whitney* — **Whitney Houston** (Arista)
2 (4) *Bad Animals* — **Heart** (Capitol)
3 (4) *Whitesnake* — **Whitesnake** (Geffen)
4 (1) *The Joshua Tree* — **U2** (Island)
5 (8) *Bigger and Deffer* — **LL Cool J** (Def Jam)
6 (3) *Girls, Girls, Girls* — **Mötley Crüe** (Elektra)
7 (6) *Duotones* — **Kenny G.** (Arista)
8 (N) *In the Dark* — **Grateful Dead** (Arista)
9 (N) *Beverly Hills Cop II* — **Trilha Sonora - Varios** (MCA)
10 (N) *La Bamba* — **Trilha Sonora - Vários** (Slash)

Compactos (EUA)

1 (6) "I Still Haven't Found..." — **U2** (Island)
2 (10) "I Want Your Sex" — **George Michael** (Columbia)
3 (N) "Who's That Girl?" — **Madonna** (Sire)
4 (N) "Luka" — **Suzanne Vega** (A&M)
5 (N) "La Bamba" — **Los Lobos** (Slash)
6 (N) "Heart and Soul" — **T'Pau** (Virgin)
7 (3) "Shakedown" — **Bob Seger** (MCA)
8 (N) "Don't Mean Nothing" — **Richard Marx** (Manhattan)
9 (N) "Rhythm..." — **Gloria Estefan & Miami Sound Machine** (Epic)
10 (1) "Alone" — **Heart** (Capitol)

LPs (GB)

1 (N) *Introducing the Hardline...* — **Terence Trent D'Arby** (CBS)
2 (N) *The Hits Album 6* — **Vários** (CBS)
3 (1) *Whitney* — **Whitney Houston** (Arista)
4 (2) *The Joshua Tree* — **U2** (Island)
5 (N) *Who's that Girl?* — **Trilha Sonora - Vários** (Sire)
6 (7) *Invisible Touch* — **Genesis** (Virgin)
7 (N) *Bad Animals* — **Heart** (Capitol)
8 (N) *Sixties Mix* — **Vários** (Stylus)
9 (4) *The Return of Bruno* — **Bruce Willis** (Motown)
10 (N) *Hearsay* — **Alexander O'Neal** (Epic)

Compactos (GB)

1 (N) "La Bamba" — **Los Lobos** (London)
2 (7) "Who's that Girl?" — **Madonna** (Sire)
3 (N) "Alone" — **Heart** (Capitol)
4 (N) "I Just..." — **Michael Jackson & Siedah Garret** (Epic)
5 (9) "Always" — **Atlantic Starr** (Warner Bros)
6 (N) "Call Me" — **Spagna** (CBS)
7 (1) "It's a Sin" — **Pet Shop Boys** (Parlophone)
8 (N) "Jivetalkin'" — **Boogie Box High** (Hardback)
9 (N) "Roadblock" — **Stock, Aitken & Waterman** (Breakout)
10 (N) "I Just Don't Want to Be Lonely" — **Freddie McGregor** (Germain)

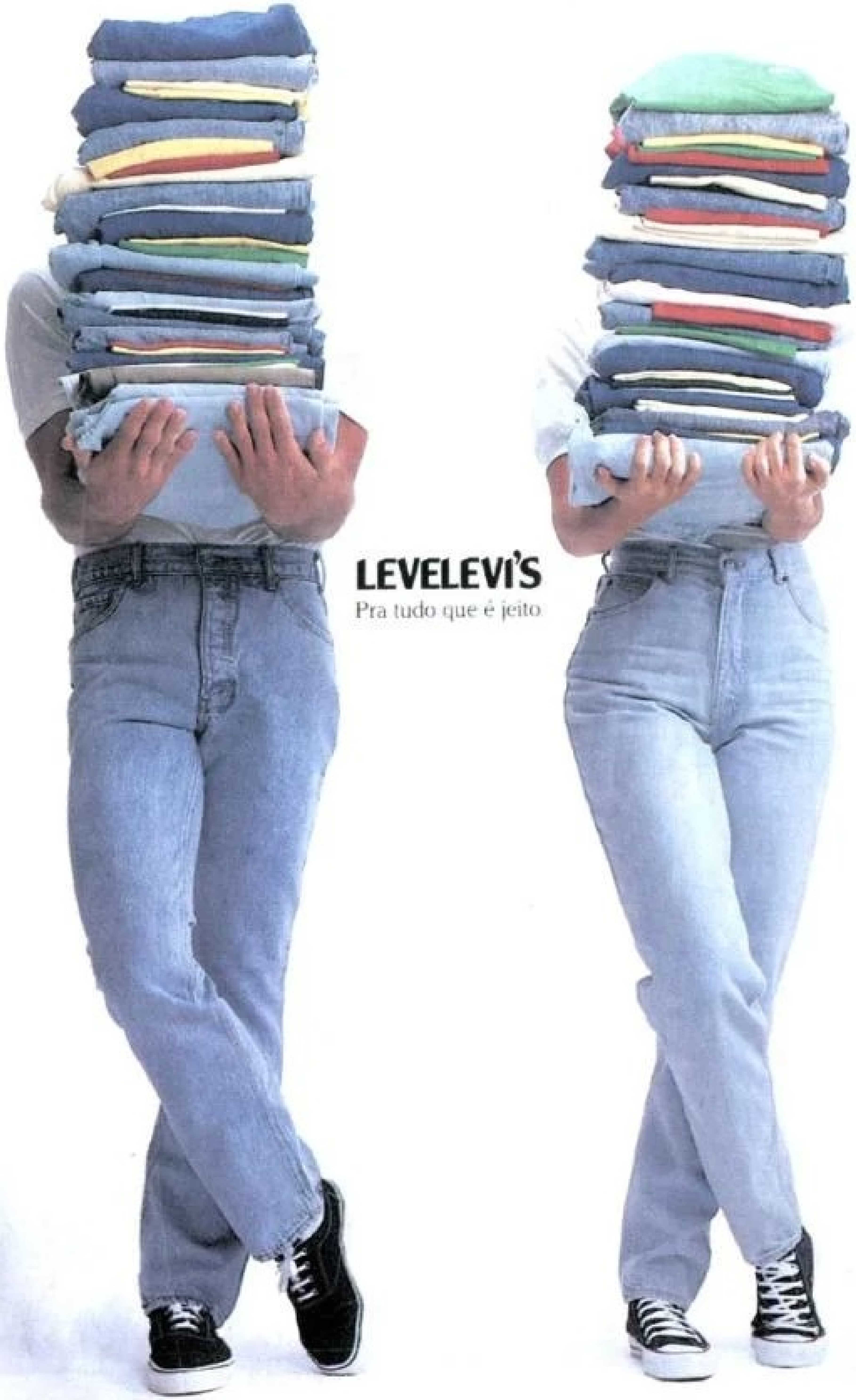
LPs Independentes (GB)

1 (2) *Give Me Convenience...* — **Dead Kennedys** (Alternative Tentacles)
2 (7) *Lonely Is an Eyesore* — **Vários** (4AD)
3 (N) *Turning Rebellion Into Money* — **Conflict** (Motorhate)
4 (4) *Dawnrazor* — **Fields of the Nephilim** (Situation Two)
5 (6) *Tsvimbodzemoto* — **Bhundu Boys** (Discafrique)
6 (1) *Sister* — **Sonic Youth** (Blast First)
7 (3) *Never Mind the Ballot* — **Chumbawamba** (Agit Prop)
8 (10) *The Circus* — **Erasure** (Mute)
9 (N) *Within the Realm of a Dying Sun* — **Dead Can Dance** (4AD)
10 (R) *Louder Than Bombs* — **Smiths** (Rough Trade)

Compactos Independentes (GB)

1 (N) *"True Faith"* — **New Order** (Factory)
2 (7) *"Flowers in Our Hair"* — **All About Eve** (Eden)
3 (6) *"Headache"* — **Big Black** (Blast First)
4 (1) *"I Can't Take It No More"* — **Soup Dragons** (Raw TV)
5 (3) *"Bedrock"* — **Foetus All Nude Revue** (Some Bizarre)
6 (5) *"Burning the Fields"* — **Fields of the Nephilim** (Situation Two)
7 (N) *"Rock This House"* — **Beatmaster and Cookie Crew** (Rhythm King)
8 (N) *"Happy Birthday"* — **Bambi Slam** (Product Inc.)
9 (N) *"Girlfriend in a Coma"* — **Smiths** (Rough Trade)
10 (N) *"Live Is Life"* — **Laibach** (Mute)

Fonte: Cash Box e Billboard (EUA), New Musical Express e Melody Maker (GB), de 1.º a 29.08.87.


LEVELEVI'S
Pra tudo que é jeito
Levi's
MESBLA

FANTASIOS ALTERNATIVAS.

IMAGINA A AÇÃO: RAPTAR-TE-IA GATA MANSAMENTE E FUGI-RÍAMOS ÀS GARGALHADAS. NADA DISSO, DOIDICE DISSE: DECIDISSE ANTES DAS RODAS GIGANTES. O PARQUE DAS DIVERSÕES AMOROSAS ENCERRA SUAS ATIVIDADES POR HOJE: BOA NOITE.

EXCLUSIVIDADE
MESBLA

ALTERNATIVA
NADA MUDA SE VOCÊ NÃO MUDAR

BAD — Michael Jackson (CBS)

Um álbum mais esperado que a vacina contra AIDS. Cinco anos já se passaram desde *Thriller*, LP adquirido por 38 milhões de cidadãos (recorde absoluto de vendas). Dá tempo de: deixar-se esquecer um pouco, ir e voltar muitas vezes ao estúdio West Lake de Los Angeles — a última palavra em tecnologia de gravação, equipado com uma parafernália especialmente importada do Japão — para parir um monstro de super-hiper-alfa-megaprodução.

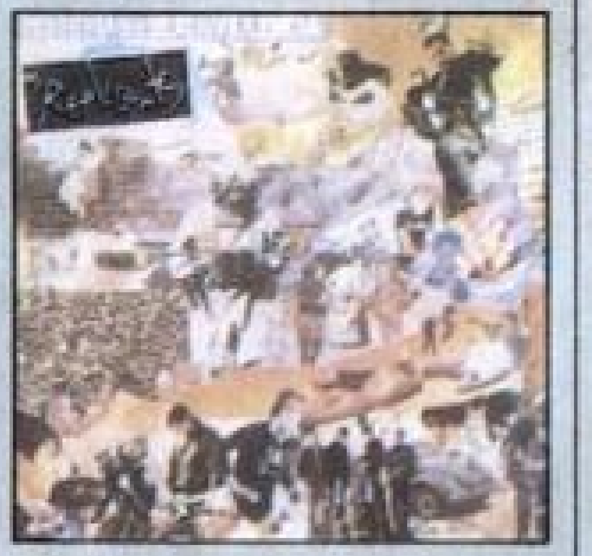
Nada a ver com aquela baba cometida em parceria com a recém-promovida estrela Siedah Garrett, lançada como primeira faixa de trabalho. *Bad* é exatamente o disco que se podia esperar de Jackson e seu inseparável produtor Quincy Jones. A programação de baterias eletrônicas, sintetizadores e *Synclavier* e por cima de tudo os efeitos acústicos — nesse campo o passo qualitativo é equivalente àquele dado pelo LP *Dark Side Of The Moon*, do Pink Floyd, em 73 — são a maior atração de faixas como "Speed Demon" em que um rugido de alta cilindrada passa, num racha do inferno, de uma caixa a outra, num belo efeito estereofônico.

Jackson esbanja seu domínio dos vocais e abre o estúdio para três convidados ilustres: Stevie Wonder arma com ele um emaranhado estupendo de sintetizadores e vocais em "Just Good Friends", Jimmy Smith, a lenda do jazz, traz seu solo característico num órgão Hammond na faixa-título — sua intervenção não ultrapassa dez segundos, um luxo —, Steve Stevens, o guitarrista de Billy Idol, dá uma contribuição de peso em "Dirty Diana". Chegamos à qualidade de criação, o ponto fraco do álbum. Para este quesito, Michael Jackson — que assina oito faixas em dez, todas à espera de um clip — deve receber uma nota bem mais baixa. Faça a experiência: esqueça o aparato de efeitos eletrônicos para se concentrar apenas nas melodias. Sobressaem-se harmonias convencionais em funks banais e falsas baladas ("Liberian Girl") — sem referência de tipo algum às modas do momento (rap, hip-hop, scratch) —, numa postura de criação bastante conservadora. Portanto, apenas composições de fácil compreensão para o quarto da população deste planeta ao qual este disco se destina. Nada de arriscar como o fez Prince. A gravadora está tão segura do que faz que lança de entrada um milhão de cópias no mercado brasileiro (já integralmente vendidas às lojas).

A lista de agradecimentos é bastante reveladora: entre os 136 nomes citados estão Marlon Brando, Robert De Niro, Cary Grant, Steven Spielberg e Martin Scorsese (autor do primeiro clip promocional, de 24 minutos). Calcado nas superproduções cinematográficas, este disco é mais um exemplo da mania de grandeza tipicamente americana, como realização que visa ultrapassar os limites da tecnologia, mas cujo efeito final é desumano. Brrr... *Jean-Yves de Neufville*

WORD OF MOUTH — Jaco Pastorius (WEA)

Jaco é o melhor baixista elétrico de jazz e fusion de todos os tempos, e este é seu segundo LP solo, lançado nos EUA em fins de 81. Nem por isso ele se vale de sua técnica esfuziante para impressionar (ainda que impressione) ou de suas credenciais como compositor de algumas das melhores músicas do Weather Report. Pelo contrário, Jaco em seus próprios discos dá vazão às suas inquietações para com o futuro do jazz, e o resultado é um irregular painel de experiências. Os pontos altos são "Crisis" (um falso free jazz em que cada músico de uma constelação de feras — Jack DeJohnette, Herbie Hancock, Wayne Shorter e outros — gravou sua participação ouvindo *só* o baixo de Pastorius) e "Word of Mouth", um improviso de percussão e baixo distorcido (traindo a admiração por Hendrix), cortado por uma aparição da harmônica de Toots Thielemans (!!). As curiosidades são a esdrúxula regravação de "Blackbird" (dos Beatles) e a inconveniente versão da "Fantasia Cromática" (de Bach). Só ouvindo. *A.A./A.S.*



HISTÓRIAS DE SEXO E VIOLÊNCIA — Os Replicantes (Plug)

Apesar de a casca grossa de sons que envolve estas 14 histórias de sexo e violência (sic) estar de acordo com os cânones do gênero a que os Replicantes se propõem, não há como avalizar seus textos, quase sempre às raias do cretinismo. Que tal dois ex-internos da Febem chamados Chuck e Jack? Ou a puerilidade de coisas como "Quero uma festa que não tenha Stones/Gosto muito deles mas quero os Ramones..." em "Festa Punk"? No todo, temos o clima *fake* e, a se levar a sério o apelo "Seja punk mas não seja burro", expresso em "Tom e Jerry", o melhor é botar as barbas de molho e se reciclar no Mobral. *A.G.C.D.*

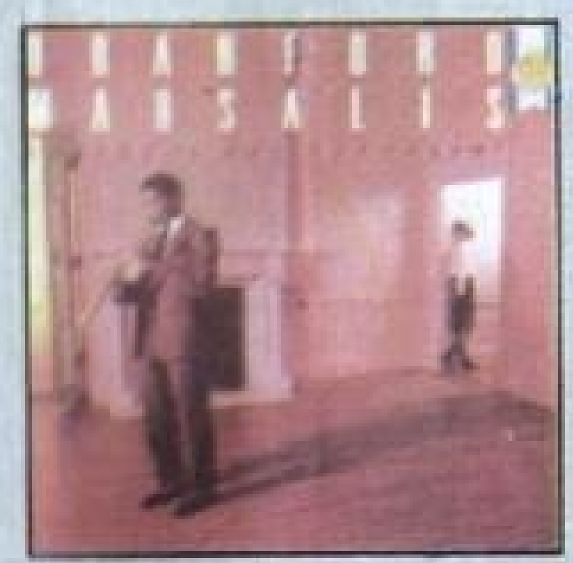
SOUL SURVIVOR — Al Green (EMI-Odeon)

Não restam dúvidas que, do Palácio das sagradas vozes negras, o cantor-compositor Al Green é um dos mais significativos expoentes. Após memoráveis gravações nos anos 60 e 70, assim como muitos outros veteranos que optaram pela "modernização" (leia-se diluição), Al Green não escapou dessa morfética regra. O que ainda sobra é a sensualidade de suas contorções vocais, principalmente nas *soul ballads*. *F.N.*

EVERYBODY'S ROCKIN' — Neil Young (WEA)

Cada disco de Neil Young é uma mudança radical. Nos dois últimos, por exemplo, a pose era de raízes rurais e roquinho moderno. Agora, com penteado pega-rapaz e suíças *rocker*, mergulha no rock'n'roll dos anos 50. Seu trabalho se converteu num jogo camaleônico, perdendo seguidores a cada virada.

O disquinho atual, porém, até que é competente. Os arranjos não são originais, as referências não podiam ser mais nostálgicas — e, em alguns casos, trata-se mesmo de regravação. Entretanto, este *déjà vu* é mais gostoso do que muitas bobagens que se encontram, hoje em dia, dentro de capas rosa-choque. *M.P.*

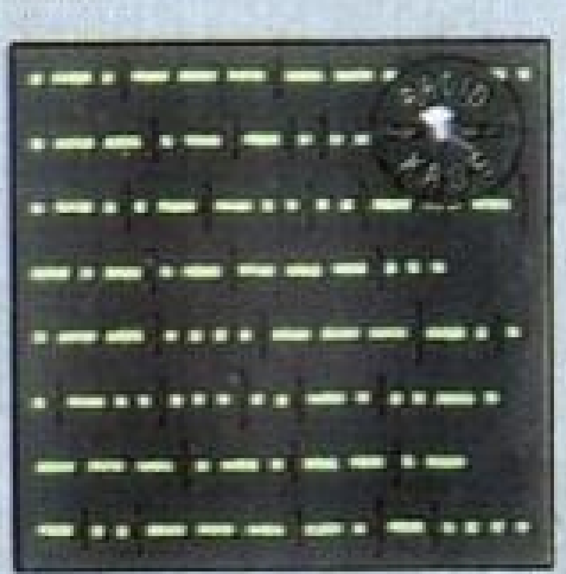


ROMANCES FOR SAXOPHONES — Branford Marsalis (CBS)

O saxofone foi inventado em 1840 por um parisiense chamado Adolphe Sax. Na época, era considerado uma espécie de ornitorrinco. Não era metal nem madeira, seus seis tipos ora lembravam som de fagote, ora de clarinete e oboé, ora de trombone. Por isso, os eruditos esqueceram-no. Salvo exceções, e todas elas no século XX, o sax foi desenvolvido e explorado sonoramente pelos músicos populares, sobretudo os jazzistas. Branford Marsalis resolveu tomar as exceções da música erudita e homenagear os compositores que amaram o instrumento, interpretando no sax soprano obras não compostas originalmente para o instrumento. Com arranjos de Michel Colombier, ele desenha novas dimensões sonoras para as partituras de Ravel, Fauré, Villa-Lobos e outros. Antológica transfiguração. *L.A.G.*

THIRD WORLD CHILD — Johnny Clegg & Savuka (EMI/Odeon)

Partindo do princípio de que a arte não tem fronteiras, Paul Simon abriu uma brecha, assinando com a nova geração de músicos sul-africanos um dos melhores LPs do ano passado. No rastro de *Graceland*, aparece agora Johnny Clegg, feito diamante bruto em meio ao carvão. Com a banda Savuka ("Estamos em pé" em zulu), junta dois brancos, um mestiço e dois negros, guitarra, samplers e instrumentos tribais. Escreve uma música sobre Mandela ("Asimbonanga") e defende, obviamente, a erradicação do *apartheid*. Um hino à vida que deveria unir, mais que *Graceland*, os amadores de sons africanos e de rock binário. *J.Y.N.*



RADIO K.A.O.S. — Roger Waters (CBS)

Duvido que até o mais ferrenho fã do Pink Floyd da década de 70 agüente escutar Mr. Waters em seu segundo e soporífero álbum solo. Ainda mais agora que o Floyd retorna à cena com Tony Levin (ex-King Crimson fase 80) no baixo. *Tsk... tsk...*, coitado do Mr. Waters. Vai ter motivos para fazer mais um sem-número de álbuns "conceituais", contando historinhas bobas sobre um fundo musical pra boi dormir (com saudade do disco da vaca). Em *Radio K.A.O.S.* ele apressa-se em colocar a história já no encarte (talvez para que a gente não precise nem ouvir o disco). Trata-se da saga do garoto Billy — com estranhos poderes sensoriais, mas em coma permanente —, que se comunica com um D.J. através das ondas cerebrais e tenta tirar seu irmão Benny da prisão. Esse tédio todo é elucorado por um pastiche musical das piores coisas já produzidas pelo Floyd. *C.P.*

CROWDED HOUSE (EMI Odeon)

Você se lembra do australiano Split Enz, um dos mais divertidos grupos da new wave radical? Pois bem, o Crowded House é uma criação do ex-Split guitarrista/vocalista Neil Finn, realizando seu *debut* em vinil. Embora ressoe uma certa conivência com o Império da Baba Descartável, o Crowded House consegue ser audível mesmo em *soft hits*, como a faixa "Don't Dream It's Over", e interessante quando enverga a eclética linguagem da old new wave. *F.N.*

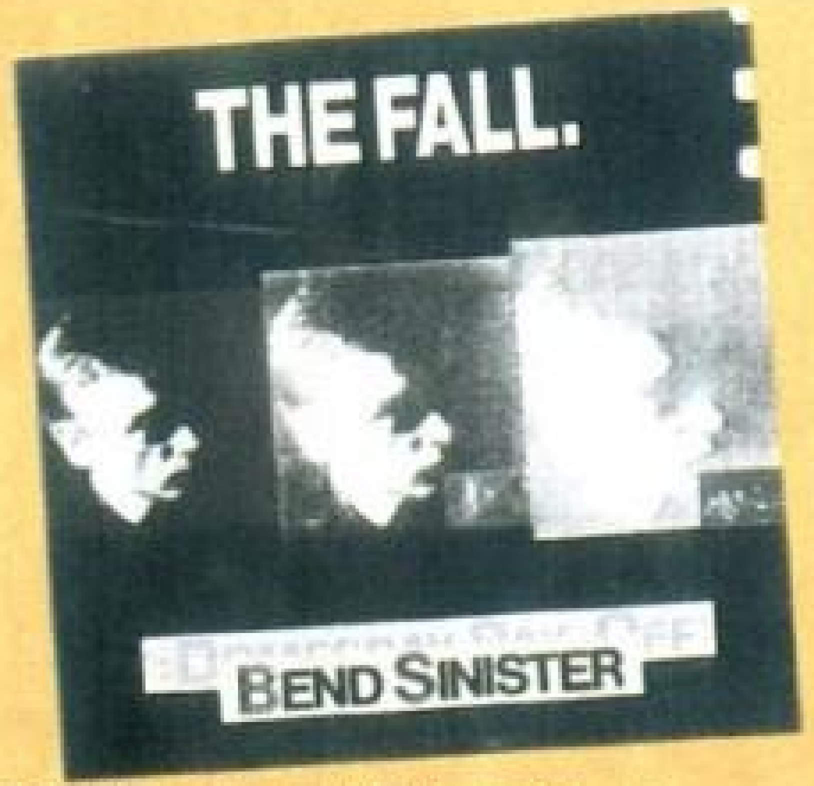
DEAD LETTER OFFICE — R.E.M. (CBS)

Enfim, o disco que todo músico gostaria de lançar. Sobras de estúdio, brincadeiras com os hits prediletos, exercícios de aquecimento, ou seja, um monte de bobagens e peraltices de várias épocas. Imagine o R.E.M. dando aquele sotaque de caipira intelectual americano para "Pale Blue Eyes", "Femme Fatale", "There She Goes Again" e "Toys in The Attic", só para citar as do Velvet e do Aerosmith (!). Imagine Peter Buck solando numa pseudovinheta comercial de churrascaria. E que tal Michael Stipe, encharcado de Jack Daniels, cantando "King of The Road", de Roger McGuinn? O enciclopédico Buck (que conhece as cifragens de mais de quatrocentos clássicos do rock) foi feliz nesta sua empreitada descompromissada, porém plenamente justificada. *T.P.*

AKIRA S & AS GAROTAS QUE ERRARAM (Baratos Afins)

Em 1917, Marcel Duchamp escandalizou o público presente à Grand Central Gallery de Nova York quando, oculto pelo pseudônimo R. Mutt, expôs uma de suas obras mais singulares, na verdade um vaso sanitário de porcelana branca. Em 1987, seu *ready-made* ressurge ainda enigmático, inserido num inusitado trabalho gráfico de Fernando Zarif que funciona como capa do tão esperado primeiro LP da banda Akira S & as Garotas que Erraram. Como a produção de Duchamp, o vinil em questão prima pela ousadia, pela renovação, rejeitando o já experimentado em favor da gênese furiosa do absurdo. O núcleo desta elástica formação é Akira S e Pedreira Antunes, ao redor do qual orbitam Giuseppe Frippi (ex-guitarrista do pioneiro Voluntários da Pátria) e Edson X (hoje, baterista do Gueto), além das intervenções de um imenso rol de franco-atiradores, o que leva o disco a funcionar como um autêntico *who's who* da cena rock paulistana. Já no tema de abertura, "Swing Basses Series 2", nos deparamos com os faiscantes achados poéticos de P. Antunes, um conglomerado de estranhas metáforas, condensações, associações por assonância, neologismos e deslocamentos que acabam por flagrar o caos cotidiano como que defletido pelo prisma do inconsciente. Ao seu lado, Akira e seu baixo zen geram plurilinhas melódicas, fundindo sem constrangimento o funk, o jazz, o *disco* e outros fragmentos sônicos não identificados. Desse tubo de ensaio surgem momentos curiosos como "O Futebol", um microesquizosambarock que acaba por marcar um gol de placa na Mesmice Esporte Clube. Outra devastação é "Garotas que Erraram", uma colagem sobre educação sexual que se acopla a um tema sincopado e circular. Uma obra resoluta e indelével.

Arthur G. Couto Duarte



BEND SINISTER — The Fall (Eldorado/Stiletto)

Um sério candidato ao melhor lançamento internacional no Brasil em 87, este LP lançado no ano passado é o 13.º do Fall. O grupo de Manchester — contemporâneo do Joy Division e Buzzcocks — em seus dez anos de existência consegue manter a mesma inquietação que caracteriza seu estilo musical desde o início. Isso não significa necessariamente competência técnica. Muito pelo contrário. O som do Fall sempre primou por um estudado desleixo e pseudo-amadorismo. Uma eterna *garage band* que burila seus ruídos e distorções à procura de melodias simples, mas cada vez mais apuradas. A peça-chave da linha de evolução da banda é o vocalista/letrista/guitarrista Mark E. Smith. O modo peculiar com que canta — quase falando — seus estranhos versos cheios de imagens absurdas e frases sem sentido aparente instiga a imaginação do ouvinte tanto quanto os experimentos sonoros do Fall.

Em *Bend Sinister*, Mark apenas canta e edita tapes. As guitarras ficam por conta de sua mulher Brix, do outro guitarrista Craig Scanlon e até mesmo a cargo do baixista Stephen Hanley e do tecladista Simon Rogers. No esquema do Fall pouco importa quem toca o quê em cada faixa. O essencial é o resultado final, no qual a noção de conjunto tem primazia sobre os elementos isolados. É nesse espírito que eles transitam por riffs psicodélicos ("Shoulder Pads 1"), pelo rock standard ("Dr. Pharmacist") ou pelas pegadas do Velvet ("Gross Chapel-British Grenadiers") com inconfundível personalidade. Mesclam climas lentos e soturnos com guitarras viscerais e batidas quase dançantes em uma mesma música (como em "Bournemouth Runner" e "Riddler!"). E fazem deste LP um propício convite para quem ainda não conhece o maravilhoso e assustador mundo do Fall.

Celso Pucci

DIE DREIGOSCHENOPER/BERLIN THEATRE SONGS — Kurt Weill (CBS)

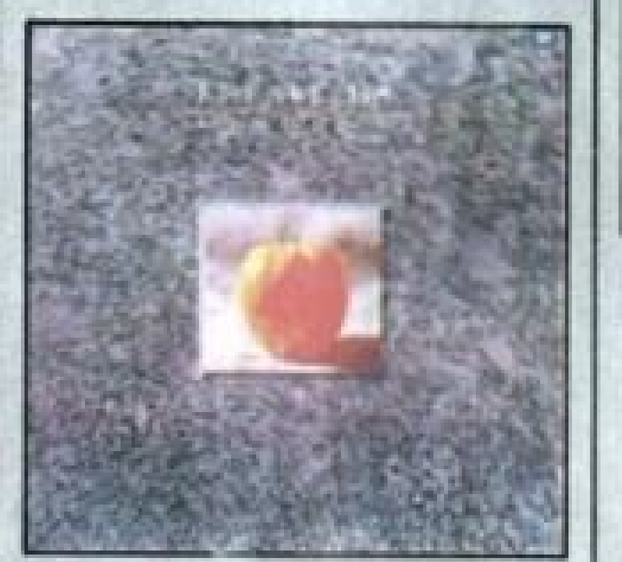
A música de Kurt Weill é uma lição de teatralidade na composição de canções. Este álbum duplo traz gravações com a excepcional cantora (e mulher de Weill) Lotte Lenya. *A Ópera dos Três Vinténs* (1928) é a primeira parceria de Weill com o dramaturgo Bertolt Brecht, e é sem dúvida um marco na música cênica deste século. É incorporada à estrutura da ópera européia e ao jazz. As árias virtuosísticas são substituídas por canções que funcionam independentemente do todo. A música de Weill ensina que a intenção de uma canção, seja de protesto, de amor ou irônica, deve determinar seu andamento, linha melódica, instrumentação e ritmo. Portanto, discos essenciais para qualquer *songmaker*. Weill é vital.

L.T.

JERUSALEM — Alpha Blondy & The Wailers (EMI-Odeon)

Este cantor da Costa do Marfim é uma das figuras mais interessantes a surgir no cenário da música africana desta década. Até chegar a este terceiro LP, Alpha já se destacava pelo tom messiânico de suas composições, se distanciando cada vez mais do folclore de seu país para impregná-las da música de seu ídolo, Bob Marley. Nada mais natural, portanto, que ele atravessasse o oceano para chegar à própria fonte de sua inspiração. O resultado é no mínimo curioso: sua voz se aproxima até o mimetismo dos timbres do mestre, incluídos os cacoetes e descontado o carisma, para transmitir mensagens em inglês, francês e dialeto a favor da paz, contra o apartheid e os políticos em geral. Tudo luxuosamente embalado pelos Wailers. A fotocópia é meio desfocada mas chega a impressionar.

J.Y.N.



TOMATE — Kid Abelha & Os Abóboras Selvagens (WEA)

O quarteto carioca pretende, em seu já quarto LP, mostrar bom humor e suscitar o seguinte raciocínio: "O público nos jogou tomates, agora é nossa vez. Só que nosso tomate foi mixado em Londres e tem ótima definição sonora". Patética ilusão. Na realidade, a banda perpetra, em vez de um tomate, um abacaxi recheado das costumeiras abobrinhas cantadas por Paula Toller — a Bethânia da nova geração. Oito roquinhos com letras de mulher "liberada" e a receita da banda — pasteuri-sax mais *beat* acelerado — fazem lembrar o velho ditado português: "Quem burro vai a Santarém burro vai, burro vem..."

L.A.G.

GUGU DADA — Härte 10 (EMI-Odeon)

Experimente vestir os chavões do jazz-rock de vanguarda. Introduza clichês minimalistas e experimentais. Recorde alguns acessos de Keith Emerson e velhas lembranças do Triumvirat. Disfarce o tecnopop em forma de colagens. Não esqueça certas contribuições do free jazz e coloque todos esses ingredientes num modernoso apart-hotel onde moram as turminhas do funk e os filhotes de Meredith Monk. O resultado chama-se Härte 10 e, caso interessar, este é seu terceiro LP.

F.N.

HOROWITZ IN MOSCOU / THE STUDIOS RECORDINGS — Vladimir Horowitz (Polygram)

Aos 84 anos, esse russo naturalizado americano goza do status de melhor pianista de sua época. Exagero? Não, como o provam esses dois LPs que marcam o seu retorno após 20 anos. Mestre da interpretação romântica em Liszt, Schubert, Schumann e Scriabin não há igual. Extrai cor até das paisagens negras politonais de Scriabin. No LP de estúdio, gravado em Nova York em 1985, ele toca a *Kreisleriana* de Robert Schumann, na qual é inimitável. E também o barroco Scarlatti e o moderno Scriabin. Já o disco gravado ao vivo no Conservatório de Moscou em abril de 86 tem sabor político. Trata-se do recital que inaugurou a *glasnost* de Gorbachev, 60 anos após o exílio do pianista. Dois discos emocionados/emocionantes.

L.A.G.

PEDRA 90 — Gang 90 (Continental)

A Gang 90 é composta de músicos de alto gabarito e aperfeiçoa-se em sua linha pop com arranjos elaborados, mas não consegue exorcizar a sombra de Júlio Barroso — seu mentor espiritual — e se ressente da falta de composições mais fortes. Prova disso é que em seu terceiro LP as parcerias da vocalista Taciana Barros com Edgard, do Ira! (na *townshendiana* "Coração de Alguém"), e Arnaldo, dos Titãs ("Vida Dura"), estão entre as melhores faixas. É Edgard quem produz o disco, além de tocar guitarra em duas músicas. De resto, apenas dois outros bons momentos merecem ser destacados: "Sou da Rua" e "Do Outro Lado da Cidade", composições que ganham força escoradas pela criativa *cozinha* de Paulo Le Petit e Gigante Brazyl. E é nelas que os vocais do tecladista Roberto Firmino e Taciana alcançam um melhor desempenho. Outro destaque são os arranjos de metais e as precisas intervenções do trombone de Bocato em cinco das oito faixas do disco.

C.P.

DISCOVER — Gene Loves Jezebel (WEA)

Desde que, inadvertidamente, ousou brincar com o esqueleto de um velho tema do Bauhaus num de seus primeiros singles, o GLJ se viu condenado ao fundo do poço gótico sem direito a sursis. Nem mesmo a beleza primitiva dos álbuns *Promise* (83) e *Immigrant* (85) conseguiu-lhe salvo-conduto para fora do limbo. A banda viria a lavar a alma definitivamente com *Discover*. Infelizmente, a edição nacional foi alijada de *Glad To Be Alive*, um LP gravado ao vivo que saiu como bônus no exterior. Divertindo-se na própria ambigüidade, os irmãos gêmeos Jay e Michael Aston sintetizam o espírito da banda, reabrindo a eterna discussão a respeito do sexo dos anjos. *Sex-appeal, glitter & rock'n'roll*, os neo *glimmer twins* te aguardam para o êxtase.

A.G.C.D.

CHARM — Intimate Strangers (CBS)

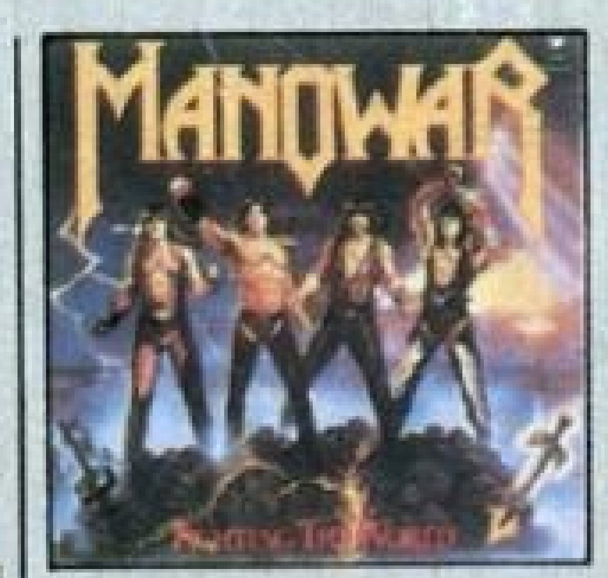
Intimate Strangers é o novo nome do duo Raise The Dragon, formado pelo vocalista Richard Spellman e o guitarrista Sean Lyons. Os dois — com uma banda de apoio — fazem um rock com pitadas de soul e funk que lembra muito (até demais) os trabalhos da dupla americana Hall and Oattes. Em *Charm*, fica patente essa falta de originalidade musical dos IS; tanto nas insípidas guitarras de Lyons como nos vocais de Spellman, que oscila entre imitações canhestras de David Bowie e Briam Ferry.

C.P.

GREATEST HITS — Johnnie Ray (CBS)

Ele não continha as lágrimas durante suas rockmânticas *ballads*. Era quase surdo, bebia demais, usava roupas extravagantes e vivia torturado por sua fragilidade emocional. Dos cantores da fase pré-rock'n'roll, se houve um gênio, o título cabe à figura de Ray, que de 52 a 60 interpretou algumas das mais arrepiantes composições da música popular. Esta antologia apresenta a voz deste *handsome looser* em 12 de seus hits. Uma flexa em qualquer coração apaixonado.

F.N.



FIGHTING THE WORLD — Manowar (WEA)

A violência no mundo atual é a tônica do Manowar, que foge da linha comercial do heavy americano e é uma das melhores bandas ao vivo no momento. Ross The Boss e gang continuam fazendo jus à admiração de Orson Welles (aquele que certa vez irradiou a invasão do mundo por marcianos).

É eficiente e criativo e prega a morte ao falso metal, e isso é notado em faixas como "Defender", "Fighting The World" e "Blow Your Speakers".

L.R.

SÉRIE RARITY — Vários (Brasidisc)

Imagine poder trocar carícias ao som dos *Greatest Hits* melancólicos de um cantor de apenas um hit, Percy Sledge. Quem? Ora, o *soulman* que estourou em 66 com "When a Man Loves a Woman" e nunca mais deu as caras nas paradas — injustamente, claro. Ou suar dançando no pique rockabilly de Carl Perkins. Batendo violentamente nas cordas de seu violão, ele arranca sucessos originais como "Blue Suede Shoes", "Everybody's Trying to Be My Baby", ou mesmo uma versão de "Only You", a balada que ficou conhecida na voz dos Platters, neste seu *Dance Album* de estréia. Mais rockabilly? A coletânea de sucessos da Sun Records (a gravadora que lançou Elvis Presley), *Don't You Step on My Blue Suede Shoes*, que além de seus mais notórios contratados — Perkins, Lewis, Johnny Cash e Roy Orbison — coloca a girar na vitrolinha, entre outras preciosidades, a versão *billy* que Carl Mann aprontou em cima da canção "Mona Lisa" — mais famosa como a balada de Nat King Cole que virou nome de filme. Raridade de fato? Tente os dois LPs *Rare Jerry Lee Lewis*, onde o demônio loiro do piano interpreta obscuríssimas canções de 57 a 63 — lados B de compactos, sobras, músicas censuradas... Mais pianos alucinados? Que tal Little Richard, numa coletânea *(The Georgia Peach)* que traz seus maiores sucessos de um lado, e do outro seu pouco conhecido perfil romântico. Guitarras? O rei de todas: Chuck Berry, que inventou Keith Richards antes dele ter nascido, num LP ao vivo *(The Best of)*. Voz? Tome James Brown herrando seus *Greatest Hits* — inclusive "Sex Machine" — ao vivo (gravação de 81)... *Fiu!* É um milagre? Não, é a série Rarity da Brasidisc. Gritem por *bis* bem alto!

Marcel Plasse

ADEUS CARNE — Os Inocentes (WEA)

Será preciso fazer as apresentações? Para quem ainda não conhece, estamos falando da banda catalizadora do levante punk rock que surgiu na periferia de São Paulo em 78, uma das raras que conseguiram sobreviver.

Adeus Carne — que segue o mini-LP *Pânico em SP*, lançado ano passado — é o primeiro LP realmente premeditado por Clemente (composições, vocais e guitarras), Ronaldo (guitarrista), André (baixo) e Tonhão (bateria), após tantos anos de janela. Começa com "Pátria Amada", um cruzado no queixo versão Mike Tyson na ilusão democrática do Brasil pós-ditadura. As guitarras são afiadas, a voz contundente, o baixo é enorme e a bateria manda ver. Mais dez faixas completam este petardo contra a babaquice, arrasadoras. "Eu" traz um dos poemas mais subversivos de Maiakowski. Só mesmo Os Inocentes para retomar "Pesadelo", o hino de Paulo César Pinheiro já imortalizado por Chico Buarque, uma letra crucial, recauchutada com a dose de adrenalina necessária. E a faixa-título, um instrumental que começa com todo o peso do metal para acabar cortando com um pagode das famílias. Você vai tirar o chapéu. A gang de Clemente faz um rock'n'roll básico que pode lembrar a urgência do Clash em seu início de carreira. Mas, se fosse o caso de comparar mesmo, o nome mais certo que chega à tona é o dos Dead Kennedys, pela força do som, a autenticidade à toda prova e sobretudo a real capacidade de incomodar a ordem vigente. Só que Os Inocentes dizem respeito à gente. Respeito. *Jean-Yves de Neufville*

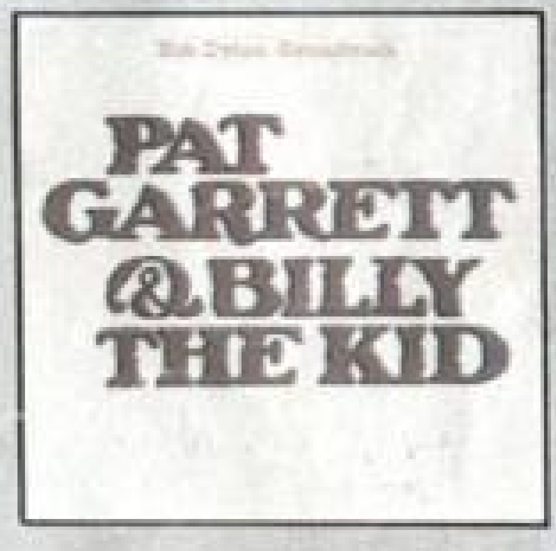
MASK — Bauhaus (Eldorado/Stiletto)

A partir do momento em que o pop versão 87 encontra-se lotado de grupos maravilhosos e o selo Eldorado/Stiletto é uma iluminada alternativa, capaz de instalar verdadeiras novidades em nosso mercado, este lançamento é bastante discutível. Se por um lado cobre uma lacuna, por outro ocupa um espaço que poderia ser ocupado pelo próprio Bauhaus (até então inédito entre nós). Deveria se materializar de outra forma, ou seja, pelo excelente álbum duplo *1979-1983*, que reúne os *insights* mais significativos deste quarteto, a mais influente e elegante manifestação da onda gótica.

Mask (lançado em 81) é o segundo LP de sua discografia e não apresenta o devasso impacto do primeiro, *In The Flat Field*, nem a estabilidade qualitativa do terceiro, *The Sky's Gone Out*. Mesmo assim é nesta "máscara" que estão os dois mais peculiares hinos da *dark music* ("Passion of Lovers" e "Kick in The Eye") e duas das mais amargas canções do grupo ("Hollows Hills" e "Mask"). *F.N.*

SOMETHING WILD — Vários (WEA)

Totalmente Selvagem (Something Wild) é, sem dúvida, um filme de invejável trilha sonora. A seleção deste LP, porém, não faz jus à fama. O disco abre bem, com a inusitada cruza *salerosa* de David Byrne e Celia Cruz. Alterna Fine Young Cannibals, UB 40, Oingo Boingo, e Jimmy Cliff com propriedade no lado A. Mas no B... Quem viu o filme fica esperando pelo menos uma faixa com os Feelies, que tocaram, ao vivo, no bailinho da tela, vários covers. Nada! O mesmo com o hino "Wild Thing" dos Troggs. Entretanto, a canção do New Order, que dura o tempo de cinco acordes na tela, aparece aqui integralmente. Ao menos não foi esquecida a versão reggae de "Wild Thing", interpretada por Sister Carol, nem a música do *talking head* Jerry Harrison. O resultado, claro, fica acima da média. Mas podia ser sublime. *M.P.*

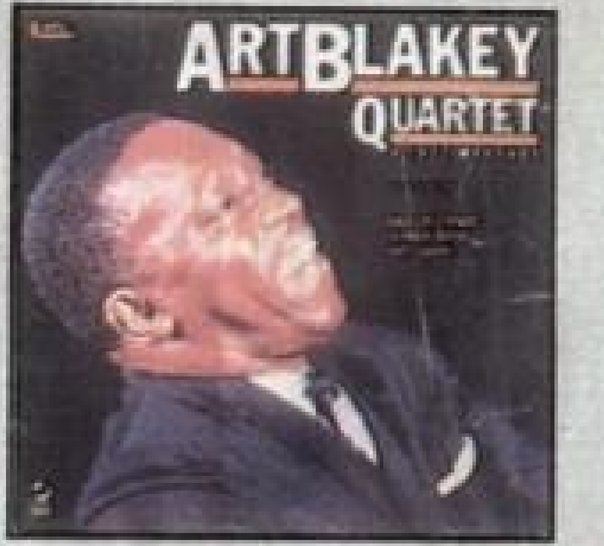


PAT GARRETT & BILLY THE KID — Bob Dylan (CBS)

Trilha sonora do violento western de Sam Peckimpah, totalmente composta por Dylan (que também atua no filme). Um disco interessante independentemente de seu vínculo cinematográfico. A prova maior disto é o fato de vir incrustada no LP uma pérola do repertório de Dylan: "Knockin'On Heaven's Door". De resto, o disco rola embebido em um country intimista, instrumental, onde dominam os violões (um deles o de Roger McGuinn, líder dos lendários Byrds) e a percussão leve tecendo temas bucólicos (como nas várias versões de "Billy") que remetem ao clima ameno de uma pradaria ao entardecer. *C.P.*

OPUS DEI — Laibach (WEA)

Apesar das apologias a ideais de força e poder nas letras — cantadas em alemão — e da farta utilização de símbolos fascistas, seria um erro chamar este grupo iugoslavo de neo-nazista. Toda esta apropriação não tem sentido propagandístico e muito menos irônico. Serve apenas para firmar a música deles no pop industrial (dançante), onde o inconformismo e a força de vontade são tão grandes que não se expressam mais por meio de instrumentos e padrões convencionais. Com seus samplers, sintetizadores e vozes cavernosas, o Laibach é a primeira banda da geração do rock industrial a chegar aqui. Isto sim é música da nova era. *T.P.*



A JAZZ MESSAGE — Art Blakey Quartet (WEA)

Gravado em 1963, este LP reuniu numa sessão célebre o baterista Art Blakey, o saxofonista Sonny Stitt, já mestres renomados, e os então jovens Art Davis (contrabaixo) e McCoy Tyner (piano). O quarteto não poderia ser mais recomendado. E as seis faixas que gravaram passaram para a história do jazz. Agora, remixadas digitalmente, elas ganharam nova cor. O grupo exibe incrível equilíbrio sonoro capaz de desenhar belas melodias relaxantes, como "Sunday" e "Cafe". Claro, há a versão da sempre "Summertime". Mas que aqui se integra numa constelação rigorosa. *L.A.G.*

PHILIPS

Mais uma vez a Philips ultrapassa os limites: está no ar o Double Sound Machine, a mais nova máquina de emocionar, que você leva aonde estiver a fim. O lance do Double Sound Machine é transformar. Música em emoção. Realidade em ficção.
Double Sound Machine, o Micro-System portátil que promete no design e cumpre no desempenho. Confira:

- **Double Deck com High Speed Copy.** Para você copiar de fita para fita em alta velocidade.
- **Continuous Play.** Para tocar você, tocando até duas fitas direto, sem intervalo comercial.
- **Equalizador gráfico.** Super-recurso. Tem logo 5 bandas de controle para você transar os graves, médios e agudos do jeitão que você gosta.
- **Tuner 4 faixas.** Cheio de onda, esse tuner pega bem em FM, OM e mais duas faixas de ondas curtas.
- **Caixas destacáveis.** Juntinhas ou separadas, o som é massa.

PHILIPS

Standard

MASTER OF PUPPETS — Metallica (Music For Nations/RGE) / **METAL ANARCHY — Warfare** (Neat/Continental)

Headbangers satisfeitos. Antes tarde que nunca o Metallica está no pedaço, embora fora de ordem. Para começar saiu o segundo *(Ride The Lightning)* e agora o mais recente (o quarto). Nele, a última participação do falecido Cliff Burton e a faixa instrumental "Orion", que serviu de trilha nas exéquias do baixista. É um trabalho que mostra o entrosamento total pelo qual passava o grupo à época do acidente com Cliff e onde criticam aqueles que enriquecem com o tráfico de drogas ("Master of Puppets") e com as guerras ("Disposable Heroes"). Imperdível para aqueles de cabeça e ouvido fortes (e mentes também).

Já *Metal Anarchy* é o segundo LP do Warfare, um power-trio inglês formado para anarquizar tudo e todos os rótulos do metal; do mais leve ao mais pesado, rápido e sujo. Evo, Falken e Gunner são tidos como a vanguarda britânica, junto a poucos outros. E passam tudo pela cara: são pesados e moleques debochados e isso já se nota logo na introdução em cima de *A Sound of Music*. Para completar, o LP é produzido por Lemmy e tem participação do guitarrista Wurzel (ambos do Motorhead). Saiam de baixo, crianças. *L.R.*

VÍTIMAS DO MILAGRE — Detrito Federal (Polygram)

Em sua segunda formação, o Detrito Federal se ressente e muito da falta das possantes amígdalas de Podrão e, definitivamente, a opção por Cascão deixou muito a desejar. *Vítimas do Milagre* nos joga numa montanha-russa de altos e baixos céleres. O produtor Charles Gavin bem que tentou, mas a colcha de retalhos country, funk, metal e punk saiu mal cerzida, o que deve ser debitado também à banda, "vítima" de sua própria imaturidade. *A.G.C.D.*

JODY WATLEY (WEA)

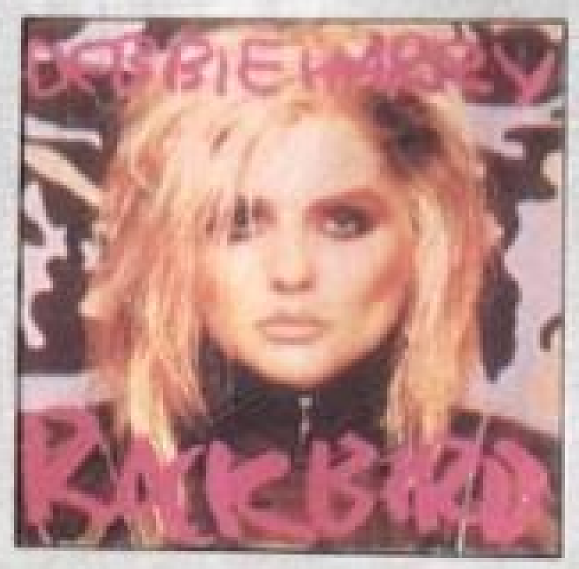
Em 77, Jody Watley e Jeff Daniels saíram de um musical de TV *(Soul Train)* para formar o Shalamar, grupo de pop soul de algum sucesso e curta duração. Em seguida, Jody entrou num período de ostracismo do qual tenta agora sair com seu primeiro LP. Na requintada produção figuram Andre Cymone (amigo de infância de Prince) e Bernard Edwards (baixista do Chic). O resultado, porém, não consegue entusiasmar, nem mesmo quando ela tenta soar como Grace Jones ("Still a Thrill") *C.P.*

THE MOON AND THE MELODIES — Cocteau Twins & Harold Budd (Eldorado/Stiletto)

Para desfrutar este álbum, você pode adotar uma atitude detalhista e rastrear os aspectos técnicos desta ambiciosa busca de perfeição musical. Robin Guthrie garimpa os infinitos recursos de timbres de suas guitarras para arquitetar melodias em tons impressionistas, pastéis ou vibrantes. Elizabeth Fraser elabora meandros puramente decorativos com sua(s) voz(es) barroca(s), o baixo cavernoso de Simon Raymonde sublinha climas subterrâneos ou submarinos e Harold Budd, discípulo de Brian Eno — o pai da matéria —, ilumina o tecido sonoro com as camadas de notas depositadas pelo seu piano, jóias num escrínio.

Mas você pode desprezar tudo isso para apenas curtir a beleza de "Why Do You Love Me" ou "She Will Destroy You", de uma riqueza de concepção e criação que alcança, por vezes, o sublime.

Por fim, tudo pode reverter, o prazer dando lugar aos bocejos e ao sono profundo — hipnose na santa paz celestial. *J.Y.N.*



ROCKBIRD — Debbie Harry (WEA)

A gata mais gostosa e carismática da quarta geração do rock está de volta. Quem mais senão ela, a única e divina Debbie Harry, a libidinosa voz que um dia fez do Blondie um dos melhores grupos da pop music. Neste seu segundo LP, muito bem produzido por Seth Justman (ex-tecladista da J. Geils Band), *la bionda* demonstra estar em plena forma em uma sexy aliança entre a pureza e a safadeza do universo pop. A faixa "Free To Fall" dá vontade de levá-la para cama até arrancar um último orgasmo. *F.N.*

WEST SIDE STORY — Leonard Bernstein (CBS)

Você vai ficar estalando os dedos tentando acompanhar a orgia orquestral e vocal. Bernstein mistura elementos hispânicos, franceses e germânicos, mas o resultado é americano, ou melhor, nova-iorquino. Deste musical consta o hit "America". A história é uma transposição da tragédia de Romeu e Julieta para a Nova York dos anos 50. Procure os seus chinelos de pom-pom e *voilà!* *L.T.*

SVENGALI — Gil Evans e Orquestra (WEA)

Ele pode ser definido como o rei do swing bebop. Parece um paradoxo, já que bebop foi o estilo que surgiu no fim dos anos 40 como crítica do jazz dançante massificado — o *swing*. Os jazzmen de estirpe da época, como Miles Davis e Charlie Parker, voltaram-se aos grupamentos camerísticos. Nem bombeiro nem incendiário, o maestro Gil Evans buscou unir a fórmula orquestral das *big bands* aos atrevimentos melódicos e harmônicos do bebop. O resultado é uma pirotecnia de aparência improvisadora, mas que esconde alta planificação. O LP *Svengali*, gravado em 1973, apresenta seis faixas. Uma delas só podia ser a indefectível "Summertime". Há também "Blues in Orbit", ótima expedição assimétrica do então criativo sax alto de David Sanborn. Um disco para amantes dos casamentos estranhos. *L.A.G.*

METAMORFOSE

Metamorfose, s.f.Gr. Metamórphosis. Mudança de uma figura ou forma para outra. | 2. Cada uma das transformações dos seres sujeitos ao metamorfismo. | 3. Mudança no aspecto geral das pessoas, originada por alteração no modo de vestir ou por outra qualquer. | 4. Transformação de gênio, de costumes, de caráter. | 5. Transformação de substâncias, operada por causas naturais. | 6. Mudança, transformação. | 7. Jeans, Blue Jinglers.

jinglers

Exclusividade C&A

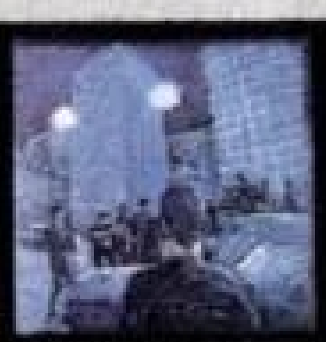
O JEANS QUE VIROU A MODA BLUE

RÁPIDO & RASTEIRO RÁPIDO & RASTEIRO RÁP

Numa época em que se reclama muito de pacotões, morosidade nos trabalhos da Constituinte, corrupção à solta e violência desenfreada, as nossas gravadoras agitam o mercado com pacotes e mais pacotes. Outros vão anunciando as vindas de Sting, Cult, Madonna etc. Vamos ao que interessa: para apaixonados menos exigentes, a bonita voz de **Veronica Sabino** interpreta Cantuária, Kiko, Lulu, Zé Rodrix e até Beatles em seu **COMO EU SEI** (Polygram). Coletânea de grupos novos pintam toda hora. Um é **MURAL DO ROCK** (Lupsom), onde se salva (?) **Thadeus e os Anjos da Guarda** com "Você em Nova York e Eu no ABC". A outra é de bandas novas inglesas (de 85) como **Persian Risk, Stratus** (com o batera Clive Burr, ex-Maiden), **Jaguar** e **Dianno** (ex-Maiden também). Chama-se **THE BEST OF BRITISH** (Continental). Do lado instrumental cite-se **Yellow Jackets**, cujo **SHADES** (WEA) chacoalha todas suas influências de música black, principalmente o funk. O baixista **Pixinga** lança LP com sua banda e também faz parte da coletânea **CONCENTRAÇÃO** (selo Jazz & Blues), ao lado do 440 e Zona Sul. Nessa mesma área nunca é tarde para falar do **Pau Brasil**, cujo **CENAS BRASILEIRAS** não deixa dúvidas, principalmente por "Pixote" e "Flor do Mato". Para matar comichões recolhidos em matinês empipocadas dos anos 40 e 50 a CBS tasca uma coletânea cinematográfica da sardenta cara de pureza de **Doris Day** e seus olhos verdes. Nesse **GREATEST HITS** ovós não resistirão a "Secret Love", "Bewitched", "Love Me Or Leave Me", "I Fall In Love" e, logicamente, a "Whatever Will Be Will Be" ("Que será, será"). Já do lado metálico, a Rock Brigade lança seus grupos compondo e interpretando em inglês, visando vôos internacionais. Um é o apocalíptico **Vodu**, com seu **FINAL CONFLICT**, e o outro é a grata revelação (média de 17 anos) do **Víper**, com instrumental e vocal bem a gosto dos headbangers em **SOLDIERS OF SUNRISE.** A Wea lançou ainda o atormentador **Overkill** em seu **TAKING OVER** e o ex-Kiss **Ace Frehley**, que mostra eficiência em **FREHLEY'S COMETS.** Só para encerrar: a Lupson acabou de relançar o álbum duplo **LIVE** e o **LOOK AT YOURSELF**, ambos do Uriah Heep.

L.R.

BOLSA DE DISCOS

BOLSA DE DISCOS						
	FAUSTO FAWCETT E OS ROBÔS EFÊMEROS (WEA)	IT'S TIME FOR Jonathan Richman and The Modern Lovers (WEA)	NUNCA FOMOS TÃO BRASILEIROS Plebe Rude (EMI Odeon)	BLACK CELEBRATION Depeche Mode (WEA)	ESTAÇÃO PRIMEIRA Gueto (WEA)	SHOULD THE WORLD FAIL TO FALL APART? Peter Murphy (WEA)
Alex Antunes	Bom	Razoável	Razoável	Lixo	Interessante	Bom
Jean-Yves de Neufville	Interessante	Lixo	Lixo	Bom	Bom	Bom
Bia Abramo	Lixo	Interessante	Razoável	Lixo	Bom	Bom
Luís Antônio Giron	Ótimo	Razoável	Interessante	Lixo	Bom	Lixo
Marcel Plasse	Razoável	Razoável	Lixo	Lixo	Bom	Bom
Thomas Pappon	Interessante	Interessante	Interessante	Razoável	Bom	●
Celso Pucci	Lixo	Interessante	Razoável	Lixo	Interessante	Bom

Ótimo
Bom
Interessante
Razoável
Lixo

jesus não tem dentes no país dos banguelas

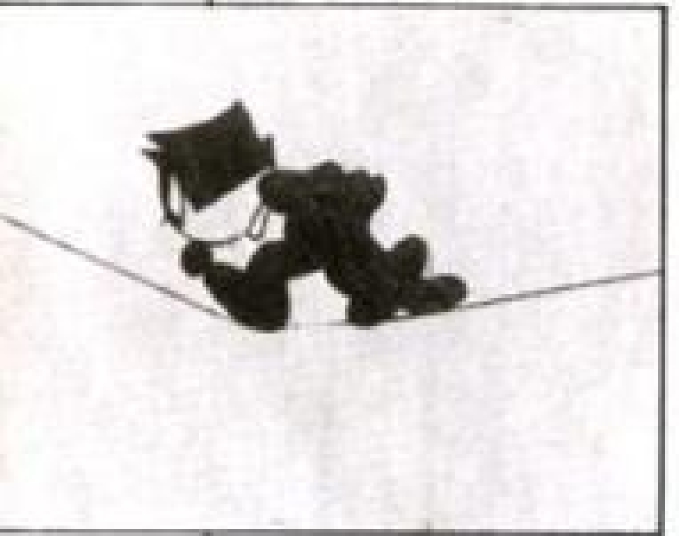
LANÇAMENTOS

A GAROTA DE ROSA SHOCKING (Pretty in Pink, 1986)

Direção: Howard Deutch. Com Molly Ringwald, Harry Dean Stanton, Andrew McCarthy e Jon Cryer. CIC.

Girl meets boy. A garota é pobre mas esperta. O cara é rico e meio babacão. Ela é Molly Ringwald, ultra charmosa e atriz promissora. Além de Molly, Harry Dean Stanton é o pai, impotente mas compreensivo e Jon Cryer, o amigo dela, típico adolescente palhaço e muito bom ator. O roteiro é bastante convencional e previsível, mas tem um humor divertido e uma trilha sonora simpática, que inclui Psychedelic Furs, New Order e OMD. Para rir da própria adolescência, presente ou passada. *B.A.*

GATO FELIX (Felix the Cat, 1930)
Direção e animação: Burt Gillets, Tom Palmer e outros. D.I.V.



O jovial Gato Felix, que entrou para o mundo da animação pelas mãos de Otto Messmer, completa, em 1987, 70 anos de idade. Esse herói por acaso é muito simpático, mas sempre solitário. A história da animação tem passagem obrigatória por Felix, com seus primeiros passos dados com real riqueza e registrados neste pacote de oito episódios que inclui outros bons personagens. Os desenhos, que tratam do aspecto ecológico antes do advento do tema, mostram a importância da vida comunitária com a natureza atuando como personagem coadjuvante. Vale a pena ver de novo. *W.S.*

RAMBO — PROGRAMADO PARA MATAR (Rambo — First Blood, 1982)

Direção: Ted Kotcheff. Com Sylvester Stallone, Richard Creena, Brian Dennehy. Transvídeo.

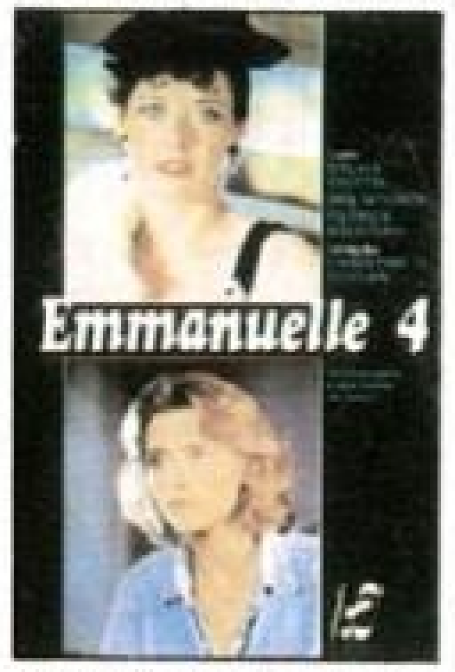
Um ex-combatente de uma tropa de elite americana no Vietnam é preso e destratado pelas autoridades locais de uma pequena cidade dos EUA. Ele consegue fugir E embrenha-se numa mata próxima, sendo perseguido, a princípio por policiais e depois por tropas do exército. Praticamente desarmado e contando apenas com seu aprendizado em táticas de guerrilha, o invencível Rambo não só consegue escapar como, de quebra, vinga-se destruindo a maior parte da cidadezinha. Um filme sustentado por sua ação e violência, com Stallone comunicando-se (?) quase que exclusivamente através de monossílabos e grunhidos, e que se perde apenas na cena final, quando o herói abre a boca para proferir um monólogo incompreensível e insuportável. *C.P.*

OS GRITOS DO SILÊNCIO (The Killing Fields, 1984)

Direção: Roland Joffé. Com Sam Waterson e Haing S. Ngor. V.T.I.

O cinema americano tem uma curiosa forma de falsificar a história: individualizando e focalizando na categoria dramas pessoais os acontecimentos reais. Esse é o caso de *Gritos do Silêncio* — a história real da amizade de um correspondente de guerra do New York Times, Schanberg, com seu intérprete cambodjano, Pran. Quando o Khmer Vermelho — o exército guerrilheiro que derrubou o regime militar de Lon Nol, apoiado e defendido pelos americanos — toma a capital, só resta a Schanberg dar o fora. Ele tenta salvar Pran mas o leal e fiel cambodjano cai num campo de extermínio e o filme descamba para uma espécie de relato das atrocidades do Khmer Vermelho. Falta precisão e informações para ser um documentário, para ser um drama, falta densidade. O encontro final entre Pran e Schanberg é uma pérola do sentimentalismo de mau gosto. E além de tudo, o filme é lento. *B.A.*

EMMANUELLE E SUA FORMA DE AMAR (Emmanuelle 4, 1986)



Direção: Christine Gozlan. Com Sylvia Kristel. Mia Nygren, Patrick Bauchau. F.I. Lucas.

Emmanuelle, personificada por Sylvia Kristel, tornou-se um grande êxito do cinema erótico e deu origem às inevitáveis continuações. Nesta quarta versão ela aparece apenas introduzindo a história, na qual Sylvia — desiludida com seu amado Marc (Bauchau) — parte para o Brasil a fim de submeter-se a uma operação plástica (seria alguma referência ao Dr. Pitanguy?) para conseguir um rosto e um corpo diferentes, e tentar esquecer sua velha paixão. Daí em diante ela é substituída em cena pela insossa Mia Nygren, no papel da nova Emmanuelle. E o erotismo, que seria a maior atração, não fica nem na intenção. *C.P.*

COMÉDIA

PRIMAVERA PARA HITLER (The Producers, 1968)

Direção: Mel Brooks. Com Zero Mostel, Gene Wilder, Kenneth Mars, Dick Shawn. Globovídeo.

Zero Mostel é um empresário teatral que engana velhas ricas fazendo com que invistam dinheiro em seus espetáculos inexistentes. Gene Wilder é um contador totalmente neurótico. Juntos, eles vão formar uma dupla impagável de trambiqueiros, que tem planos de ganhar muito dinheiro vendendo participações nos lucros de um espetáculo concebido para ser um fracasso total. Para isto, eles buscam a colaboração de um autor teatral maluco com pendores nazistas (Mars) e de um galã absurdamente canastrão (Shawn) para produzir o musical "Primavera para Hitler", que se torna um inesperado (e indesejável) sucesso. Uma inspirada estréia do diretor Brooks, também autor do roteiro, ganhador do Oscar. *C.P.*

MONTENEGRO — PÉROLAS E PORCOS (Montenegro, 1981)

Direção: Dusan Makavejev. Com Susan Anspach e John Zacharias. Polevídeo.

A Suécia é famosa pelo seu índice de suicídios e parece que o tédio é a causa mais comum. Em *Montenegro*, Anspach vive uma quarentona americana que mora em Estocolmo e está prestes a sucumbir ao marasmo, quando se envolve numa aventura erótica/existencial com imigrantes iugoslavos. Boa — engraçada — oportunidade para conhecer Makavejev, um criativo e anárquico diretor iugoslavo praticamente desconhecido no Brasil. Este, o único que foi lançado em circuito comercial, é seu filme mais convencional, mas nem por isso deixa de ser surpreendente. *B.A.*

TERROR

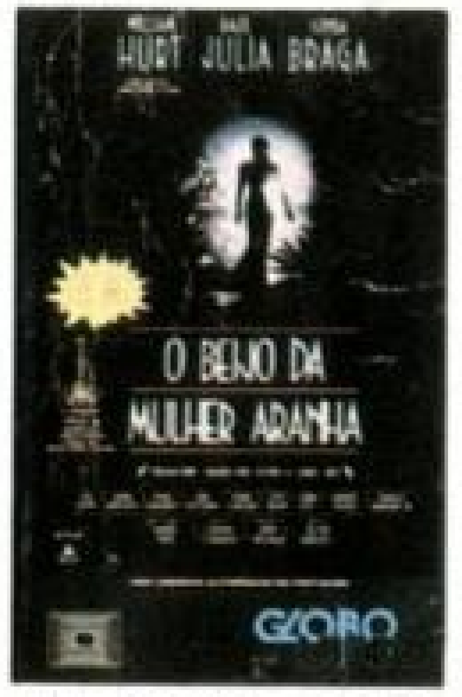
O ENIGMA DO OUTRO MUNDO (The Thing, 1982)

Direção: John Carpenter. Com Kurt Russell, A. Wilford Brimley, Richard Dysart, Richard Masur, Donald Moffat. CIC.

Refilmagem de uma ficção científica de 51, na qual um grupo de pessoas em uma estação polar vê-se ameaçado por um ser alienígena. Aqui trata-se de 12 pesquisadores de um laboratório americano na Antártida que descobrem uma nave espacial na qual estava uma criatura congelada há cem mil anos. Pouco a pouco vão descobrindo que ela pode assumir a forma orgânica que desejar. Uma trama de suspense garantido, apimentada com o horror explícito pelos efeitos especiais asquerosos das cenas de mutações do monstro. *C.P.*

DRAMA

O BEIJO DA MULHER ARANHA (The Kiss of the Spider Woman, 1985)

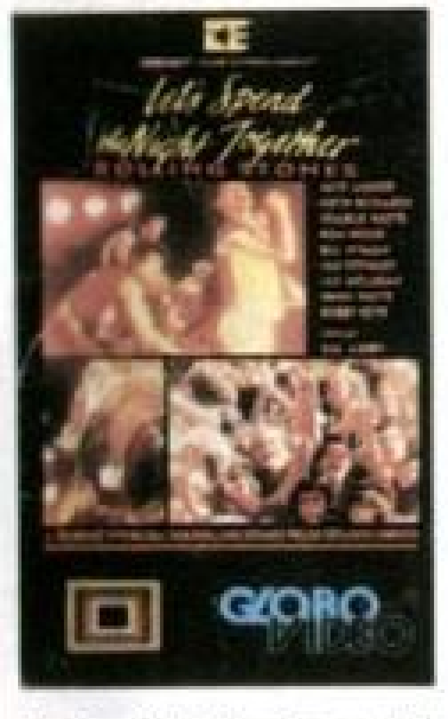


Diretor: Hector Babenco. Com William Hurt, Raul Julia e Sonia Braga. Globo Vídeo.

Adaptação do romance homônimo de Manuel Puig. Juntos numa cela, um gay preso por corrupção de menores (Hurt) e um militante de esquerda (Julia) acabam por se envolver. Bastante irregular, às vezes sentimental, às vezes sutil. As cenas dos filmes dentro do filme são fracas e os atores brasileiros, além do sotaque horrendo, decepcionaram. Hurt ganhou o Oscar pela interpretação do gay. *B.A.*

MUSICAL

LET'S SPEND THE NIGHT TOGETHER — ROLLING STONES, 1982)



Direção: Hal Ashby. Com os Rolling Stones. Globovídeo.

Usando um sofisticado equipamento cinematográfico, o irregular diretor Hal Ashby acompanhou a tour de 81 dos Stones pelos EUA, e editou este filme a partir de três concertos diferentes. Nele os *Glimmer Twins & cia.* mesclam composições de seus discos entre 77 e 81, clássicos antigos da banda e algumas músicas inéditas. Porém o filme não consegue transmitir a energia do mega-show dos Stones e tem um sabor de autoparódia, se comparado ao aterrador *Gimme Shelter* (70). *C.P.*

AVENTURA

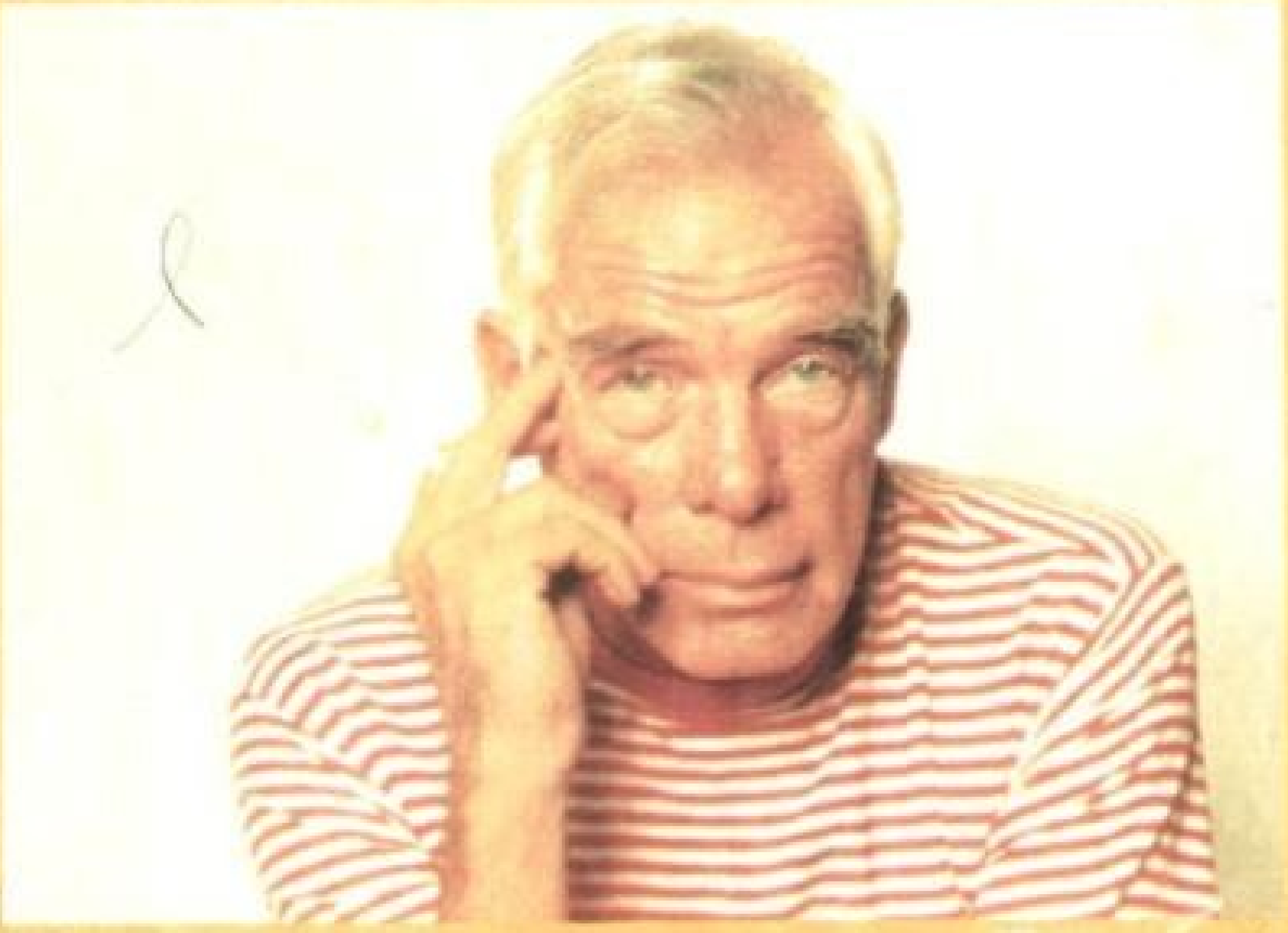
COMANDO DELTA (The Delta Force, 1986)

Direção: Menahem Golan. Com Chuck Norris e Lee Marvin. América Vídeo.

Quis o destino que de todos os magníficos gangsters, sargentos durões e *cowboys* que Lee Marvin viveu só nos restasse, em vídeo selado, esta infeliz caricatura de fim de carreira. Sob a direção de um gorila (Golan, o *big boss* da Cannon) e em companhia de outro (o inexpressivo Chuck Norris), ele protagoniza uma infame e racistésima diatribe antipalestina. *Disgusting.* Cadê seus desempenhos magistrais dirigidos por John Boorman (*A Queima Roupa*; *Inferno no Pacífico*), Ford (*O Homem que Matou o Facínora*), ou mesmo Michael Apted (em *Mistério no Parque Gorky*, um de seus últimos trabalhos)? Alô, distribuidoras, distribuam ou eu atiro. *A.A.*

Os vídeos foram cedidos pelas locadoras 2001 Vídeo (284-8019/8788) e Rentacom (826-4399) São Paulo.

LEE MARVIN



Seu rosto frio e cínico e o porte avantajado se adequavam perfeitamente aos tipos rudes, cruéis e ameaçadores que ele celebrizou nas telas ao longo de sua vasta carreira. Soldados, pistoleiros e gangsters implacáveis foram sempre desempenhados com maestria por Lee Marvin, um dos principais *tough guys* de Hollywood.

Marvin nasceu em Nova York, filho de um publicitário e uma editora de moda, em 19 de fevereiro de 1924, e desde cedo nunca foi exatamente o que poderia se chamar de "bom menino". Expulso de várias escolas, aos 20 anos torna-se fuzileiro naval e vai combater no Pacífico. Ferido por um estilhaço de bomba, passa quase um ano num hospital, de onde sai para trabalhar em um escritório. Então é convidado por um empresário teatral para fazer uma ponta em uma comédia. Depois de um curso de arte dramática é chamado para estrear uma peça na Broadway. Logo entra para a TV, onde chega a fazer 117 episódios do seriado *Mod Squad* (exibido também no Brasil).

Em 51 ele consegue uma chance no cinema em *Agora Estamos na Marinha*, de Henry Hathaway. É o ponto de partida das participações de Marvin em importantes produções durante os anos 50. Ao lado de Marlon Brando em *O Selvagem*, desfigurando com café quente o rosto da atriz Gloria Grahame em *Os Corruptos*, de Fritz Lang (ambos de 53) ou como um dos peversos habitantes de um vilarejo que tentam matar Spencer Tracy em *Conspiração do Silêncio* (54), ele construiu uma reputação de vilania talvez só comparável a de seu amigo Ernest Borgnine (com quem contracena neste último e em *O Imperador do Norte*, de 73).

Em 62, Marvin interpreta o bandido Liberty Valance no clássico western de John Ford *O Homem Que Matou o Facínora* e volta a ter uma atuação marcante em *Os Assassinos*, de 64, compensando a presença de Ronald Reagan em sua despedida do cinema. Um ano depois, em *Dívida de Sangue*, Marvin num papel duplo — um pistoleiro bêbado e um bandoleiro de nariz de lata — ganha o Oscar de melhor ator. A partir daí, com seu talento reconhecido, acumula memoráveis interpretações em filmes como *Os Profissionais* (66), *Os Doze Condenados*, *À Queima Roupa* (ambos de 67) e *Inferno no Pacífico* (68). É então um dos atores mais bem pagos de Hollywood e começa a atuar indiscriminadamente em vários tipos de produções. Isto fez com que sua carreira se tornasse marcada pela alternância de grandes êxitos e fracassos. Esta postura, assim como a maioria das personagens vividas por Marvin, refletia sua personalidade controvertida e contraditória. Beberrão notório, em 79, entre ressacas e pileques, foi condenado a pagar uma pensão vitalícia de mil dólares por semana para Michelle Triola, com quem viveu (sem se casar) de 64 a 70. Depois casou-se (pela segunda vez) com Pamela Feely, uma namoradinha de infância. Longe das telas, abominava a violência. Era como se a exorcizasse através dos inúmeros vilões que interpretou. Esta é a imagem que ficou de Lee Marvin, um homem que teve que manter a sua fama de mau.

Celso Pucci

FILMOGRAFIA COMPLETA:

Agora Estamos na Marinha (You're in the Navy Now, 51), Hong Kong (51), *Travessuras de Casados (We're Not Married, 52), Missão Perigosa em Trieste (Diplomatic Courier, 52), Onde Impera a Traição (Duel at Silver Creek, 52), Oito Homens de Ferro (Eight Iron Men, 52), Hangman's Knot* (52), *Irmãos Inimigos (Gun Fury, 53), O Pistoleiro (The Stranger Wore a Gun, 53), O Selvagem (The Wild One, 53), Os Corruptos (The Big Heat, 53), Gloriosa Brigada (The Glory Brigade, 53), Seminole* (53), *À Sombra das Palmeiras (Down Among the Sheltering Palms, 53), A Nave da Revolta (The Caine Mutiny, 54), Vingança Terrível* (The Raid, 54), *A Besta Negra (Gorilla at Large, 54), Conspiração do Silêncio (Bad Day at the Black Rock, 54), Não Serás Um Estranho (Not As a Stranger, 55), A Noite Conspira Com a Morte (A Life in the Balance, 55), Um Sábado Violento (Violent Saturday, 55), A Taverna Maldita (Pete Kelley's Blues, 55), Shack Out on 101* (55), *Morrendo a Cada Instante (I Died a Thousand Times, 55),* Pilastras do Céu (Pillars of the Sky, 56), *Sete Homens Sem Destino (Seven Men from Now, 56), Deus é Meu Juiz (The Rack, 56), Morte Sem Glória (Attack, 56), A Árvore da Vida (Raintree Country, 57), The Missouri Traveller* (58), *Os Comancheros (The Comancheros, 61), O Homem que Matou o Facínora (The Man Who Shot Liberty Valance, 62), O Aventureiro do Pacífico (Donovan's Reef, 63), Os Assassinos (The Killers, 64), Dívida de Sangue (Cat Ballou, 65), A Nau dos Insensatos (Ship of Fools, 65), Os Profissionais (The Professionals, 66), Tonite Let's All Make Love in London* (67), *Our Time in Hell* (67, apenas como narrador), *À Queima Roupa (Point Blank, 67), Os Doze Condenados (The Dirty Dozen, 67), Inferno no Pacífico (Hell in the Pacific, 68), Clamor de Justiça (Sergeant Ryker,* 68, adaptação para o cinema de um filme feito para a TV em 63), *Os Aventureiros do Ouro (Paint Your Wagon, 69), Um Homem Difícil de Matar (Monte Walsh, 70), Meu Nome é Jim Kane (Pocket Money, 71), A Marca da Brutalidade (Prime Cut, 72), The Iceman Cometh* (73), *O Imperador do Norte (The Emperor of the North Pole, 73), Os Três Discípulos do Diabo (The Spikes Gang, 74), Os Homens Violentos do Clã The Klansman, 74),* A Batalha da Vingança (Shout at the Devil, 76), *No Oeste Muito Louco (The Great Scout and Cathouse Thursday, 76), Samuel Fuller and the Big Red One,* (79), *Avalanche Express* (79), *Perseguição Mortal (Death Hunt, 80), Agonia e Glória (The Big Red One, 80), A Lei do Cão (Dogsday, 82), Mistério no Parque Gorky (Gorky Park, 83), The Dirty Dozen: Next Mission* (85, feito para TV), *Comando Delta (Delta Force,* 86, única disponível atualmente em vídeo), *Delta Force II* (86).

CBS

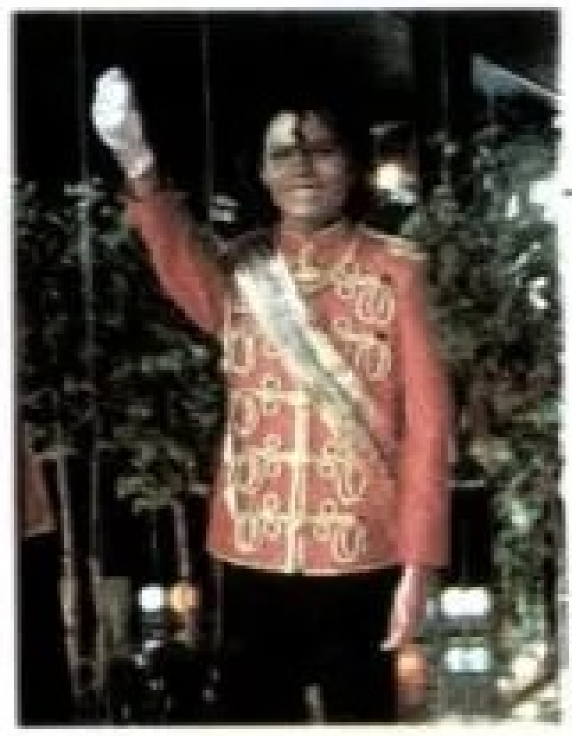


Foto Gamma/Sygma

AS AVENTURAS DE UM TRANSFORMER NO PAÍS DO GODZILA

MICHAEL JACKSON

Resumo do capítulo anterior: em 82, o caçula Jackson lançou *Thriller*, o LP mais vendido da história da fonografia mundial — 38 milhões de cópias. Cinco anos depois, ele está de volta. Seu objetivo: quebrar seu próprio recorde e vender 100 milhões de discos. Seu desejo secreto: tornar-se um arquimilionário antes de completar 30 anos.

ANA MARIA BAHIANA
De Tókio e Osaka

Dia 9 de setembro, Michael Jackson, seu empresário Frank Dileo, seu cozinheiro, seu chimpanzé de estimação, Bubbles (com o respectivo tratador), e mais uma equipe de mais de cinqüenta pessoas desembarcaram no aeroporto de Narita, próximo a Tóquio, Japão, para iniciar a turnê que o levará a praticamente todos os continentes (inclusive Brasil, América do Sul, em outubro de 88) ao longo de dezoito meses.

Manhã de sábado em Tóquio. Uma imensa bancada que ocupa dois terços do andar de baixo da Toy Park, a maior loja de brinquedos de Tóquio e autoproclamada maior do Japão. Transformers, robôs, jogos de tabuleiro, bonecas de quimono, tudo isso foi relegado ao fundo da loja, aos outros quatro andares. O ponto nobre de vendas da Toy Park está dedicado ao produto nobre da estação: os *Bonecos Michael*, divididos em dois tipos — réplicas exatas de Michael Jackson em pessoa, jaquetinha, luvas glitter, chapéu e tudo mais (3 mil ienes, cerca de 14 dólares) e os *Michael's Pets*, bichos de pelúcia que reproduzem, fantasiosamente, alguns dos animais de estimação que habitam a mansão do cantor em Encino, Los Angeles. Foram esses que Michael distribuiu para as crianças japonesas, numa festinha para cem convidados num salão do luxuoso Hotel Capital Tóquio: Spanky, um cachorro; Cool Bear, um urso; Mr. Bell, um malencarado buldogue; e, é claro, Bubbles, o chimpanzé. Bubbles em pessoa — com o mesmo macacão de jeans e a mesma camiseta listrada de seu boneco — compareceu à festa, uma mistura de boas-vindas e lançamento oficial dos *Michael's Pets* no Japão: trinta crianças japonesas cantaram e dançaram, refrescos foram servidos e Michael Jackson ficou no salão por uma hora, sorrindo muito, abraçando as crianças e deixando-se fotografar.

A poucos metros dali, na igualmente gigantesca loja de discos Yamano, no coração da famosa Ginza Strip, supercentro de compras de Tóquio, o gerente também está sorrindo: sua loja lidera o tilintante cortejo de boas vendas do LP/cassete/CD *Bad* no Japão: 4 mil unidades vendidas em três semanas, uma gota considerável num oceano que já tem 550 mil cópias vendidas e não mostra sinais de diminuir. *Bad* está, evidentemente, em primeiro lugar numa parada que tem pouquíssimos estrangeiros (Suzanne Vega e Whitney Houston são seus únicos companheiros *gaijin*). "E sabe do que mais?", sorri o gerente, "veja quem reapareceu em sexto lugar na parada: *Thriller*, ele mesmo. Não é surpreendente?"

A verdadeira trilha sonora da turnê de Michael Jackson é o doce som dos negócios. Nenhum mercado é tão exemplarmente consumidor quanto o japonês: vive-se aqui numa espécie de capitalismo fluido, ultrasegmentado, onde o consumo é rigorosamente orientado por faixa etária e estilo de vida e onde o dinheiro circula numa velocidade tão grande quanto a do trem-bala, o famoso Shinkanzen, que desenvolve 240 km/hora sem sequer balançar. É o anti-shogunato: ninguém tem dinheiro suficiente para comprar terra ou imóveis, e os ultrapotentes carros são inúteis em ruas e avenidas permanentemente congestionadas. Com o vigoroso iene, então, compram-se bens transitórios: roupas novas, *gadgets* (objeto ao mesmo tempo decorativo e utilitário), equipamentos sofisticadíssimos de som e vídeo, computadores portáteis, compact discs, bonecos de pelúcia, ingressos para shows. Aqui Michael poderia testar em paz o músculo de seu projeto, conhecer o potencial e as limitações do seu sonho, organizar melhor sua estratégia.

Assim foi feito, e Jackson/Dileo encontraram parceiros à altura: a Pepsi Cola e o conglomerado NTT — Nippon Television and Telecommunications —, um gigante de telecomunicações recentemente privatizado.

A Pepsi não está ganhando dinheiro diretamente com os shows, mas em julho e agosto, meses-pique da campanha pré-Micahel Jackson, suas vendas dobraram. A NTT está arrecadando a parte gorda da venda de ingressos — depois que a MJJ de Michael e Dileo retira sua porcentagem, que, ao término da excursão, representará cerca de 3 bilhões de ienes (cerca de 2 milhões e meio de dólares), despesas incluídas. Os Michael's Pets e toda a parafernália de souvenirs que acompanha a turnê — de camisetas de 2 mil ienes (menos de 14 dólares) a chapéus de 4 mil e 500 ienes (cerca de 32 dólares) — são assuntos controlados pessoalmente por Jackson e Dileo, através de licenciamento de marcas. A gravadora Epic/Sony — a CBS japonesa — entra como apoiadora, cuidando de promoção, publicidade e marketing e recolhendo os frutos de uma vendagem que, segundo o gerente internacional de produtos, Akihiko Shimizu, promete ser histórica. "Estamos indo numa velocidade excepcional e vendemos em um mês o que planejávamos para um semestre", ele diz.

Tarde de segunda em Aoyama. No imenso escritório da Epic/Sony em Tóquio — um andar no elegante prédio Aoyama Twin, em frente aos jardins do palácio de hospédes do imperador —, Michael Jackson está por toda parte: nos posters pelas paredes, nos buttons pregados nas blusas das recepcionistas, em camisetas vestidas pelos funcionários. Akihiko, o jovem gerente internacional, está vestindo uma delas enquanto explica que, a princípio, a gravadora ficou surpresa e não muito satisfeita com o fato de o Japão ser o ponto de partida da turnê mundial de Michael Jackson. "Começar pelo Japão não foi idéia nossa e, francamente, nossa primeira reação foi negativa. Sabe como é, existe a idéia de que um show começando fora dos Estados Unidos e Europa é mais um ensaio, não está completo... Havia o impacto recente dos shows da Madonna e a fama de esquisitice que Michael Jackson tinha desenvolvido nos últimos anos." Akihiko acende mais um cigarro: "Fizemos o possível para desmanchar essa impressão. Nossa campanha foi toda no sentido de mostrar Michael como um artista com um passado importante no pop, e não apenas como uma curiosidade a partir de *Thriller*, que era a imagem que ele tinha no Japão". Michael tem ajudado nesse sentido? Akihiko suspira e traga o cigarro: "Ele não foi à própria coletiva, aqui em Tóquio." Ele faz uma pausa longa, típica da circundante fala japonesa formal. "Quincy Jones está cem por cento certo, sabe? Michael é uma mistura perfeita de criança e inteligentíssimo homem de negócios."

Kevin Mazur/LFI

A verdadeira trilha sonora da turnê de Michael Jackson é o doce som dos negócios. Bad está em primeiro lugar numa parada que tem poucos estrangeiros

Zuffante/Starfile/Stills

Um clone? Uma criança? Um milionário excêntrico? Um extraterrestre? No desembarque do aeroporto em Naritama — acompanhado por seu chimpanzé, seu empresário Frank Dileo (de barba) e mais cinquenta pessoas — parece ser apenas um pop star bem sucedido. Nos dias que se seguiram, ele provou ser também um esperto homem de negócios

Para a imprensa japonesa, habilmente manobrada pelos esforços conjuntos da Epic/Sony e da MJJ, foi servido, em abundância, o Michael-criança. Entrevistas, nem pensar, mas as fotos foram amplamente facilitadas, assim como um estoque sempre renovado de notinhas amenas. Michael sorridente, Bubbles *à côté*, abraçado às crianças na festa de lançamento dos Michael's Pets. Michael no carro da roda-gigante do parque de diversões Korakuen, onde fica o estádio dos shows de Tóquio, e que ele alugou por duas horas na tarde do dia 10, para se divertir com cinqüenta convidados. A suíte do Hotel Capital Tóquio, que ele mandou redecorar, incluindo videogames, central de som e vídeo, chão de mármore branco e novos papéis de parede, para eliminar o cheiro de cigarro. Os brinquedos que comprou numa visita à loja Kiddy Lands, na chiquíssima avenida Ometesando (dois bloquinhos, uma pipa, duas canetas, meros 2 mil ienes, cerca de 14 dólares). A visita à fábrica da Sony, para conhecer as últimas novidades tecnológicas. O cozinheiro particular que prepara suas refeições vegetarianas e os sucos de frutas que compõem seu jejum semanal aos domingos.

A imprensa reagiu à altura: encantada. "Ele é muito mais simpático e gentil do que esperávamos", resumiu a revista semanal *Focus*, guia de diversões. "Michael Jackson tem sido uma surpresa para os japoneses", admitiu o jornal *Sanke Sports* (por alguma razão niponicamente misteriosa, são os jornais esportivos que cobrem show business).

Enquanto isso, a revista semanal de notícias *Shukan Shincho* fez as contas: só de ingressos, Michael Jackson receberá mais de 2 bilhões de ienes com seus treze shows japoneses, vistos por 370 mil pessoas, arrebanhando um público muito diferente de sua rival mais recente, Madonna: não apenas adolescentes em bando, diz a revista, mas crianças e seus pais.

Surpreso e feliz, Akihiko Shimizu concorda: "Michael está se tornando uma exceção absoluta no Japão — ele é o primeiro artista que vejo atrair todas as faixas de público, de crianças a senhoras, de teenagers a *salary men* (nome genérico para profissionais de qualquer categoria, no Japão), que vão aos shows de gravatinha e tudo. Nenhum artista japonês, cantando em japonês, conseguiria isso".

Noite de domingo em Osaka. Silencioso, o trem corta a noite úmida do centro-oeste japonês, partindo de Tóquio, a nova capital, à capital do leste, rumo a Osaka, que nunca foi capital, mas sempre foi centro de poder — e que, por isso, mantém com Tóquio uma longa e amigável rixa estilo Rio-São Paulo (Osaka sendo São Paulo, o que é estranho, já que Tóquio é a coisa mais parecida com São Paulo desde São Paulo). Osaka é uma cidade de negócios, rica, dura, um contraste com sua doce vizinha, a antiga, elegante e aristocrática Kyoto, velha capital do Japão. Entretanto, as casas minúsculas e os gigantescos prédios que o trem revela ao flutuar, aço imponderável, sobre seus quintais, são quase miseráveis para padrões de primeiro mundo: caixas de morar onde muitas vezes duas ou três famílias ocupam o mesmo quarto-e-sala, roupas secando na varanda, comida preparada em fogareiro num canto da sala (ao lado, provavelmente, de um moderníssimo televisor/videocassete). Esse é o público que parte, em bandos alegres, para ver Michael Jackson na segunda parte de sua Japan Tour: os filhos dessas famílias das caixas de morar, meninos e meninas que estudam doze horas por dia, seis dias por semana, e preferem conversar a ir ao cinema, e comprar a namorar.

Num fluxo ininterrupto, os bandos descem da estação de Nuishyinomis em direção ao estádio —

Versátil, ele finge ser mau, rebola, dança como breaker, canta aos soluços, faz discursos sentimentais e usa truques de teatro. Os japoneses, que pagaram até mil dólares por ingresso, se encantaram

Starlite/Stills CBS

Kevin Mazur/LFI

que não tem estacionamento, e para quê? (O tumulto dessa multidão pelas ruelas e vilas em torno do estádio tem sido tamanho que a Kyoto Tokyo Inc., promotora dos shows, distribuiu 150 ingressos pelo bairro, para sossegar a vizinhança.) Em volta do estádio, entre barracas de souvenirs, balcões de sushi e *soba* — macarrão, uma das comidas mais baratas e populares do país — e confeitarias, os cambistas tentam negócios de última hora: todos os concertos japoneses estando vendidos por completo, um ingresso passa dos 5/6 mil e 500 oficiais para qualquer coisa entre 7 mil e 140 mil ienes — de 500 a mil dólares!

Às seis e meia, o estádio — 30 mil lugares — está ordeiramente lotado por uma platéia inacreditavelmente híbrida para padrões japoneses: yuppies em ternos Issey Myiake, famílias inteiras com crianças, mocinhas em vestido de festa, rockers de jaqueta de couro e até senhoras em quimonos tradicionais. O sistema de som toca Peter Gabriel, e os vendedores ambulantes fornecem *sunakus*, saquinhos de biscoitos salgado e nozes, café com leite em lata gelado e, é claro, Pepsi Cola.

Às sete horas, um rufar surdo, eletrônico, anuncia que o show vai começar, iluminam-se as telas laterais de vídeo que cercam os dezoito metros quadrados do palco, meninas começam a gritar, senhoras de quimono sobem nas frágeis cadeiras de dobrar: de um praticável inteiramente estruturado em luzes, Michael Jackson emerge no centro do palco, cercado por sua banda (sete músicos, inclusive uma guitarrista loura de quase dois metros de altura), mais quatro cantores (que também dançam) e quatro dançarinos (que também cantam). A música de abertura é "Starting Something", em tempo acelerado — um ritmo funk frenético, bem mais para Prince do que para Jacksons, que marcará os 90 minutos de show. O visual de todos é glam/funky/mad max: paetês e lamê e cabelos à moicano. Michael de negro e brilhos, rabo-de-cavalo, muito magro, uma variação de luxo da capa do LP.

O efeito é devastadoramente eficiente: sem parar, Michael emenda "Things I Do For You" e "Off the Wall", numa coreografia que ocupa toda a área do palco e inclui os clássicos passos — Michael num contexto muito mais sensual e agressivo. As mocinhas em vestido de festa gritam muito cada vez que ele rebola e sugere que está passando a mão no pau, uma novidade na cena pop japonesa onde os *aidorus*, os ídolos juvenis, são rigorosamente anódinos.

Em "Human Nature" o show muda ligeiramente de curso: uma chuva de laser colorido inunda o palco, e Michael fica sozinho em cena pela primeira vez — parece incrivelmente concentrado, quase alheio à presença da platéia, e canta com um *punch* surpreendente — no final, fazendo seu clássico *moon walk* (o passinho para trás característico dos breakers) sob uma cascata de lasers. "Heartbreak Hotel" — que não é a de Elvis — vem a seguir, precedida de um texto falado (incompreensível com certeza para a maioria da platéia, cujos conhecimentos de inglês são incrivelmente limitados): caminhando pela rua, sozinho e infeliz, só via aquele cartaz vermelho piscando sua mensagem insistente: hotel. "She's Out of My Life" mantém o clima intimista/solitário: superbalada, Michael canta aos soluços, dando a entender que está chorando (a platéia pontua tudo com *aaas* e *ooos*, parece convencida de que ele está chorando mesmo: entretanto, ele tem incluído esta rotina em todos os shows japoneses).

"Vamos lhe dar canções antigas do jeito antigo", Michael anuncia numa das pouquíssimas intervenções faladas (as outras duas, ao longo do show, são para dizer *domo arigató*, muito obrigado, e *konbawa, Osaka*, boa-noite, Osaka) e lidera cantores e dançarinos num medley de sucessos dos Jacksons, com direito a todos os passinhos tradicionais de grupos black. Um frenético show de luzes e coreografia non-stop (assinada pelo próprio Michael) estabelece o tom de festa nas músicas seguintes — "Rock with You" e "My Lovely One" — até a apoteose de "Working Day and Night": primeiro, num gesto que a imprensa tem chamado de "surpreendente", desce para a primeira fila da platéia e aperta as mãos de vários adolescentes em êxtase absoluto. Depois, sobe uma escada gigantesca no centro do palco e simplesmente desaparece sob uma cortina prateada para reaparecer quinze metros adiante, sobre uma grua, com uma roupa diferente e sem perder um compasso da canção. Com Nishyinomia em delírio, Michael e os dançarinos se ocupam do terço final, o mais infeliz do show: uma tentativa frustrada de reproduzir no palco coreografias e climas dos videoclips de "Beat It", "Billie Jean" e "Thriller". "Billie Jean" é salva pela elegância da coreografia solo de Michael — sua rotina clássica, com luvinhas, meias brilhantes, chapéu e tudo, mas ainda merecedora da aprovação de um Fred Astaire. "Beat It" fica positivamente canhestra. "Thriller" quase parece show dublado de calouros, até que a iluminação muda e roupas e maquiagem assumem um tom convincentemente fantasmagórico. "I Just Can't Stop Loving You" e "Bad" ficam guardadas para o bis, é claro. No último dia em Osaka, Michael dedicou "I Just Can't Stop..." aos pais de um menino de 5 anos, Yoshyaki, raptado e assassinado dois dias antes, e fez um breve discurso sobre como essas coisas terríveis e dolorosas não podem mais acontecer em nosso mundo. "Bad", apesar de atacada fora do tom por Michael, resiste bem à prova de palco. E não adianta o público pedir mais — 90 minutos e dezesseis canções depois, Michael Jackson dá seu espetáculo por encerrado.

Fila a fila, setor por setor, ordeiramente e sem empurrões, os 30 mil espectadores deixam Nishyinomia.

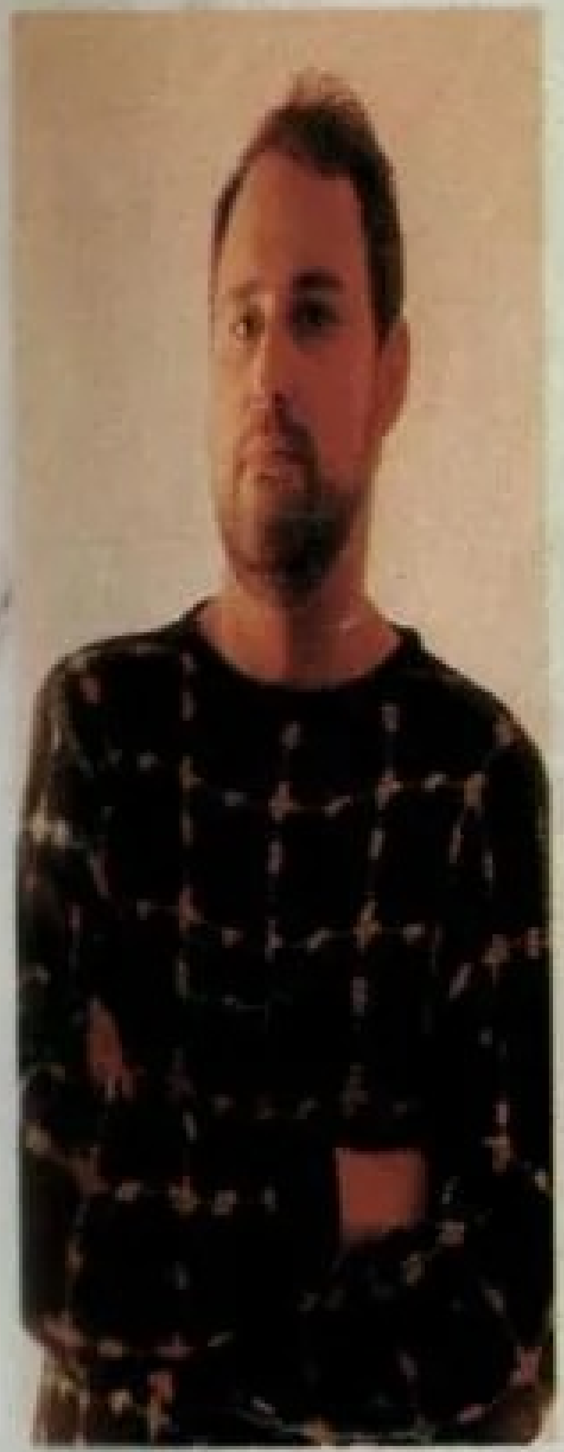
No dia 23 de setembro, Michael Jackson e sua equipe retornarão a Tóquio para mais um show — desta vez em Yokohama, a 40 minutos da capital — e uma visita à Disneylândia japonesa, onde seu filmete *Captain Eo* é a grande atração. Felicíssimo com os resultados da Japan Tour, Frank Dileo já anunciou mais três shows na área de Tóquio, sempre nos fins de semana, para atender às necessidades específicas do público japonês, embora isso implique gastos mais elevados de permanência. Através de sua assessoria de imprensa, Michael Jackson em pessoa permitiu-se um pronunciamento público: o Japão, ele disse, é um dos mais fantásticos países do mundo e ele está profundamente grato.

Obviamente ele sabe o que diz.

ART DECADE
OUÇA ISTO
PREFAB SPROUT VERDI SECTION 25 BEETHOVEN THE THE CHOPIN TALKING HEADS
THE SMITHS COLOURBOX RAVEL PRINCE ART OF NOISE TCHAIKOVSKI SISTERHOOD
JOY DIVISION NEW ORDER X MAL DEUSTSCHLAND SISTERS OF MERCY THE CURE PIL
LISZT THE JESUS & MARY CHAIN WAGNER KATE BUSH TOM WAITS BRONSKI BEAT
BIZET COCTEAU TWINS DIF JUZ BEAST BOYS THE CRAMPS RUM DMC
EVERYTHING BUT THE GIRL TEARS FOR FEARS AZTEC CAMERA
SIOUXIE & THE BANSHEES VELVET UNDERGROUND DEBUSSY
RIMSKI KORSAKOV DURUTTI COLUMN DAVID BOWIE LLOYD COLE WATERBOYS PRINCE
THE MISSION THE DOORS EINSTURZENDE NEUBAUTEN FALL
PRETENDERS WOLFGANG PRESS GENE LOVE JEZEBEL SOFT CELL COLOUFIELD VERDI
PINK INDUSTRY BAD LAURIE ANDERSON A CERTAIN RATIO KATE BUSCH THE DOORS
ECHO & THE BUNNYMEN BRIAN ENO MOZART THE CULT BAUHAUS CABARET VOLTAIRE
CD DISCO CLUB
tel: (011) 262.7975/65.3865
...ALgo DIfeRENTE
Rua Oscar Freire, 2286

A PARTIR DE SETEMBRO OS 180.000 QUE OUSARAM ALGUNS **PASSOS NO ESCURO** JÁ PODEM SE EXPOR AOS VÍCIOS E MISTÉRIOS DA CARNE HUMANA.

ZERØ



O NOVO TRABALHO DO ZERØ EM DISCOS E FITAS

EMI

C A R N E H U M A N A

PROJETO GRÁFICO POJUCAN • FOTOS WALMOR DE OLIVEIRA

INOCENTES

"ROCK'N'ROLL É MÚSICA DE BURACO!"

Eles são contra a idéia de que a cultura jovem brasileira é inferior à de fora. Em seu novo LP, Adeus Carne, eles dão provas concretas para os possíveis porquês e acrescentam sérias críticas...

[redacted] Falar dos Inocentes é falar de parte da história do rock nacional que foi soterrada pela ditadura nas catacumbas da era discoteque. "A Idade Média da cultura jovem brasileira", como diz Clemente.

Aquele bando de garotos "malcomportados e com cheiro de periferia" não interessava à mídia e adjacências. Ignorá-los foi fácil. Difícil é apagar a história, já que a sombra desses moleques acompanha 99% do rock produzido aqui de 82 até agora. E todo o pessoal que freqüenta a mídia hoje em dia se recusa a olhar para trás e admitir essa influência. O resultado disso tudo é o seguinte: devido a nossa já decantada falta de memória, de registro, os Inocentes ouvem, pelas ruas ou de alguns ouvintes, frases como: "O som de vocês é parecido com o do Titãs..." E o que eles acham disso? "A gente ri, acha engraçado. Para falar a verdade, é triste! Historicamente muita coisa ficou perdida no Brasil. Hoje em dia você lê uma entrevista e parece que tudo começou em Brasília ou no rock paulista. Ninguém sabe o que aconteceu. Ninguém sabe quem é quem", avalia Clemente.

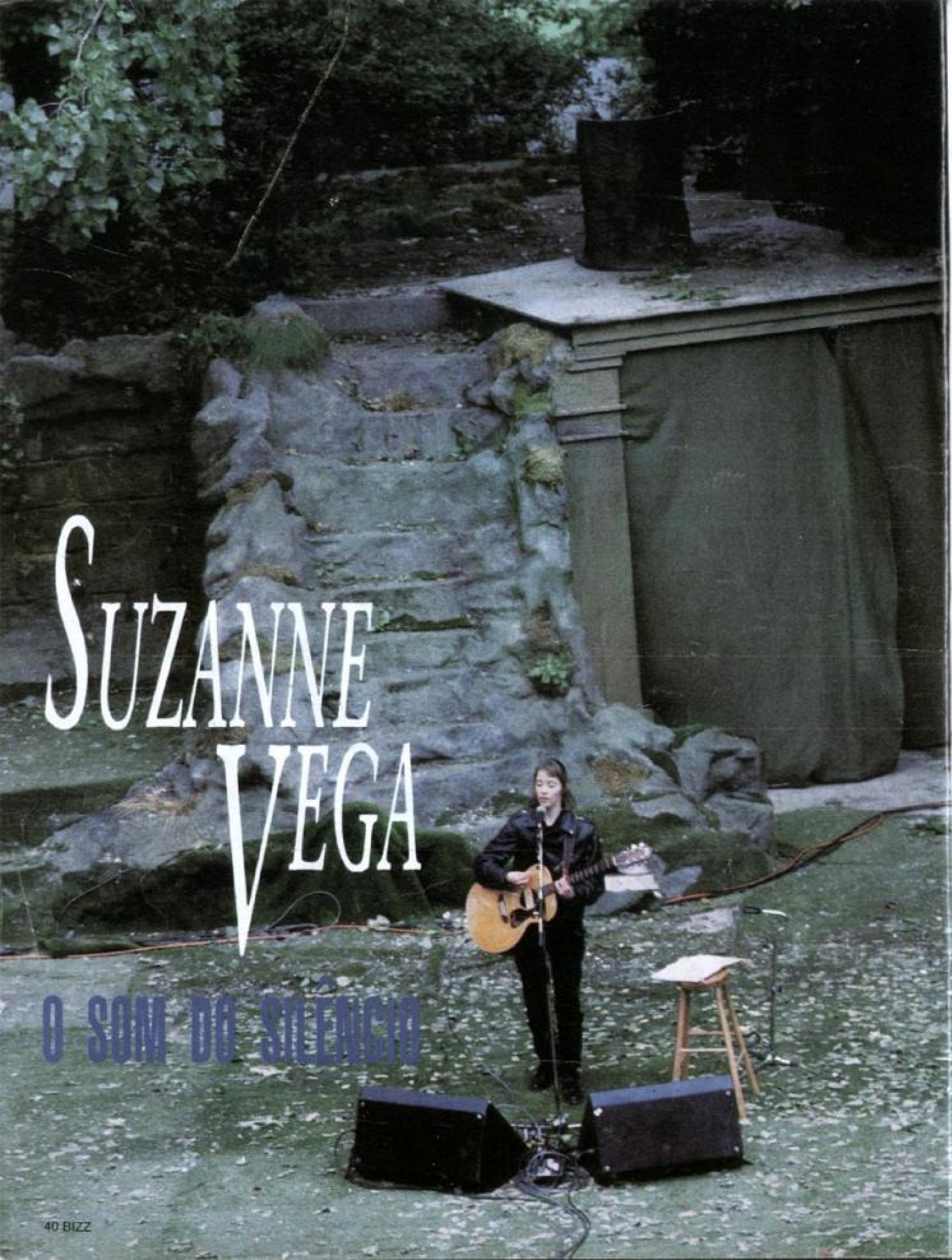
Impossível voltar o relógio e tentar esclarecer, empiricamente, toda essa confusão. Fica a esperança de dias melhores, já que a evolução natural das coisas é inevitável. Desde 78 os integrantes dos Inocentes — André (baixo), Ronaldo (guitarra), Tonhão (bateria) e Clemente (vocal/guitarra) — fazem rock. Hoje eles nem gostam de usar essa palavra para se referir a sua música. "É foda assumir o rótulo de rock, porque o pop está com rótulo de rock", diz Clemente. Expliquem melhor. Tonhão: "Neguinho faz MPB decadente, com falta de vergonha, e diz que é rock". Ronaldo: "Rock'n'roll não é música de elite, é música de buraco... O cara que nasce boy vai morrer boy. Pode virar punk hoje, mas amanhã vai ser boy de novo".

Mas, apesar disso tudo, registro é registro e quem tem ouvido vai perceber as diferenças... Os Inocentes ainda são um dos poucos que podem ressarcir quaisquer dúvidas. De toda a leva de 78, eles foram os únicos que conseguiram chegar a uma grande gravadora. Em 86 — ou seja, com uma defasagem de oito anos —, eles lançaram o primeiro míni-LP pela WEA, *Pânico em SP*. Segundo eles, foi um disco feito às pressas, com o grupo numa formação ainda capenga. "O Ronaldo toca, originalmente, guitarra. Teve que assumir o baixo porque o André estava servindo o Exército. Entramos às pressas no estúdio e gravamos tudo muito rápido", diz Clemente. E este *Adeus Carne?* "É o que a gente mais gosta. Antes de irmos para o estúdio, ensaiamos muito, fizemos todos os arranjos. Ele *(o disco)* consegue retratar a fase atual da banda. Foi, também, uma interação de nós quatro: tivemos mais tempo juntos e isso foi superlegal." E quanto à produção do Peninha? Tudo bem? Tonhão: "A gente briga um pouco, mas acaba conseguindo o que quer". Clemente: "Rolou num ótimo clima. Mas, também, se a gente não curtisse, tacava fogo no estúdio, quebrava tudo e ia embora". No dia-a-dia, algo mudou? "Apenas que hoje conseguimos sobreviver de música", completa, ainda, Clemente.

O disco veio forte. O grupo já o é. Mesmo assim eles não alimentam esperanças de freqüentar as FMs. "Rádio é meio difícil. Não sei como funciona", continua ele. Ronaldo: "Está tudo tão ruim que nem rádio ouço mais. Só escuto porque não sou surdo — todo lugar que eu passo tem um rádio ligado".

Além de todo o trabalho com o grupo, Clemente está tramando outras investidas. Uma delas é remontar uma das mais significativas bandas daquela época, Restos de Nada, só para gravar um LP para cobrir a triste defasagem histórica. O disco deve sair pelo selo independente Devil e trará a formação e os arranjos originais. Ariel reassumiria os vocais, Clemente o baixo, Douglas a guitarra e Charles "Carlinhos" a bateria. Fora isso, Clemente está produzindo uma coletânea pelo selo Ataque Frontal intitulada *Contra-Ataque* e que promete ser uma das mais expressivas do gênero *garage band* do momento.

Para finalizar, eles acham que ainda há muito a fazer neste Brasil. Não se consideram inferiores aos roqueiros do exterior e concluem: "Enquanto mantivermos uma postura inferiorizada, não passaremos de subcultura para o resto do mundo". E, antes que comecem as comparações de estilo com outros grupos, avisam: "Agüentem ou façam alguma coisa para chatear a gente". Mais? "O rock inglês é demais? Então vão para lá morar com eles." *Sônia Maia*



SUZANNE VEGA

O SOM DO SILÊNCIO

Cool, quieta e aparentemente frágil. De repente, a "cantora solitária" invadiu os primeiros lugares das paradas americanas com seu LP Solitude Standing, *ao lado de colegas bem mais agitados e/ou barulhentos. Inesperado, mas de forma alguma imerecido. Foi a conclusão de* Ana Maria Bahiana

Suzanne faz um gesto vago com suas mãos muito brancas, longas e delicadas. "Eu acho muito estranho. Eu me lembro que quando comecei, há uns dez anos, então com 16 anos, meu objetivo era ter alguma liberdade pessoal, não precisar trabalhar num escritório para sobreviver. Mas, de repente, faço sucesso e sou aceita dessa maneira, mas tenho certeza de que não era isso que eu queria e ansiava desesperadamente. Essa histeria... isso é muito estranho e eu não acho que tenha feito nada para merecer isso. Quero dizer que, há dez anos, ninguém gritava para mim. E, com certeza, não gritarão mais para mim daqui a dez anos."

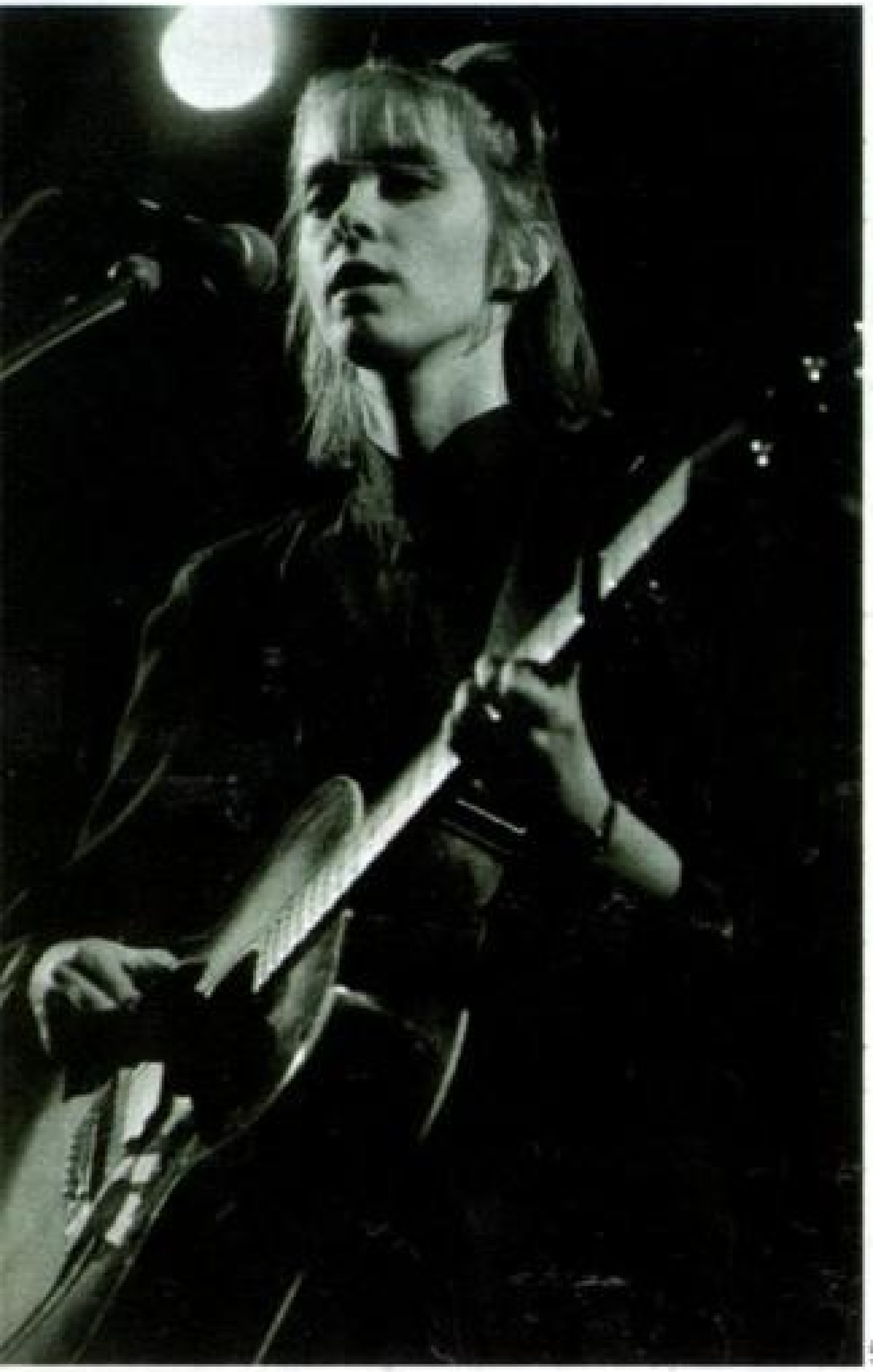
Suzanne realmente não fez nada para merecer isso. Nada, a não ser manter-se rigorosamente fiel a seu estilo sereno, agudo e introspectivo de folk urbano, na tradição de Bob Dylan — uma influência que ela assume com orgulho: "Mais que a música, foi a atitude dele que sempre me atraiu, o projeto de mudar o mundo com uma guitarra e uma canção, o cantor solitário" —, Paul Simon, Leonard Cohen, Laura Nyro e Tim Buckley. Ela sabe que é um caminho solitário e um tanto exótico numa era em que todo adolescente sonha não com o intimismo do cantinho-e-violão, mas com uma armada de guitarras furiosas para demolir casa, família, escola e tédio. "Eu sei que parece estranho às pessoas. Até para mim mesma parece estranho quando vejo em perspectiva. Mas faz algum sentido. Eu sempre fui uma criança quieta. Meus pais sempre foram os rebeldes, tanto quando adolescentes como já adultos, eles sempre foram os selvagens da casa. Talvez, então, tenha descoberto que meu jeito de expressar revolta deveria ser de um jeito calmo... achar meu próprio lugar. Enquanto os adolescentes se rebelam tornando-se agressivos, eu me rebelei me tornando ainda mais quieta."

E havia, ainda, a mágica das palavras para conduzir Suzanne pela sua serena revolução. Mais velha dos quatro filhos de seus "jovens/rebeldes pais", Suzanne cresceu primeiro no Harlem hispânico, do lado leste de Manhattan, e depois nos últimos quarteirões brancos do lado oeste, quase na fronteira com o Harlem negro — uma casa onde as palavras eram quase tudo. Seu pai é um imigrante porto-riquenho para quem o inglês é a segunda língua, que foi aprendida depois — e tão bem que, hoje, ele é um escritor de sucesso. "Lá em casa, sempre se deu uma importância enorme à qualidade da expressão verbal, a usar as palavras certas para definir e explicar as coisas. Por isso eu cresci prestando enorme atenção, em primeiro lugar, às palavras." A música veio um pouco depois e resolveu, para Suzanne, o enigma das palavras — além do jazz que seus pais adoravam, Suzanne interessou-se por Dylan, Woody Guthrie e pela bossa-nova soft de Astrud Gilberto — "era o que eu ouvia mais". A música encontrou um caminho para as palavras. Suzanne explica: "Eu ganhei um violão de meus pais, comecei a brincar com ele e vi que certas séries de acordes serviam como apoio para as palavras. Gostei muito disso, de saber que, tendo uma melodia, as palavras teriam um lugar certo. Quando tinha mais ou menos uns 14 anos, eu fiz minha primeira canção e fiquei extremamente feliz, porque foi tão fácil... Vi, então, que tinha encontrado um ângulo próprio — um meio pessoal de expressar o mundo com palavras".

O fato de que o mundo, lá em sua amada Nova York, estava sendo sacudido pela primeira maré pós-punk, e a cidade fervia entre o CBGB e o Max's Kansas City, não a assustou nem um pouco. Suzanne estudava literatura na fechadíssima e exigente Universidade Barnard e sonhava com o Village — "por causa de todo o passado boêmio do bairro, por causa de Dylan" — quando sua mãe veio lhe mostrar, num artigo de jornal, que a cena folk da cidade voltava a concentrar-se no mesmo Village e estava tão ativa quanto nos idos de 60 e pouco. O ano era 1980; Suzanne, na flor dos 19 anos, pegou seu violão e mudou-se para o Village, cantando nos clubes em torno da Washington Square e, principalmente, no Folk City, que fez a fama de Dylan e Joan Baez.

Em pouco tempo, estava enturmada com os novos folkies do Village, uma discreta sub-revolução percorrendo por baixo a maré wave de Nova York. "O curioso é que essas pessoas ainda estão lá, fazendo as mesmas coisas, canções que são profundamente poéticas, expressivas e contrárias, digamos, aos Top 40 (os primeiros lugares das paradas)."

Curioso porque Suzanne, agora, sete anos e dois LPs depois de sua estréia no Folk City, está nos Top 40. Está, também, no meio de sua primeira turnê-monstro, a maratona de concertos que se faz de costa a costa nos Estados Unidos para promover um artista e seu disco. No caso de Suzanne, a turnê começou na Europa — onde, com a Inglaterra à frente, nasceu sua atual popularidade — e chegou, quatro meses depois, à costa oeste dos Estados Unidos (de onde seguirá para mais datas americanas e canadenses e, depois, para o Japão). Os teatros têm estado, com monótona regularidade, superlotados. Aqui mesmo em San Diego — uma deliciosa cidade a três horas e meia de Los Angeles, debruçada sobre o Oceano Pacífico entre flamboyants e buganvílias — seu show, numa noite morna de sexta-feira, foi a primeira data em que o histórico tea-



É uma voz quente, articulada e sagaz. Suzanne tem uma fortaleza interior tão transparente como a sua pele e um humor atilado como sua sensibilidade

tro North Park, inaugurado nos anos 20, está com a lotação inteiramente esgotada. Enquanto produtores, promotores e administradores do teatro se rejubilam, fãs muito jovens aglomeram-se na porta que dá para os camarins e os músicos de Suzanne — pela primeira vez em sua vida ela está se apresentando com uma banda — jantam uma frugal refeição chinesa/vegetariana.

Faz muito calor dentro do simpático teatro em estilo colonial espanhol. Junto com a inesperada presença de público maciço, o sistema elétrico da casa também resolveu estrear seu direito de pifar.

Suzanne mantém o mesmo vestido de mangas compridas azul-marinho com o qual fará o show, uma roupa severa como a de antigas alunas de colégios de freiras; e *não sua:* com o calor, sua pele ultrapálida, translúcida, vai apenas adquirindo um rosado cada vez mais intenso. Quando fala, sua voz mal se altera: é uma voz grave e quente, articulada e sagaz, que cai bem na sua figura apenas aparentemente frágil. Suzanne tem uma fortaleza interior tão transparente quanto sua pele e um senso de humor atilado como sua sensibilidade. Nesse momento, pernas cruzadas sobre um velho sofá de veludo verde — o único móvel vagamente luxuoso de seu austero camarim —, ela está descrevendo seu trabalho com Lenny Kaye, o ilustre guitarrista de Patti Smith e produtor dos dois LPs de Suzanne. "Estava muito nervosa na época do primeiro disco porque, até então, eu tinha trabalhado totalmente sozinha.

Eu queria manter a qualidade folk do meu trabalho, mas também queria idéias novas, algum tipo de arranjo, e nisso entrava Lenny. Para mim, ele era o típico rocker radical, alguém que me falaria de guitarras e coisas desse tipo; eu estava nervosa e ele estava nervoso, mas queríamos trabalhar juntos. E aí ele me vem com uma história de que meu trabalho estava numa linha próxima à de Nico, que ele estava pensando em algo com flautas e cordas.

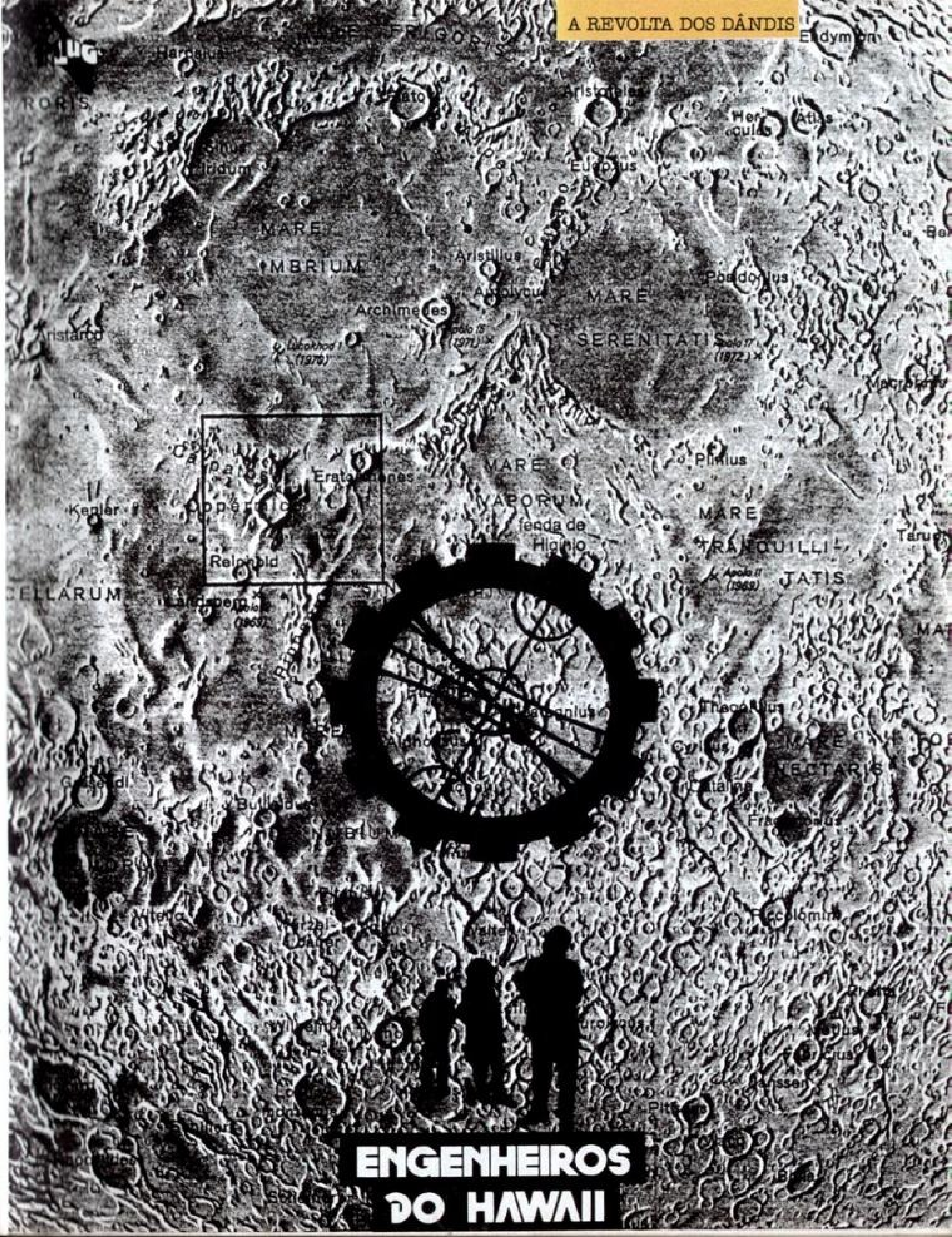
Não era absolutamente o que eu queria! Eu imaginava que iam me tomar por algum tipo de *soft music*, música digestiva! E eu cobrei dele: 'Onde estão as guitarras e as baterias que você deveria me sugerir?' Brigamos muito por causa disso: eu querendo tudo mais agressivo, ele querendo tudo mais suave."

A comparação com Nico — feita por seu próprio produtor! — não foi a primeira nem seria a última na vida de Suzanne, cujo misterioso sucesso, primeiro num círculo restrito e, agora, a nível de massa, tem sido entremeado de referências a todas as folk-singers do universo, de Joni Mitchell a Laura Nyro. Suzanne se importa? "Às vezes. Mas eu entendo. Toda pessoa nova precisa ser comparada a alguém.

Mas eu nunca *quis* ser parecida com alguém, embora saiba que não existe trabalho inteiramente original. Agora, também isso mudou para o outro extremo: qualquer menina que apareça, por exemplo, na Inglaterra, cantando com um violão, está sendo chamada de 'a nova Suzanne Vega'".

Os motivos para fazer sucesso, nesse momento, com um disco tão denso e delicado quanto o primeiro, com uma canção que fala de um menino espancado pelos pais — "ele existe mesmo e se chama Luka, brincava em frente ao meu prédio em Nova York, mas não sei se era espancado em casa. Provavelmente não. Mas eu queria fazer uma canção sobre a rigidez da vida numa cidade grande e inflexível como Nova York" — e uma turnê sem efeitos especiais, em que a banda é a única atração extra, reproduzindo exatamente os arranjos rigorosos de *Solitude Standing*, é algo que só eventualmente ocupa as preocupações de Suzanne. "Os tempos sempre mudam", ela oferece como explicação. "Com o punk e com a disco, a música tornou-se muito agressiva, o sentimento dominante era abrasivo. Mas eu acredito que tudo dá voltas e, agora, cá estou eu no meio de uma dessas voltas."

Se tudo isso vai durar ou não, é coisa que absolutamente não passa por sua cabeça. Para ela, o sucesso atual é quase como um acidente de percurso, uma coisa insólita e até interessante, que ela analisa com o mesmo rigor divertido com que, durante toda a sua vida, observou as palavras, os sentimentos e as imagens do mundo à sua volta. É com essa mistura de delicadeza e precisão cirúrgica tão comum em suas letras sobre solidão, loucura, paixão que Suzanne inclina a cabeça um pouco para o lado e comenta: "Não é irônico que eu esteja fazendo sucesso com exatamemnte o mesmo tipo de trabalho de várias outras pessoas no Village que não tiveram esse mesmo sucesso? Não é curioso que esse trabalho seja exatamente anti-Top 40 e esteja no Top 40?" Suzanne reflete um pouco e rapidamente — ela não deixa brechas inúteis na conversa, ocupando cada intervalo com a rapidez mercurial de seu raciocínio — conclui: "É por isso que prefiro deixar tudo muito simples na minha vida". *Ana Maria Bahiana*



UM CALDEIRÃO BEN MEXIDO

SALVE JORGE!

Enquanto a turma do pagode continua fechada dentro do seu tradicionalismo e a turma do rock, às voltas com suas contradições, Big Ben permanece imune — dono da tradição, mas aberto a todas as inovações que a modernidade oferece. Samba + sintetizadores? Antes que entrasse no estúdio, *Jean-Yves de Neufville* foi saber de suas intenções. E — salve simpatia! — ainda ouviu uma prévia de uma nova música com letra de Arnaldo Antunes.

BIZZ — *Como você vê este momento de sua carreira?*

Jorge Ben — É um momento muito especial. Volto a trabalhar com André Midani. Foi por intermédio dele que eu fiz meus trabalhos mais herméticos e esotéricos, como *Tábua de Esmeraldas*, que eu considero meu melhor LP. Quero fazer um LP para a garotada nova que entra em contato agora com meu trabalho e curte, seja pelo meu modo de tocar com a banda, seja pelo meu jeito de tocar guitarra. Tive altos e baixos na minha carreira, tendo às vezes que seguir imposições de diretores artísticos ou produtores, que não estão muito ligados ao próprio trabalho, e sim querem que eu faça aquelas músicas meteóricas, que duram no máximo três meses. Não se interessam por um trabalho mais elaborado. Graças a Deus, tenho músicas como "Mas que Nada", "Fio Maravilha", "Taj Mahal" "Que Pena", "Charles Anjo 45", que ficaram.

BIZZ — *Como você avalia o ambiente musical brasileiro atual?*

Jorge — Atualmente existem várias correntes, mas não têm a força dos movimentos do passado, como o tropicalismo. Na época era complicado fazer parte daquilo, num período de repressão (1968-69), e com a união de todos nosso movimento vingou. Mas hoje em dia há muita separação. Querem achar uma saída mas não conseguem, porque brigam entre eles por causa da concorrência. Tanto no campo do rock'n'roll brasileiro como no campo do pagode. Todo mundo grava qualquer coisa... Eu sei que muita gente boa vai ficar, e muita gente boa vai ficar de fora porque não vai sustentar a competição.

BIZZ — *Dá para falar em MPB ainda? Ou é uma sigla meio datada?*

Jorge — É meio datada sim, mas acho que tudo o que é cantado na língua pátria — pode ser um rock, uma valsa, um reggae — é música popular brasileira. Porque é feita aqui, com uma linguagem e sobre assuntos que interessam ao pessoal daqui, independente do ritmo utilizado.

BIZZ — *A MPB se modernizando, a exemplo da música africana, poderia perder sua identidade?*

Jorge — Não perde de jeito nenhum. Faço sempre isso. Eu modernizo a música, misturo instrumentos nunca usados na música brasileira de raízes e nem por isso ela perde sua identidade. E, por uma razão que eu desconheço, os caras não entenderam. Isso atrapalhou demais a música popular brasileira. Ela poderia estar hoje no estágio dos grandes grupos africanos que conquistaram a Europa e os Estados Unidos. Há um ano e meio, participei de um festival na Argélia, eu e minha banda do Zé Pretinho, convidados como únicos representantes da América do Sul. Todos aqueles grupos famosos estavam lá, Toure Kunda, Salif Kei-

Paulo Vasconcellos

ta, Mori Kante. Tivemos contato com eles. A modernização dessas bandas é uma coisa incrível! Elas têm aquela cozinha toda de instrumentos de percussão tribais e, na frente, altos sintetizadores. Tudo mesclado. E sai uma música linda, rica. Nisso a música brasileira ficou para trás. Eles ainda levam uma desvantagem em relação a gente: a maioria do que eles cantam é em dialeto, difícil de ser assimilado. Ao passo que nossa língua é latina e muito mais assimilável. Foi o que aconteceu. Não tivemos força para conquistar esse mercado.

BIZZ — *Parece que você faz mais sucesso na Europa do que aqui. Como você explica isso?*

Jorge — Quando eu fui pela primeira vez ao Midem é que descobri isso: por causa dos problemas que nossa língua encontra lá, senti que eu teria que elaborar um ritmo ao mesmo tempo muito brasileiro e universal: uma batida e uma melodia envolventes e um refrão bem fácil. Consegui fazer isso

"É gratificante saber que o pessoal dos Titãs, dos Paralamas, do Ultraje a Rigor e muitos outros curtem o meu trabalho"

com "Fio Maravilha", "País Tropical", "Taj Mahal"...

BIZZ — *De forma geral, dá para perceber que o pessoal do rock tem muito respeito por você e seu trabalho. Existe uma grande expectativa em relação ao seu próximo LP...*

Jorge — É gratificante saber que o pessoal do Titãs, do Paralamas, do Ultraje a Rigor e muitos outros curtem meu trabalho. Foi uma grata surpresa quando surgiu a idéia de fazer um trabalho junto com Arnaldo Antunes (Titãs). Para a letra que ele me mandou eu tinha justamente uma música pronta. Nasceu uma composição de que gostamos muito. Espero continuar essas colaborações.

BIZZ — *Quais foram suas principais influências musicais?*

Jorge — Elas vêm principalmente do rock: Little Richard, Elvis Presley e todas as grandes figuras daquela época. Eu recebia os discos por intermédio do meu irmão oficial da Marinha. Lá no bairro on-

TODOS OS ELEMENTOS DA ALQUIMIA

Numa terra em que a imitação e a falta de identidade, por um lado, e a xenofobia e a ignorância, por outro, não escandalizam ninguém, os dois únicos músicos a terem criado um estilo próprio — João Gilberto e Jorge Ben — são acusados de "fazer tudo sempre igual".

No caso de Jorge Ben, há — em seus 27 anos de carreira — pelo menos *três* fases distintas, com todas as transições de direito. É importante lembrar que ele já foi entrando de sola. *Samba Esquema Novo* (63) e *Sacundin* (64), dois LPs básicos, propõem uma nova roupagem para o samba, já pós-bossa e eletrificado, rock'n'soul tropical. O impacto foi tal que, em 65, Jorge já estava nos EUA, onde estouraria nas versões pasteurizadas de Sérgio Mendes para os clássicos hits "Mas Que Nada" (seu primeiro estouro) e "Chove Chuva".

Na volta ao Brasil, o clima era outro: guerra aos que pretendiam fossilizar uma bossa nova (?) "participante" e os "colonizados" pela "popularesca" — na TV, o *Fino da Bossa* x as tardes de domingo. Jorge foi expulso do primeiro por: a) ter participado do segundo e b) empunhar uma guitarra elétrica. O conflito se resolveria (mais ou menos) com o tropicalismo; mas por onde quer que passasse Mr. Ben ia lapidando seu estilo, tornando-o mais pop e aberto ao *mix* de instrumentos de percussão como cuíca, berimbau e tamborim convivendo com a bateria, e violões e guitarras na mesma faixa. No vocal, vai descobrindo sua prosa de esquina pré-rap. Os resultados: mais uma fornada de clássicos, como "Que Maravilha", "Que Pena" e "Charles Anjo 45" (a profecia, o Robin Hood dos Morros Pré-Escadinha, pré-BAD). Mesmo *Bidu* (67), seu LP "jovem guarda" e "paulista", com parcerias com Erasmo Carlos, não deixa de ser curioso.

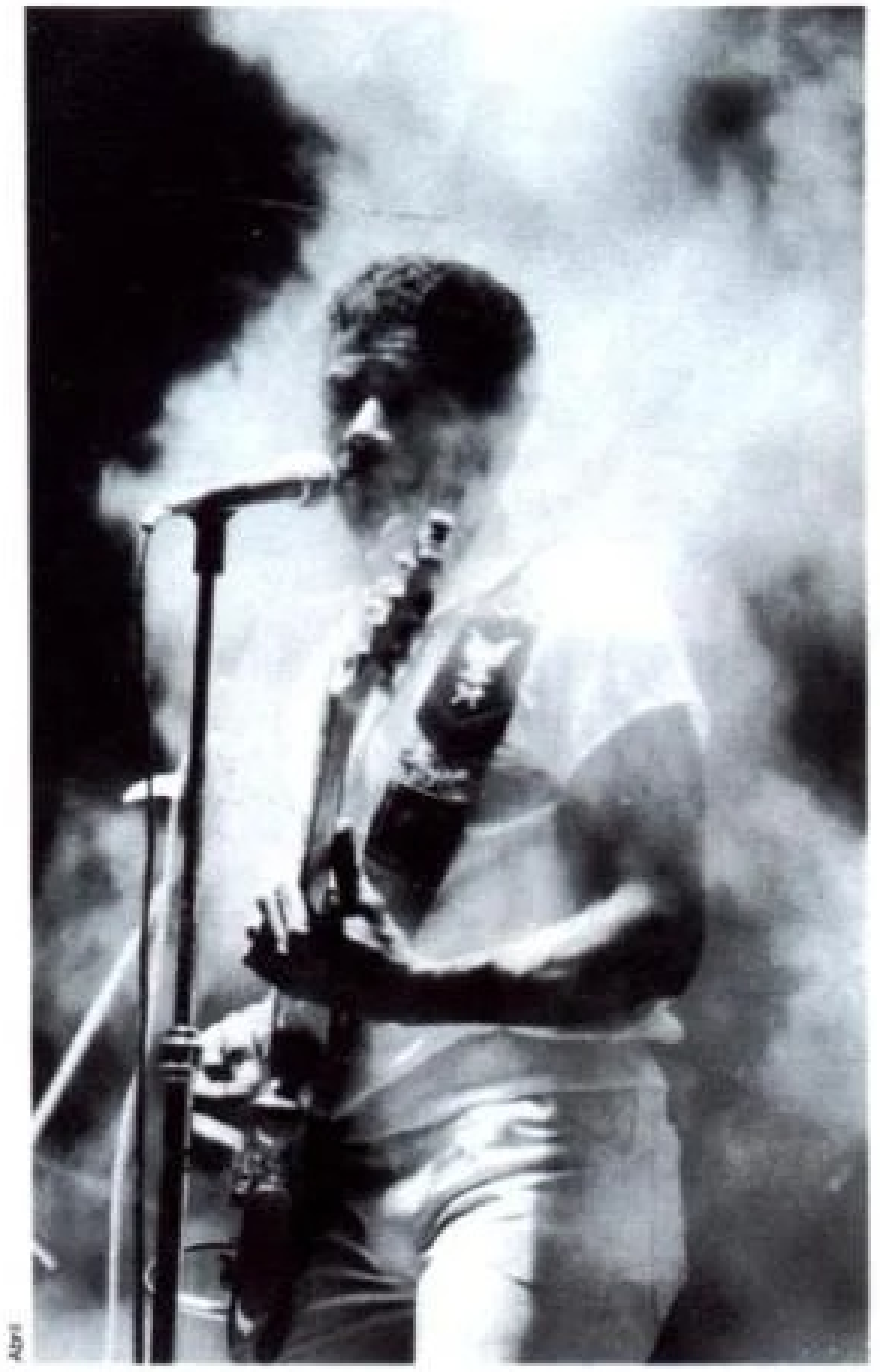
A entrada na década de 70, então, é um dos períodos mais produtivos. Grava com os Mutantes ("Minha Menina"), compõe mais um clássico ("Fio Maravilha"), vai quase "psicodelizando" o instrumental e acoplando a outros ritmos, como maracatu e baião, desembocando na nova síntese que é *A Tábua de Esmeraldas* (74), que ainda tem a ousadia de preceder o monumental álbum duplo com Gilberto Gil *(Gil & Jorge)*, um dos maiores discos da história da música pop brasileira, e o desfecho final desta segunda (terceira?) fase com *África-Brasil* (76), onde entra em cena a banda Jorge Admiral V, uma das mais pesadas com quem trabalhou. Na mesma época, grava em Londres, pela Island, *Beija-Flor*, que, apesar de não ter a divulgação necessária, revela o que Jorge poderia ter feito caso encontrasse um produtor a sua altura.

Com a passagem para a Som Livre e uma nova superbanda, a Banda do Zé Pretinho ("que pena" mesmo é não haver nenhum disco ao vivo dessa época... pensando bem, acho que de nenhuma!), é justamente atrás de uma nova linguagem de estúdio que Jorge se associa ao famigerado Lincoln Olivetti. Por mais que este produtor padronize um pouco o molejo J.B. numa embalagem de funk pesado hipermetalizado, a preocupação com a nova tecnologia é pioneira e atinge temperaturas escaldantes nos dois últimos LPs dessa colaboração, *Salve Simpatia* (80) e *Bem-Vinda Amizade* (81). Ouça e tire suas próprias conclusões, se você conseguir parar de dançar.

Na seqüência, a batuta é passada ao arranjador Serginho Trombone, que dosa melhor o baticum e os instrumentos acústicos, mas vai ainda mais fundo na eletrônica. Dessa colaboração, *Dádiva* (83, talvez o último Grande Disco de Ben) e *Sonsual* (84) são, que eu saiba, os primeiros espécimes de pop brasileiro em que aparece o *sampler* (um Emulator).

Seu último disco pela Som Livre, *Ben Brasil* (86), tem suas faíscas, mas é pura entressafra, ou ressaca do brilho dos dois anteriores. Quem prestou atenção? Quem viu, ouviu?

É de se esperar que agora, de gravadora nova (WEA), Mr. Big Ben volte a abrir seu leque de 1 001 faces e finalmente conquiste aqui a moral de que desfruta fora do Brasil. *J.A.L.*



Abril

"Gosto da tecnologia. Quem, como eu, tem a raiz só pode somá-la com a tecnologia. Ela não vai dissolver a tradição, só valorizá-la"

de morava eu era um privilegiado. Todos os fins de semana havia festinhas onde eu chegava com os discos importados debaixo do braço. Às vezes não dava nem para tocar aqueles compactos porque tinham um furo maior *(risos)*. Os meus pais tiveram também muita importância na minha formação musical. Meu pai tinha um grande amigo, Ataulfo Alves, do qual ouvia todos os discos. Ouvia também muito Luís Gonzaga. Ele me levava sempre para a escola de samba do Salgueiro, no tempo em que os ensaios eram feitos no morro. Aprendi a gostar da música brasileira e tudo isso compôs uma grande mistura em minha cabeça. A parte africana veio da minha mãe. Sou neto de etíope. Os parentes da minha mãe se reuniam e cantavam numa língua que eu não entendia, sob a forma de uma espécie de coral gregoriano muito bonito. Aquilo ficou na minha mente. Depois veio o ano de 62, em que servi o Exército. Em 63, gravei meu primeiro disco ainda vestido de soldado. Nessa época eu já tinha um ídolo, um cara que fez a minha cabeça, João Gilberto, com seu jeito de tocar e cantar inimitável que ele tem até hoje. A partir de então, senti a necessidade de fazer uma música minha. Aprendi a tocar violão sozinho, através de um método que minha mãe me deu de presente junto com o violão. Ganhei uma bolsa para estudar música em Berkley. Mas eu não consegui ficar lá porque a saudade era muito grande. A partir daí, as influências vieram de todas as partes. Assim, para mim, a música não tem fronteiras. Gosto muito de ver óperas, elas também me inspiram...

BIZZ — *Falando do João Gilberto, você disse que ele tem um som que ninguém consegue imitar. Mas você também criou um estilo todo seu, baseado na improvisação, no repente...*

Jorge — Isso, uma improvisação de repentista sobre um som ritmado, com uma afinação de violão ou da guitarra diferente do que se costuma fazer.

BIZZ — *No estúdio, como isso acontece?*

Jorge — Várias músicas minhas saíram da improvisação, no estúdio mesmo. Mas hoje em dia ficou difícil, você tem que chegar ao estúdio com tudo pronto.

BIZZ — *Você se interessa pelas inovações tecnológicas que existem hoje no estúdio?*

Jorge — Gosto disso. Acho que enriquece a música. Quem como eu tem a raiz só pode somar com a tecnologia. Dá para usar uma bateria eletrônica acoplada a uma bateria normal. As duas somadas dão uma escola de samba. A tecnologia não vai dissolver a tradição. Ela só pode valorizá-la.

CABRA CEGA

"Tutu", Miles Davis
Tenho vários discos dele, ainda da década de cinqüenta. Agora acho que alcançou o ápice, o máximo com este disco. É o mesmo timbre de trompete de sempre com uma tecnologia espantosa. É demais.

"In the Eye", Suzanne Vega
Gosto muito dessa batida. É baião do Norte, só que numa versão americana. É um rock muito fino, com riqueza de detalhes, mas a harmonia é bem brasileira. Não sei quem é.

"Sambodrome", Big Audio Dynamite
É um grupo inglês? Gol do Brasil?! Que grupo é esse? O balanço é bem bossa nova. Muita programação. Fizeram isso realmente para ganhar o mercado aqui. É a história de um ladrão?

"Emoção", Gueto
Essa música é pro subúrbio e o bailado. É samba-funk *(ele acompanha a batida com as mãos)*. Demais! Um som bonito, alegre... O vocalista é bom.

"Acertei no Milhar", Jards Macalé
Isso é o Jards *(rindo)*. Jards é demais! Ele sabe de tudo. Acho que é o caminho certo. Não chega a ser saudosismo. É a busca de um elo perdido para mostrar toda a sua atualidade. Esse som é pra suingar no verão, também.

"Levely Up Yourself", Bob Marley
O reggae é muito forte. O ritmo, a melodia... Eles têm uma maneira de compor que é bem diferente. Bob Marley fazia isso muito bem. Me lembro que eu gravei um disco em 78 pela mesma gravadora, a Island. Dois músicos de sua banda, os Wailers, tocaram numa música minha, chamada "A Namorada Viúva", aqueles tambores, *steeldrums*. Um sambão com aquela percussão... somou. Ficou incrível!

"Eu e Minha Guitarra", João Bosco
Ele toca demais violão. Ele conhece. Essa introdução me lembra um pouco Paco de Lucia. E do mouro partiu para o africano. Ficou incrível! Ele está fazendo um trabalho realmente de nível internacional.

"Goliath", James Brown
A primeira vez que eu vi a palavra *hard* para classificar uma música, foi a respeito dele. Hard funk. Pra ele, realmente, tem que tirar o chapéu. E veja você: ele voltou com o funk dele e tecnologia nova. Ele faz parte dos meus clássicos.

"Sign' O' the Times", Prince
Não conheço. Quem é? Prince? Eu nunca teria imaginado!

PINK FLOYD

PARTE II

NO TÚNEL DO TEMPO

A segunda parte desta rica epopéia do Pink Floyd mergulha fundo na história para alcançar o presente, na mais quente atualidade. A década de 80, sofrendo os efeitos dos sucessivos impactos dos pós-punk, new wave, funk e tecnopop, será testemunha de sua decadência criativa, o marasmo em grande parte provocado pela megalomania paranóica de Roger Waters. Mas 1987 pode ser o ano da ressurreição...

Em 1971, o Pink Floyd está na ordem do dia, principalmente na Inglaterra. Como se não bastasse a projeção obtida com *Atom Heart Mother*, outros fatores contribuem para uma aclamação progressiva: os Beatles estavam separados, Jimi Hendrix e Janis Joplin haviam morrido e toda uma década de grandes acontecimentos no rock estava brotando. Mais do que isso, estava em franco processo de afirmação a vanguarda do rock, rotulada historicamente como rock progressivo. Conjuntos como o Yes, King Crimson e Emerson, Lake and Palmer cresciam e ajudavam o Pink Floyd a consolidar-se. Foi nessa época que a banda achou que devia lançar mão de vários recursos para corresponder ao status que o público lhe outorgava. Tudo passou a valer, desde que o resultado fosse bombástico. Em 15 de maio de 1971, por exemplo, o Floyd sacode o Crystal Palace Garden Party, em Londres, durante quase três horas, com toneladas de equipamento sonoro. Lá pelas tantas, um gigantesco polvo emerge do lago do parque enquanto o grupo executa uma versão de "Echoes". No segundo semestre, uma excursão mundial inclui países como o Japão e a Austrália, e o encerramento do ano acontece em 13 de novembro, com o lançamento em Londres do LP *Meddle*, com a suíte "Echoes" ocupando todo o lado dois.

O público e a crítica recebem com entusiasmo o LP, mas percebem que o Pink Floyd agora não é mais psicodélico. As viagens lisérgicas foram agora substituídas por crises existenciais, obviamente reforçadas pela ausência de Syd Barrett. Com o crescimento do rock progressivo, a imprensa cria uma série de rótulos — e o que mais andava em moda era "space music". Isso bastou para o Floyd

entupir os shows com efeitos de todos os tipos, inclusive visuais, que já vinham desde os primeiros dias. Em fevereiro de 1972, o Teatro Rainbow de Londres é invadido por zumbidos, glissandos, sussurros multiplicados por câmaras de eco e tudo que esteja disponível para que o resultado audiovisual seja o mais imprevisível possível, garantindo ao conjunto a primeira página de qualquer jornal de música. Os felizardos que assistiram a esse show ouviram em primeira mão uma versão de "Brain Damage", que só viria em disco bem mais tarde. O recorde dessa fase de superproduções foi sacramentado nesse mesmo ano de 1972, quando o hiperbólico equipamento floydiano foi montado nas ruínas de Pompéia, na Itália. Ali, somente para as corujas e os morcegos — que me perdoem os fantasmas! —, foi executado o concerto mais *dark* da história do rock. Os únicos espectadores humanos presentes foram os cinegrafistas que haviam sido contratados para documentar o evento para a posteridade. O filme foi exibido para toda a Europa pela TV e hoje está disponível em todo lugar em videocassete.

Durante o resto de 1972, o Pink Floyd trabalhou sobre o álbum que o ajudaria a bater mais alguns recordes da história do rock e do disco: *Dark Side of the Moon*. Entre junho de 1972 e janeiro de 1973, o grupo esteve ocupando um estúdio de Abbey Road, tutelado por um nome que mais tarde também faria sua história: Alan Parsons. As gravações só foram interrompidas em setembro e novembro para a realização de turnês pela América do Norte e Europa, respectivamente. Enquanto o grande LP estava sendo produzido, os fãs se deliciavam com mais uma trilha sonora para um filme de Barbet Schroeder, contida no LP *Obscured by Clouds*. Em 24 de março de 1973, *Dark Side* foi lançado em Londres. Curiosamente, não era esperado um grande sucesso por parte da gravadora, pois já se falava numa eventual contratação do grupo pela Columbia (que realmente aconteceu). O disco acabou fazendo tanto sucesso, em particular na América do Norte, que bateu todos os recordes de vendagem até hoje conhecidos. Ficou por mais de quinhentas semanas entre os duzentos LPs mais vendidos dos EUA, sendo que boa parte desse tempo entre os cem primeiros. Esse dado foi mais do que suficiente para impulsioná-lo para o restante do mundo.

Em *Dark Side*, o Pink Floyd inicia uma série de reverências ao guru Syd Barrett, definitivamente fora de circulação e em estado de descontrole mental avançado. Todo o mundo já sabe que a situação é irreversível e, portanto, não há mais o que esconder. O mínimo que os colegas podem fazer é homenageá-lo. Barrett é o personagem central de *Dark Side*, estrelando virtualmente "Brain Damage" ("Dano Cerebral"). Ele é o "lunático que está sobre a grama, relembrando as brincadeiras e as correntes ensolaradas e os risos deixados para manter os doidos no rumo" (conforme a letra). Vale lembrar que o LP foi muito bem cuidado artística e tecnicamente, com a participação de convidados especiais, como o saxofonista Dick Parry, que fez o inesquecível solo em "Us and Them", e a cantora Clare Torry, que deixou um toque de soul music em "The Great Gig in the Sky". É importante também falar sobre a concepção da capa do LP, com a famosa imagem do prisma: ela ficou a cargo da Hypgnosis, uma firma que se especializou em criações para a indústria fonográfica. A edição inglesa de *Dark Side* tinha encartes, adesivos e vários incrementos que nunca conhecemos na edição mutilada especialmente para o Brasil. Outro fato que ficou meio esquecido na história do disco: quando *Dark Side* foi lançado, estava começando a pegar a moda da quadrifonia em disco. A partir desse LP, o Pink Floyd faria questão das edições em quatro canais, atitude que acabou retroagindo para alguns discos já editados. É curioso que a quadrifonia foi logo esquecida, provavelmente por razões de custos. Mesmo no Brasil, alguns discos de Floyd tiveram edições quadrifônicas.

Enquanto *Dark Side* vai faturando, o Pink Floyd vai alongando os intervalos entre os lançamentos dos discos. *Wish You Were Here*, o primeiro pela Columbia (em alguns países), sai dois anos depois, em 15 de setembro de 1975. Durante os dois anos, o conjunto aproveita para realizar muitos concertos. Um dos mais célebres — marcando uma postura muito louvável por parte da banda — foi realizado em 4 de novembro de 1973, no Rainbow Theatre de Londres, em benefício do músico Robert Wyatt. Robert (ex-baterista do Soft Machine) sofrera um acidente que o confinou à cadeira de rodas. O Pink Floyd reverteu a renda do concerto para o tratamento do músico. Além de incentivá-lo a seguir a carreira de cantor/compositor, Nick Mason chegou a produzir um compacto em que Robert interpreta "I Am a Believer", composição de Neil Diamond imortalizada pelos Monkees. A versão de Wyatt e Mason é infinitamente melhor e conta com músicos da fina flor da vanguarda londrina. A lista desses músicos é desconhecida, mas eu arriscaria dizer que ali devem estar caras como Freds Frith, Mike Oldfield, John Cale e com certeza Mason tocando bateria. Esse compacto foi lançado no Brasil (pasmem) e chegou inclusive a tocar nas rádios AM na época (certamente por ser uma música que rolou com os Monkees). Mas, infelizmente, logo sumiu. Depois, Mason ainda produziria o segundo LP de Wyatt, *Rock Bottom*.

Voltando ao *Wish You Were Here*, as homenagens a Barrett continuam, e as lendas também. Começa pelo título do LP — *Gostaria Que Você Estivesse Aqui* — e prossegue com alguns comentários da imprensa da época que diziam que Barrett andou aparecendo nas gravações e que deixou Waters constrangido a ponto de chorar. Houve até quem dissesse que uma volta de Barrett foi cogitada, mas o estado dele não o permitiu mesmo. Lendas e mais lendas!

Mas uma outra homenagem, esta concreta, está lá. Foi ao cantor inglês Roy Harper, convidado especial para a faixa "Have a Cigar". Harper é um artista muito carismático e idolatrado por muitos roqueiros ingleses. Talvez isso se deva ao fato de ele ter levado uma vida meio tortuosa, chegando inclusive a ser preso e depois internado num manicômio judiciário. Depois de ter pago a penitência, Harper tem-se dedicado à música folk e ao blues e recebe muitas homenagens dos músicos mais jovens (Jimmy Page chegou a gravar um LP inteiro com ele). Harper tinha-se apresentado no concerto que o Pink Floyd fez no Hyde Park, no início da carreira. Em *Wish You Were Here*, ele recebe uma primeira homenagem, para colher outra no primeiro disco solo de David Gilmour.

Quase dois anos se transcorrem até que o Pink Floyd lance mais um LP: *Animals* vem à luz em 23 de janeiro de 1977, também rodeado de histórias. Ou lendas, como quiser. Para a campanha promocional do disco, bem como para o design da capa, eles mandaram fazer um gigantesco porco inflável. Como dá para se perceber, pela capa do disco, foi feita uma foto com o porco voando entre umas chaminés soltando fumaça poluente. Numa primeira interpretação, é de se imaginar que o conjunto queria dizer com aquilo que o ar estava uma porcaria... Na verdade, a história que rolou pela imprensa dizia que o porco escapou das amarras e levantou vôo (vejam só!). É fácil acreditar que isso não passa de conto da carochinha. Com *Animals*, o Pink Floyd completa sua primeira década de som gravado e também inaugura uma era de crises.

O observador atento deve ter percebido que todas as composições de *Animals* são de autoria de Roger Waters, com exceção de "Dogs", que é uma parceria de Waters e Gilmour. O que estaria acontecendo com os demais membros? Por acaso a capacidade de criação deles estaria esgotada? Na

O auge da fama: ao vivo, num festival progressivo na Alemanha (74)

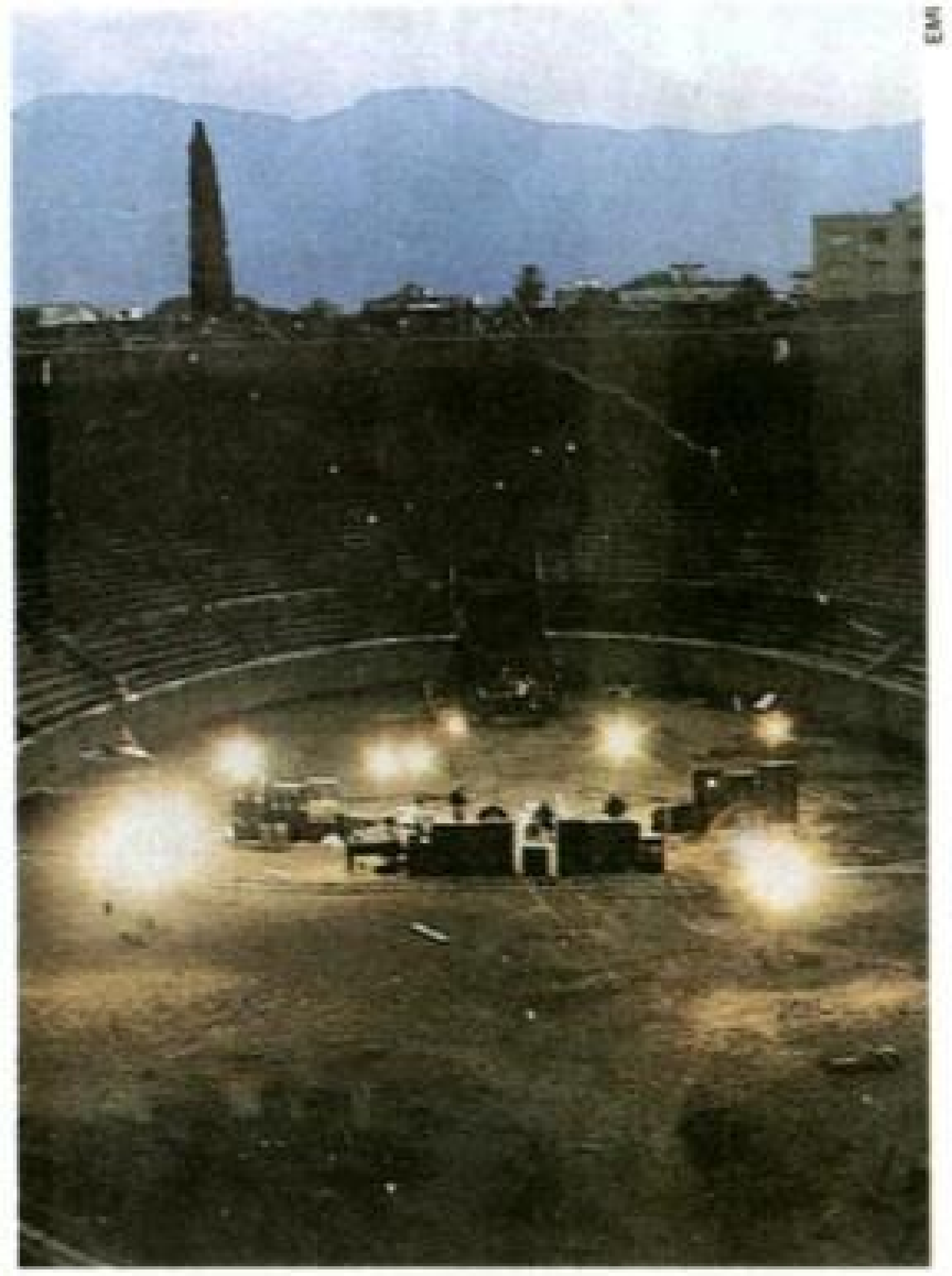
NICK MASON — O MAIS ECLÉTICO

Todos os membros do Pink Floyd realizaram discos solo e/ou atividades paralelas àquelas do conjunto. No entanto, o que mais se destacou entre eles foi o baterista Nick Mason. Suas realizações extracurriculares foram desde o teatro até o trabalho com grandes nomes do jazz de vanguarda (Carla Bley e Michael Mantler, por exemplo), passando pelo movimento punk (vide o segundo LP do Damned). Esse arrojo pessoal de Mason chegou ao ápice em seu primeiro LP solo *(Fictitious Sports)*, em que ele só convidou grandes músicos jazzistas para participar. Mais do que isso, todas as composições (belíssimas, por sinal) são da pianista Carla Bley. Essas atitudes de Mason demonstram que ele não se contentava em ser simplesmente o baterista de um grande grupo de rock, o que já seria mais do que suficiente para grandes elogios e para sua sobrevivência.

Sempre que alguém perguntou a Mason a respeito de suas incursões pelo jazz, ele respondeu que elas não deveriam ser vistas como um sintoma de insatisfação em relação ao rock — ou mesmo ao Pink Floyd —, mas sim como uma maneira de dar vazão a outras aspirações íntimas. "Um músico deve sempre explorar ao máximo suas potencialidades", costuma dizer ele. E eu gostaria de arrematar que é para nossa imensa alegria.

O show de Pompéia: um megaespetáculo, um show sem público nas ruínas da cidade fantasma, para registro de um dos principais filmes musicais de toda a história do rock

EMI



Rex Features / Keystone

Adrian Boot / Retna

O último racha: de um lado, volta Rick Wright, para manter com Mason e Gilmour o nome da banda. Do outro, solo, Mr. Roger Waters

ocasião, foi difícil concluir algo. Entretanto, os últimos dez anos mostraram que uma verdadeira crise estava implantada no seio do histórico grupo. O que de fato ocorria é que Waters estava literalmente tomando o poder, criando um clima de paranóia por trás dos bastidores. Esse ambiente se reflete nas letras do LP *The Wall*, lançado em 30 de novembro de 1979. A idéia básica do álbum duplo era tecer uma crítica à massificação imposta à juventude por uma sociedade austera (no caso, a britânica). Assim, as letras de Waters queriam deixar uma imagem de que tudo que aquela sociedade permitia ao jovem era ser "apenas mais um tijolo na parede". Essa concepção era interessante, mas foi infeliz na execução. E isso ficou mais fácil de se compreender com a chegada do filme *The Wall*, em 1982. Waters mostrou-se inconsistente quando centrou boa parte de sua crítica sobre o sistema escolar inglês (de resto, o mesmo que foi responsável pela formação intelectual que ele teve). E esqueceu-se de centrar fogo sobre aquele que pode ser considerado o maior câncer da sociedade inglesa: a casa real. Waters não ousou colocar a rainha e seus lacaios em xeque, limitando-se a um discurso irado sobre os efeitos periféricos. Professores tiranos que sofrem de impotência sexual, soldados que caminham por trajetórias caóticas e órfãos da guerra que procuram excitação colocando projéteis nos trilhos de trem em túneis escuros: ali estava o resumo do muro massificante que, ingenuamente, Waters erigiu.

Quando estava para ser lançado o LP *The Final Cut*, em 1983, esperava-se que ele trouxesse a trilha sonora do filme homônino (mesmo porque ele foi antecedido por um compacto com músicas do filme, anunciadas como um adiantamento de *Final Cut*). O LP foi lançado na Inglaterra em março de 1983 (e dois meses depois no Brasil). Nada de trilha sonora havia ali, mas sim uma ladainha onde Waters se limitou a chorar pelo pai que não conheceu, falecido na guerra, em 1944, quando a mãe curtia a gravidez dele ao som de uma sinfonia de bombas alemãs.

E deu logo para perceber que o Pink Floyd se havia reduzido a um trio, sem Richard Wright. Rick decidiu sumir do mapa, aparecendo mais tarde numa banda chamada Zee. Enquanto isso, os colegas dele se encarregavam de dar a ficha à imprensa, falando o que bem entendiam. Em agosto de 1983, David Gilmour disse à revista norte-americana *Circus* que "Wright foi mandado embora do conjunto porque não estava fazendo o que era pago para fazer. No LP *The Wall*, eu e o Roger tivemos de tocar um bocado de sintetizadores".

Para todos os efeitos, *The Final Cut* parecia nos dizer que o Pink Floyd estava-se despedindo por ali mesmo. Entretanto, no ano passado, voltou-se a falar sobre a banda. Em 15 de novembro de 1986, o jornal inglês *Sounds* dizia que Richard Wright, David Gilmour e Nick Mason estavam gravando um LP sem Roger Waters. Ainda de acordo com o semanário, eles iriam lançar o LP em maio de 1987 sob o nome de Pink Floyd. Waters não gostou da história e entrou com processo na Justiça para tentar arquivar, definitivamente, o nome do conjunto. O argumento básico que figura no processo afirma que Waters pretende proteger seu direito ao nome Pink Floyd em função das divergências de opinião entre ele e os colegas e também da falta de habilidade dos demais em continuar gravando e tocando como Pink Floyd...

As notícias mais recentes informam que Roger Waters — que acaba de lançar seu novo LP solo, *Radio K.A.O.S.* — teve de renunciar ao processo que estava intentando contra os três outros membros do grupo por falta de condições jurídicas. A pá de cal que ele queria jogar no legendário nome do Pink Floyd se transformou na pá de carvão que alimenta a poderosa locomotiva que vem por aí.

Valdir Montanari

JEAN MICHEL JARRE
IN CONCERT

HOUSTON
LYON

WITH
ORCHESTRA
AND
CHOIR

Tudo o que você leu sobre a fulminante passagem de Jean Michel Jarre por Lyon, França, levando o Papa à loucura, está neste Lp.
E mais: os melhores momentos do concerto de Houston em gravação digital.
Tudo isso em Lp e fita de cromo.

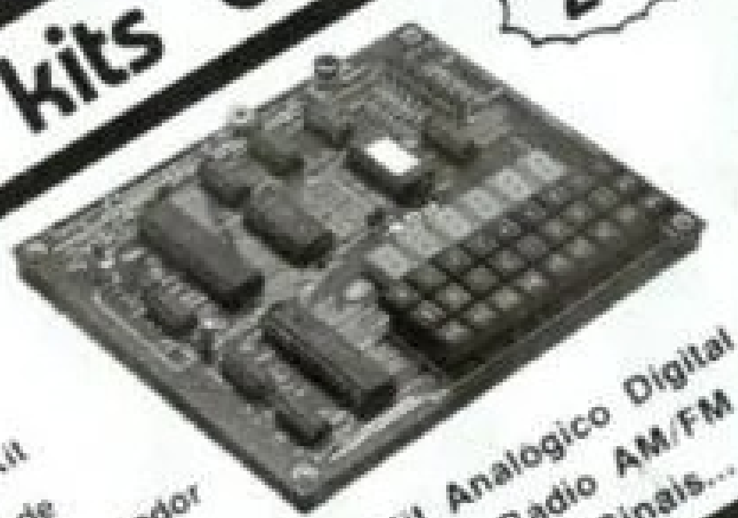
Polygram

cursos técnicos!

- eletrônico básico
- áudio e rádio
- programação basic
- análise de sistemas
- refrigeração e ar condicionado
- instalações elétricas
- eletrônica digital
- televisão pb/cores
- programação cobol
- microprocessadores
- eletrotécnica
- software de base

kits exclusivos!

Z-80



Kit de Microcomputador e mais

- Kit de Televisão
- Kit de Refrigeração
- Kit Digital Avançado
- Kit Analógico Digital
- Kit de Rádio AM/FM
- Injetor de Sinais...

cursos por correspondência

cursos intensivos! dinâmicos!

OCCIDENTAL SCHOOLS®
cursos técnicos especializados
Alameda Ribeiro da Silva, 700
01217 São Paulo SP
Fone: (011) 826-2700

SOLICITE MAIORES INFORMAÇÕES SEM COMPROMISSO!

BIZZ 27

OCCIDENTAL SCHOOLS®
CAIXA POSTAL 30.663
01051 SÃO PAULO SP

Desejo receber, **gratuitamente**, o catálogo ilustrado do

Curso de: _______ indicar o curso desejado

Nome _______

Endereço _______ nº _______

Bairro _______

Cidade _______

Estado _______ CEP _______

DISCOGRAFIA

LPs

The Piper at Gates of Dawn (1967, Br)
Saucerful of Secrets (1968, Br)
More (1969, Br; trilha sonora do filme homônino)
Ummagumma (1969, Br)
Zabriskie Point (1970, Br; trilha sonora do filme: o Pink Floyd comparece em três faixas)
Atom Heart Mother (1970, Br)
Relics (1971, Br; coletânea)
Meddle (1971, Br)
Obscured by Clouds (1972, Br; trilha sonora do filme *La Valée*)
The Dark Side of the Moon (1973, Br)
A Nice Pair (1973, Br; álbum duplo que reúne os dois primeiros LPs)
Wish You Were Here (1975, Br)
Animals (1977, Br)
The Wall (1979, Br; álbum duplo)
A Collection of Great Dance Songs (1981, Br; coletânea)
The Final Cut (1983, Br)
Pink Floyd Hits (1988, Br; coletânea lançada somente no Brasil)

Discos solo de Syd Barrett

The Madcap Laughs (1970, Br)
Barrett (1970)
Syd Barrett (1974; álbum duplo que reúne os dois primeiros)

Discos solo de Roger Waters

Music from the Body (1970, Br; trilha sonora do filme, em parceria com Ron Geesin)
The Pros and Cons off Hitch-hiking (1984, Br)
When the Wind Blows (1986; trilha sonora do filme homônimo em que a maior parte das músicas foi composta por Waters)

Discos solo de David Gilmour

David Gilmour (1978, Br)
About Face (1984, Br)

Disco solo de Richard Wright

Wet Dream (1978, Br)

Richard Wright com a banda Zee

Identity (1984)

Discos solo de Nick Mason

Nick Mason's Fictitious Sports (1981)
Profiles (1985; em parceria com Rick Fenn)

Produções selecionadas de Nick Mason

Principal Edwards Magic Theatre (1971; trilha de espetáculo teatral)
Principal Edwards — *Round One* (1974)
Robert Wyatt — *Rock Bottom* (1974)
The Damned — *Music for Pleasure* (1977)
Steve Hillage — *Green* (1978)

Discos da banda Unicorn produzidos por David Gilmour

Blue Pine Trees (1974)
Too Many Crooks (1976)

Observação: os discos indicados com "Br" foram lançados aqui. As datas de lançamentos são dos originais ingleses e nem sempre correspondem às edições brasileiras.

FILMES E VÍDEOS

Pink Floyd *Live at Pompeii* (71; filme-concerto dirigido por Adrian Maben)
The Wall (82; ficção dirigida por Alan Parker, co-roteirizada por Roger Waters e musicada pelo Pink Floyd)
David Gilmour *Live 1984* (concertos gravados na Inglaterra e na França)

1º Encontro Brasileiro de Bateristas

Flávio Pimenta

Luthier
Rua João Pereira, 69
CEP 05074 - São Paulo - SP
Tel. (011) 832-1671

Apoio:
Transasom
Rua Caramuru, 918
Tel.: (011) 276-3588

Esta bateria Luthier® poderá ser sua!

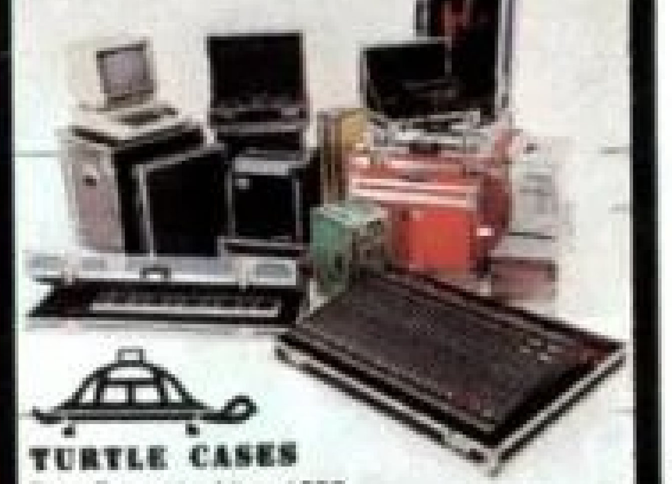
E olha quem está afirmando isso:

OCTAGON speed

OCTAGON

T-SHIRT
Zildjian
RUA EDSON, 96 BROOKLIN
F: 533-7721 - CEP 04618
SÃO PAULO - SP

TURTLE CASES
O KNOW-HOW QUE ENVOLVE SEU EQUIPAMENTO



TURTLE CASES
Rua Casa do Ator, 1298
CEP 04546 - São Paulo - SP Tel (011) 61-1133

DRUM®
ESCOLA DE BATERIA
Informe-se sobre o Curso por Correspondência
Rua Edson, 96 - Brooklin - CEP 04618
São Paulo - SP Telefone (011) 533-7721

1º prêmio:
Uma bateria **LUTHIER** com dois bumbos 22", dois ton-tons 13" e 14", um surdo 18", uma caixa 14/6 e dois pedais **OCTAGON SPEED** - totalmente acondicionada em estojos **TURTLE CASES**.

2º prêmio:
Uma bateria **LUTHIER** com um bumbo 22", dois ton-tons 13" e 14", um surdo 16", uma caixa 14/6 e um pedal **OCTAGON SPEED**.

3º prêmio:
Uma bateria **LUTHIER** com um bumbo 20", dois ton-tons 13" e 14", um surdo 16", uma caixa 14/6 e um pedal **OCTAGON SPEED**.

Agora, veja como participar:

Grave um solo de bateria em fita cassete de aproximadamente 2 (dois) minutos. Envie a fita, junto com o cupom ao lado para **Escola de Música Drum** - Rua Edson, 96 CEP 04618 - Brooklin - São Paulo SP, respeitando as normas abaixo descritas.

1 - O solo deverá consistir apenas da performance do baterista, sem acompanhamento de músicos, baterias eletrônicas ou qualquer outro efeito. Também não poderá haver play-back.

2 - O solo deverá ser de natureza original. Reproduções previamente gravadas ou solos já escritos não serão aceitos.

3 - Só aceitaremos uma fita por concorrente.

4 - A fita deverá ser marcada com o nome do baterista, endereço e número do telefone. (marque no corpo da fita e não na caixa).

5 - O cupom de inscrição deverá ser remetido junto com a fita. Não envie outro tipo de material escrito, como cartas ou foto. Se o concorrente tiver menos de 18 anos, um responsável deverá assinar por ele.

6 - Só participarão do concurso os cupons que chegarem em nossas mãos até 15/11/87.

7 - As fitas tornar-se-ão propriedade da **Escola de Música Drum Ltda.** e não serão devolvidas.

8 - Serão selecionados os 20 (vinte) melhores solos e interpretados ao vivo para julgamento em local e data pré-determinados.

9 - Os nomes dos finalistas serão publicados na revista **BIZZ** de dezembro.

10 - O transporte e hospedagem dos finalistas correrá por conta dos organizadores do evento.

11 - A qualidade do som da fita não contará pontos na escolha. Os solos serão analisados pela originalidade, técnica, imaginação e musicalidade, não importando o estilo ou gênero a ser usado.

Como fazer sua inscrição:
Aos candidatos, será cobrada uma taxa de Cz$ 600,00 (seiscentos cruzados), que deverá ser enviada à Escola de Música Drum Ltda. em forma de cheque nominal e cruzado. Enviaremos ao concorrente o Certificado de inscrição, um adesivo e uma camiseta **Zildjian** inteiramente grátis. As inscrições também poderão ser feitas diretamente na **Escola de Música Drum Ltda.**, bem como a gravação do solo em seu estúdio.

Envie este cupom, junto com a fita para:
Escola de Música Drum Ltda.
Rua Edson, 96 - Brooklin - CEP 04618
São Paulo - SP.

BIZZ 27

DRUM®

Nome: _______

End.: _______

Cidade: _______ CEP: _______

Estado: _______ Tel.: _______

110S

STEREO MESMO STEREO MESMO

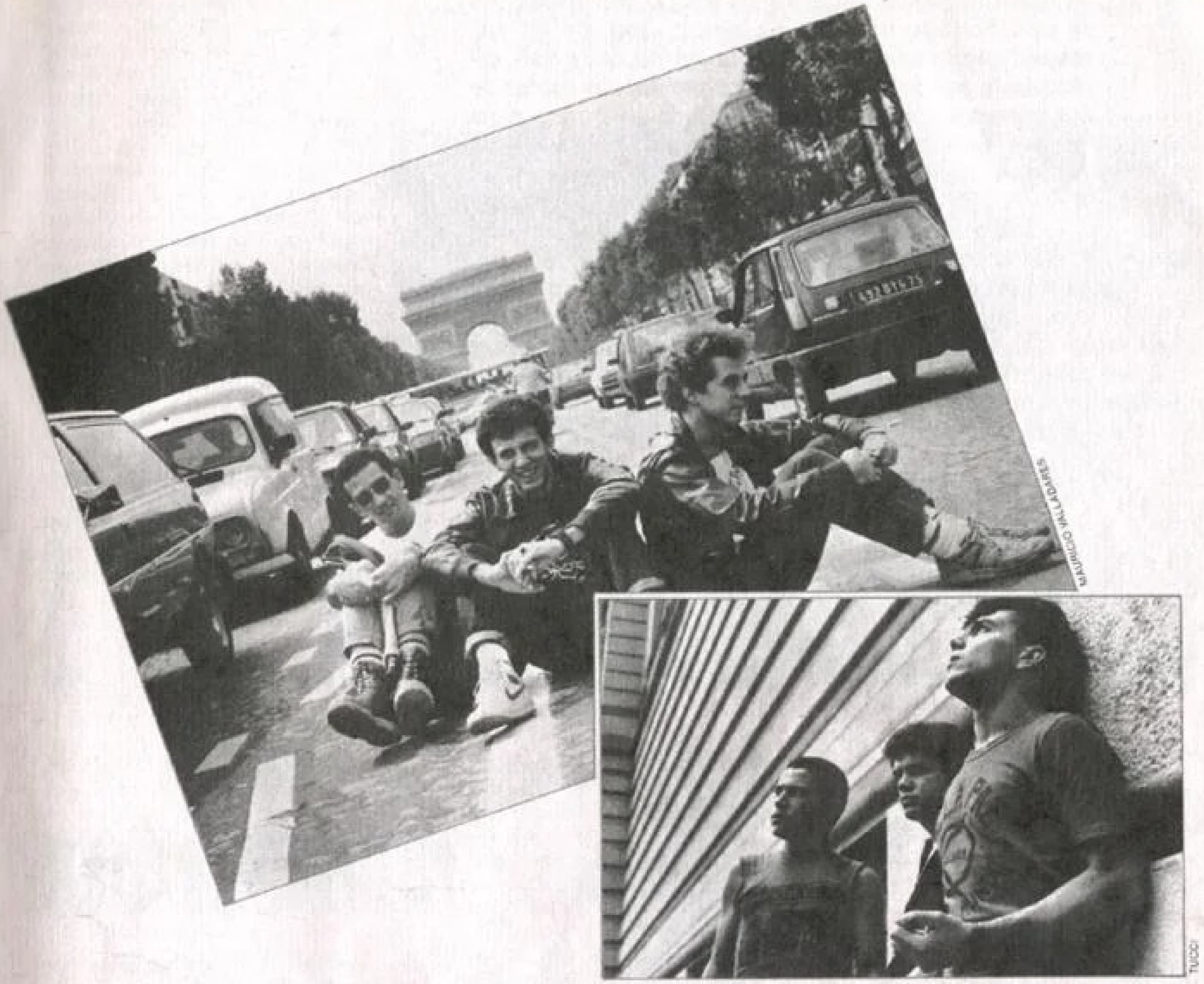
Mas, num portátil? Isso é garantido pelo exclusivo Space-Wide, que amplia e valoriza ainda mais o som do seu RT 110S.
Você tem o balanço ideal através de dois woofers e dois tweeters sincronizados.
Para a melhor definição dos graves e agudos, a função Loudness é acionada automatica-mente, quando o volume está baixo.
Ao mesmo tempo, você conta com um rádio de quatro faixas de onda (FM, SW1, SW2 e MW) e com uma gravação perfeita, graças aos dois microfones embutidos e à simplicidade de operação proporcionada pela tecla One Touch Record – *OTR*.
Quando a fita termina, o Auto-Stop desliga automaticamente.
Enfim, este é o portátil que prova que é stereo. Stereo Mesmo!

RT 6100 Mono

PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS

SEMP TOSHIBA

EM CONTATO COM O AMANHÃ.



MAURICIO VALLADARES

TUCCI

PARALAMAS & CÓLERA

CONQUISTANDO O EXTERIOR

Há muito tempo que o Brasil é o primeiro mercado fonográfico da América Latina. Na Argentina, trinta mil cópias valem disco de ouro. No Chile, dez mil, e no México... Aqui, são 150 mil, marca facilmente superada pelos grupos nacionais mais conhecidos e pelos medalhões de fora (desses, são poucos os que passam a casa dos cem mil). Mais do que nunca, agora que já figuramos no circuito internacional do rock, é chegada a hora do troco. Nossos primeiros batedores já voltaram. Os Paralamas, que deram um giro pela América do Sul, animaram três noites em Nova York, fizeram a festa e gravaram um disco na tradicional Noite Brasileira do Festival de Montreux e ainda tocaram no mesmo teatro, em Paris, no qual há dezessete anos os Mutantes brilharam com sua melhor formação. E o Cólera, que num *tour-de-force* pela Europa toda, conheceu de perto o mais eficiente esquema independente local: o dos punks. Os relatos dessa rapaziada não poderiam ser mais animadores. Em entrevistas exclusivas concedidas a *Thomas Pappon* e *Sônia Maia*, respectivamente, os Paralamas e o Cólera deixaram claro que é chegada a hora de exportar...

P A R A L A M A S

MAURICIO VALLADARES

Herbert, Barone e Bi em Buenos Aires

PARTE I

PELA PORTA DA FRENTE

Desde os shows dos Mutantes no Olympia, em 70, o velho continente não tem tomado contato mais íntimo com o rock nacional. É verdade que neste espaço de tempo alguns outros estiveram na Argentina, EUA e Itália, mas nenhum desses roqueiros entusiasmou tanto pela inovação e mescla de ritmos e gêneros como os "Beatles brésiliennes". Não é fácil tocar fora, ainda mais em condições "normais" ao esquema do showbis internacional, semelhantes às que trouxeram os grupos ingleses ao Brasil este ano. É preciso ser conhecido e, quando o assunto é rock'n'roll, tem mais: sem um som próprio com elementos diferenciados, nada feito. Cópia carbono? *No, thanks!*

BIZZ — *Vocês já estiveram em Nova York há alguns anos atrás, não?*

Herbert — Foi em setembro de 83, quando se podia comprar dois mil dólares para ir ao exterior. Era só entregar o passaporte e ceder o direito da compra dos dólares a uma agência de viagens, por exemplo. A diferença do dólar oficial para o paralelo dava para pagar a passagem. Aí nós fomos a Nova York, de graça. Tocamos no Danceteria. Foi a primeira vez que nós tocamos com equipamento bom, compramos instrumentos, foi demais. Foi por acaso que acabamos tocando lá.

Bi — Tínhamos apenas resolvido viajar juntos. Estávamos com o Lobão. Nossos empresários acabaram marcando shows lá. Ele tocou numa e nós, na outra.

BIZZ — *E como começou a trajetória internacional em 86?*

Herbert — Começamos com a Argentina, em março. A Blitz tinha tocado lá e foi superbom. Os empresários de lá se interessaram por outra banda brasileira e acho que nos escolheram pela nossa característica sonora mais rítmica. Assim, acabamos tocando num festival de Cordoba e depois em Buenos Aires, num lugar chamado El Paradis.

BIZZ — *O Police é bem popular na Argentina. Vocês acham que isso teve a ver com a escolha por vocês?*

Herbert — Não acho. Hoje em dia não vejo muita relação entre o nosso trabalho e o do Police. O Police é uma boa referência do nosso som porque é um trio, usava reggae no começo... Mas hoje em dia eu acho que talvez Sly & Robbie e UB 40 estão muito mais presentes nas nossas influências.

Barone — Cara, ninguém nos comparou ao Police. Falavam do Clash.

Bi — Na França também. Disseram que éramos o Clash da América Latina.

Herbert — O afro-Clash.

Barone — Acho que tinha um interesse também porque eles já nos conheciam. Tinha uma música, "Óculos", que tocava nas rádios, principalmente depois do Rock in Rio.

BIZZ — *O Rock in Rio teve influência nisso?*

Barone — Sem dúvida. Teve muito argentino que acabou voltando com nosso disco...

Herbert — Tem uma banda argentina, chamada Soda Stereo, que também é um trio. Eles são número um no ranking da América do Sul. Eles têm a facilidade da língua. O Charly Garcia também é um monstro, mas eu diria que hoje em dia nós somos a primeira banda a arranhar a posição deles na América do Sul. No Brasil ninguém conhece o Soda Stereo, mas na Argentina o pessoal conhece os Paralamas, temos discos lançados lá.

BIZZ — *Depois da primeira ida para a Argentina, vocês foram para Nova York, certo?*

Herbert — Certo, tocamos num bar lá, o S.O.B. (Sounds of Brazil). Todos os brasileiros já passaram por lá *(risos)*. Tocamos três noites, com duas entradas em cada. Quando chegamos em Nova York não acreditamos. Tinha cartazes do nosso show em todos os postes de Manhattan, com dizeres tipo: "The Stars of Rock in Rio" e "Number one in brazilian rock". E o bar era legal. O David Byrne é freqüentador de lá.

BIZZ — *Depois vocês voltaram ao Brasil?*

Barone — Sim. Continuamos com a turnê nacional e depois voltamos a Buenos Aires.

Bi — Dessa vez tocamos num lugar tipo o Canecão, abrindo para um grupo chamado Sumo. Depois fomos fazer uma viagem no Chile, promocional *(N. da R.: os Paralamas vão tocar no Chile em novembro)*, que foi genial.

Barone — Tocamos num programa de TV que pareceu os Beatles no Ed Sullivan. No outro dia não podíamos sair na rua.

Herbert — Cara, a banda explodiu lá por causa de um programa de TV. Santiago é uma cidade genial, tem a maior underground. Tem tudo, tem drogas, tudo por baixo da proibição. E graças ao programa estamos no topo das paradas. Disco de ouro são dez mil cópias. Já temos quatro mil do LP *Selvagem* vendidas. Penso que, se uma banda estrangeira ou argentina, por exemplo, vender quarenta mil cópias no Brasil, isso é uma grande vitória.

Bi — E quando voltamos de lá, fomos direto para Madri, participar de um festival.

Herbert — Depois fomos para Portugal fazer uma visita promocional.

Barone — Mas foi o show em Madri que levou a gente para a Europa.

BIZZ — *Como foi esse festival em Madri?*

"O Police é uma boa referência do nosso som porque é um trio e usava reggae no começo, mas hoje em dia eu acho que Sly & Robbie e UB40 estão mais presentes nas nossas influências"

MAURICIO VALLADARES

No Sounds of Brazil, Nova York

"Quando neguinho em Montreux puxou a bandeira do Brasil deu um nó na garganta que não tem tamanho. Pô, fomos a primeira banda do Brasil a tocar lá. Você só sente isso quando está fora do País"

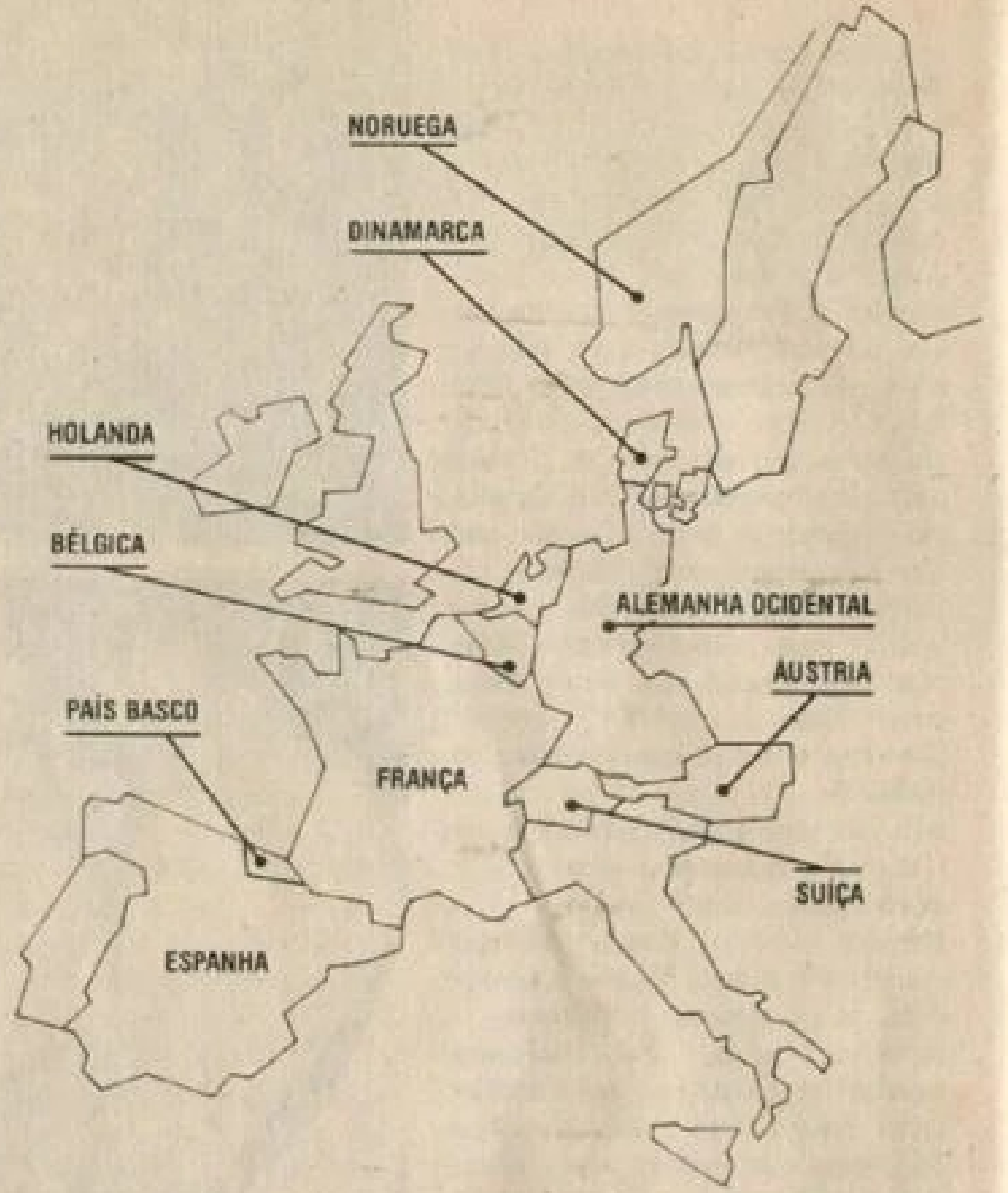
Bi: um bárbaro em Paris. Barone: um show cancelado em Montevidéu, Uruguai (caiu um temporal)

Herbert — Era um festival ibero-americano de cinco dias. Tocaram o argentino Charlie La Torre, com um grupo mexicano horrível chamado El Pri. Tinha um grupo espanhol superinteressante chamado El Ultimo de la Fila, com um cantor que se vestia de toureiro e com umas dançarinas flamencas. O som era meio árabe, bem empolgante.
BIZZ — Em Portugal vocês só fizeram um programa de TV, não?
Herbert — Ficamos só três dias lá.
Barone — Bacalhau, bacalhau, bacalhau, jornalistas. Jornalistas, jornalistas...
BIZZ — E depois?
Barone — Depois fomos para a Inglaterra ver shows. Vi Sly & Robbie, em Leeds. Foi o maior show da minha vida.
BIZZ — Bem, e depois?
Herbert — Quando voltamos, fomos tocar no Paraguai, fazer dois concertos em Assunção, já no início deste ano. Foi genial.
BIZZ — Vocês têm algo lançado lá?
Bi — Lá não se fabrica disco, é tudo importado.
Herbert — Lá tocamos muito no rádio. Eles sabem de tudo lá. As pessoas vêm muito ao Brasil. Tínhamos fama principalmente de bem-sucedidos no Rock in Rio e por estarmos de show marcado em Montreux. Não acreditei no nível da imprensa musical do Paraguai. Fomos recebidos como uma dessas bandas que vieram ao Brasil. Na coletiva, o auditório estava lotado de jornalistas. Depois que voltamos de lá, demos um tempinho no Brasil e logo embarcamos de novo para a Europa. Desembarcamos no dia 2 de julho, para tocar dia 4 em Montreaux, na Noite Brasileira, com Ivan Lins, César Camargo, João Bosco e Beth Carvalho. Foi a primeira noite *sold-out* (com ingressos esgotados) do Festival.
BIZZ — E que tal esse show?
Herbert — Foi demais. Gravamos um disco lá e cada vez que eu o ouço, me dá um nó na garganta. Foi foda. Aquela coisa clara, aquele palco pequeno...
Barone — É um salão, onde cabem umas três mil pessoas.
Herbert — Quando vimos o lugar, na noite anterior, pra ver o Pat Metheny, não acreditei. Não era possível que ia ser naquele lugar chulé. O palco era baixo, o palco não era grande. Mas era ali mesmo. Nós levamos uma puta equipe. Levamos equipamento de palco, e luz. E o Liminha.
BIZZ — Ele operou a mesa de som?
Herbert — Ele gravou o show num estúdio, o Mountain Studios, onde o Bowie gravou esse último disco.
BIZZ — Como foi feita a gravação?
Herbert — Tinha um multicabo que era dividido. 24 canais iam pro estúdio, onde estava o Liminha, e 24 para a mesa de som do show.
BIZZ — E depois de Montreux?
Barone — Ficamos um tempo lá para ver o UB 40, que não tocou. Foi uma grande decepção. Eles deram um cano. Tínhamos alterado a passagem por causa disso, e chegamos em cima da hora para o show em Paris, no Olympia. Um lugar muito bonito, só que tinha uma goteira em cima da bateria e na hora desaguou um toró.
BIZZ — Vocês tocaram com músicos convidados na Europa?
Herbert — Tem um músico que agora toca sempre com a gente. É o tecladista João Fera, que está com a gente há um ano. Teve também o George Israel, do Kid Abelha, que tocou sax em "Ska" com a gente em Montreux e no Olympia. E tem o Liminha que subiu empolgadão e tocou guitarra conosco no Olympia. Lá eu falei que há dezessete anos ele tinha tocado lá com os Mutantes.
BIZZ — Tinha muitos brasileiros na platéia?
Herbert — Não tinha tanto não...
Bi — Tinha torcida. Bandeiras brasileiras.
BIZZ — Em geral, como tem sido a recepção dos críticos no exterior?
Herbert — Pra julgar um grupo brasileiro é preciso entender o que acontece no Brasil, o atraso que temos de informação e equipamento, e o que as bandas representam hoje para a música brasileira. Acho que não podemos ser julgados no mesmo parâmetro em que se julga uma banda de fora. Na França foi duro.
Barone — Pra eles a música brasileira ainda está na base da bossa-nova, João Gilberto...
Herbert — Estamos mal acostumados com uma certa rasgação de seda. Na Argentina a crítica foi superfavorável. Na Espanha também, no Chile, Paraguai, Montreux... Mas em Paris, o pessoal foi mais reservado.
Barone — O Gil, em Nice, ficou puto quando o pessoal pediu para ele tocar samba.
Herbert — Eles queriam um espetáculo folclórico.
BIZZ — Você tem crítica a fazer ao equipamento que encontraram pelo caminho?
Herbert — Sempre levamos nosso próprio equipamento de palco. Para o Paraguai foi a única vez em que levamos tudo. Eram 19 toneladas. A imprensa só falava nisso.
Barone — No S.O.B, em Nova York, o palco era horrível.
BIZZ — E a organização? Vocês sentiram muita diferença entre América do Sul e Europa neste sentido?
Herbert — Na América do Sul, fora o Brasil, tudo funciona bem. Tá certo: no Uruguai e Paraguai as coisas não funcionam muito bem, mas foi praticamente a primeira vez que teve um grande show por lá. Eles estão começando a ouvir tudo agora. Acabou a ditadura, então estão todos ouvindo música. Só um exemplo: nas paradas tem Beatles em primeiro com "Twist and Shout", depois vem "Anarchy in the UK" dos Pistols. Em terceiro vem "Papa Dont' Preach" da Maddona. Depois tem Beach Boys com "Surfin in the USA". Em sétimo tem o Tokyo com "Garota de Berlim".
BIZZ — Foi a gravadora de vocês (Odeon) que bancou a gravação do disco em Montreux?
Herbert — Não. Fomos nós que compramos o tape. Depois a gravadora se interessou e comprou o tape da gente. Nós tínhamos material para entrar no estúdio, tanto que tem duas inéditas no disco ao vivo. Mas tínhamos muitas releituras de material antigo e de coisas que não tocaram nas rádios. Ficou demais. Na minha opinião, é nosso melhor disco, disparado.
BIZZ — Vocês têm planos de lançar o próximo disco de estúdio ainda neste ano?
Bi — De repente vamos gravar até o fim do ano, mas para o disco sair só no começo do ano que vem.
BIZZ — Quem vai produzi-lo?
Barone — Não sabemos ainda. Estamos pensando no Hugh Padgham *(risos) — N. R.: ele produziu Police e XTC.*
Herbert — Se tivéssemos que escolher um produtor internacional para trabalhar com a gente, seria o Bob Sargeant, produtor do Beat. Ele é demais. Fico chapado com as coisas do Beat. E acho demais o Liminha produzir o Sigue Sigue Sputnick. Sem sacanagem. O Arto Lindsay chegou com aquela voz de nordestino no estúdio do Liminha e falou: "Eu queria era aumentar tudo aqui, botar tudo no vermelho pra ver se essa porra distorce" *(risos)*. Lá fora eles são superousados. Temos muito o que aprender.
BIZZ — E o que vocês andam ouvindo ultimamente?
Herbert — O meu disco favorito hoje em dia é a trilha do *Blade Runner*, com orquestra, que sempre escuto à noite. Tem também uma coletânea do Curtis Mayfield que é demais. Aquilo é produção: é aí que o Prince se inspira. Tem também o *Rock'n'roll Animal*, do Lou Reed. É ao vivo, com o Steve Hunter. Adoro o Steve Hunter tocando guitarra. Comprei uma coletânea do Fun Boy Three que é superlegal.
Barone — Tenho escutado muito o último disco do Ginger Baker, o *Horses and Trees*, que é meio new-age rítmico. Comprei também o último mix do Fela Kuti, "Suffering and Smiling". Fora isso, reggae, o CD do *Revolver*, e o *Rhythm Killers*, do Sly & Robbie.
Bi — Também tenho ouvido esse último do Sly & Robbie, um arraso. E ao vivo deles, que a gente tem. E o Manu Dibango gravado na Jamaica. Maddona. Bhundu Boys.
BIZZ — Vocês tem mais planos para o futuro? Como vêem a trajetória de vocês até hoje?
Herbert — A gente é superorgulhoso, cara. E supercrítico ao mesmo tempo. Sabemos das nossas deficiências, sob todos os aspectos. Mas nos permitimos querer fazer isso legal daqui a dez anos. Outra coisa: é algo que gostaria de falar, e que é a coisa mais honrosa que temos na nossa carreira. "Alagados" virou um hino na Bahia. A gente tocou nos Alagados, num clube chamado Peri Peri, que todas as bandas conhecem. É um lugar enorme, cabem quase vinte mil pessoas. E as pessoas que vão aos shows lá são aquelas que moram nos Alagados. Foi genial o show lá, e no dia seguinte fomos convidados para assistir a um ensaio de um bloco afro, chamado Araketo, do pessoal de lá. Foi no meio da favela, radical para caralho, só crioulo, meio-dia, um puta sol, uma bateria tocando os batuques e cantando tudo em nagô e as pessoas respondendo em nagô e dançando... Duas horas no sol, dançando. E a bateria parou e fez um cumprimento para gente. Porra, nós somos três moleques da Zona Sul do Rio! Ter atingido isso é do caralho. E quando neguinho em Montreux puxou a bandeira do Brasil deu um nó na garganta que não tem tamanho. É do caralho. Pô, fomos a primeira banda do Brasil a tocar lá. Você só sente isso quando você tá fora do Brasil.

Os subterrâneos de Nova York (setembro/86)

Em Paris, com o "empolgadão" Liminha

CÓLERA



PAÍS BASCO
*Mondragon
*Elcoibar
*Andoaim

BÉLGICA
*Aalst
*Leuven
*Merksem
*Antúerpia
*Tilth

ALEMANHA OCIDENTAL
*Neumunster
*Wolfeburg
*Ulm
*Hannau
*Kiel
*Lubeck
*Hamburoo
*Berlim
*Bremen
*Groningen
*Bielefeld
*Gottingen
*Duisburg
*Rosenheim
*Braunschweig
*Ravensburg

HOLANDA
*Winterswik
*Alkmaar
*Nijmegen
*Arnhem
*Steenwijk
*Haia
*Eindhoven
*Venlo
*Heereveen
*Zoetermeer

DINAMARCA
*Alborg
*Copenhagen
*Odense

NORUEGA
*Óslo
*Trondheim

FRANÇA
*Montelimar

ÁUSTRIA
*Viena

ESPANHA
*Zaragoza
*Madri

SUÍÇA
*Zurique

J.R. VIVANCO

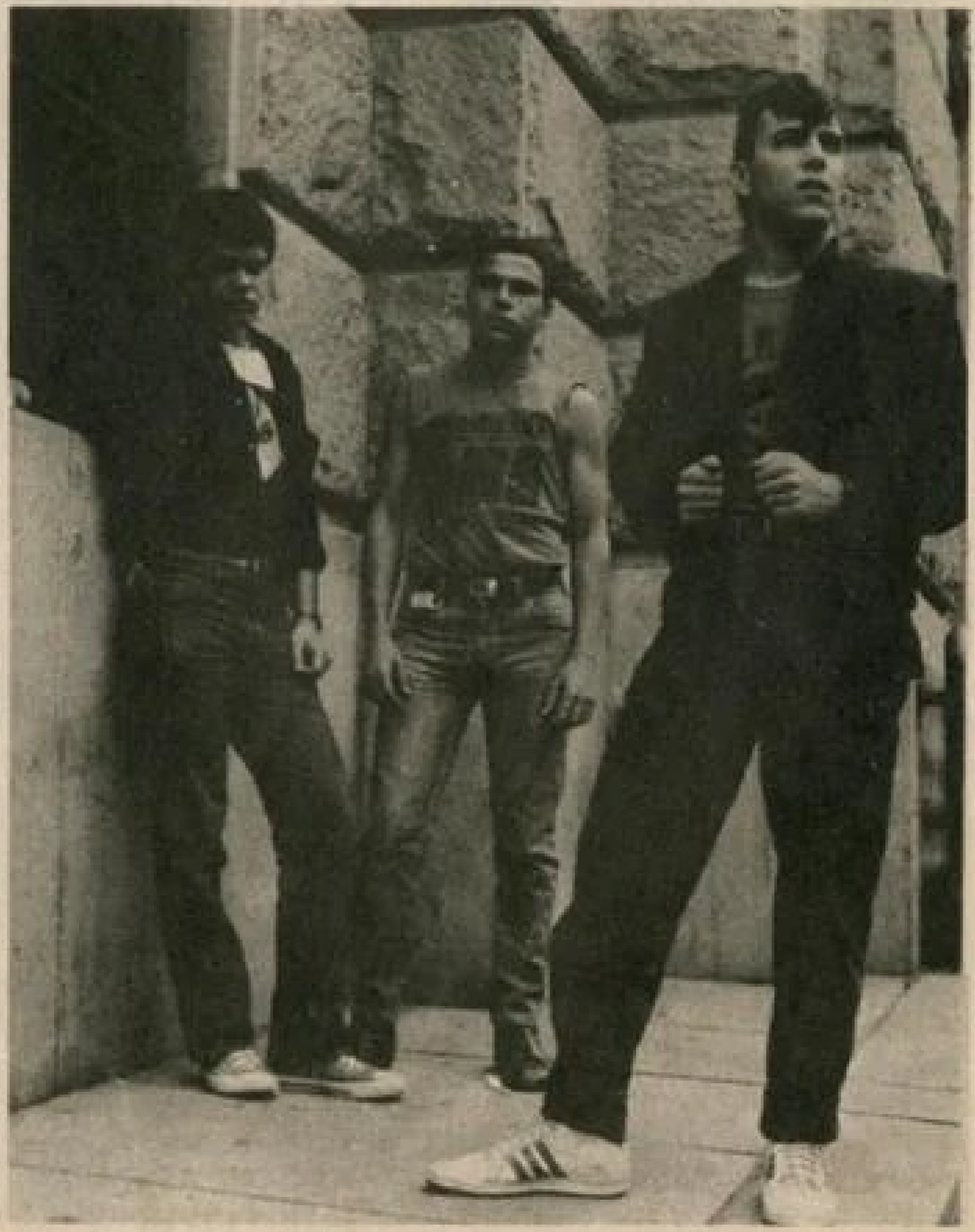
Redson: um "caipira" na Europa

PARTE II

PELA PORTA DOS FUNDOS

Não é impossível para um grupo brasileiro, que ataque no velho e bom punk, hardcore ou no speed metal, excursionar pela Europa. A viabilidade está ligada a uma intensa correspondência que se processa por fora dos anais do *mainstream*. Do It Yourself (D.I.Y.) — Faça Você Mesmo — continua sendo a palavra de ordem dessa moçada. E foi exatamente assim que o Cólera chegou a nove países, 46 cidades e 57 concertos pelo Velho Mundo, realizados ao longo de cinco meses (de março a julho de 87).

O primeiro passo para esse projeto se tornar realidade foi o lançamento, lá fora, de um compacto chamado "Dê o Fora", cuja renda foi revertida para essa viagem. Além disso, contou, e muito, o apoio do amigo Gert, um belga poliglota que acompanhou o grupo em 90% da turnê. Embarcados numa van eles partiram pelas estradas da Europa, parando onde quer que fosse para uma ou mais apresentações. E aí tem muita história...


TUCCI

BIZZ — *A renda do compacto "Dê o Fora" foi suficiente para os gastos da viagem?*
Redson — Não. Juntamos dinheiro de outros discos, shows, camisetas e uns empréstimos para a passagens e os dólares, porque você não sai daqui sem levar dólares... Mas já tínhamos dezoito shows garantidos.
BIZZ — *Como eram os espaços e o público onde vocês tocaram?*
Redson — Os espaços eram geralmente pequenos — cabiam, em média, 400 pessoas. Uma das coisas mais legais de lá são os *squat*. São centros culturais/comunitários onde vive o pessoal alternativo. Tocamos em muitos deles. São casarões ou edifícios abandonados que os jovens invadem e acabam tendo direitos sobre eles. Seria como o usucapião, só que não são terras e sim edifícios... O mais interessante deles é o de Haia, capital da Holanda. Esse squat está ocupado há seis anos e tem cinema, gráfica, restaurante, espaço para show e quartos. E se vive num esquema anarquista mesmo. É superorganizado.
BIZZ — *Como foi a chegada na Europa?*
Redson — Parecíamos caipiras. Conversávamos em inglês, porque era a única língua que a gente arrastava. No primeiro show *(em 01/03/87, em Antuérpia, Bélgica)* pensamos que era um filme — um monte de gente com visual de cabelos azuis, vermelhos... Quando começamos a tocar levamos um puta susto! Deu um desespero... Principalmente porque parou tudo — o pessoal começou a pular em cima do palco, caiu o microfone, desligou a guitarra. Chegamos a pensar que estava saindo o maior pau. Depois acostumamos com a idéia — era agitação mesmo. Puxamos tudo para trás, ligamos e mandamos ver... Aí pegou fogo. Os shows da Bélgica foram os melhores.
BIZZ — *O que esse pessoal que vocês chamam de "alternativo" faz além de assistir shows?*
Redson — Sabe essas manifestações antiinstalações de mísseis, antiusinas nucleares que passam na TV daqui? Então, é todo esse pessoal que organiza.
Pierre — Em Berlim, Alemanha e na Holanda, principalmente, é comum eles explodirem postos de gasolina da Shell, porque é uma das poucas multinacionais que continua investindo na África do Sul e, conseqüentemente, no racismo.
Val — A polícia não é tão estúpida. Não põe a mão no pessoal, não entra nos locais, não acaba com a festa... Não tem baixaria. Nem chapeleira tem nos espaços — as pessoas chegam, jogam o casaco em qualquer lugar e depois pegam de volta. Não tem perigo de roubo.
BIZZ — *Vocês chegaram a ver alguma dessas concentrações?*
Redson — Quando chegamos na fronteira de Oslo, Noruega, passamos por uma revista tipo pente-fino, que durou perto de duas horas. É que houve, no dia anterior, uma manifestação contra a presença de um ministro americano para a instalação de mísseis ianques na Noruega — um dos poucos países que ainda não tem esses mísseis... No dia seguinte, no show, aproveitamos para falar o que tinha acontecido. E foi superforte, porque as pessoas subiam no palco para fazer discursos sobre o assunto.
BIZZ — *Existe muita briga entre gangues?*
Pierre — Bom, lá existe esse pes-

J.R. VIVANCO

O cartaz de um festival hardcore na Holanda, uma das escalas de Redson, Pierre e Val

soal alternativo, formado pelos punks, heavies, headbangers, todos um só grupo. Há, também, os skins fascistas que, principalmente em Bruxelas e Berlim, saem à noite para matar marroquinos, árabes e judeus. Os rockabillys compactuam com a ideologia nacionalista e pró-governo desses skins. Eles são diferentes do *red skins*, anarquistas. E o pior é que esse pessoal *(os fascistas)* recebem apoio por baixo do pano da polícia e isso só se nota quando há briga entre gangues — percebe-se que os "ratos" dão guarita aos skins. Mas quando tem um show, todos se misturam e não sai briga nem desordem. Num dos shows da Alemanha eu cheguei a passar por um corredor de dez skins. Rezei para tudo quanto foi santo, mas não aconteceu nada.

BIZZ — *Com que grupos vocês tocaram?*

Redson — Grupos locais. Dos mais representativos teve o Afflict (Holanda), Desorder, Inferno (Alemanha), Neuroots (Holanda), Dunkle Tase (Alemanha), o Magazione (Itália) e Artless (Nova York).

BIZZ — *O que mais vocês viram e que merece destaque? Alguma reclamação em especial?*

Redson — França... Paisinho nojento. Não falam inglês, apesar de saberem. Ou você fala francês ou não tem comunicação. É o único país onde você precisa de visto do consulado brasileiro para entrar. Tocamos num lugar podre, um show clandestino, porque a polícia francesa não permite manifestação alternativa. Eles invadem, quebram tudo, batem no pessoal e fecham o local. Por isso não teve divulgação e tivemos que cancelar uma série de concertos lá... Agora, o que nos chocou mesmo foi quando vimos a primeira usina nuclear, uma coisa monstruosa, do tamanho de um prédio de 60 andares... E a sensação de "pé de guerra" é uma constante. Passando pelas estradas é comum você ver comboios e mais comboios de armas pesadas — perto de 15 a 20 caminhões de 20 em 20 minutos. Fora os jatos militares, que passam sobre sua cabeça. Nosso comentário quando vimos isso pela primeira vez foi: "Ué? Será que começou a guerra e ninguém nos avisou?"

"Na França demos um show clandestino, porque a polícia não permite manifestações alternativas: invadem, quebram tudo e batem no pessoal"

O 1º SELO DE ROCK NACIONAL

No início de 87, era lançado o LP "Rock Grande do Sul". O LP, além de revelar 5 boas bandas emergentes do Rio Grande do Sul (TNT, Defalla, Replicantes Garotos da Rua e Engenheiros do Hawaii), foi a semente para um Projeto que frutificou em 87: o selo **PLUG.** Idealizado por Tadeu Valério e Miguel Plopschi; criado pela RCA/Ariola, ele tem como objetivo abrigar as novas bandas do rock nacional, tendo como parâmetro para escolha apenas o talento, sem restrições de tendências. Do rockabilly ao experimental, passando por funk, punk, cavaxá etc, todos tem o seu espaço. De 4 a 8 de novembro, estarão detonando os seus sons no palco do Canecão (Rio de Janeiro) as bandas contratadas para o selo, em shows que servirão para lançar o **PLUG** e mostrar a todos o talento e a diversidade de nosso rock. Compareçam para conferir, e ouçam os LPs deste novo selo. Boas surpresas estão reservadas para você. E vem mais por aí!

Fabian Décio Chacur

PLUG

PEPSI
O SABOR DA NOVA GERAÇÃO.

SLAP PROD

O 1º SELO DE ROCK NACIONAL

TNT

Grupo gaúcho que tem como principais influências o rockabilly e o rock and roll dos anos 50, aliados à fúria do punk. Um som altamente dançante, direto e com letras simples e sem preocupações poéticas. Seus componentes tem uma idade baixa (média 19 anos), e refletem bem sua faixa etária. Ir direto ao assunto: eis o rock em sua essência.

HOJERIZAH

Os cariocas do Hojerizah tem pelo menos duas características bem marcantes: o vocal barítono (causando estranhesa à 1ª audição, embora afinadíssimo) e as letras de poesia elaborada. Alie-se a essas duas características uma cozinha rítmica (baixo/bateria) bem entrosada e uma guitarra com fortes influências dos anos 60 (Byrds), e o resultado é uma grande banda.

DEFALLA

O som da banda gaúcha Defalla é uma surpresa constante. Com elementos de punk, funk, psicodelismo e até mesmo música POP, com um vocal agressivo e direto, seu trabalho é extremamente difícil de ser rotulado. A somatória de elementos tão díspares soa radical, embora assimilável para um público não roqueiro. Mas os sustos serão inevitáveis.

DE 04 A 08 DE NOV. 19H CANECÃO

PEPSI
O SABOR DA NOVA GERAÇÃO.

Giannini

SLAP PROD

NENHUM DE NÓS

O trio gaúcho tem uma grande preocupação com a limpeza instrumental. Suas canções são melódicas, sutis e com influências do folk, anos 60 e até do rock progressivo, com um resultado acessível ao ouvido médio. Música POP de primeiríssima linha, para tocar no rádio ou ser degustada em casa, conforme o gosto do freguês.

OS REPLICANTES

O grupo gaúcho é um dos mais brilhantes expoentes da ala mais radical do punk rock-a hardcore. Um som extremamente crú, agressivo, sem quaisquer sutilezas, e com letras onde palavrões e descrições violentas de nosso cotidiano são apenas formas de se apresentar uma realidade que está aí prá quem quizer ver. Crueza total. Urgência.

PEPSI
O SABOR DA NOVA GERAÇÃO.

GAROTOS DA RUA

I know, it's only rock&roll, but I like it! Puro rock and roll, é o que nos oferece este energético grupo gaúcho. Com fortes influências dos Rolling Stones e Faces (entre outros), eles detonam um rock vigoroso que também comporta baladas e alguns elementos funk e reggae, mais um sax irresistível. É só rock and roll, mas a gente gosta. E como!"

ENGENHEIROS DO HAWAII

Quem poderia esperar que esta banda, em menos de 2 anos, pudesse arrebatar um disco de ouro, e logo em seu álbum de estréia? Com canções como "Toda forma de poder", o grupo ganhou um público fiel pelo seu rock somatória de várias influências e extremamente POP. Um trio onde a competência vocal e instrumental é patente. A grande revelação de 86 no rock nacional.

O 1º SELO DE ROCK NACIONAL

DE 04 A 08 DE NOV. 19H CANECÃO

SLAP PROD

Giannini

PICASSOS FALSOS

Funk, soul, e até mesmo baião, samba e batuque aliados ao rock, numa mistura que, embora pareça estranha, resulta num som altamente rítmico e direto. Porém, as letras não são deixadas de lado, como em outros casos, e o que podemos constatar é um trabalho preciso e consciente. Dançar, sim, mas sem alienação, a marca de um grupo que só é falso no nome.

SLAP PROD

BLACK FUTURE

Bateria eletrônica repetitiva, baixo e guitarras caóticas, violino, teclados e vocais gritados exprimindo letras fortes e que procuram mostrar o outro lado do Rio de Janeiro, aquele que nem todos querem conhecer. Eis o que propõe o trabalho da dupla carioca, que experimenta sem fronteiras rock e elementos diversos, num resultado no mínimo instigante. E novo.

PEPSI
O SABOR DA NOVA GERAÇÃO.

VIOLETA DE OUTONO

O trio paulista tem como principais influências o som psicodélico do fim dos anos 60/início dos 70. Sons elaborados, climáticos e cheios de sutilezas instrumentais, onde até os vocais são utilizados como mais um instrumento. A música em 1º lugar. Nada de carinhas bonitinhas ou visuais louquetes.

Seus shows são para se ouvir sentado. Possíveis viagens, mas só no som!

Giannini

OBINA SHOCK

O grupo que foi o precursor de todo o movimento em torno de sons afro no Brasil. Formado por músicos brasileiros e africanos, mistura influências como o cavaxá, o reggae e a soca, entre outras, num resultado que pega na veia de quem gosta de dançar até cansar. "Vida" e "Africaner Brother Bound" estouraram em todas as rádios, e Gil e Gal participaram de seu 1º disco.

Giannini

HANÓI-HANÓI

Quem não ouviu a canção "Totalmente demais" em 86, um gostoso reggae com um rapp bem gingado no meio? A música (também gravada por Caetano Veloso no LP de mesmo nome) é a marca registrada da banda, que mistura os sons negros (funk, reggae, ska) com fortes pitadas de rock, com um resultado que alia experiência e swing.

HANÓI·HANÓI

JOÃO PENCA & SEUS MIQUINHOS AMESTRADOS

Some-se um visual e sons fortemente influenciados pelos anos 50 (rock&roll, surf music, doo wop, etc) a um bom humor à toda prova, e o resultado é esse hilário grupo carioca, já com muito tempo de estrada. Precursor do rock Brasil nos anos 80, além de ter acompanhado Eduardo Duzek (LP "Cantando no Banheiro) e lançado Leo Jaime para o estrelato.

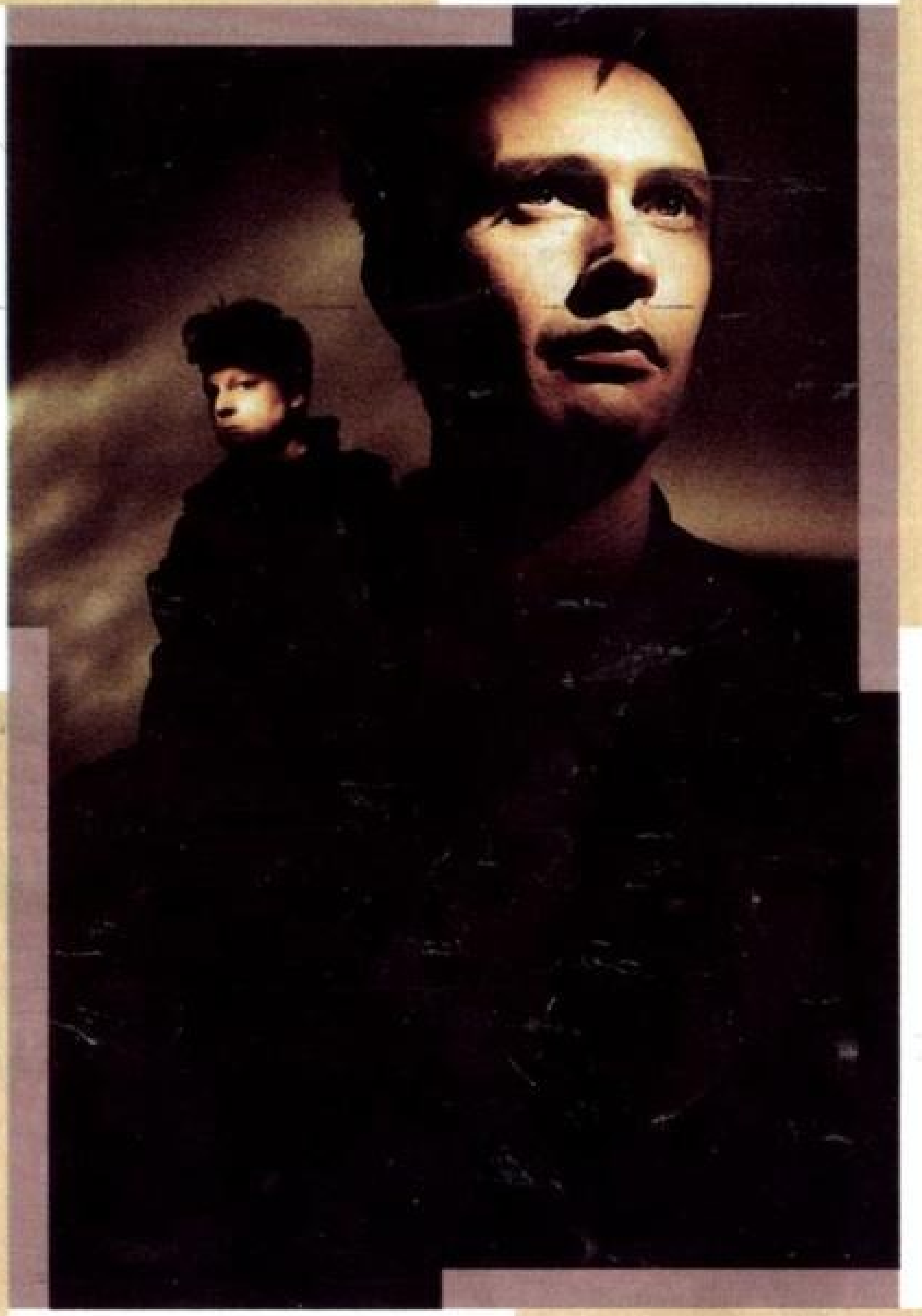
SLAP PROD
PEPSI
O SABOR DA NOVA GERAÇÃO.

Zurique, 1916... da-da-da

Sheffield, 1973

Industrial? Tecno? Pop???

Brasil, 1987. Enfim, o catálogo dos Cabs ameaça ser lançado. Rewind.............



Paul Cox / LFI

CABARET VOLTAIRE

SETE DÉCADAS DE SONOPLASTIA E TERRORISMO

Um lugar comum entre os vários tipos e formatos de "comentaristas culturais" e que já virou dogma na boca dos leigos: estampar que a década de 70 simplesmente não aconteceu; ou que, se aconteceu, merece ser ignorada até a entrada em cena da punkadaria.

O rock alemão, por exemplo, em suas principais frentes de pesquisa — Kraftwerk, Neu, Can —, foi pelo menos tão importante quanto (a) o reggae; (b) a "nova onda" nova-iorquina; (c) o Roxy Music — para citar três monolitos essenciais dos 70's pré-punk.

Era, então, "a hora e a vez" do bufê progressivo... que se espalhou Europa afora como uma verdadeira peste bubônica. Quem tiver em casa discos dos franceses Magma ou dos italianos Premiata Forneria Marconi pode dar a mão à palmatória.

Nestes grupos alemães o enfoque era outro. Enquanto Keith Emerson e Rick Wakeman brincavam de pilhar fugas, tocatas e sonatas, eles faziam contato com uma "tradição" mais recente. Sintetizadores, gravadores e mesas de mixagem eram fuçados em continuidade direta à pesquisa que músicos como Edgar Varèse, Pierre Schaeffer, John Cage e Karl-Heinz Stockhausen vinham desenvolvendo há duas, três décadas. Elementos-chave: a soberania do *timbre* sobre a *melodia* e a construção de ritmos pela edição de fitas na gilete mesmo.

Colocado no mesmo saco com os ingleses Henry Cow e os franceses Gong, esse pessoal era visto, na época, como uma espécie de "lado escuro" do progressivo — esquisitos demais para serem levados a sério, barulhentos demais para serem considerados "arte".

E o que o Cabaret Voltaire tem a ver com isso?

Boa pergunta... Onde estávamos mesmo?

Para começar, o Cabaret — em sua fase embrionária (73/74) — é quase contemporâneo dessa trinca teutônica, onde dizem ter descoberto, com o tempo, afinidades eletivas (não confundir com "influências").

De uns anos para cá, o Cabaret Voltaire passou a ser citado como pioneiro do chamado "som industrial" e baluarte máximo da "cena de Sheffield" — capital da siderurgia britânica, de onde saiu toda uma leva: Human League/Heaven 17, Clock DVA/Anti Group e Throbbing Gristle/Psychic TV.

Para efeitos jornalísticos, o rótulo pode até servir, mas acaba espremendo demais o espírito de colagem e invenção do Cabaret — aberto desde sempre tanto para os gritos e sussuros do maquinário pesado, como para interferências de rádio e TV, ruído branco/ruído rosa e as tais "vozes encontradas" — elemento utilizado por Stockhousen que faria ainda muito sucesso nas mãos de David Byrne e Brian Eno.

Outra afinidade: assim como Eno, o trio original do Cabaret Voltaire — Richard H. Kirk, Stephen "Mal" Mallinder e Chris Watson — começou, em 1973, não sabendo tocar mais que e não utilizando mais que gravadores. Amostras. Ruído. Barulho. Colagem. Edição. Em palavras mais suaves/antigas: "música concreta".

Richard: "A idéia inicial era trabalhar com o som, apenas juntando sons como pedaços de um quebra-cabeça. Se o resultado soasse como música, era pura coincidência".

Mal: "Não tínhamos nenhuma idéia definida; inicialmente era apenas masturbação em áudio, diversão com gravadores... Íamos duas vezes por semana ao apartamento de Chris e ficávamos brincando. A única intenção era enfrentar o tédio e sentir que estávamos realmente fazendo alguma coisa, em vez de sair para encher a cara".

Chris: "A maior influência de todas foi tentar reviver o período dadaísta, lendo tudo sobre o assunto, assistindo a vários filmes e exposições e ouvindo as velhas gravações deles".

Cabaret Voltaire: bar/casa noturna/espaço para as performances dada, montado por Hugo Ball em Zurique, 1916. Este "cabaré" não durou mais que quatro meses, mas foi o núcleo/bomba retroativa para as cusparadas de Tristan Tzara & cia. na cara das Belas Artes.

Essa obsessão — aliada a interesses como o trabalho de Eno junto ao Roxy Music, o Velvet Underground e os tais grupos alemães — conseguiu unir Watson, então engenheiro de som especializado em telefones, aos dois ex-skinheads Mal e Richard.

Foi só em 75 que o trio saiu do apartamento de Watson para sua primeira apresentação. Segundo o livro *Cabaret Voltaire — The Art of the Sixth Sense* (de M. Fish e D. Hallberry, ed. Serious Art Forms, Londres, 1985): "O show em si foi uma experiência que terminou com Mal sendo levado ao hospital, com um osso lascado nas costas e Richard atirando sua guitarra em cima da platéia".

Para os possíveis arqueólogos interessados, o único registro dessa fase inicial do Cabaret é a compilação em cassête — *Cabaret Voltaire 1974-1976* — editada pelo selo Industrial Records. Mas talvez seja mais fácil conseguir a primeira edição do *I Ching*.

Nesse período coberto pelo cassete, o grupo foi gradualmente incorporando instrumentos mais convencionais. O primeiro foi um oscilador — aparelho gerador de ondas sonoras (a "fonte" de todos os sintetizadores analógicos). Na seqüência, um sintetizador propriamente dito, o AKS, modelo que, por vir dentro de uma valise e não ter

"No início era masturbação em áudio, diversão com gravadores... Enfrentar o tédio fazendo algo, em vez de sair e encher a cara"

teclado (mas ligações como as de uma mesa telefônica), cativou de imediato Chris Watson. Enquanto isso, Richard H. Kirk arrumava uma guitarra e um clarinete. No Departamento de Música da Universidade de Sheffield, tinham ainda acesso a um gravador de rolo Revox e um sintetizador VCS 3 (outro aparelho cool ao cubo: o mesmo modelo manipulado por Eno no Roxy Music). A travessia ficou completa quando descolaram uma *drum machine* e passaram a fazer *loops*, ou anéis de fita (técnica que vem desde o berço da música eletrônica e consiste em gravar uma melodia ou um simples ruído e colar uma extremidade na outra, fazendo-a tocar repetidamente até alguém apertar o *stop*).

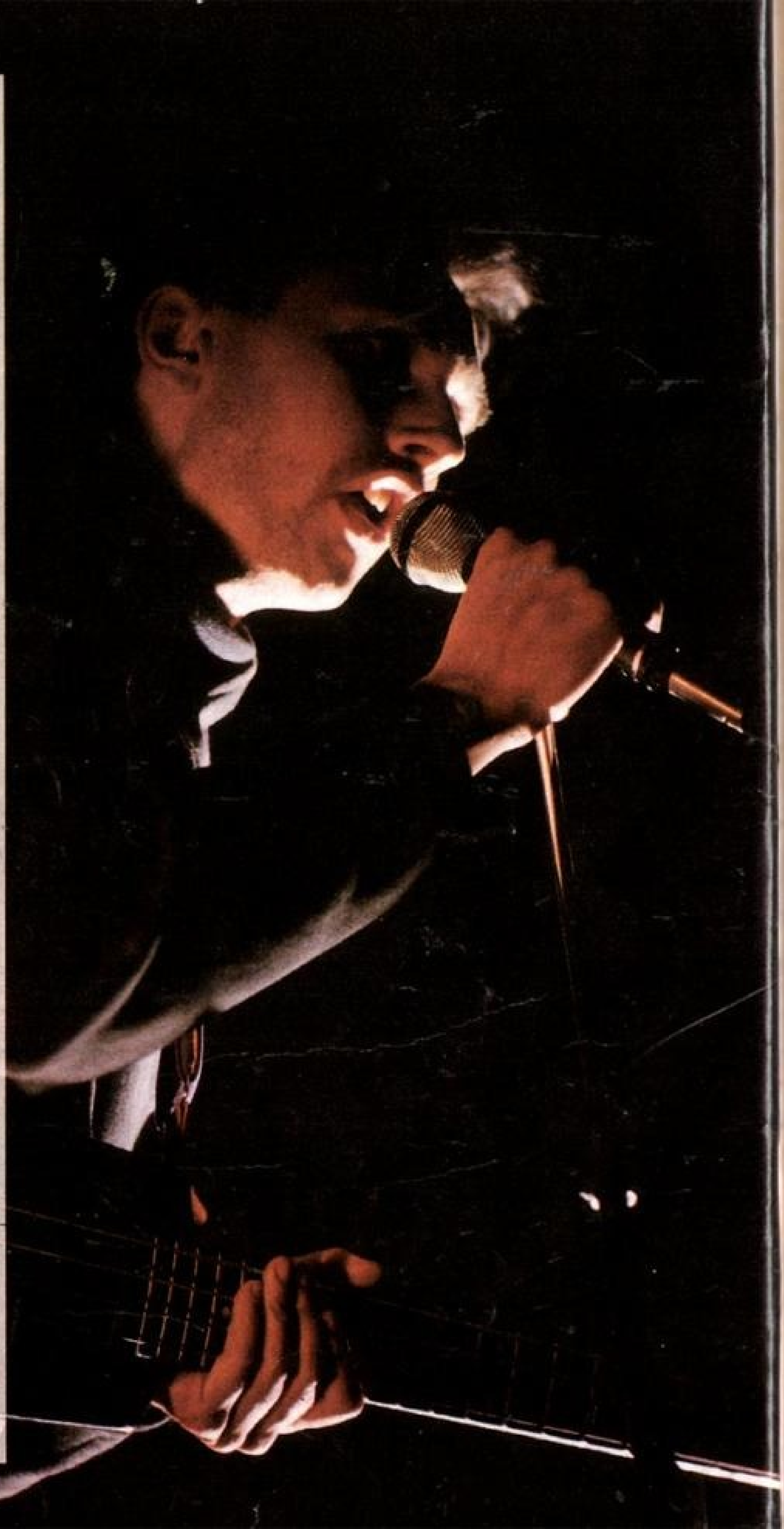
Mal: "Todo o espírito punk era uma coisa ótima e parte do som também. O principal, no início pelo menos, era que as pessoas diziam que havia algo de diferente acontecendo e que estava derrubando várias barreiras — o que, até certo ponto, era verdade. Foi só ▶

DISCOGRAFIA

LPs
Mix-Up (Rough Trade, 79)
Live at the YMCA (RT, 79)
The Voice of America (RT, 80)
Live at the Lyceum (RT, 81)
Red Mecca (RT, 81)
2 x 45 (RT, 82)
The Pressure Company — Benefit for Solidarity (Solid, 82 — Show de arrecadação de fundos para o sindicato polonês, realizado por Mallinder e Kirk com seu eventual colaborador Eric Random. Não creditado ao Cabaret Voltaire por razões contratuais)
Hai! (RT, 82, gravado ao vivo)
Johnny Yes/No (Doublevision, 82, trilha sonora)
The Crackdown (Virgin, 83)
Micro-Phonies (Virgin, 84)
The Covenant, the Sword and the Arm of the Lord (Virgin, 85) — Lançado nos EUA como *The Arm of the Lord*)
Code (Parlophone, 87)
Richard H. Kirk solo
Disposable Half-Truths (Industrial, 80, cassete)
Time High Fiction (Doublevision, 84)
Ugly Spirit (Independente, 86)
Stephen Mallinder solo
Pow Wow EP (Fetish, 82)
The Hafler Trio (com Chris Watson)
Bang — An Open Letter (Doublevision, 84)
Compactos e EPs selecionados
Extended Play (Rough Trade, 78)
Nag Nag Nag (RT, 79)
Silent Command (RT, 79)
Three Mantras EP (RT, 80)
Seconds Too Late (RT,81)
3 Crépuscule Tracks (RT, 81)
Eddies Out/Walls of Jericho (RT, 81)
Yashar (Factory Benelux, 82)
Crackdown/Just Fascination (Virgin, 83)
The Dream Ticket (Virgin, 84)
Sensoria (Virgin, 84)
James Brown (Virgin, 84)
Drinking Gasoline EP (Virgin, 85)
I Want You (Virgin, 85)

VIDEOGRAFIA

Doublevision Presents Cabaret Voltaire (Doublevision)
Johnny Yes/No (Doublevision)



mais tarde que a coisa tropeçou sobre si mesma e se tornou um estereótipo como qualquer outro; como o rock'n'roll, por exemplo''.

Richard: ''Embora eu gostasse de muita coisa dos grupos punks, sempre senti que a maior parte do movimento não estava olhando para a frente. Para mim, a maioria parecia com os Rolling Stones, de quem eu sempre gostei, mesmo... Eu achava que estávamos dizendo coisas parecidas, mas esperando fazer algo um pouco diferente em termos da produção musical em si''.

Claro, em 1977, a Grã-Bretanha era outra — e a postura radicalmente independente do Cabaret Voltaire encontrava espaço para proliferar. Ao mesmo tempo que se ligavam ao grupo da Factory, em Manchester (inauguraram, junto com o Joy Division e o Durutti Column, o Factory Club em 78), assinam com a Rough Trade um contrato que permite ao trio montar seu próprio estúdio, batizado de Western Works, que dura até 1981.

Não seria exagero dizer que todos os sonhos de radicalismo de grupos pós-punk como o PIL, o Pop Group e todos os chamados ''industriais'' só se realizariam até suas últimas conseqüências no Cabaret Voltaire — e isso bem *antes* de 1976...

Estes três anos na Rough Trade representam, sem dúvida, a safra de ouro do Cabaret. É um período de intensa produtividade, simultânea à expansão do Western Works para quatro canais — depois oito — e para o trabalho em vídeo, pelo qual se tornam tão importantes quanto sua navalhada sonora.

A gravação ''caseira'' — conceito — chave para o pop dos anos 80, do qual são os pioneiros — lhes dá não só sua inconfundível identidade como permite um grau de independência só hoje equiparado: no Western Works eles mesmos gravam, fazem a engenharia de som, mixam, editam e mandam para Londres a matriz do disco e a arte da capa.

Não seria exagero dizer que todos os sonhos de radicalismo de grupos pós-punk como o PIL, o Pop Group e todos os chamados ''industriais'' só se realizaram até suas últimas conseqüências com Cabaret Voltaire — isso antes de Vivienne Westwood espetar o primeiro alfinete na camiseta de Johnny Rotten.

Mas o mais engraçado de tudo é o trio ter ultrapassado, sem querer, as fronteiras do mundo rock/pop (ao qual nunca chegaram mesmo a pertencer) para aterrissar ao lado de alguns de seus mais ''sérios'' inspiradores. Seus vídeos estão hoje no acervo do Museu de Arte Moderna de Nova York, o mesmo que abriga algumas coisinhas de Marcel Duchamp a Andy Warhol. Lá estavam eles, também, como convidados especiais na pomposa e megalomaníaca Feira de Arte Eletrônica — promovida em Viena, há dois anos — respondendo a perguntas do tipo ''o que é arte?''

Do livro *Electronic and Experimental Music* (de Thomas B. Holmes, Scribners & Sons, Nova York, 1985), um excelente guia da história da música eletrônica: ''O Cabaret Voltaire é certamente uma das mais prolíficas das bandas de rock experimental mais recentes... Seu som, já patenteado, consiste em percussão eletrônica circular, sobrecarregada pelo vocal monótono de Stephen Mallinder e as cortantes ondas da guitarra de Richard Kirk... Ao contrário do Kraftwerk, sua mistura sonora não é tão agradável às vezes. A música morde com raiva, refletindo as visões políticas do grupo... Música extremista para aqueles que gostam de um pouco de barulho...''

O lançamento de *2 x 45*, um dos trabalhos mais fortes do grupo, em 81, marca a saída de Chris Watson e uma verdadeira guinada no som ''patenteado''.

Segundo o press release enviado à imprensa em 30 de outubro de 81, ''o tecladista, manipulador de tapes e coringa do Cabaret Voltaire, Chris Watson, decidiu tirar uma licença por tempo não determinado, começando em novembro... Watson optou por um período de trabalho com a TV Tyne Tees, onde estará envolvido com os passatempos voltaireanos favoritos: trabalhar em um estúdio com equipamento de som e vídeo''.

O lançamento de *2 x 45* marca também a saída da Rough Trade e um novo contrato, desta vez com a Virgin Records, pelo selo Som e Bizzare. Musicalmente, há ainda a efetivação do baterista Alan Fish, contribuindo para a nova dosagem do Cabaret: menos *musique concrete*, mais *dance music;* o que não representa, aliás, nenhuma queda na qualidade. Basta ouvir compactos racha-assoalho como ''Just Fascination'' e ''Sensoria''.

Paralelamente, abrem seu selo próprio, o DoubleVision, para lançamentos em vídeo e discos de outros grupos sob a produção de Mal e Kirk — o exemplo mais notável sendo o excêntrico percussivo/ambiental 23 Skidoo. Junto com eles e o Psychic TV, participam da *Final Academy*, um evento que levou para Londres William Burroughs e os poetas Brion Gysin e John Giorno para lerem seus textos em meio a uma performance multimídia organizada por Genesis P. Orridge, o *mastermind* do Throbbing Gristle/Psychic TV. Um brasileiro privilegiado, chamado Antônio Bivar, estava lá. Você pode ler seu relato no livro *Alma Beat* (L&PM, 1984).

Com o encerramento do contrato com a Virgin, há cerca de um ano, os Cabs estão agora com a Parlophone. O primeiro fruto é o compacto ''Don't Argue'', lançado em julho deste ano e cujo vídeo — filmado em Las Vegas e no deserto de Nevada — dizem estar entre os melhores trabalhos do grupo. Deve estar saindo por estes dias o LP intitulado *Code*, gravado no Western Works, atualmente com 26 canais. E, *last but not least*, Chris Watson abriu uma brecha em sua carreira de sonoplasta profissional para voltar a gravar, com uma banda de Newcastle (para onde se mudou) chamada Hafler Trio.

De todo o ''pós-punk independente'' que a coligação Stiletto/Eldorado vem lançando no Brasil, a promessa de edição do Cabaret Voltaire só se equipara mesmo ao monolito Joy Division.

No mais, tudo isto não passa de uma introdução superficial ao Cabaret Voltaire. Quem se dispuser a mergulhar mais fundo pode não chegar a encontrar nunca o fundo do poço, mas as recompensas estão espalhadas pelos sulcos desta vasta discografia.

J.A.L.

"DADA TAPES" RUBROS

DIVERGÊNCIA SOCIALISTA

O ROCK EXPERIMENTAL MINEIRO

Marcelo Dolabella é um dos grandes agitadores culturais de Belo Horizonte. É ativo colaborador do inteligente fanzine *GASS*, edita uma revista de poesia e textos, a *Farenheit 451°*, mantém uma loja de livros usados, a Boogie Woogie, encabeça cursos, como o recente Da Poesia ao Rock, ministrado no festival de inverno de São João del-Rey (MG)... Na mídia em geral ele é mais conhecido como autor do primeiro dicionário de rock brasileiro — o *ABZ do Rock*...

Como se não bastasse, lá por 84, Marcelo arquitetou um projeto musical, intitulado Divergência Socialista. O nome pode ser associado tanto a uma oposição à corrente política Convergência Socialista como à dissidência do Sexo Explícito — um dos melhores grupos pop do país —, que contava com Marcelo na primeira formação.

Depois de ficar parado durante todo o ano de 85, o Divergência começou a sedimentar seu projeto. Devido a infinitas mesclas e referências, eles são, hoje, um dos poucos grupos de rock experimental desta década que vingaram em proposta e continuidade aqui no Brasil. Para dar maiores detalhes do Divergência, ninguém melhor que o próprio Marcelo: "Miramos o rock-experiência, unido a outras formas de arte. Um trabalho de aglutinação: de Alice Cooper, passando pela discoteque e o punk dos anos 70 até a música contemporânea. Toda essa mescla se associa à linguagem cinematográfica e à poesia. Enfim, pegamos as coisas que todos já experimentaram no rock e as acrescentamos às que ainda não foram usadas". O quê, por exemplo? "Fazer uma coisa que tenha peso, mas que seja dançante. Por questão de amadurecimento, utilizamos, também, o silêncio como interferente na massa sonora. O texto, meio minimalista, hai-kai, toma uma forma diferente quando cantado — muda... Como diz a letra: 'Você não é muda, quem sabe muda'... Politicamente não se refere à descrença, como normalmente ocorre quando se utilizam esses temas. Leva para o lado antiniilista, para cima, de fazer alguma coisa. Não tem que ficar chorando o leite e achar que tudo é ruim e não há o que fazer."

Fora a utilização de instrumentos como baixo, por conta do arranjador Mário (também Sexo Explícito), teclados, violão, outro baixo e computador rítmico, aos cuidados da *teenager* Aleca — futuro grande talento nacional — e da voz mais performance de Silma, Marcelo se incumbe dos "dada tapes" e textos.

A idéia de usar tapes vem da experiência do cineasta russo Dziga Vertov. No início do século ele usava gravação de elementos da natureza e das fábricas para servir de fundo para suas declamações. Hoje, Marcelo utiliza o mesmo recurso como uma nuvem ou tempestade que perpassa a massa sonora e o vocal. "Gravo, por exemplo, um som de floresta, jogo em 45 rotações e fica como se fosse uma guerra", explica.

Adiante, sem pressa, Marcelo diz: "Vamos nos apronfundar cada vez mais nessa coisa do instrumental. Se a música pedir percussão, guitarra, três vozes, vai ter. Se não pedir baixo, que não tenha... O rock precisa de três coisas básicas: a idéia clara, alguém que concretize o texto na voz e a parte musical. Temos isso ao nível do texto e música. Vamos estender essas fronteiras para a produção, foto e a própria equipe. Se algum dia o Divergência vazar para algum lugar, é porque já tem maturidade". Vazou...

Sônia Maia

01º SELO DE ROCK NACIONAL

PLUG

ALIADOS

Grupo formado por Marcelo (bateria e percussão), Iuri (teclados), Edom (guitarra, voz e teclados), Paulo Henrique (teclados, baixo, voz) e Duda (voz e percussão). Juntaram-se nos últimos dois anos com o objetivo de formar um grupo coeso, sem hipocrisia. A idéia é fazer um trabalho coerente com o momento musical e vivencial, naturalmente, de seus componentes. As letras completam as músicas que passeiam por muitas tendências registrando da música negra ao HARD e METAL ROCK, Tecno Funk, ao Progressivo e do Pop Fusion.

Um grande cuidado com a sonoridade de gravação, aliando tecnologia e sentidos alertas.

PEPSI
O SABOR DA NOVA GERAÇÃO

SLAP PROD

Giannini

PLUG

RCA ariola

NO CANECÃO
DE 4 A 8 DE NOVEMBRO

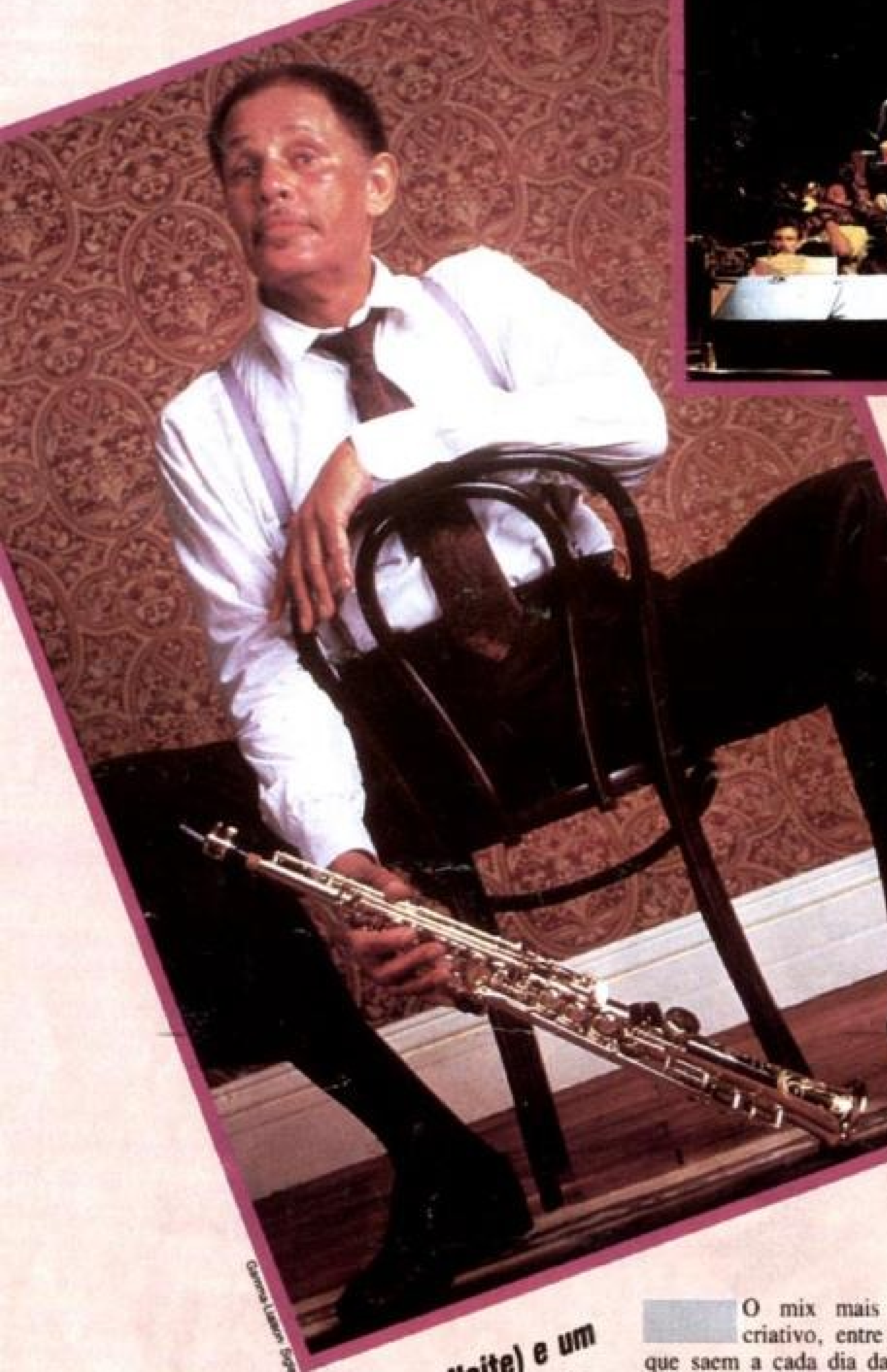
TNT • DEFALLA • HOJERIZAH • NENHUM DE NÓS • OS REPLICANTES • GAROTOS DA RUA • ENGENHEIROS DO HAWAII • ALIADOS • PICASSOS FALSOS • JOÃO PENCA & SEUS MIQUINHOS AMESTRADOS • BLACK FUTURE • VIOLETA DE OUTONO • OBINA SHOCK • HANÓI-HANÓI.

TITÃS

wea

Veja o show, compre o novo disco

Dexter Gordon (*Por Volta da Meia-Noite*)



Sting e a Gil Evans Orchestra (Winton Marsalis no sax)

O VELHO JAZZ DE NOVO

Um filme (Por Volta da Meia-Noite) e um pop star (Sting) recolocam na ordem do dia o apaixonado (e apaixonante) gênero

O mix mais original e criativo, entre as dezenas que saem a cada dia das usinas de hip hop do Bronx, é um *crossover* de Fresh Prince e Jazz Jeff que atende pelo nome de "A Touch of Jazz": beatbox, scratch, ao fundo seções usurpadas do que parece ser Art Blakey, e em cima o swing do rap celebrando a primeira fusão de hip hop "with a touch of jaaaaaaazzzz". Brilhante a idéia. E uma homenagem adequada da garotada urbana dos 80 a uma das invenções mais cool da História. Em janeiro de 87, o jazz completou 70 anos desde a sua primeira gravação. Nesse tempo, a sorte deste verdadeiro estado de alma — e de seus praticantes — flutuou em alto-mar como um barco sob uma tormenta. Para o público e a mídia brancos, o jazz já teve todas as imagens — do perigo extremo à trilha de fundo para coquetéis entediados. Os sons contemporâneos fluem — ou *não* fluem — sob uma avalanche de crossovers, fusões, eletromanias new age: um quadro que não favorece o aparecimento de novos jazzmen. O que é jazz, hoje? Sua identidade, claro, está fragmentada: jazz, hoje, pode ser qualquer coisa. Um elemento básico permanece: o prazer da liberdade musical, o prazer da improvisação, o prazer de tirar de teclados, válvulas ou notas uma seqüência de notas cantadas pela mente.

Muita coisa mudou desde aquele 30 de janeiro de 1917, quando a Original Dixieland Jazz Band, de New Orleans, entrou em um estúdio em Nova York e gravou "Indiana" e "Darktown Strutters Ball" — assinalando a emergência do jazz a partir do ragtime (outras bandas da época eram muito superiores, mas a verdade é que a ODJB chegou primeiro ao estúdio). A base da história é indiscutível: o jazz foi a destilação perpetrada pelo *blackman* americano de vários tipos de *folk music* (incluindo várias correntes européias, em termos de melodia e harmonia). E, tendo em vista a ordem social dos EUA, os brancos foram os primeiros a polir e rentabilizar essa forma musical. Hoje todos reconhecem que o jazz não veio da África. Assim como hoje todos reconhecem que o jazzista negro americano sofreu um processo de estupro sem precedentes em sua própria terra. Essa, através da história do jazz, foi sempre uma figura sem o prestígio e o dinheiro de acordo com o seu talento.

Quanto ao núcleo central de gênio da história do jazz, hoje também não há muito o que discutir. Temos Louis Armstrong, pela primeira grande arrancada em termos de poder de solo, lógica e fecundidade; Charlie Parker, pela introdução de um novo vocabulário de extensões de acordes e substituições; e Duke Ellington, pela orquestração e pela cor.

No meio da década de 70, o mundo do jazz tinha chegado ao limite de suas possibilidades de desenvolvimento. O free jazz tinha reduzido a forma a cacos. Depois disso, aonde ir? A melhor: resposta para trás, um pouco ou bastante. O jazz nos seus primeiros 70 anos desenvolveu-se a uma tal velocidade que agora qualquer estágio de sua evolução está disponível para ser retrabalhado. O feeling, claro, casava-se à perfeição com o revivalismo emergente da década de 80.

No meio da década de 70, o free jazz tinha reduzido a forma a cacos. Aonde ir? A resposta: para trás!

Muito bem. Centenas de livros importantes publicados por ano, com pesquisas sérias. Reedições como a do catálogo extraprecioso da Blue Note. Só faltava, no auge da nostalgia, um flash para (re)lançar o jazz para a grande massa planetária. Foram, na verdade, dois flashes.

O primeiro: a operação *blue turtles* de Sting. Pop star famoso recruta superbanda de jovens feras do jazz para gravar um disco, um vídeo e excursionar pelo mundo. Sting, claro, como megaegomaníaco, não vendeu jazz para o público adolescente: vendeu Sting posando de pop-jazzista (o melhor de toda a operação era a banda, sem dúvida, à qual Sting, ao vivo, nunca dava o espaço necessário; quando dava um minutinho a mais, eles o reduziam a pó). Mesmo assim, por causa da dimensão da operação, dezenas de milhares de pessoas passaram a prestar um pouco de atenção ao jazz.

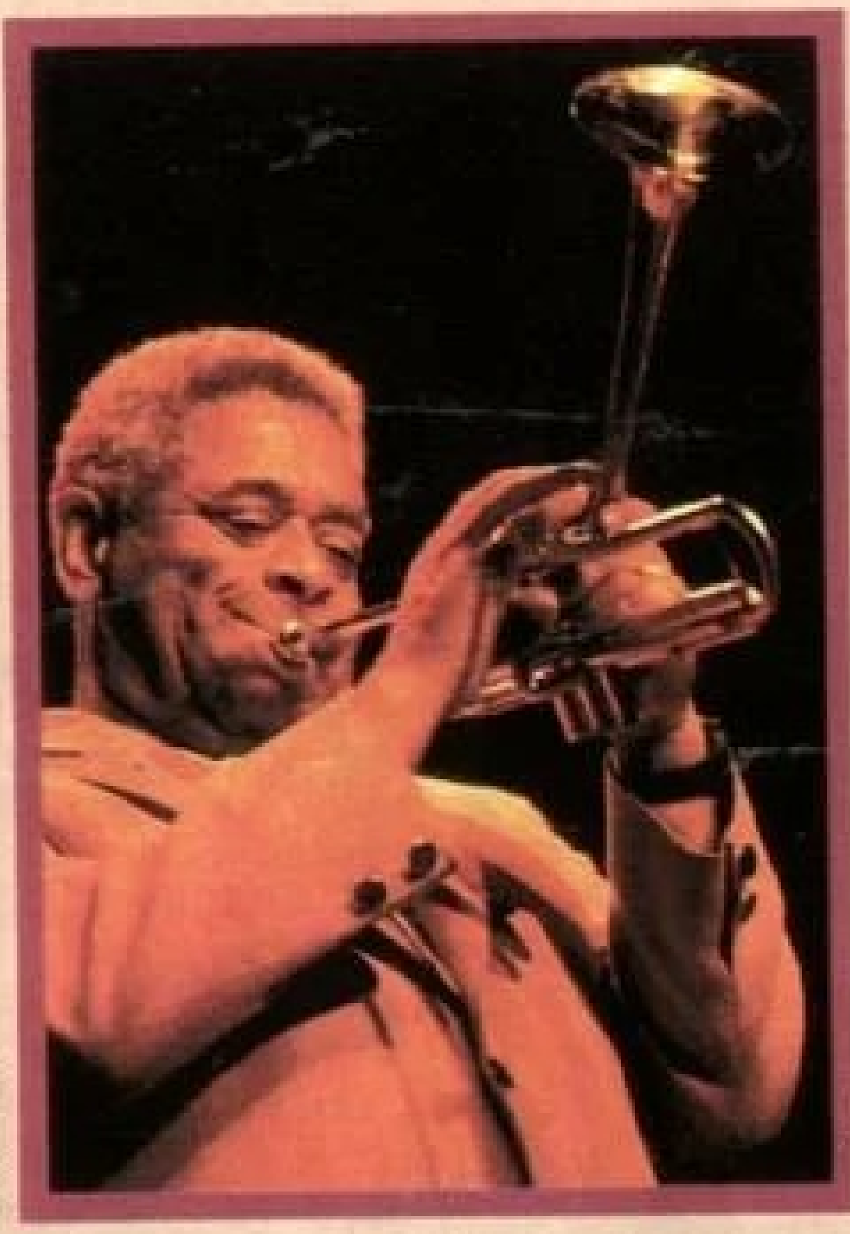
O segundo flash: este reuniu tudo, a sedução da música e o romantismo de um personagem. Trata-se, é claro, do filme *Por Volta da Meia-Noite*, de Bertrand Tavernier. Tinha que ser um francês para frisar a dignidade e o furor do jazzman americano. Interpretando um personagem em que confluíam as experiências parisienses de Lester Young (sax-tenor) e Bud Powell (piano), Dexter Gordon, com uma performance soberba, reduziu a cinzas toda uma série de filmes *americanos* em que, através das décadas, atores famosos demonstravam sua inépcia em confronto com o jazz. Todas as escolhas foram perfeitas, a começar pelas referências a Powell e "The Prez" (Lester Young). Powell foi o mestre do piano bebop apaixonado, tão crucial para seus sucessores quanto Charlie Parker em relação a saxofonistas. Powell passou longos períodos à beira da insanidade. Viveu vários anos em exílio auto-imposto em Paris, até morrer aos 42 anos em Nova York, absolutamente vulcânico. Já Lester Young foi o saxofonista mais influente de sua geração (morreu com 50 anos, no fim dos anos 50). Jogou a base de 90 por cento das principais inovações do bebop, gravou absurdos das esferas com Count Basie e Billie Holiday e tinha a voz mais suavemente melancólica do jazz. Para completar, Dexter Gordon. Inacreditável: quase meio século para virar uma estrela reconhecida, aos 63 anos... E por causa do filme de um francês... Gordon arrasou compondo um personagem que é Powell, Prez e ele mesmo. E toca, no filme, como um suave demônio. Afinal, ainda era um dos maiores sax-tenor do planeta, um original do bebop, um heavy do hard bop. O homem que influenciou Coltrane, que gravou mais de 60 LPs, que quase foi levado à tumba pela heroína e chama os íntimos de "Lady" (a começar pelo sax), finalmente se via na condição de capitanear, em plena era do tédio soft digitalizado, uma nova investida da Armada Brancaleone do jazz.

Nos anos 80, claro, o jazz também se beneficiou da proliferação interminável de tapes, álbuns, compact-discs, vídeos, especiais de TV etc. Mas esse processo gerou o paradoxal efeito de enfatizar o que os amantes da ópera, por exemplo, honram como a definitiva experiência: uma noite ao vivo em companhia dos seus ídolos, experiência incomparável a qualquer outra midiatizada. Nunca um show ao vivo foi tão importante quanto agora — o que não vale apenas para o jazz. Claro que os pioneiros do jazz também eram incomparáveis ao vivo. Mas, em uma época em que o jazz era a música popular cotidiana, a sensação era de que havia grandes músicos em cada esquina. Seu caráter insubstituível não era percebido. E quem sofria eram eles. Por exemplo, o *band leader* que ensinou tudo que sabia a Louis Armstrong e King Oliver morreu como empregado de um bilhar na Geórgia. Charlie Green, o trombonista favorito de Bessie Smith, morreu congelado em uma calçada do Harlem. A própria e antológica imperatriz Bessie perdeu um braço em um acidente de carro e morreu antes de um adequado tratamento de hospital.

Por Volta da Meia-Noite, entre outras coisas, enfatizou: jazz é ao vivo. E nunca, nesses últimos anos, o jazz circulou tanto ao vivo. Veja-

mos o que aconteceu, por exemplo, na Itália, neste último verão europeu. Quase todos os protagonistas da primeira grande vaga do jazz já morreram. Mas quase todos os melhores protagonistas das vagas imediatamente subseqüentes continuam em circulação e passaram por aqui. De Sonny Rollins a Ornette Coleman, de Cab Calloway a Dexter Gordon. Rollins e Coleman tocaram com orquestras sinfônicas. Sting, o inevitável popista aspirante a jazzista, fez um concerto com a orquestra de Gil Evans — um dos grandes maestros e produtores da história do jazz. Dee Dee Bridgewater deu uma geral no repertório de Billie Holiday. Cab Calloway reviveu os tempos do Cotton Club. Miles Davis desfiou suas fusões futuristas — como vocês viram aí no Brasil. Em toda uma série magnífica de shows, um tema recorrente: jazzistas relendo a história do jazz, a confrontação da evolução contemporânea com a memória — todos seguindo o fio de uma relação vanguarda-tradição que sempre esteve na base das renovações mais radicais da linguagem jazzística. Tudo com uma série de nuances, é claro. Vejamos, rapidamente, alguns casos.

Scott Wiener/Retna



Adolfo Gerchmann/Abril

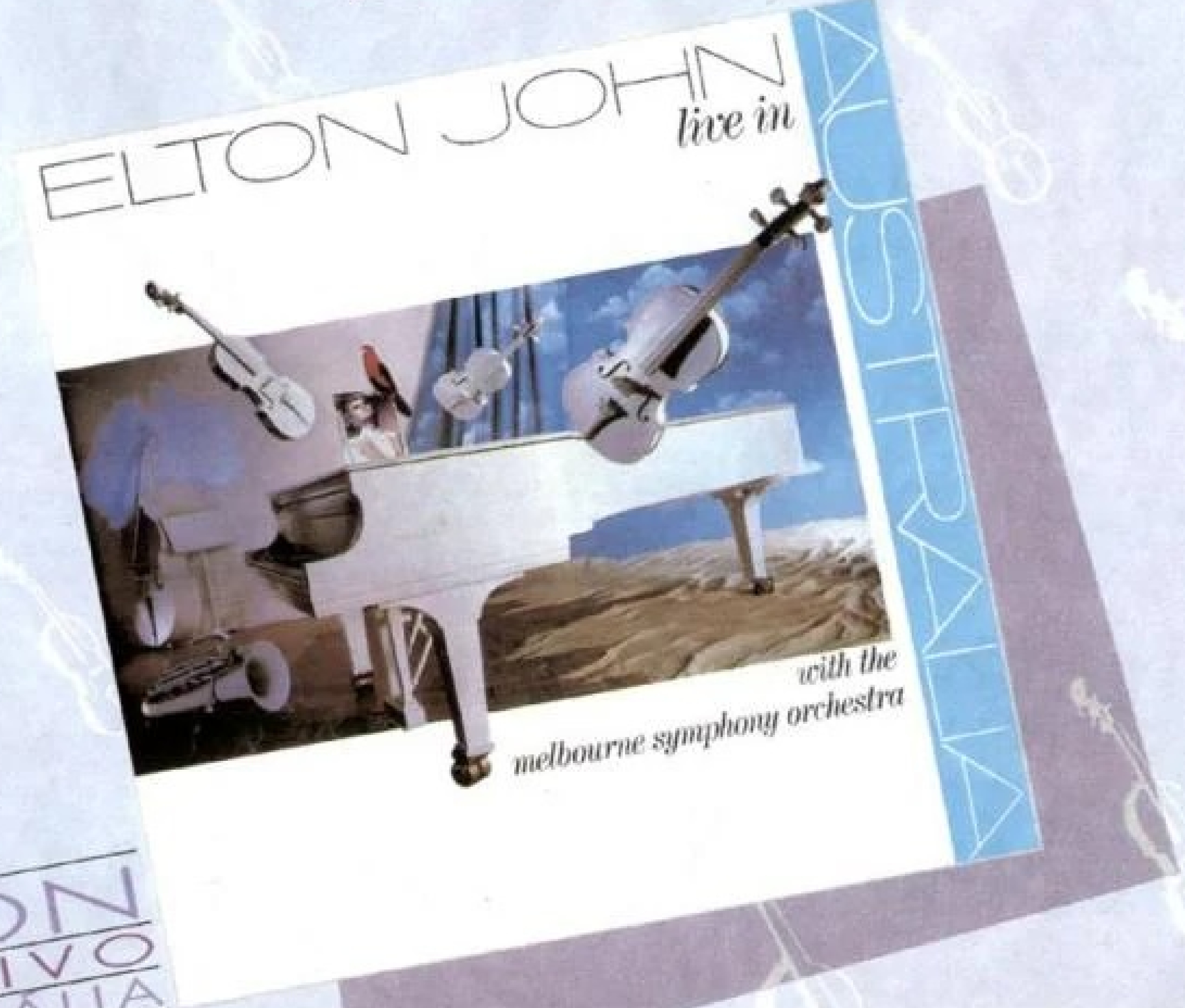
De Ornette Coleman, a fera que resolveu a instável relação do jazz com o clássico, a Dizzy Gillespie, hoje *entertainer* acomodado: uma grande temporada

Impecáveis as uniões de Rollins e Coleman com orquestras sinfônicas. Rollins, o macho intelectual do saxtenor, influenciado por Coleman Hawkins, saiu, como sempre, caçando idéias no meio de clássicos seus, tipo "St. Thomas" e "Don't Stop the Carnival", enquanto a Orquestra Filarmônica da Emilia Romagna segurava o background. Junto com Coltrane, que morreu em 67, Rollins permanece como o mestre do tenor moderno. Ornette Coleman, como não podia deixar de ser, foi ainda mais longe: apresentou uma verdadeira obra sinfônica, a sua famosa "Skies of América", que saiu em disco em 72. Fera total: Ornette ouve música de uma maneira diferente de qualquer um, e foi assim que esse buzinador rhythm'n'blues do Texas virou o jazz de cabeça para baixo no final dos anos 50. Sua versão de "Skies" poderia ser definida como *sinuosa*. Acabou com uma relação difícil e instável do jazz com clássico, uma história que já teve ilustres precedentes como o "Ebony Concerto", que Stravinsky escreveu para a orquestra de Woody Herman, ou as óperas de Gershwin, mas também vários acessos de complexo de inferioridade de jazzmen em relação à música erudita.

Dizzy Gillespie armou um bom carnaval com sua big band, mas não na escala que se poderia esperar. Ele está experimentando, buscando, como afirmou, "uma síntese de todas as experiências rítmico-melódicas ocidentais". Mostrou um repertório tradicional com roupa nova. Nada muito transgressivo para quem articulou o *scat vocal* no jazz — a junção de sílabas privadas de sentido casada com uma queda pela invenção fonética. Um ponto fundamental é que hoje até mesmo os jazzistas mais rigorosos escolheram como ponto de referência as invenções de Charlie Parker e Dizzy. Mais nostalgia do início dos anos 40, quando o ataque selvagem de "Bird", acoplado com as pirotecnias do trumpete de Dizzy, soava como um abrasivo e brutal antídoto à polidez do swing? Dizzy não se deixa convencer por revivals, como afirmou em entrevista a *L'Europeo*: "Permanece uma grande confusão em torno do que seja bebop. Para mim é essencialmente um estilo, um modo diverso de acentuar as frases melódicas. O ponto crucial foi no final dos anos 30. Foi uma revolução. E não apenas musical. Porque o bop era uma maneira de ver o mundo... Não acredito em grandes retornos. Hoje, por exemplo, entre os adeptos do neobop existe Freddie Hubbard. Ótimo. Toca como tocávamos na época. Mas é diferente. A questão é mais complexa. O fato é que esse retorno ao bop nasce como um consolo depois da exaustão do jazz dito de vanguarda. Toda a música subversiva, de ruptura, dos 60 e 70 chegou a um ponto morto. Para recomeçar do bop, é preciso levar em conta que o bebop era uma coisa sólida, exprimia o espírito de uma geração". À parte essa discussão crucial, há um detalhe: Dizzy não é mais um rebelde. Hoje, é um *entertainer* bonachão, um herdeiro, nesses termos, de Louis Armstrong, suavizado para ser aceito pelo público branco. Dia 12 de setembro, celebrou seus 70 anos com uma gala no Scala de Milão: a primeira vez que o templo máximo da ópera no planeta abriu seus veludos e dourados para o jazz. Powell, Mingus, Monk não viveram para ver esse dia... Ao lado de Dizzy, esteve Max Roach na ▶

107 MINUTOS E 41 SEGUNDOS DE SUOR, EMOÇÃO E MÚSICA

Local: Sydney Entertainment Centre, Austrália. No palco, Elton John e a Orquestra Sinfônica de Melbourne. Na platéia, todos de pé no final de cada música.
Esse concerto antológico virou disco. Um álbum duplo que captou os 107 minutos e 41 segundos mais emocionantes da carreira de Elton John.
Tecnicamente, **Elton John Live in Austrália** fez uma pequena revolução. Com a utilização do sistema Spectrum de gravação, os instrumentos da orquestra foram reposicionados com o objetivo de captar todos os sons. Aliado ao processo digital, o resultado final foi fantástico. Você pode mergulhar neste concerto. Basta ouvir.



ELTON AO VIVO AUSTRÁLIA

Em discos e fitas
PolyGram

bateria. Como nos tempos em que tocavam com Charlie Parker.

Dexter Gordon, com seu grupo, nos deu todo o feeling de *Round Midnight*, também encontrável nos volumes 1 e 2 da trilha sonora. Ataque magnífico, atitude zen. Herbie Hancock largou seus experimentados hip hop para passeios cool com seu trio, também na mesma linha virtuosa do filme de Tavernier. Em termos de hard bop, o negócio continua sendo Art Blakey e seus Jazz Messengers: o homem está com quase 60 anos e continua soltando trovões e relâmpagos de sua bateria. Feras em profusão já passaram pelos Messengers, que continuam sempre *tight*. Entre as últimas, os irmãos Marsalis, Branford, sax, e Wynton, trumpete, são realmente os líderes da revolução conservadora (contradição em termos) dos 80 — uma vaga que se inspira nos modelos dos 50 e início dos 60. A técnica, como sempre, é impecável — Branford com seu quarteto, Wynton com seu quinteto. Mas é puro gelo. Não há praticamente nenhum espaço para o baixo ventre. E o peso de representarem a linha de frente do "novo tradicionalismo" é muito grande. Branford só se solta um pouco quando toca com Sting. Mas no show de Sting com Evans estava absolutamente duro.

Rui Teixeira

Sting e o pop simplista executado como jazz orquestral — um exercício de grandiloqüência vazia — versus Miles e suas fusões futuristas: no universo do jazz, os plenos sucessos continuam superando os relativos fracassos...

Rui Teixeira

A operação Evans-Sting tinha tudo para se constituir em um *breakthrough:* pop star com feeling jazz, superorquestra de feras virtuosas, Marsalis no sax e clarinete, Evans no comando. Não tivemos jazz: tivemos Sting cantando seu repertório parte-blue turtle, parte-Police ("Roxanne", "Tea in the Sahara"), com os virtuosos de Evans fazendo um barulho dos infernos no background. Quando Sting atacou "Strange Fruit", dos antológicos tempos de Billie Holiday, foi um desastre: gritos, seu *yô yô yô* policiesco, *overplaying* geral da orquestra. Qual a lição? Simples: pop simplista executado como o jazz orquestral não funciona. Não passa de um exercício de grandiloqüência vazia.

E de puro *fun*, o que tivemos? Ora, o velho Cab Calloway botando todo mundo de quatro com seu grito de guerra: *"Hi-de-hi-de-hi-dehoooo"* na antologia "Minnie the Moocher", convertendo o Umbria Jazz Festival em um gigantesco Cotton Club revisitado. A brasileira Tânia Maria, com seu jazzy swing latinizado, mais reconhecida em Nova York e na Europa do que aí na sua terra natal (já acedeu, definitivamente, ao status de show-woman internacional de primeira linha). E, quando se fala de swing, não poderia faltar a orquestra de Count Basie, formada em Kansas City lá pelos anos 30 (Lester Young, entre outros, fez parte), e que, desde essa época, vem quebrando o swingômetro com um punch arrebatador. Quando o grande Basie morreu em 84, a banda era tamanha instituição que todos decidiram continuar sob a direção do trumpetista Thad Jones. Também levaram a platéia do Umbria Jazz Festival ao suadouro.

Que podemos concluir? Que, no universo do jazz, os plenos sucessos continuam superando os relativos fracassos. E que as possibilidades de renovação das diferentes linguagens jazzísticas continuam estourando — assim como fertilizações cruzadas tipo jazz com hip hop. *Mix men* de todas as latitudes têm à mão um dos mais extraordinários catálogos musicais da raça humana para pilhar, reescrever e retrabalhar à vontade — depois, é claro, de se deliciar com o prazer de ainda poder escutar certas coisas ao vivo. Muito bem. Todo mundo aí ouvindo *Kind of Blue*, de Miles; *Giant Steps*, de Coltrane; *A Night in Tunisia*, de Art Blakey; *Change of the Century*, de Ornette; *Newk's Time*, de Sonny Rollins; *The Savoy Savoy Sessions*, de Charlie Parker; *Garden*, de Cecil Taylor; *New Orleans Suite*, de Duke Ellington; *The Count and the Prez*, de Basie e Lester Young; *Genius of Modern Music volume 1*, de Monk; *The Greatest Jazz Concert Ever*, de Parker e Dizzy...

CONTINENTAL

PEDRA 90 - Gang 90 (Continental)

Pedra 90 é "ponta firme". Giria de cais do porto, termo malandro.

A GANG é "Pedra 90" no que faz. Tem personalidade, tem audácia e muito swing. Um som que só poderia ser cria deste Brasil, ora decantado em seu cotidiano, ora viajando por temas mais abstratos, ou falando de amor de uma forma especial. Ela "brinca" com os instrumentos intimamente, associando som e poesia de maneira audaciosa. Tece imagens freqüentes no cotidiano de todos nós, habitantes de uma cidade grande (realidade!) - "Sou mais um falando com as paredes/discutindo com a televisão..." (Cara Pálida). Às vezes fala simplesmente de amor: "Palavras não bastam/No meio do espaço/vozes mergulham/brasas ardentes/... Meus gestos te entregam flores" (Palavras não bastam) ou "... Dei um tiro pra lua/celebrando nosso amor" (Visão noturna). Às vezes estabelece convenções: "Sou da rua/tenho nada pra dizer/... Mas um dia hei de vencer" (Sou da Rua).

Ester da Rocha

ANJO CAÍDO - Anjo Caído (Continental)

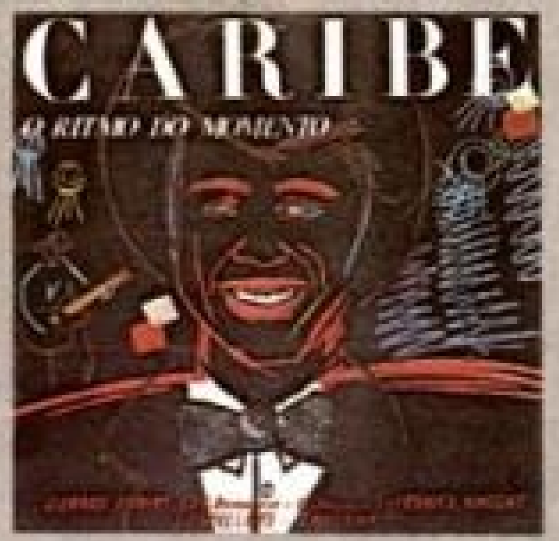
O nome "Anjo Caído" remete a um clima meio místico, algo sem um significado certo, com muitos significados, a tônica de fins dos anos 60, começo dos 70. E a imagem que vem à mente é a do desenho do selo "Swan Song", criado pelo Led Zeppelin. Um anjo abatido em pleno vôo.

Esse tom "pesado" está bem presente no som do Anjo Caído, principalmente pela bateria de Bola, que usa a caixa de uma maneira que lembra John Bonham, do Led. Essa influência, porém, torna-se pelo disco uma referência. O Anjo passeia por diversos estilos, sempre com uma marca (a batera e a guitarra pesada, a voz rouca, o conjunto). A guitarra de Roberto em "Sim" (no inicio uma "moda de viola", segundo o próprio Roberto) vai de um solo típico caipira, uma viola em frases sutis, até continuar numa distorção. De moda de viola a blues?

Sobre os Anjos, curriculos invejáveis. Roberto, o guitarrista, tocou com Tom Zé e junto com o baixista Marcelo, fundou o ZOO, que em 83/84, plena onda dark, desenvolvia uma linha mais funk em seu trabalho. O baterista Bola já tocou ocm May East, Joe Eutanásia e Agentss, além de ter ido para os EUA e Inglaterra. A voz rouca do Anjo, André, tocava baixo no Metrópolis e assumiu agora só os vocais.

A produção do disco é de Bozo Barreti, um amigo da banda que, com sensibilidade, deixou o Anjo Caído muito à vontade no estúdio para que cada um tirasse o melhor de si.

Kiko Nogueira

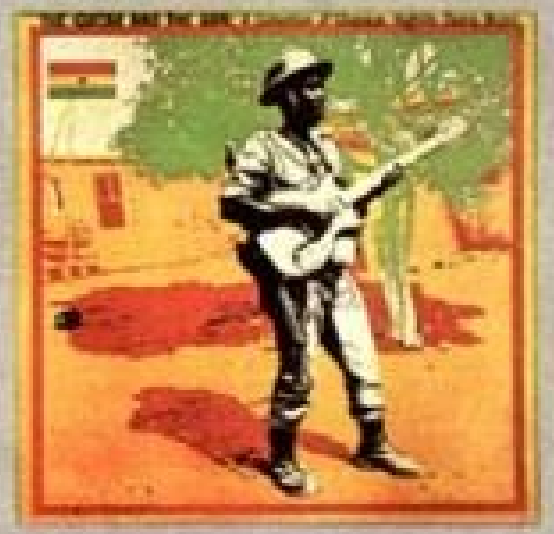


CARIBE - Vários (Continental)

Lançado agora pela Continental, este disco nos delicia. Com Gospeller's, Gerard Hubert, Franky Vincent, Sartana e muitos outros que resultam numa explosão de ritmos irresistiveis. Reggae, zouk e muito mais.

Alquimia perfeita. Imperdível.

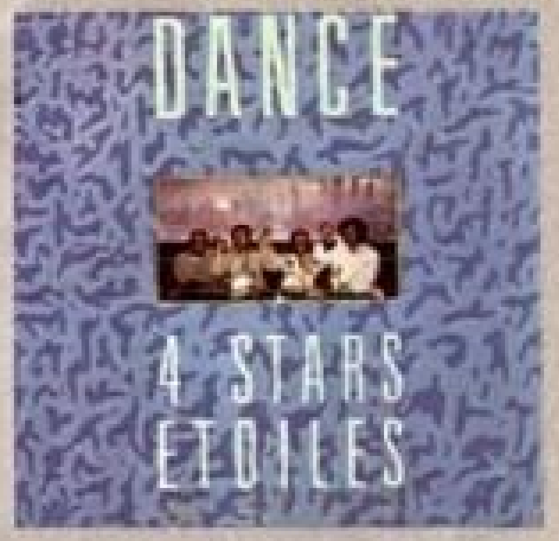
E.R.



A COLLECTION OF THE GHANAIAN HIGHLIFE DANCE MUSIC - The Guitar and the Gun
(Continental)

Para quem quer se interar no assunto, The guitar ... exibe bandas que fazem o highlife moderno, e aborda os 3 polos desta corrente: espiritual (Gospel); o festivo, onde se acentua o lado teatral deste povo e o cultural, tocado e cantado com acompanhamento de guitarras acústicas e percussão tradicional. Obrigatório !

Gabriella Salone.



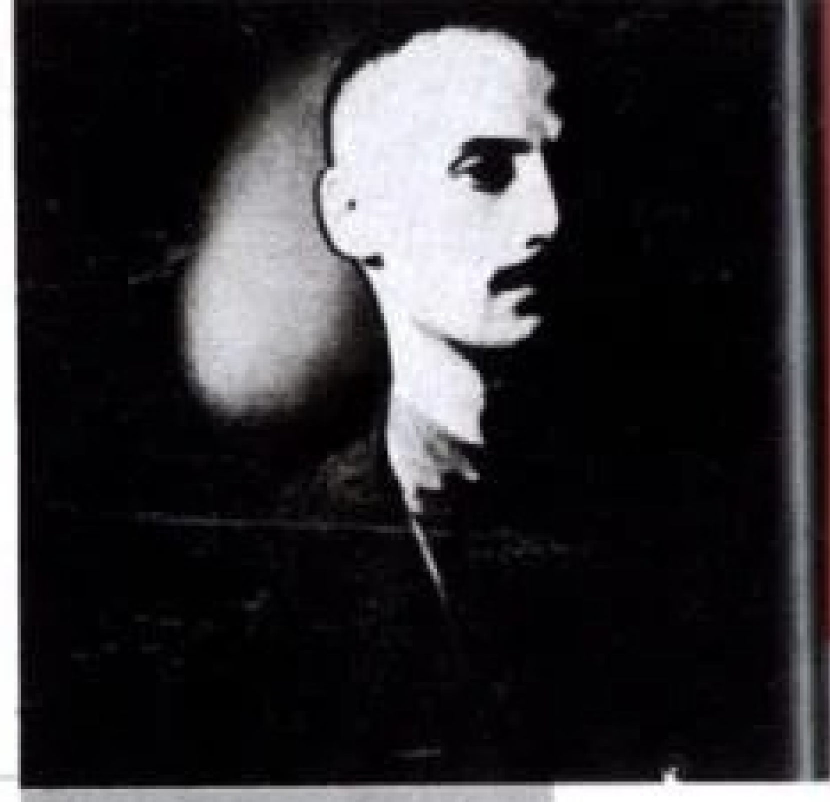
4 STARS ETOILES - DANCE - Vários (Continental)

Maravilha. Agora que a música negra está em alta e seus ouvidos mais abertos para o que há de bom e novo, este lançamento nos saúda com o que há de melhor no highlife africano. Vá buscar meu irmão!

E.R.

EM BREVE
TIM MAIA
UM LANÇAMENTO.
Continental
S O M O S   A M É R I C A

LAIBACH



Havia uma época que a gente achava que o rock inglês seria o eterno modelo para nortear o nosso gosto musical. Não sei se devo dizer que feliz ou infelizmente, isso é passado. Várias bandas do continente europeu estão demonstrando isso, inclusive uma que chegou ao Brasil há pouco tempo, já no seu quarto LP, *Opus Dei*: o Laibach. Original da Iugoslávia, o conjunto trouxe consigo todo um clima de mistério que lhe é peculiar. Começa porque, até hoje, não se sabem os nomes dos componentes nem seus hábitos, porque eles não concedem entrevistas nem para remédio.

O pouco que se conhece a respeito do Laibach é que teve origem em 1980, em Trbovige, no norte da Iugoslávia, e que o nome do grupo é a versão alemã para Ljubljana (lê-se liub-liana), uma cidade iugoslava que foi invadida pelos alemães durante a Segunda Guerra Mundial.

Conheço o Laibach desde seu terceiro LP, *Nova Akropola*, de 1985. Ali já estavam as evidências de que ele queria projetar-se como uma orquestra bélica de sintetizadores, com um som cuja característica principal é a austeridade. O vocalista cantava como um Peter Hammill enfurecido, enquanto os "kholeghas" dele forneciam o tapete sonoro tecnotrágico.

Curiosamente, as faixas eram cantadas em alemão (assim como são algumas de *Opus Dei*), sendo que uma delas levava o nome paradoxal de "Die Liebe" (O Amor). Foi a maneira mais odienta pela qual alguém se manifestou a respeito do amor até hoje. Fica muito fácil de se compreender isso se levarmos em conta que os alemães não devem ter sido muito carinhosos com o povo de Ljubljana.

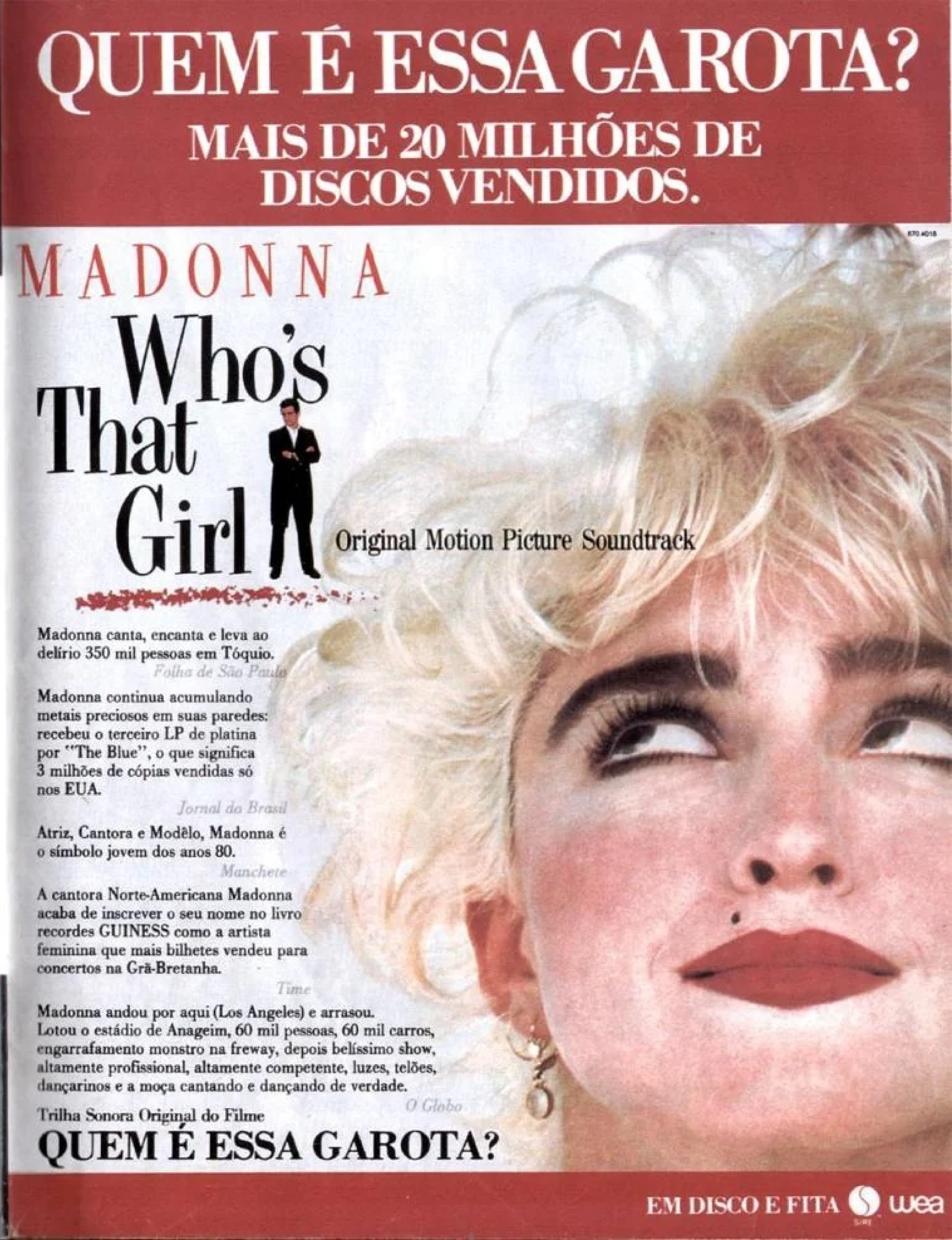
Em *Opus Dei*, a voz principal é completamente diferente, e soa como se o tirano cantador tivesse usado um tubo de PVC para guia de onda, com a mixagem feita em rotação mais lenta. O alemão que me enviou a fita do terceiro LP classificou-o como pós-industrial, um rótulo que pode abrigar bandas tão díspares como Test Department e Cassiber.

O Laibach chegou ao Brasil graças ao contrato que a WEA firmou com a etiqueta inglesa Mute. Ela pertence ao Daniel Müller, um cara que adora ambigüidades. Por exemplo: o carro-chefe da Mute é o Depeche Mode, um grupo que namora com a esquerda inglesa mas esbanja um visual neuromântico decadente. A ambigüidade no Laibach reside no fato de ele trazer a Nova Arte Eslava (seguramente realista-socialista), embalada para presente com adesivos nazifascistas. E não estranhe o fato de haver no LP uma versão de "One Vision", do Queen, pois acho que é uma crítica a determinadas posturas do Fred Mercury — ou você nunca reparou quando ele usa nos shows um quepe de policial e sente-se todo feliz por dominar a massa? Em resumo: o Laibach é um verdadeiro coquetel Molotov especialmente preparado no leste europeu.

Valdir Montanari

DO OUTRO LADO DO MURO

Chegou a trilha para os filmes sobre a Terceira Guerra Mundial, direto da Iugoslávia



"Não sei se caso ou se compro uma moto."

Cedo ou tarde, uma dúvida cruel pinta na sua cabeça: "Que profissão escolher?". Ou ainda: "Em que faculdade entrar?". E é justamente nessas horas que aparece uma porção de gente pra dar os palpites mais infelizes. Informação correta e completa pra ajudar você a se decidir, quase nenhuma.

É por isso que a Editora Abril está lançando o GUIA DO ESTUDANTE. Porque o que ele mais tem é exatamente o que você mais precisa saber: tudo sobre todas as profissões universitárias e técnicas, o mercado de trabalho, os cursos e o nível de todas as faculdades brasileiras, onde e como conseguir bolsas de estudo e muitas dicas de profissionais bem sucedidos. Uma verdadeira luz pra você acertar na escolha da profissão que mais faz sua cabeça.

O melhor de tudo é que a decisão será sua e de mais ninguém. Com os pés no chão. Sentindo firmeza.

Pode contar com o GUIA DO ESTUDANTE pra encarar essa parada. Ele vai dar a maior força pra você.

GUIA DO ESTUDANTE

A maior força pra você escolher sua profissão.

Quatro Rodas não guarda segredo

SEGREDO

BRASILIA

UM TIRO PARA TENTAR IMPEDIR ESTAS FOTOS

Fotografar o novo carro da VW quase custou a vida de dois repórteres de Quatro Rodas. Guardas de segurança da fábrica perseguiram o nosso carro durante 7 km e, depois de obrigá-lo a parar, encostaram um revólver na cabeça do repórter, quebraram a máquina do fotógrafo e atiraram no carro. Mas as fotos foram salvas e mostram que o Brasília é até bem bonito.

Funcionários da "Volkswagen" agridem repórter

Agentes de segurança de uma industria atacam jornalistas

Nem que pra isso as vidas dos seus repórteres corram perigo. E não há exagero nisso. Há anos QUATRO RODAS revela os segredos das fábricas. E não pense que elas facilitam esse trabalho! Pelo contrário. O editor Nehemias Vassão e o fotógrafo Claudio Larangeira têm muitas histórias pra contar. A da Brasília, por exemplo. Os dois toparam, em plena Estrada Velha de Santos, com um comboio de vários carros que protegiam a Brasília em teste. Vassão emparelhou seu Fuscão ao comboio e Larangeira disparou sua máquina. Do comboio, também dispararam. Tiros. Foram todos parar na delegacia. Quebraram a câmera do Larangeira mas as fotos foram publicadas na edição de maio de 73, um mês antes da Brasília ser lançada.

Que outra publicação leva tão a sério a sua curiosidade? Só QUATRO RODAS! Uma revista a serviço do seu leitor.

QUATRO RODAS

EDITORA ABRIL

PIL

A grande farsa do rock'n'roll em carne e osso:"Please, não cuspam!"

O Incendiário

Anhembi (SP)
17, 18 e 19/08/87

John Lydon — ex-Podre, o "traidor do movimento punk", a "imagem pública", enfim, uma das personalidades pop mais importantes dos últimos dez anos — pisou finalmente os palcos brasileiros. Mas não foi o "irreverente mito do rock" como anunciava a desinformada propaganda do jornal. Nem o punk enfurecido, como esperavam os desorientados cuspidores que insistiram na sua prática desagradável, apesar dos enojados (e inúteis) apelos de Lydon para que as pessoas parassem de cuspir. Joãozinho Podre já era. Lydon é, isso sim, a mais perfeita caricatura de si mesmo e de sua trajetória: trejeitos arrogantes de popstar, expressões cinicamente iradas, *dreadlocks* de lã cor de Fanta e terno amarelo patinho. As quatro primeiras músicas, entre elas "Rise" ("I could be wrong/I could be right") e a inédita "Hard Times", compensaram o atraso de mais de meia hora.

Depois da desajeitada versão ao vivo de "World Destruction", uma enxurrada de canções do *Album* fizeram a temperatura inicial baixar um pouco. Os quase solos quase heavies de John McGeoch e as pesadas e recortadas linhas da guitarra de Lu Edmunds seguravam a atenção, enquanto o animador de auditório (e baixista apenas correto) Allan Dias chamava a uma animação que não exista. Na platéia, mais perplexidade do que vibração. Os pontos altos foram "Holidays in the Sun", dos Pistols — ecos do punk, dez anos atrasados —, a paulada minimalista e despojada de "Annalisa" e mais duas inéditas. E, claro, as gracinhas de Lydon, andando na beira do palco com cara de professor severo, fazendo reverências exageradas às dancinhas com McGeoch e Edmunds e provocando o público com frases do tipo: "Se vocês conseguem dançar aquela estupidez do samba, quero ver se vocês dançam essa!"

Faltaram as caóticas composições do *Second Edition*, faltou a fase esquizo-funky do *This Is What You Want... This Is What You Get*. Mas Lydon, o duende irlandês, fechou o show com três das suas mais ferozes canções: "Public Image Limited", a reiterativa "This Is Not a Love Song" e a herética "Religion" — um inflamado discurso anti-Igreja com um baixo circular de pano de fundo. Com altos e baixos, o arlequim ensandecido deu uma demonstração cabal do seu refrão/slogan/palavra de ordem: "Anger is a energy". Raiva do que mesmo? Não interessa. Aliás, essa era uma pergunta para Rotten. A única pergunta possível para Lydon é: para onde vai o PIL agora?

Bia Abramo

HÄRTE 10

Cinzas & fumaça

Praça Campo Grande (Salvador) 21/08/87

Diferente e indigesta. Foi assim a apresentação do experimental pop-musak grupo alemão Härte 10 (Frank Köllges, bateria, percussão e vocal; Valerie Kohlmetz, percussão acústica, eletrônica e vocal; e Mike Herting, teclados e vocal) em cima do Trio Elétrico do Bloco Beijo, na Praça do Campo Grande, para pouco mais de mil pessoas. Algumas chegaram até a dançar, numa prova de que baiano tem jogo de cintura até demais, porque a galeria de Düsseldorf soou totalmente turista-perdido-na-selva — e o que é pior — numa tribo que tem suíngue no sangue.

A preocupação louvável de manter um contato maior com a cultura brasileira por parte da banda alemã não chegou a contagiar o povão baiano, que invariavelmente vai às praças públicas, principalmente agora com o boom reggae-samba baiano. Esta é uma boa explicação para o pequeno número de pessoas presentes, que também sabem que o Trio Elétrico do Bloco Beijo não é lá dos melhores no mar de trios que esta terra possui. No fundo, somente os iniciados criaram certa expectativa em torno do Härte 10 e de sua inusitada apresentação em cima de um trio elétrico. A imagem passada pela divulgação, de unir o rock (?) ao trio, não colou, mesmo porque a música que foi apresentada não corresponde a essa idéia.

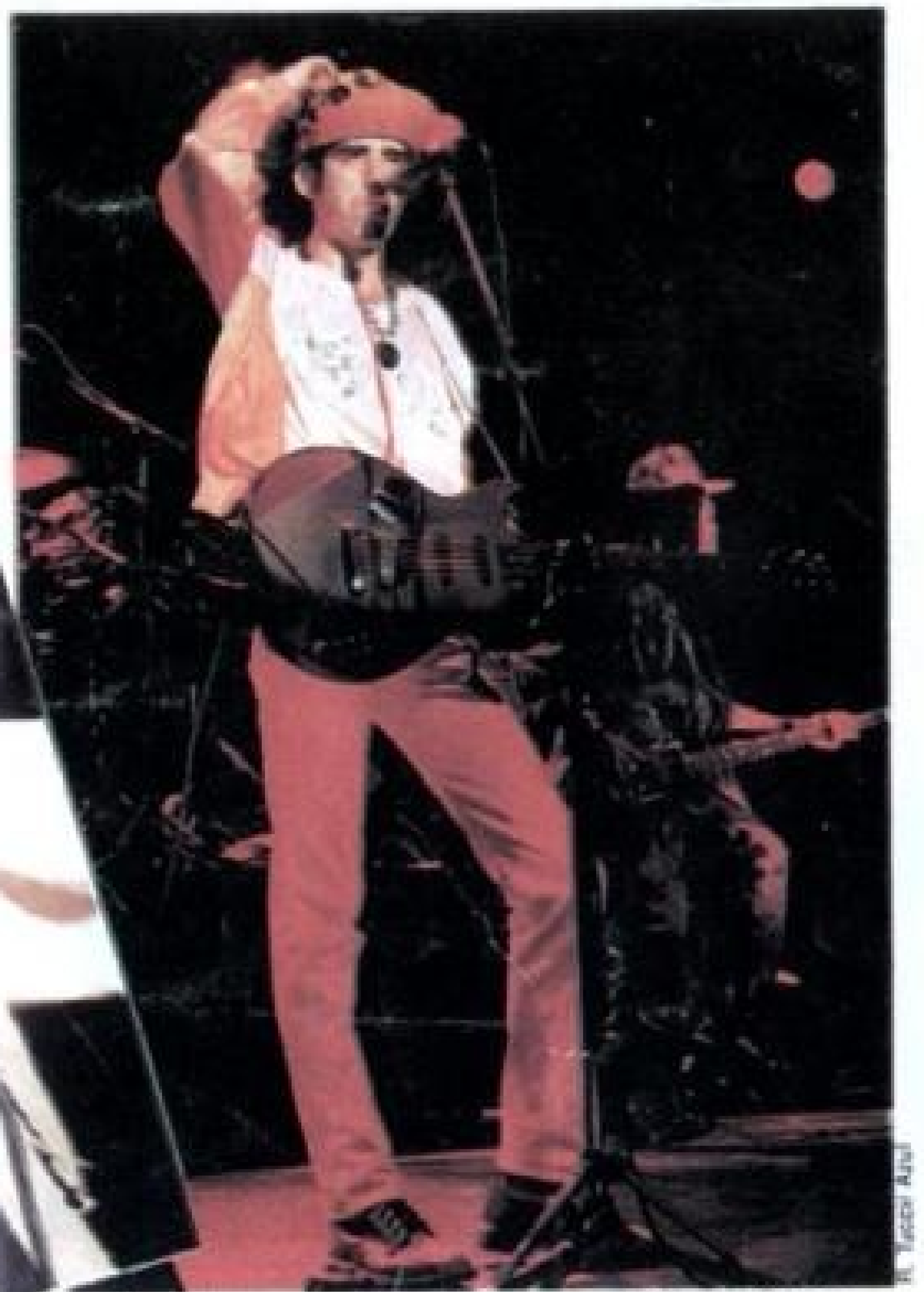
Ao contrário do show no Instituto Goethe, um dia antes, o Härte 10 tocou músicas mais dançantes, inclusive uns "projetos de reggae", mas o baterista Frank não consegue segurar a batida reggae ou funk por muito tempo, prevalecendo o ritmo quadrado e extremamente quebrado, típico da banda. Esse experimentalismo pode até fascinar no início, principalmente pela qualidade de técnica dos músicos, mas depois fica chatérrimo. E isso o público presente entendeu muito bem desde o início da apresentação, quando — para espanto dos músicos — recebeu os alemães fazendo, com humor, a saudação nazista, depois dançando alguns funks pasteurizados até chegar ao final com uma frieza de quem nem exigiu mais e tampouco aplaudiu muito. Por mais paradoxal que possa parecer, os melhores momentos da banda ficaram com as canções pastiche-pop que tão bem souberam apresentar com elementos teatrais e a alegria bem-humorada com frases em português. Resumindo, faltou muito suíngue, e isso é vital em cima de um trio elétrico. Se fosse o BAD, Whodini, Gueto... a história seria outra.

Hagamenon Brito

Roberto de Souza

O batera Franz Kölges: faltou suíngue em cima do trio elétrico

BIG AUDIO DYNAMITE



BAD: atritos com Afanázio e canja de Osmar Santos

Estopim aceso

Anhembi (SP)
21, 22 e 23/08/87

De repente, na mesma semana, apresentam-se em SP dois grupos cujos *band leaders* estão entre os principais responsáveis pelo curto-circuito que o punk causou no carrossel do rock dos anos 70. Dez anos depois... duas histórias diferentes: John Lydon — abandonando o epíteto de Podre após a meteórica trajetória dos Pistols — logo montou o PIL, que, através de suas várias formações ao longo de nove anos de carreira, responde por uma discografia sempre densa e respeitável. Ao mesmo tempo, Mick Jones perseverava no Clash até uma desavença final, que resultou em sua saída da banda (após a excursão que sucedeu o álbum *Combat Rock*, de 82), para depois de um curto período com esparsas participações em discos alheios criar o BAD — ao lado de Don Letts, que produzia vídeos para o Clash —, que lançou apenas dois LPs (o segundo, *Nº 10, Upping St.*, conta com a produção e a volta da velha parceria de Jones e Joe Strummer, reconciliados). Além disso, o BAD não toca as músicas do Clash "por respeito". Mas, afinal, o parco material em que se baseou o *funk'n'rap'n'roll* perpetrado pelo BAD parece ter conseguido mais adeptos que o competente pseudometal de tinturas minimalistas da atual fase do PIL. Tudo porque, ao vivo, Jones e seus asseclas injetaram em sua música um peso até então inexistente nas versões de estúdio. Desta maneira, canções como "The Bottom Line", "E=mc²", "C'mon Every Beatbox" e "V. Thirteen" adquiriram um pique surpreendente e obtiveram uma calorosa recepção do público. Isso devido principalmente ao carisma dos vocais e guitarras eficientes de Jones, junto aos esparsos efeitos e backing vocals de Letts, e à poderosa bateria de Greg Roberts, que em grande parte compensaram os teclados apenas corretos de Dan Donovan e o baixo inócuo de Leo Williams. Um telão no qual era projetada ininterruptamente uma colagem de trechos de velhos filmes de gângsters, desenhos animados, *Os Dez Mandamentos*, *Batman*, passeatas e cenas de clips do BAD compunha um interessante complemento visual do som da banda. Ainda por cima algumas atrações extras como a *ripa na chulipa e pimba na gorduchinha* de Osmar Santos, ao vivo, durante a faixa "Sambadrome", na noite de sexta-feira, e os rumores sobre a presença de Strummer e Paul Simonon, do Clash, no show de sábado. Mas o mais impressionante a respeito do BAD continua sendo a energia contagiante que eles conseguiram extrair de seu limitado repertório em suas apresentações no Anhembi, sempre fechadas com uma brilhante *cover* de "1999", de Prince.

C.P.

Pet Shop Boys, actually.

Novo LP e K7 EMI Incluindo "It's a sin"

JOÃO BOSCO

Samba, afro, bolero e até rock: só com o violão, o mestre-sala aqueceu o frio paulistano numa pausa entre os shows do PIL e do BAD

Desafio duplo

Teatro Bandeirantes (SP) 21/08/87

O inverno paulista entra junto com o público, que enche meia sala. Uma enorme cortina vermelha serve de fundo ao banquinho solitário. Desafio duplo para João: encher aquele palcão de música, sozinho, e ainda por cima esquentar nossas canelas congeladas. Violão na mão, ele entra sorridente para começar o show com "Odilê Odilá", como fizeram os Paralamas em Paris. A interpretação cheia de pulsação e esbanjando dinâmicas vocais desta sua parceria com Martinho da Vila é um aviso, no começo da partida, de que vai rolar show de bola. A pena é que o público presente estava mais interessado em aplaudir antigos sucessos como "Papel Machê" do que abrir seus ouvidos para o que João tem de melhor a dizer. Provavelmente por uma falha de mídia, é ainda reduzida a parcela de público que entendeu que João Bosco transcende o sambista, navega com absoluta maturidade e espontaneidade por mares nunca dantes navegados e influencia e vai influenciar muita gente.

Embora seus ouvidos sejam poderosas antenas captando tudo, ele conquistou a verdadeira independência dos estilos e das modas, e é feliz por isso. "Si Si No No" foi prova disso e de seu domínio do instrumento "voz", em que as mudanças de timbre colaboram com as nuances dramáticas. "Bolerando com Ravel" foi prova de que as barreiras são cada vez menores e deixou ainda mais transparentes suas origens mediterrâneas. O arpejo contínuo e hipnótico de "Gagabirô" faz pensar nas kalimbas, minúsculos instrumentos que com um mínimo de notas botam para dançar tribos inteiras noite adentro. Se é sabido seu interesse pelo vasto leque afro-brasileiro — mais para a umbanda cotidiana do que para intelectualismos do tipo "etnias-do-candomblé" —, neste show João afirmou mais uma vez que outras negritudes o tocam, como o espírito jazzístico da performance. Teve até nordeste — sem gosto de seca — em "João Balaio", e a surpreendente "Rockson do Pandeiro", que mostra toda a agilidade e versatilidade do ótimo guitarrista.

Depois de mais de hora de show, aquecidos sem termos dançado, nos entregamos ao exercício de "gregoriar" (verbo inventado por João que designa alguma coisa como "cantar junto"), que garante de vez nossa temperatura interna. No camarim, depois do show, enquanto lê um poema em sua homenagem que o desconhecido autor lhe vem entregar pessoalmente, João troca sua camisa branca por uma roupa negra, desafiando a sexta-feira. Como faz com sua música.

Silvano Michelino

ALLISON MOYET

Alma azul

Wiltern Theatre (Los Angeles) 20/08/87

A união da vocalista Allison Moyet com o tecladista Vince Clarke foi tão curta quanto confusa. De 82 a 83 a dupla — batizada de Yazoo — gravou quatro compactos e dois álbuns rigorosamente tecno, que só em raríssimos momentos deixavam suspeitar o verdadeiro e amplo potencial de Moyet. A mão de Clarke era forte no Depeche Mode, continuou assim no Yazoo e não arrefeceu no Erasure. Soterrada por camadas após camadas de teclados, a voz rouca e blueseira de Alf não conseguia escorregar para seu terceiro favorito: rhythm & blues puro e simples.

Desfeita a dupla, Moyet recuperou o terreno perdido e demonstrou que debaixo daquelas caras e caretas pós-tudo sempre morou uma inebriante *blues mama*. Tanto assim que não chegou a ser surpreendente ter essa constatação no brega-chique Wiltern Theatre, perto de *downtown* L.A. À frente de uma superbanda com sete integrantes, Moyet transportou a multitude adoradora — de pé a partir do primeiro acorde, jogando flores, interrompendo momentos de introspecção com urros e assobios literalmente histéricos — para uma esbórnia musical típica das *soul revues* dos anos 60.

Apoiando-se bastante no repertório do recente álbum solo *Raindancing*, Moyet eliminou qualquer senão remanescente das frias faixas do Yazoo — ao vivo, Alf é tão vibrante e calorosa quanto Tina Turner e Prince, mesmo que suas pesadas e rotundas formas não permitam altas coreografias. Uma nota à parte a respeito das moças "cheinhas": o que mais havia no Wiltern era *clones* de Moyet, gorduchinhas pálidas e envoltas em roupas negras.

L. Lawry/ LFI

Quilinhos a mais são inimigos da dança

Apesar da pulsação intensa dos números dançantes — como uma flamejante versão de "Try a Little Tenderness", célebre cavalo de batalha de Ottis Redding —, Allison deu seu golpe de misericórdia no público do Wiltern (como se precisasse) com uma leitura simples — voz e teclados — da música que fez a fama do francês Jacques Brel, "Ne Me Quites Pas". *J.E.R.*

MARIA ANGÉLICA

Mila Maluhy/ Azul

As preciosidades parnasianas e a energia dos 60 do "homem que todos adoram odiar"

Fonte da saudade

Rose Bom Bom (SP) 11/08/87

Na mesma noite, meia São Paulo se acotovelava no Masp para ovacionar os alemães do Härte 10. Mas o verdadeiro antídoto para um chucrute garni sonoro tão indigesto estava no microscópico palco do Rose Bom Bom.

À medida que o "rock" brasileiro vai se tornando mais cosmopolita, o pastiche vai comendo poeira e fica mais claro quem está absorvendo influências com devoção — porque tem amor às suas fontes e formação — e quem está simplesmente pendurado na carótida alheia ou perseguindo as "novas tendências".

Junto com o Ira! e o Violeta de Outono, Maria Angélica compõe uma trinca de homenagens aos anos 60 — cada banda, claro, com suas fontes e referências bem aproveitadas e até personalizadas.

No caso de Maria, o que interessa é a libido intanto-juvenil das garage bands e do bubbegum que evoca *young goddesses* de rabo-de-cavalo e Cadillacs rabo-de-peixe. Isso latinizado por rasgos de flamengo e até fado, melô-drama de letras que usam delírios vernaculares como "fizestes de mim um parvo" — evocações de um romantismo que casa gênios locais como Jorge Mautner com a dupla Nélson Gonçalves/Adelino Moreira.

Depois de dois anos peregrinando por todas as bibocas *under* da cidade, a banda aparou todas as arestas (como um teclado que não tinha nada a ver com o coquetel) e aparece agora a ponto de bala. As duas guitarras conversam e puxam a massa rítmica que vem de trás (Vitor, ex-Muzak, caiu como uma luva na bateria). E o *crooner* Naporano — o homem que todos amam odiar — fica possesso.

O repertório também evoluiu anos-luz, abrindo agora para canções em inglês, como "Another Life", em que Naporano coloca a voz num timbre próximo ao agudo metálico de Ziggy Stardust. As *covers* viraram hábitos: nesta noite, duas arrasa-quarteirão, "Needles and Pins" (Jackie de Shannon) e "Never Mind" (Buzzcoks). Rock'n'roll com conhecimentos de causa e o coração no lugar certo. Os respectivos autores não poderiam reclamar... *J.A.L.*

BANDAS PLUG

Humberto, texto bom, voz potente e forte

Trio da pesada

Circo Voador (RJ) 30/08/87

Não há como negar: o Circo Voador foi um dos principais palcos do renascimento definitivo do rock nacional. Desde sua primeira fase, no Arpoador, até agora, nos Arcos da Lapa, já tocaram sob sua lona grupos tão diversos como Blitz — ainda com Lobão na bateria — e Voluntários da Pátria, entre dezenas de outros exemplos. O lugar, contudo, anda meio caído. Outro dia, a atração principal foi um tal Waldick Soriano. Juro.

Oficialmente, era o lançamento carioca do selo Plug, da RCA, e se apresentariam Picassos Falsos e Hojerizah. Mas este último foi substituído pelo Black Future e pelo Conexão Japeri, pois um dos seus membros ficou doente.

Quem abriu a noite foi o Black Future, cuja estréia no vinil está prometida para breve. Os spots iluminam Stanésio e Tantão, notórias figuras do underground carioca, e na guitarra, um convidado especial: Edinho, do Kongo. Melhoraram bastante em relação aos seus primeiros shows, totalmente caóticos, mas, mesmo assim, continuam polêmicos. Muita gente sai durante os shows. Definitivamente, ame-os ou deixe-os.

O melhor estaria por vir: Conexão Japeri, ex-Expresso Realengo. O destaque é Ed Motta, o vocalista, que por acaso é sobrinho de Tim Maia. Aos 16 anos, Ed já é um excelente cantor — a semelhança com Tim não é só física. A banda também é ótima, tocam funks e raps de não deixar ninguém parado. As baladas são totalmente impregnadas pelo espírito da *soul music* Quando Ed Motta canta, os sorrisos afloram — é uma bela sensação ver o nascimento de um talento. O tiro de misericórdia vem no bis: "Sossego", clássico do Homem Maia. Te cuida, Vitória Régia!

Os Picassos são os últimos da noite. Aos poucos vão conquistando o merecido destaque, assim como seu interessante disco de estréia. Humberto F. tem um dos melhores textos que têm surgidos por aí, além de uma voz potente e forte. Talvez falte só maior empatia com o público. No baixo, Zé Henrique se destaca, mostrando ser tão promissor quanto a banda. A platéia canta sozinha quase toda a letra — que é bem difícil — de "Carne e Osso". Saem aplaudidos.

Alguém vai ao microfone avisar que a Gang 90 está presente e vai dar uma canja. Algumas pessoas voltam do portão. Uma grande noite... pelos imprevistos.

Carlos Albuquerque

GANG 90

Canja do produtor, autor e companheiro

Funk sinfônico

Teatro Ipanema (RJ) 27/08/87

Noite de estréia, lançamento do LP *Pedra 90* e a volta ao palco o após seis meses. Isso deu uma mistura de emoção do tipo "ôba, de volta ao batente", com o entrosamento típico de uma banda que acaba de gravar seu disco, mas também com um inevitável e leve desaquecimento de palco. O suingue experiente compensou bravamente. Nos primeiros compassos de "Palavras Não Bastam", sentiu-se a firmeza da cozinha de Gigante Brazyl (bateria) e Paulo Le Petit (baixo). Pena foi o incômodo sentido logo de cara: não havia agudo no som do P.A., o que resultava numa mixagem sem brilho. Um som sem cornetas de agudos é como uma bicicleta sem guidão, imperdoável. Alô produtores, se liguem, assim o Brasil não vai pra frente!

Mas a Gang foi e trouxe para a segunda música, "Sou da Rua", o convidado Bocato. Grande descolada essa — seu trombone, além dos quentíssimos solos, colaborou para o timbre funky das frases em uníssono com o resto da banda — uma saudável herança da *fusion* progressiva e atual marca registrada da Gang.

O Show segue denso e encadeado; "Cara Pálida", "Do Outro Lado da Cidade", Visão Noturna" e "Coração de Alguém" com a canja do autor, produtor do disco e companheiro, Edgard Scandura. Taciana senta no chão, de Lolita, e canta com Gigante "No Fundo do Coração".

O show respira, provavelmente graças à discreta mão de Eduardo Dusek, diretor do espetáculo. Como se não bastasse a esperteza de sua bateria, a "timaisse" de sua voz, Giga rouba o microfone de Beto para um solo de percussão com a bochecha em "Depois Eu Conto" (conta pra gente como você faz, hein, Gigante).

Terminam num arranjo que liga com batucadas "Funk Favela", Qualquer Gesto" e "Vida Animal". A meia casa (saudades da era cruzado!) pede bis ao "funk sinfônico" da Gang e ganha as candidatas a carro-chefe: "Cara Pálida" (vocal cheio de fé de Beto e Taciana) e "Funk Favela". Enquanto isso, no morro de Santa Marta, a guerra de gangues pegava fogo!!!

Silvano Michelino

RATOS DE PORÃO/SEPULTURA

Som das profundezas

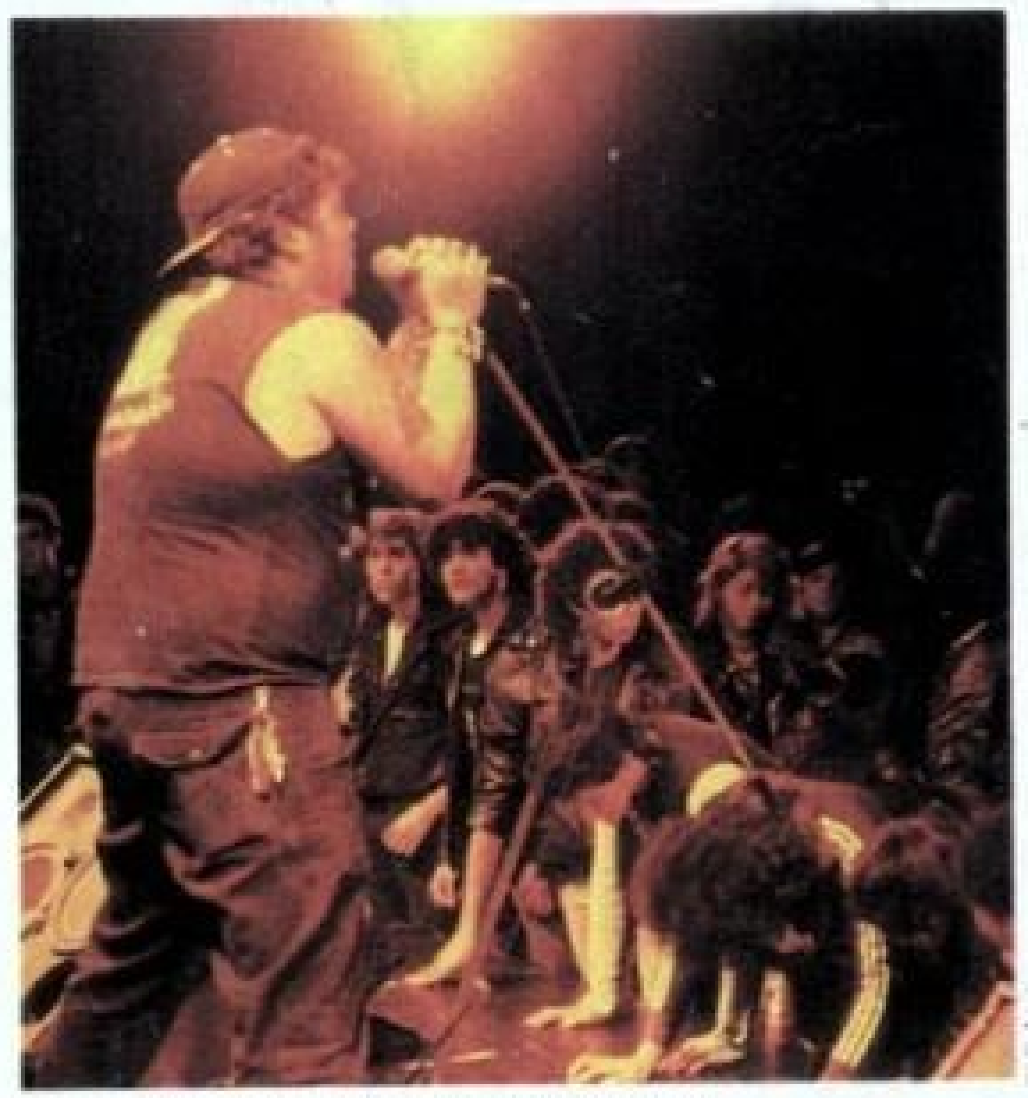
Teatro Mambembe (SP) 01/09/87

É tênue a linha divisória que separa o hardcore do speed metal. Alguns chegam até a dizer que a única diferença entre os dois estilos seria a técnica instrumental mais apurada das bandas de speed metal, que em outras palavras seriam grupos de hardcore que "aprenderam a tocar". Mas esta fronteira não é fixa e freqüentemente é ultrapassada por ambos os lados, dadas as afinidades e a mútua admiração existente entre as duas correntes. Afinal elas têm em comum, acima de tudo, a mesma fissura pelo som rápido e pesado. Ou cada dia mais sujo e agressivo, como diriam os Ratos de Porão — um dos estandartes do hardcore paulista — em uma das músicas que constará de seu terceiro LP.

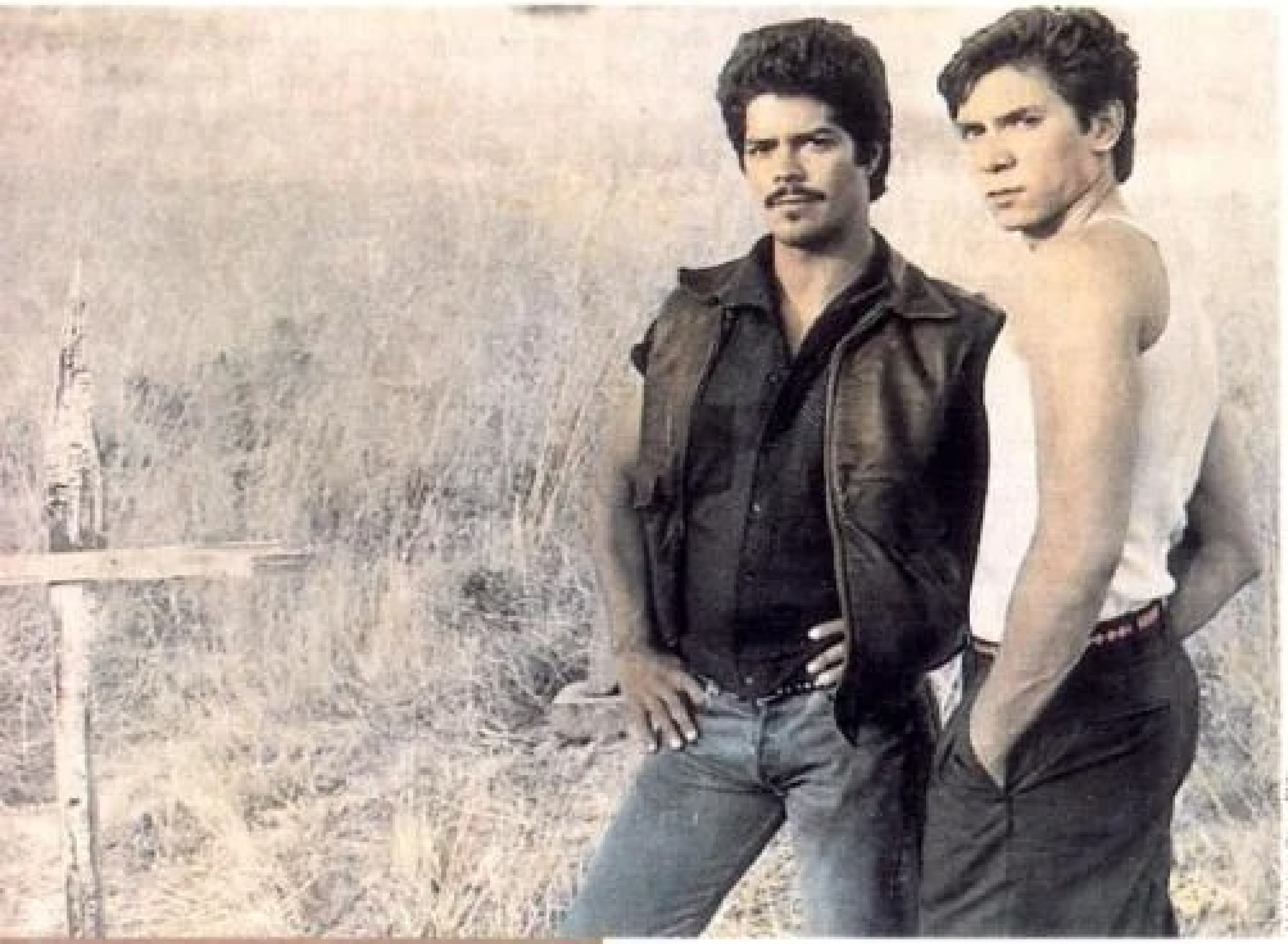
Para apresentar seu novo repertório, os RDP dividiram um show no Mambembe com o Sepultura, promissor grupo de speed metal de Belo Horizonte, composto por quatro garotos com idade entre 16 e 18 anos. Os Ratos atacaram primeiro, com músicas de no máximo dois minutos, em que o peso da massa sonora produzida por Jão (guitarra), Jabá (baixo) e Spaguetti (bateria) formava o complemento ideal para as "groaridades" vocais de João Gordo.

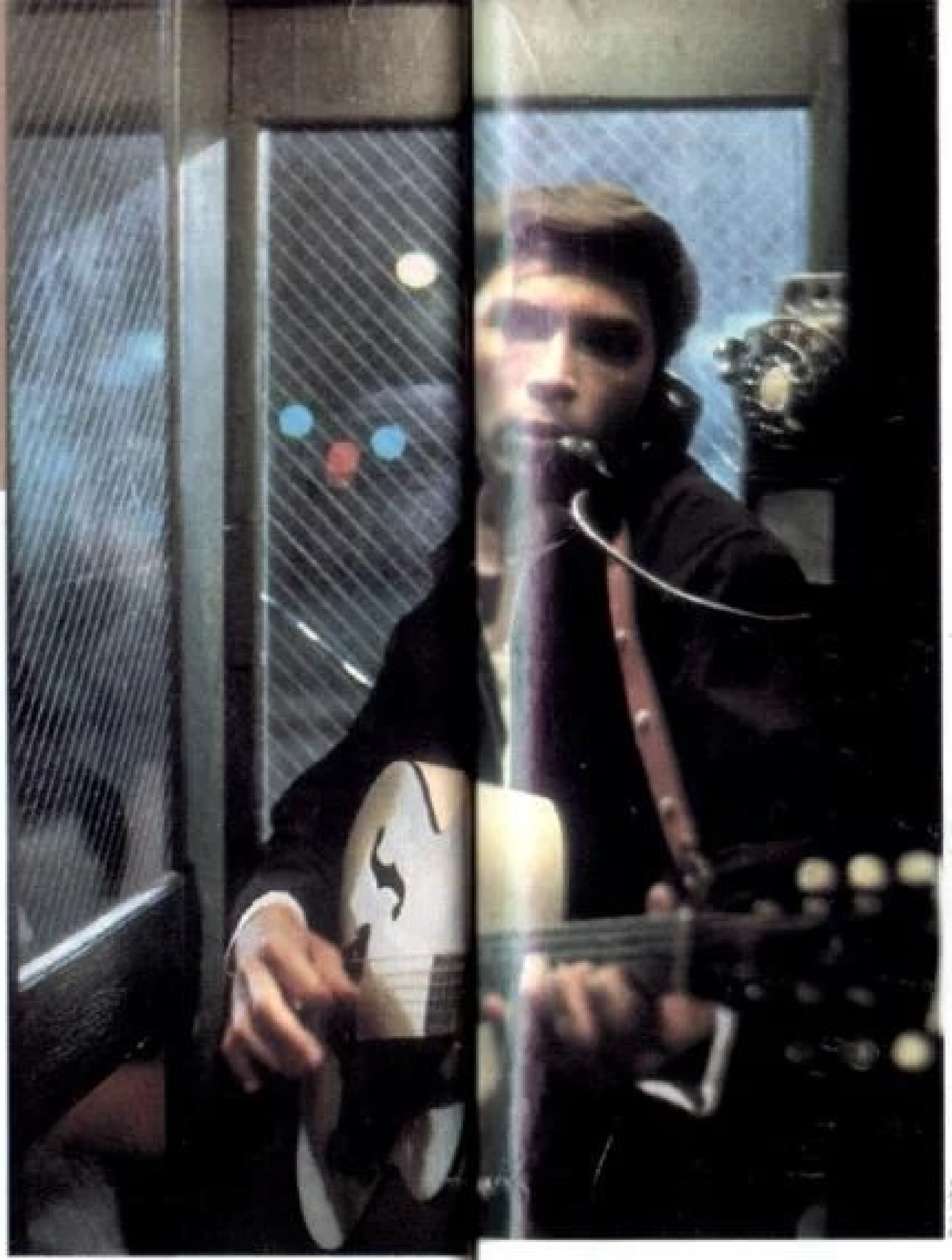
Depois foi a vez do Sepultura mostrar seu metal afiado nas guitarras de Max e Andreas, no baixo de Paulo e na bateria de Igor. Pena a banda ter sido prejudicada pela má equalização do som. Mas isso parece não ter sido um empecilho para a fiel platéia de *headbangers* ensandecidos, que vibraram com igual intensidade nas apresentações de ambas as bandas.

Celso Pucci



"Groaridades" ensandecidas de João Gordo





UM GRITO NO AR

LA BAMBA

O sucesso cinematográfico da temporada de verão nos EUA foi um mix de musical e drama mexicano. Os antecedentes do caso são levantados aqui por *Ana Maria Bahiana*

"Nunca uma minoria" — o imenso mural grita, em inglês, ocupando toda a lateral de um prédio de três andares no Olympic Boulevard. O fundo é azul, com pirâmides astecas e um imenso sol salpicado de hieróglifos pré-colombianos. No centro, triunfante, uma figura que é um pouco Jesus Cristo, um pouco Che Guevara aponta o dedo para o transeunte. No balão, gigantesco, a frase em inglês, única num raio de muitos quilômetros cuidadosamente pintados e inscritos em espanhol, revela a intenção clara de que esse brado, preso à garganta há mais de um século, não passe despercebido ao eventual ianque que cruzar as invisíveis mas palpáveis fronteiras de East Los Angeles.

O território é imenso e começa no coração do centro financeiro da cidade, na rua Olvera, não por acaso a primeira esquina do Pueblo de Nuestra Señora Reina de Los Angeles: cavar um pouco mais fundo sob as *freeways* emborrachadas de Los Angeles é descobrir um coração espanhol, um coração latino, um coração mexicano. A cidade tem 200 anos de vida desde o pueblo que a originou e, desses dois séculos, metade foi como uma vila colonial espanhola ou como uma cidade do recém-libertado México. Um belo dia os ianques vieram e tomaram a cidade à força, com um dramático derramamento de sangue — os angelenos não iam entregar assim, de bandeja, aos gulosos anglos o fruto de seu suor sobre o solo duro do deserto da Califórnia.

Agora eles, os pioneiros angelenos — ou melhor, seus descendentes — estão aqui, no gueto de East L.A. Chamam-no *barrio* e têm orgulho dele: a maioria das casas é bem cuidada; a impressionante arte mural que caracteriza a expressão plástica ocupa mais da metade dos muros disponíveis. Não é um gueto miserável, embora haja pobreza: os chicanos, hoje, são a maior população não anglo-saxônica de Los Angeles, organizados, estruturados, combativos, com programas de ação comunitária que já garantiram suas presenças nas universidades e nas câmaras de representantes municipais e estaduais.

Fala-se espanhol, e só espanhol, no *barrio*. Fala-se espanhol, na verdade, em toda Los Angeles, e muitas escolas têm ensino paralelo em inglês e em espanhol. Comem-se tacos, fajitas, frijoles, carnitas, tostadas e nachos aqui em East L.A.— mas também em toda a cidade. Um bom jogo de beisebol no estádio de Anaheim não seria completo sem um apimentado burrito entre um e outro *home run*. O velho coração latino, embora oculto, recusa-se a parar de bater. Sua música, entretanto, é quase um mistério, aparentemente destinado a viver e morrer neste território particular a leste do rio Los Angeles.

Ricardo Valenzuela não falava espanhol e não vivia em East L.A. Segundo filho de uma imigrante mexicana, Consuelo (Connie) Valenzuela, com um oficial do Exército americano (que não assumiu a paternidade), Ricardo cresceu falando inglês e trabalhando como apanhador de laranjas no vale de San Fernando, ao norte de Los Angeles, que nos anos 40/50 era apenas uma vasta área rural.

Se seu irmão Bob era um tipo problemático, dado a beber, usar e traficar *marijuana* e cometer pequenos roubos, Ricardo — Ritchie para a família — era o protótipo do bom rapaz, estudioso, dedicado, trabalhador. Tinha um sonho, típico sonho americano de vencer na vida em plena juventude, fazer bom dinheiro, dar uma casa com piscina à mãe e aos irmãos. Enfim, ser um *self-made man* como só na América é possível, sair da vala comum do anonimato pobre e radicalmente discriminado dos chicanos. Talvez fosse isso que Connie, com sua coragem cega, com sua revolta desarticulada, quisesse. Mas Ritchie, intuitivamente, viu mais além e descobriu o caminho mais curto: show business. E isso, na segunda metade dos anos 50, queria dizer rock'n'roll.

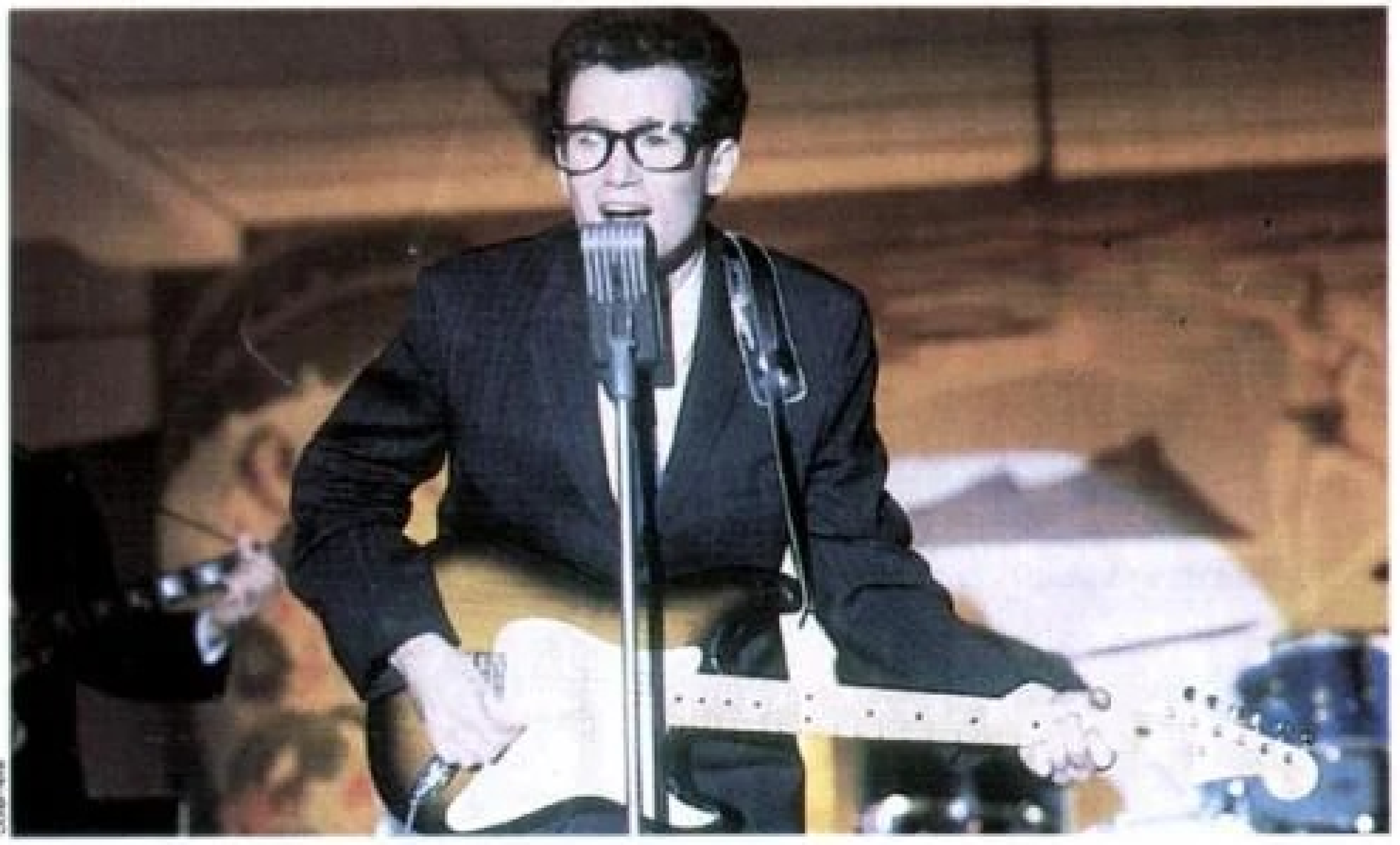
A carreira que levou Valenzuela ao estrelato absoluto, à casa com piscina, à prosperidade e à histeria das meninas foi notável e dramática. Em apenas oito meses, Ricardo saiu das bandas de garagem de Pacoima, um subúrbio semi-urbanizado no vale de San Fernando, para um selo independente de Hollywood, dirigido por um produtor jovem e ambicioso, Bob Keane. Com apenas três compactos — "Come On, Let's Go", a balada "Donna" e "La Bamba", versão rock'n'roll para uma velhíssima canção folclórica mexicana, Ricardo Valenzuela, tornado Ritchie Valens por seu empresário, estava no topo do "Olimpo rocker" dos 50.

Comprou uma casa com piscina para a família, um Thunderbird conversível prateado para si, gravou três LPs, excursionou com os príncipes do rock'n'roll e morreu, aos 17 anos, quando um aviãozinho fretado por Buddy Holly para escapar a uma noite gelada em Iowa espatifou-se minutos após decolar, matando todos os seus ocupantes.

Que Ritchie Valens tenha suplantado as barreiras raciais, sociais e políticas que a sociedade americana impôs a Ricardo Valenzuela é, em si, um fato notável. Entretanto, o *american way of life* não perdoa: um ano após sua morte, Ritchie e sua música já estavam atirados numa outra vala comum, a do esquecimento, página pouco lembrada dos primeiros tempos do rock'n'roll e, mais que isso, traço imperceptível da presença mexicana na música popular dos Estados Unidos.

Aqui, o caldeirão que mistura acaba sendo, na realidade, o gueto que separa, classifica e isola. A vasta e rica presença cultural hispânica está restrita a esses guetos, e só em poucos momentos contamina o veio principal. No caso específico da presença mexicana, ela pode ser encontrada em alguns pontos do Texas, cristalizado no saboroso estilo *tex-mex* de rock'n'roll, praticado por alguns nomes conhecidos, como T Bone Burnett, Ry Cooder e a banda dos anos 70, Little Feat.

Ou então em East L.A., de cujos quarteirões emergiu a banda Los Lobos, com um rock que é pura alegria e celebração, onde acordeão e *guitarrón* misturam-se sem pudor a guitarras e baixos e onde o repertório original de Ritchie Valens está



Nos papéis dos roqueiros contemporâneos de Ritchie Valens estão os músicos Brian Setzer (Eddie Cochran) e Marshall Crenshaw, como Buddy Holly (foto)

sempre presente nos shows, cantado em tom de festa e desforra.

No verão de 1986 a produtora independente de cinema New Visions começou a trabalhar no projeto da biografia de Ritchie Valens em parte por causa da insistente e infecciosa presença de Los Lobos. Erguendo-se do *barrio* como, um dia, Ricardo Valenzuela também fizera, a banda, liderada pela voz límpida de David Hidalgo, tinha pressionado por todos os lados o *establishment* musical americano. As possibilidades que essa brecha abria no mercado não podiam passar despercebidas: um produto cuidadosamente desenhado poderia atender a esses dois mundos, o anglo e o hispano, à semelhança das carreiras de Valens e de Los Lobos. O filme *La Bamba* nasceu assim.

A direção de *La Bamba* foi entregue a Luiz Valdez, um mexicano-americano com trabalhos em grupos de teatro político, responsável por uma montagem premiada da vida do líder camponês Cesar Chavez e autor de um filme, também premiado, sobre o massacre de chicanos na cidade de Sleepy Lagoon, na Califórnia dos anos 40. O elenco foi extraído dos grupos de teatro com que Valdez trabalhou e de vários testes com atores de origem hispânica: todos desconhecidos, eles estão no filme como um verdadeiro leque de presenças latinas, do porto-riquenho Esai Morales, que faz o irmão revoltado de Ritchie, Bob, à cubana Elizabeth Peña, vivendo a namorada dividida entre os irmãos; da mexicana-americana Rosana de Soto, que saiu do grupo de teatro Campesino para encarnar a determinada Connie Valenzuela, ao texano — com "uma gota de sangue mexicano" — Lou Diamond Phillips, que faz um Ritchie Valens repleto de obstinada pureza.

A trilha sonora foi dividida em duas: os temas instrumentais e músicas de fundo levam a assinatura de Carlos Santana, mexicano-americando de San Francisco (e um solitário batalhador por ritmos latinos em plena era do rock progressivo de 68-74); e a execução dos rocks de Valens está, com toda justiça, a cargo de Los Lobos, com a voz cristalina de David Hidalgo substituindo a de Valens na dublagem (perfeita) de Lou Diamond Phillips.

O roteiro do próprio diretor, Luiz Valdez, segue passo a passo a trajetória meteórica de Valens nos 12 meses que mudaram e definiram sua vida, dos campos de laranjas ao lago gelado de Iowa. O passado de arte militante de Luiz Valdez dá contornos às vezes excessivamente rudes ao que é bem e mal, e seus heróis são, todos, "heróis" pobres e nobres e oprimidos e lutadores — mas a vida real de Valens e sua gente sugerem muito para não ser assim tratadas.

A música, contudo, é pura redenção e rejubilação e estabelece um foco e um propósito ao filme como fez na vida real. A suprema ironia de Ritchie Valens ter estourado nas paradas com uma canção folclórica em espanhol — ele, que nunca tinha falado espanhol e desprezava os gostos hispânicos de sua mãe — é explicada, no filme, por sua única licença poética: Ritchie é levado pelo irmão Bob a um bordel em Tijuana, onde ouve a música (tocada por Los Lobos na pele de um grupo de puteiro e no andamento original), e depois a um *brujo*, no deserto, que o faz comer carne de cobra e lhe dá um amuleto. Confrontado assim com suas raízes, Ritchie decide tentar "La Bamba" em espanhol e em ritmo de rock, usando com seu empresário um argumento de pura lógica — "Se Nat King Cole pode fazer sucesso cantando em espanhol, por que não eu?" (Ele tinha tanta razão que "La Bamba" foi regravada 150 vezes depois, muitas delas com sucesso, como nas versões de Trini Lopez, Johnny Rivers e New Riders of the Purple Sage.)

Estreado em meados de julho de 87, *La Bamba* foi uma das melhores bilheterias do verão americano e cumpriu toda a trajetória que sua produtora tinha previsto: para anglos, foi um saboroso filme rock'n'roll sobre um jovem bem-sucedido em seu sonho, para hispanos (o filme teve uma versão dublada em espanhol circulando por todos os *barrios* da América), ele representou a enfim reconhecida saga de um de seus heróis mais obscuros.

Na esteira do filme, Los Lobos cumpriram um turnê vitoriosa, colocaram *La Bamba* nos cinco primeiros lugares da parada americana (com seu próprio LP *By the Light of the Moon*, fazendo carreira de brilho semelhante) e o videoclip do filme em alta rotação na MTV. E, nos cinemas americanos, há agora uma curiosa safra de filmes sobre imigrantes hispânicos, da comédia *Born in East L.A.* (com Cheech Marin, a hispânica metade da dupla de comediantes *freak* Cheech and Chong) ao drama *Break of Dawn*.

No *barrio*, contudo, apenas os murais têm voz para gritar alto e em bom som que os latinos, aqui no Pueblo, nunca foram e jamais serão uma minoria.

EM CARTAZ

Robocop: Tudo sobre o tira cibernético que é a nova sensação das telas.
Sexo: Seleção de vídeos imperdíveis, os momentos mais sensuais do cinema.
Americanarama: A cafonice americana vira estrela do cinema.
Entrevistas: Brian de Palma e Hector Babenco.

MAIS

Mostra de São Paulo, Festival de Veneza.
Lançamentos em vídeo, livros, trilhas, filmes clássicos que você não pode perder.
Fichas de cine & vídeo.

SET, A SUA REVISTA DE CINEMA E VÍDEO.

OS INTOCÁVEIS

A cana dura dominou o verão cinematográfico norte-americano. Não que gorilas fardados tivessem tomado o poder nas grandes produtoras. Mas foi bem parecido — nove entre dez produções hollywoodianas eram *cop movies*, filmes policiais. Houve o engraçado *Dragnet*, a segunda parte do já cansável *Tira da Pesada*, *Arma Mortífera*, *Stakeout*... E houve *Os Intocáveis*. Recriação atualizada da famosa série de TV homônima que rolou pelos anos 50 e 60, *Os Intocáveis* foi o mais ambicioso de todos os projetos de *cop movies* da temporada de verão, por mexer com uma espécie de "vaca sagrada" da telinha e por reunir um elenco à altura da empreitada sob um batuta do suspense, o diretor Brian De Palma. A versão *eighties* carrega mais cinismo e glamour do que a série original — apesar da Chicago trintona ainda ser o mesmo cenário dos embates entre o mafioso Al Capone (Robert De Niro, em forma magistral, embora com intervenções econômicas) e o agente federal do Tesouro Eliot Ness (Kevin Costner), que reúne uma equipe selecionada de policiais e agentes do Fisco para passar por cima da corrupção (policial, jurídica, administrativa) da cidade e encarcerar Capone. Um dos aliados de Ness é o escolado policial Malone (Sean Connery): tem os melhores contatos nas ruas e sabe tudo sobre Capone — como, aliás, os demais policiais, só que esses estão na folha de pagamento da Máfia. Ou na lista de "queima de arquivo". Por causa da brilhante performance de Connery (o homem parece vinho: melhora com o tempo) e do fim rápido demais que bolam para Malone, o filme tem um final anticlimático, quase. E eu digo quase pois a famosa seqüência da escada na estação ferroviária (inspirada no clássico *Encouraçado Potenkin*, do russo Einseinstein) — quando Ness confronta sozinho seus inimigos — é o golpe de misericórdia de Brian De Palma: se alguém ainda tinha dúvidas sobre o status de Palma como sucessor de Hitchcock, aqui elas estão definitivamente pulverizadas. E no fim ainda pinta o estripilique derradeiro de Capone (De Niro), simplesmente imperdível. *J.E.R.*

Paramount

Charles Martin Smith (Oscar), Costner (Ness), Connery (Malone) e Andy [illegible] (George), os *intocáveis*

AS BRUXAS DE EASTWICK

Warner

Nicholson e o bruxuleante trio — Michelle, Susan e Cher. Quando ele dá o que elas querem, é o diabo

Considere o ponto de vista do diabo: num mundo cristianizado, sobrou para ele o papel mais difícil, o mais sujo e o mais solitário. Ele tem que responder por todas as coisas hediondas, repulsivas e odiosas. Ninguém (ou quase ninguém) anda atrás dele com adulações e pedidos. Ele existe para ser detestado, xingado, desprezado. Pobre diabo! Na novela *The Witches of Eastwick*, do escritor americano John Updike, o diabo (e a bruxaria, culto ao diabo para a cultura cristã) era tomado como uma metáfora para a mesquinhez humana, encarnada numa cidadezinha da Nova Inglaterra (o tradicionalista nordeste americano), onde vivem três mulheres solitárias, ao mesmo tempo revoltadas e acovardadas diante da estreiteza de horizontes de suas vidas. George Miller, o diretor australiano que estourou mundialmente com a trilogia de filmes *Mad Max*, preferiu fechar o foco da danação: a cidadezinha (bonita e chata) de Eastwick é o adequado pano de fundo para o quadrilátero amoroso que envolve a escultora Alex (Cher), a professora de música Jane (Susan Sarandon), a colunista social Sukie (Michelle Pfeiffer) e o misterioso e excêntrico magnata Daryl Van Horne (Jack Nicholson). Não se trata de um caso de amor banal: Daryl é o diabo em pessoa, um diabo carente e solitário, em busca não de poder e honrarias, mas de *um relacionamento gratificante* — para isso, ele recorre menos a truques mágicos (diabólicos?) e mais ao bom e velho papo, para provar às três moças que não há nada de errado com elas: são apenas mais inteligentes, liberadas, sensuais e independentes que o resto do mulherio de Eastwick — e, portanto, merecem a companhia dele, um diabo feio e gorducho, mas inteligente, liberado, sensual e independente. O tom do filme fica entre a farsa e a fábula, com uma fotografia (a cargo do húngaro Vilmos Zsigmond, Oscar pela fotografia de *Contatos Imediatos do Terceiro Grau*, de Spielberg) belíssima que sublinha as sutis fronteiras entre uma coisa e outra. Como termina essa estranha história de amor? Vale a pena ver o filme para saber, mas dou uma dica: no fundo, no fundo, o diabo é tão machista, possessivo, ciumento e tolinho quanto qualquer simples homem mortal. *A.M.B.*

ROBOCOP

O futuro é negro: as cidades explodiram, inviáveis, incivilizadas. O capitalismo de *Terceira Onda* tornou-se uma forma totalitária e multinacional de poder absoluto, com um punhado de corporações — controlando tudo, de armas à medicina. Neste quadro desesperador, o controle da lei e da ordem não pode ser entregue a qualquer um: é necessário um ser supereficiente, indestrutível, insensível a medo, dor ou ódio — e, sobretudo, indiferente às intermináveis tramas de manipulação de poder que regulam a vida diária. Alguém como um super-herói desses dos quadrinhos, mas daqueles antigos, antes das angústias do Surfista Prateado, do cinismo do Wolverine, do rancor do Batman/Dark Knight. Alguém como *Robocop*. Este é o argumento básico do primeiro filme americano — rodado na América, com capital de produção daqui — do premiado diretor holandês Paul Verhoeven. Um filme rigorosamente brilhante, destinado com certeza a ser cult, filme-fetiche como *Blade Runner* ou *O Exterminador do Futuro*. Com uma linguagem propositalmente emprestada à televisão — flashes de jornais televisivos entremeiam e comentam toda a narrativa; a visão computadorizada do Robocop é uma telinha de TV —, Verhoeven narra a saga do policial Murphy na Detroit do futuro. Policial dedicado e honesto, Murphy (Peter Weller) é brutalmente assassinado no seu primeiro dia de serviço no Distrito de Old Detroit, coração da violência na cidade. Seu corpo (morto? semivivo? revivido? O filme deixa muitas dúvidas, propositalmente) é reconstruído pela toda-poderosa OMNI Consumer Products (que *comprou* o departamento policial) para servir de protótipo ao primeiro experimento de um *Cyborg* policial: alguém com os reflexos e know-how de um tira, mas com a couraça, a ultra-eficiência (e a indiferença) de um robô. O problema é que a memória do policial Murphy não morre dentro do cérebro digital do Robocop — e, com ela, vêm resíduos de amor, ódio, desejos de vingança que o levarão ao núcleo fedorento da cidade, onde bandidos e executivos se abraçam. *A.M.B.*

Fox

Um tira do futuro contra o mais antigo dos crimes — política corrupta

Stamp
CAMISETAS
NOVA CAMISETA! ALTA QUALIDADE
NOVAS ESTAMPAS!
Ref. 330 Cor: Br
Ref. 312 Cor: Pr
Ref. 326 Cor: Pr
Ref. 332 Cor: Br
Ref. 327 Cor: Pr
Ref. 319 Cor: Pr
Ref. 310 Cor: Br
Ref. 316 Cor: Br
Ref. 323 Cor: Br
Ref. 245 Cor: Br-Am.cl.
Ref. 329 Cor: Pr
Ref. 324 Cor: Br
Ref. 325 Cor: Br-Am.cl.
Ref. 334 Cor: Pr
Ref. 320 Cor: Br-Pr
Ref. 331 Cor: Br
Ref. 321 Cor: Br
Ref. 226 Cor: Br
Ref. 318 Cor: Az
Ref. 241 Cor: Br
Ref. 243 Cor: Az-Vd-BR
Ref. 272 Cor: Br
Ref. 274 Cor: Br-Pr
Ref. 255 Cor: Pr
Ref. 284 Cor: Br
Ref. 201 Cor: Az-Vd-Vm
Ref. 214 Cor: Br
Ref. 205 Cor: Az-Vd
Ref. 236 Cor: Pr
Ref. 271 Cor: Pr
Ref. 242 Cor: Br-Pr
Ref. 223 Cor: Br
Ref. 249 Cor: Br
Ref. 266 Cor: Az-Pr-Vm
Ref. 322 Cor: Pr
Ref. 285 Cor: Br
Ref. 232 Cor: Az
Ref. 261 Cor: Br-Pr-Az-Vm
Ref. 253 Cor: Pr
Ref. 276 Cor: Br-Pr
Ref. 234 Cor: Br-Az
Ref. 228 Cor: Pr
Ref. 218 Cor: Pr
Ref. 294 Cor: Az
Ref. 293 Cor: Br
Ref. 292 Cor: Pr
Ref. 237 Cor: Pr
Ref. 313 Cor: Pr
Ref. 314 Cor: Pr
Ref. 315 Cor: Az
Ref. 317 Cor: Br
Ref. 217 Cor: Pr
Ref. 303 Cor: Pr
Ref. 304 Cor: Br
Ref. 305 Cor: Br
Ref. 311 Cor: Pr
Ref. 328 Cor: Pr
Ref. 254 Cor: Br-Pr
Ref. 275 Cor: Br-Pr
Ref. 306 Cor: Pr
Ref. 256 Cor: Pr
Ref. 235 Cor: Pr
Ref. 280 Cor: Br-Pr
Ref. 251 Cor: Pr
Ref. 309 Cor: Br
Ref. 267 Cor: Br-Pr
Ref. 301 Cor: Pr
Ref. 299 Cor: Br
Ref. 300 Cor: Br
Ref. 231 Cor: Az-Vd
Ref. 263 Cor: Br-Am.cl
Ref. 277 Cor: Br-Pr-Az
Ref. 297 Cor: Br-Am.cl
Ref. 269 Cor: Vd-Az
Ref. 230 Cor: Br
Ref. 239 Cor: Br
Ref. 250 Cor: Br-Pr
Ref. 260 Cor: Pr-Az-Vm
Ref. 287 Cor: Br-Pr
Ref. 258 Cor: Br-Pr
Ref. 302 Cor: Br
Ref. 262 Cor: Vm-Az
Ref. 308 Cor: Vd-Az-Pr
LANÇAMENTO
NOVA CAMISETA!
MALHA ESPECIAL
Confecção exclusiva - Acabamento perfeito.
Estampas impressas em Silk-Screen com tinta de alta qualidade e longa durabilidade.
Modelagem grande.
Malha com fio penteado e tratamento mercerizado - Não encolhe nem alarga.
Tecido com tingimento reativo - Não desbota.
100% algodão.
Tamanhos P, M ou G.
Preço: Cz$ 590,00 cada camiseta.
Preço válido até a próxima edição da revista BIZZ
Ref. 295 Cor: Br
Ref. 296 Cor: Br
Ref. 279 Cor: Br-Am.cl.
Ref. 257 Cor: Az-Pr
Ref. 307 Cor: Br
Ref. 222 Cor: Vd
Ref. 247 Cor: Br
Ref. 273 Cor: Pr
Ref. 264 Cor: Br-Am.cl
Ref. 206 Cor: Br-Vd-Az
Ref. 240 Cor: Br
Ref. 283 Cor: Vd
Ref. 233 Cor: Az
Ref. 288 Cor: Br-Am.cl.
Ref. 259 Cor: Pr
Ref. 298 Cor: Br
ATENÇÃO
• Seu pedido será entregue na agência, do correio mais próxima de sua casa. Você receberá um aviso do correio para buscar sua encomenda, tendo 10 dias para retirá-la.
• Enviando CHEQUE NOMINAL ou VALE POSTAL, você terá 10% de desconto (veja explicações abaixo) pagando apenas as despesas postais.
• Não é preciso enviar o cupom abaixo. Faça seu pedido em carta semelhante ao cupom. Não há limite de quantidade.
• Temos pronta entrega e preços especiais para revendedores.
• Preencha corretamente: ENDEREÇO, REFERÊNCIA, COR, TAMANHO e VALOR TOTAL DA ENCOMENDA.
• SÓ FAÇA O PEDIDO NA CERTEZA DE RETIRÁ-LO.
Ref. 238 Cor: Br
Ref. 281 Cor: Az-Pr-Br
Ref. 289 Cor: Br
Ref. 290 Cor: Br-Am.cl.
Ref. 291 Cor: Pr
Ref. 225 Cor: Br
Ref. 278 Cor: Br
Ref. 215 Cor: Az-Pr-Vd
Ref. 224 Cor: Br-Az-Vd
Ref. 286 Cor: Br
Este adesivo em papel laminado dentro de cada embalagem. Para vidro ou painel à sua escolha.
GRÁTIS
Stamp
DESCONTO 10%
Enviando CHEQUE NOMINAL ou VALE POSTAL à STAMP, ganhe 10% de desconto no valor total de seu pedido (qualquer quantidade). Preencha o Cheque ou Vale Postal já com o desconto calculado. Para enviar Vale Postal, é só pedir um em qualquer agência do correio e preencher da seguinte maneira: AGÊNCIA PAGADORA: SHOPPING CENTER NORTE - CEP 02096 - CÓDIGO 403369 - SÃO PAULO - SP - DESTINATÁRIO: STAMP. Coloque o VALE POSTAL junto com seu pedido dentro do envelope escrevendo por fora o endereço da STAMP. (ver endereço no cupom ao lado).
TEL.: (011) 299-7478
HORÁRIO: 2.ª a 6.ª das 8:00 às 17:30 hs.
Estou enviando agora junto com este cupom, pagamento à vista em
Cheque
Vale Postal no valor de Cz$
Prefiro pagar ao recebê-lo(s), comprometendo-me a retirá-lo(s) no correio ao preço de Cz$ mais despesas postais.
REF. COR TAM.
REF. COR TAM.
Nome
End.:
Est.
Cidade
CEP
Envie este cupom ou cópia para STAMP, Rua Emb. João Neves da Fontoura 156 - CEP 02013 - Santana - São Paulo - SP.

LANÇAMENTOS

Frank Zappa — The Honker Videos — MPI — Zappa em vídeo é raridade. Portanto, caia de boca nesta coleção de quatro pérolas visuais concebidas, produzidas e dirigidas pelo próprio Mr. Z.: *Baby Snakes — The Complete Version* — três horas que misturam show e animação de formas em gesso pela técnica *stop-motion* —, *Video from Hell* — 60 minutos de gozação com a MTV —; *The True Stories of 200 Motels* — documentário sobre as filmagens do clássico cult *200 Motels*, o mais popular longa de Zappa — e, por último, *Uncle Meat* — uma seleção de shows e arte performática compilados de apresentações feitas num período de quinze anos. Cada um destes vídeos estará nas lojas norte-americanas até o final de novembro.

Soundies — Music Videos of The 40's, Vol. 1 — Preto e branco, 57 minutos, Active Cassete — Antes do presidente da MTV borrar suas primeiras fraldas, existiam os *soundies*, clips rudimentares feitos entre 1940 e 1947 que alimentavam as primeiras vídeo-jukeboxes da História, as máquinas Panoram. Por 10 cents, você via seu artista favorito na telinha. Os artistas deste primeiro volume não são do primeiro escalão — existem *soundies*, por exemplo, de Duke Ellington, Gene Krupa e Nat King Cole. Mas para colecionadores de clip é um prato cheio.

Tina Turner — Break Every Rule — Estéreo hi-fi, 60 minutos, HBO — Aqui está o íntegra do especial sobre Tina que o canal de cabo HBO transmitiu no início do ano, antes que a turnê das melhores pernas do rock chegasse aos EUA. Na maioria das seqüências, o show não é de Turner, mas do diretor David Mallet — ele exercita a plasticidade do formato clip-longa e quase sempre ofusca o calor da artista. Mas pelo menos um bom momento existe, o dueto que Tina faz com o blueseiro Robert Cray numa recriação de "A Change Is Gonna Come", clássico de Sam Cooke.

The Grateful Dead Movie — Fries Home Video — Nostalgia? Sem dúvida. Mas acontece que o Dead, por assim dizer, ressuscitou comercialmente, lotando estádios ao lado de Bob Dylan — e ofuscou o solitário menestrel — e vendendo toneladas de discos. Se você gostaria de saber como tudo começou, ache este rockumentário.

PARADA

1 Bon Jovi - Breakout — Bon Jovi
2 Vital Idol — Billy Idol
3 Live at Hollywood Bowl — The Doors
4 Exposed — Kiss
5 Succumbs — R.E.M.
6 Uncensored — Mötley Crüe
7 Beastie Boys — Beastie Boys
8 Live — Judas Priest
9 Live at Red Rocks — U2
10 The # 1 Video Hits — Whitney Houston

Fonte: revista Billboard

MICHAEL JACKSON

"BAD"

Dirigido por Martin Scorsese

Junte um dos mais perfeccionistas diretores americanos à mais elétrica criatura do universo do videoclipe e você terá "Bad", o primeiro clip desde "Thriller" (descontadas as coreografias de "Capitain Eo", porque não foram preparadas para consumo caseiro). É quase um curta, com 18 minutos que misturam drama — em branco-e-preto — e faiscantes seqüências de dança. MJ é o maior de todos os megastars do clip — como sempre sua presença na telinha é magnética, agora propulsionada por passos mais sexuais e agressivos do que de costume — ele chega a segurar o pau várias vezes, provando que *não* é um hermafrodita — e pelos cortes e ângulos certeiros de Scorsese. Como o pré-universitário Daryl — garoto que volta de férias ao seu bairro corroído pela miséria e pelo crime —, MJ é apenas passável, mas quando, no clímax final, se transforma no dínamo dançante, ele é insuperável. *Wellcome back.*

Fotos R. Tozzi - Azul

NOTAS

Gamma-Sipa

■ Do Departamento Toma Lá Dá Cá: a Pepsi é a patrocinadora das atuais turnês de **David Bowie** e **Tina Turner.** Em retribuição, os dois artistas gravaram um comercial para o inimigo n.º 1 da Coca-Cola. A trilha do híbrido de clip e comercial dirigido por **David Mallet** é "Modern Love", de Bowie, com modificações significativas na letra para ligá-la ao refrigerante. Bowie aparece primeiro como uma espécie de cientista aloprado, determinado a criar em seu computador a mulher perfeita. Ele enfia no computador "informações" essenciais a seu projeto: fotos de lábios e pernas, uma ilustração da Vênus de Boticelli, um par de botas da Maxfield. Por descuido, derruba na máquina uma garrafa de Pepsi. A máquina explode, o cientista se transforma em David Bowie, e o projeto resulta em Tina Turner. O casal sai bailando, lépido e fagueiro, defronte a uma maquininha de vender Pepsi. E o telespectador fica pensando: quem está ganhando mais com essa associação? Bowie, Tina ou a Pepsi? Bebendo, espero.

■ Filhos de celebridades também são celebridades. Pelo menos é assim que raciocina a MTV, pois colocou em sua escalação de videojóqueis **Dweezil Zappa** (quem acertar o nome do pai ganha um pirata do Mothers of Invention) e **China Kantner** (filha de Paul Kantner e Grace Slick, do Jefferson Airplane/Starship). Zappa não demorou a levar cartão vermelho, pois vivia sacaneando todo e qualquer clip da programação. China fica chamando o Starship de "o grupo de mamãe".

■ Mais casamentos estranhos: para a trilha da comédia *Disorderlies*, os **Fat Boys** se juntaram com os **Beach Boys** e gravaram "Wipe Out", clássico praieiro dos BB nos anos 60. O clip (rap e banha sambando na areia) é histriônico.

SOUP DRAGONS

Os dragões da sopa : um nome esquisitinho e boas canções tocadas com entusiasmo e honestidade

A ascensão do quarteto inglês para o qual dois minutos bastam. Por *Fernando Naporano*

Provenientes da Class of 86, movimento *anorak* que se manifestou com o slogan "*Good songs played with energy and enthusiasm and honesty*", os ingleses do Soup Dragons, ao lado dos Close Lobsters, Wolfhounds e Mighty Mighty, são um de seus mais significativos expoentes. Criado coletivamente por Jim (guitarra), Sushil (baixo), Ross (bateria) e Sean (voz e guitarra) em meados de 85, os reis das canções de dois minutos debutaram em vinil via a paupérrima gravadora independente Revolver, com o single "Whole Wide World", em junho de 86.

Desde então, ao lado do Pop Will Eat Itself e Razorcuts, os "dragões de sopa" ficaram conhecidos — embora eles o reneguem — como os mais legítimos herdeiros dos Buzzcocks, aquele quarteto de Manchester que subterraneamente revolucionou a quarta geração do rock. O que mais se evidencia no interior de suas *very fast songs* é a essência do espírito punk — uma raiva muito grande de toda a chatice mundana bem como um orgulhoso despojamento perante as regras. No exterior, sob vocais ásperos, não dá outra senão uma ilimitada euforia de guitarras, grunhindo em riffs velozes e dedilhados sacanas. O baixo e a bateria, iluminadamente limitados, dedicam-se a uma farrinha dançável, daqueles que, às vezes, adoram atravessar os andamentos.

Em outubro de 86, descolaram uma gravadora com mais recursos (RAW TV), um manager badalado (pasmem, Jaz Summers, ex-Wham!) e demonstraram simpatias pelos skatistas lançando o célebre EP *Hang Ten*.

Deslancharam nas paradas, mas foi com o single seguinte, "Head Gone Astray" (de janeiro de 87), que apresentava certas surpresas — como a inclusão de teclas e um tratamento bem mais lapidado às harmonias —, que acrescentaram ao vandalismo buzzcockiano de suas canções um definitivo caráter de *pure pop*.

Em julho de 87, voltaram ao top das paradinhas independentes com mais um compactozinho ironicamente intitulado "Can't Take No More". Claro que o próximo passo deverá ser um selo maior.

Se você ainda ama a pureza e a energia, sua única obrigação é não perdê-los de vista.

É urgente, é urgente que o mercado, pelo menos no que se refere à produção cultural jovem, comece a olhar para outros Estados, além de São Paulo, Rio e Brasília. Nesse sentido, Belo Horizonte e Porto Alegre, por exemplo, são promissores. Alguns já observam os pampas. Os últimos lançamentos gaúchos, salvo exceções, merecem uma audição respeitável. De lá, dando as últimas, falaremos nas próximas edições.

Belo Horizonte continua órfã de pai e mãe. Mesmo assim conseguiu criar um circuito próprio e peculiar. Ajudada por dois ativadores culturais — Arthur G. Couto Duarte e Marcelo Dolabella (leia, também, "Divergência Socialista", nesta edição) —, a cidade ganhou um fanzine/revista de rock de primeira qualidade — o *GASS* — e uma rádio idem — a Liberdade FM —, que dá um banho de integridade em qualquer outra do gênero. Nessa FM, demo tapes e o rock Brasil se mesclam, pau a pau, a uma programação internacional diversificada. O brilho final fica por conta dos especiais: Metal Massacre, que dispensa apresentações; Farenheit, dedicado às "novas tendências" do pop/rock de fora, e o Rock Molotov, que dá uma geral nas produções brasileiras. Para fechar o cerco, um programa só para a música caipira. Já o fanzine mantém sintonia direta com o que acontece lá fora e aqui e conta, inclusive, com correspondentes internacionais. No comando de ambos os projetos — a rádio e o fanzine, que pretendem estender suas fronteiras de distribuição — está Arthur, responsável, ainda, pelo envio de alguns vinis nacionais para o exterior.

Na produção musical em si, muitos grupos engendram projetos mirabolantes em suas garagens. O mais representativo, por hora, são **Os Contras.** Com dois anos de existência, o trio — formado por Valério (guitarra), Dota (baixo/vocal) e Rogério "Mamão" (bateria) — passeia com facilidade entre o rock energético e melodias mais leves, com nítidas influências brasileiras. A temática básica são o protesto político e as desavenças do indivíduo com seu círculo social/pessoal.

Embora sem espaço para tocar em sua cidade natal — de fato restrito —, eles pretendem produzir uma demo, mandar para as rádios do país e bater às portas do eixo São Paulo—Rio. Com 20 músicas prontas para shows e um possível LP — que talvez saia pela Câmbio Negro Discos, o selo independente local —, eles ainda pretendem cultivar um hábito saudável: tocar músicas de outros nomes da música brasileira. "O Filho Predileto de Rajeneesh", do Sexo Explícito, e uma a ser escolhida de Altemar Dutra, com arranjo de Os Contras, são as primeiras investidas. Fiquem de olho. (*S.M.*)

OS CONTRAS

Do Rio de Janeiro, três bandas prometem, pela originalidade e energia.

O humor negro do psychobilly e a energia sexual do rockabilly se casam no som da **Grande Trepada,** ou Big Trep para os castos. A presença de Léo Pornô (vocal), mais o baixo de Eddie Bopper Bali, a guitarra de Mauk Shake e a bateria de Neri Jack Holla's dão o tom perfeito para uma transa no cemitério. É um perigo convidá-los para abrir shows, pois geralmente apagam a atração principal.

Mixando elementos de cinema, rádio e TV, aliados a modernos aparatos eletrônicos e um certo clima de cabaré, o trio **Saara Saara** — com Sérvio Túlio (vocal e vinhetas), Raul Rachid (teclados) e Luiz Eduardo (guitarra e computador rítmico) — pode ser definido como uma loucura multimídia tecnológica e ilógica. Os shows são memoráveis e a fita demo que rola na Fluminense FM já é um hit.

Quem quer balanço e funk do melhor tem no **Conexão Japeri** (ex-Expresso Realengo) uma ótima opção. Também, o que se poderia esperar de uma banda que tem Ed Motta, sobrinho e herdeiro de Tim Maia, nos vocais? Ed faz jus ao parentesco, e seu grupo — Luís Fernando (guitarra), Marcelo Pereira (bateria), Zé Rodrigues (baixo) e Fran Bouéres (percussão) — não deixa por menos. E se eles incluírem uns metais... (*T.L.*)

CONEXÃO JAPERI

JOY DIVISION

ISOLATION

Joy Division

Be clear every day, every evening
It calls here aloud from above
Carefully watched for a reason
Mistaking devotion and love
Surrendered to self-preservation
From others who care for themselves
But life as it touches perfection
Appears just like anything else

Isolation (3 x)

Mother, I tried, please believe me
I'm doing the best that I can
I'm ashamed of the things I've been put through
I'm ashamed of the person I am

Isolation (3 x)

But if you just could see the beauty
These things I could never describe
Pleasures and wayward distraction
Is this my wonderful prize?

Isolation (5 x)

ISOLAMENTO

Ser claro todo dia, toda noite
Um chamado que chega aqui das alturas
Cuidadosamente observado, por alguma razão
Confundindo amor e devoção
Rendido à autopreservação
Protegido daqueles que cuidam de si mesmos
Mas a vida, quando atinge a perfeição
Parece-se com quase todo o resto

Isolamento (3 x)

Mãe, eu tentei, por favor acredite
Faço o melhor que posso
Tenho vergonha das coisas que me fizeram passar
Tenho vergonha da pessoa que eu sou

Isolamento (3 x)

Mas se você apenas pudesse enxergar a beleza
Estas coisas que eu jamais poderia descrever
Prazeres e distração à beira do caminho
Serão minha maravilhosa recompensa?

Isolamento (5 x)

Direitos reservados

Camisetas, jaquetas, toalhas de mesa, cartazes e todo tipo de papel ou pano, podem agora ter estampada qualquer foto ou ilustração de revistas, capas de disco ou posters que você quiser. Você já imaginou o sucesso que você fará com uma camiseta estampada com aquela ilustração tão linda que você viu na revista, ou na capa do disco com seu ídolo ou grupo musical?
Isso você mesmo pode fazer, EM APENAS 1 MINUTO, SEM O USO DE TINTAS E NEM DE PINCEL. A perfeição é inacreditável e a estampa permanece para sempre. Não mancha, nem descora.
CONHEÇA O INÉDITO COLOR-FIX!

VEJA COMO É FÁCIL

Você ficará surpreso com a facilidade que encontrará, e a perfeição atingida, logo na 1ª vez que executar o trabalho. Não se trata de curso. Você começa a estampar camisetas a partir do momento em que estiver de posse do COLOR-FIX.

1º) Você passa COLOR-FIX no lado da camiseta em que você quer que apareça a estampa.
2º) Coloca a camiseta sobre a foto da revista, poster ou capa de disco.
3º) Passa o ferro de passar roupas por alguns segundos, como se estivesse passando a camiseta.

Pronto! Não sai nunca mais a estampa, do jeito que está na fotografia.

GANHE MUITO DINHEIRO

Aproveite o segredo do COLOR-FIX para ganhar muito dinheiro. Absolutamente sem nenhum capital, você terá seu próprio negócio, ou então poderá multiplicar sua renda mensal, apenas nas horas de folga. É um trabalho para ambos os sexos, bastando ter apenas a vontade de vencer, característica indispensável para quem quer alcançar o êxito, o sucesso e o bem estar.

EXCLUSIVIDADE

Você vai aprender também, a fazer aparecer em uma camiseta ou jaqueta, a sua própria foto, no tamanho que você quiser que fique. Tudo isto em apenas 1 MINUTO. É FANTÁSTICO!

ATENÇÃO: Poucas pessoas terão o privilégio de possuir o segredo do COLOR-FIX, pois o fornecimento é limitado. DECIDA JÁ! Não deixe para depois e garanta já esta grande oportunidade. Com o segredo do COLOR-FIX você fará centenas, milhares de estampas em camisetas, jaquetas, etc. Pense no quanto você poderá lucrar com isto, e aproveite já esta grande oportunidade que a **EXPORT FASHION** está lhe oferecendo.

Envie hoje mesmo o seu pedido e comece a ganhar dinheiro amanhã. Você receberá todas as explicações detalhadas, necessárias para aproveitar ao máximo o incrível COLOR-FIX.

PROMOÇÃO ESPECIAL
Adquirindo o segredo do COLOR-FIX através de cheque nominal ou vale postal, você terá direito a um desconto especial de 50%, e recebe sua encomenda em 10 dias.

CERTIFICADO ESPECIAL DE RESERVA

COLOQUE O CEP CORRETAMENTE PARA AGILIZAR A REMESSA E PREENCHA À MÁQUINA OU EM LETRA DE FORMA LEGÍVEL

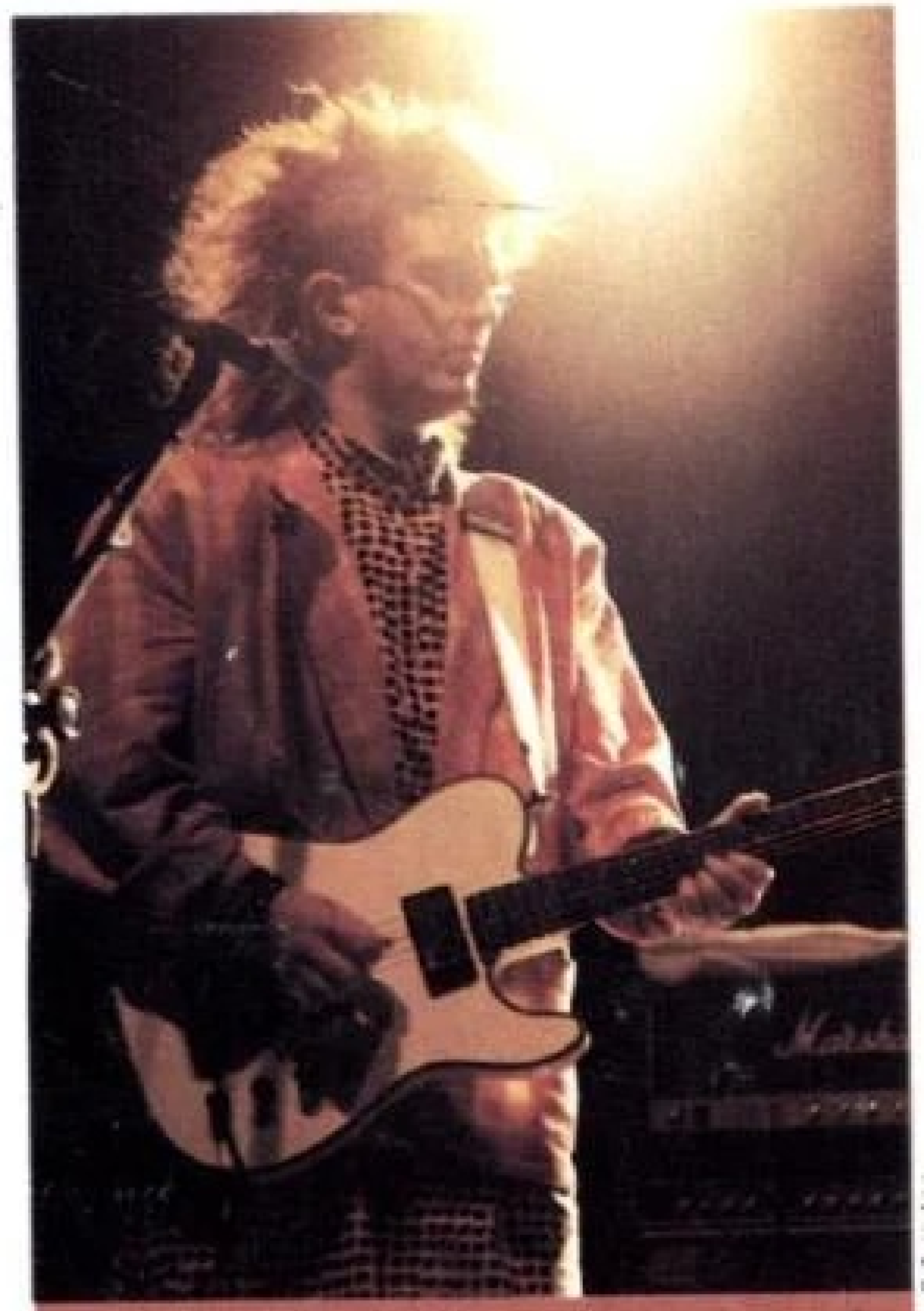
OBS.: NÃO SE ESQUEÇA DE COLOCAR O VALE POSTAL OU CHEQUE NOMINAL NO ENVELOPE JUNTAMENTE COM O CUPOM.

Solicito à **EXPORT FASHION**, *o envio do segredo do COLOR-FIX, ao qual pagarei da seguinte forma: (Assinale com um "X")*

☐ **CHEQUE NOMINAL:** Estou enviando juntamente com este cupom, um cheque nominal à **EXPORT FASHION**, com direito a um desconto especial de 50%, portanto no valor de Cz$ 348,00 sem mais despesas.
☐ **VALE POSTAL:** Estou enviando juntamente com este cupom, um vale postal, com direito a um desconto especial de 50%, portanto no valor de Cz$348,00 sem mais despesas.
INSTRUÇÕES PARA O ENVIO DO VALE POSTAL:
Peça no Correio e preencha da seguinte forma:
Ag. Pagadora: Agência Central - Cód. 400009 - CEP 01051 - São Paulo - SP.
A favor de: **EXPORT FASHION - CAIXA POSTAL 7758 - SÃO PAULO - SP.**
☐ **REEMBOLSO POSTAL:** Pagarei somente ao retirar o segredo COLOR-FIX no Correio, no valor de Cz$ 696,00, mais as despesas postais.

Nome ____________
End. ____________ Nº ______
Bairro ____________ Cidade ____________ Est. ______
CEP ______ Data ___/___/___ Assinatura ____________

Envie hoje mesmo o seu cupom (ou xerox) para:
***EXPORT FASHION** - Caixa Postal 7758 - CEP 01051 - Ag. Central - São Paulo - SP.*



R. Todd Azul

Autodidata e um dos currículos mais respeitáveis do pós-punk

JOHN McGEOCH

O guitarrista que resgatou a melodia sem perder o peso no pós-punk

Talvez não tenha ficado evidente durante a passagem do PIL por aqui, mas esse escocês de Grienock (perto de Glasgow) criou escola no pós-punk com seus dedilhados e efeitos melódicos. E, ao contrário do que se pensa, ele é autodidata e sua grande paixão não é a música, mas a pintura.

McGeoch começou a ter aulas de piano aos 7 anos. "Por causa disso", ele lembra, "ainda sei ler um pouco de música. Aos 12, passou a ter aulas de violão clássico, mas só durante alguns meses, porque o que "queria era tocar Beatles". Comprou uma guitarra e formou uma banda com colegas de escola que tocavam covers ("Beatles, Iron Butterfly..."). Aos 15, mudou-se para Londres, onde passou a ter contato com o blues negro ("tentava tirar John Lee Hooker e Muddy Waters").

Anos depois iniciou seu curso superior de Artes. Mais ou menos no surgimento do punk, foi para Manchester se graduar em pintura ("me formei com louvor") — não é à toa que McGeoch fez a direção de arte das capas dos grupos pelos quais passou.

Foi em Manchester que conheceu Howard Devoto, recém-saído dos Buzzcocks. Mesmo sem ambições profissionais na música, acabou fundando o Magazine com Devoto: "Estávamos cheios do som das bandas punk. Todos imitavam os Pistols. Era um saco. Nós queríamos fazer algo melódico, usar teclados. Todos os integrantes eram músicos, exceção feita a Barry Adamson (hoje nos Bad Seeds de Nick Cave), que tinha acabado de ganhar um baixo, que não sabia tocar".

McGeoch ficou no Magazine até meados de 80. Saiu porque recebia inúmeros convites de gravação com outros grupos. Gravou com o Gen X, de Billy Idol, e com os Banshees. "Depois de um tempo", ele conta, "fiquei de saco cheio de criar e compor e não ser creditado por isso. Resolvi então aceitar o convite dos Banshees para entrar no grupo." Ele ficou nos Banshees até 82, quando se desentendeu com Siouxsie ("hoje somos bons amigos"). McGeoch é o autor — com Steve Severin — dos mais conhecidos singles da banda (como "Israel", "Arabian Knights" e "Spellbound").

No mesmo ano, foi para a Suécia produzir alguns discos: "Desenvolvi meu conhecimento técnico e fiz boas coisas. Mas aí tive saudade de tocar guitarra e voltei para a Inglaterra". De volta à ilha, foi atraído pela idéia de formar uma banda com alguns amigos como Richard Jobson (ex-Skids) e John Doyle (ex-Magazine). Assim surgiu o Armoury Show (que tem o LP *Waitting for the Flood* lançado no Brasil). Não deu muito certo e McGeoch não pensou duas vezes quando recebeu o convite de John Lydon para entrar no PIL. "O que ele me disse foi exatamente isso", McGeoch conta, "você ficou chupando as linhas da guitarra do Keith Levene (primeiro guitarrista do PIL) por tanto tempo que agora faz isso melhor do que ninguém. Ha, ha, ha."

Levene é de fato citado como uma das grandes influências de John McGeoch. Este também fala em alguns "antigos", como Robert Fripp, Hendrix e Jeff Beck, e outros "novos" como Andy Gill (ex-guitarrista da Gang of Four que parou um tempo para se tratar de câncer). Masami Tsuchya ("ninguém sabe disso, mas eu fui convidado a tocar no Japan antes dele, só que não aceitei") e Steve Vai ("ele é fantástico. Fez as guitarras do *Album* do PIL. Levei dias para conseguir tirá-las!"). *T.P.*

FICHA TÉCNICA
UM MONTE DE EFEITOS

Atualmente, a guitarra que McGeoch mais usa é uma Washburn, americana, feita sob encomenda. Até o ano passado ele tinha uma Yamaha que adorava. Só que ela acabou sendo destruída, sem querer, por um forte pisão. "Foi durante aquele show do PIL em Viena, Áustria", ele relata. "Levei uma garrafada no rosto e caí no chão. Quando me levantei não enxergava nada, pois estava com o rosto coberto de sangue (ele mostra algumas pequenas cicatrizes na face, lembranças dos onze pontos que levou). Aí acabei pisando na guitarra."

A parte dos efeitos é um pouco complicada. A guitarra é acoplada a um compressor com duas saídas. Uma sai com um sinal puro até o amplificador. A outra passa por dois harmonizers, *três distorções/overdrives,* flanger, chorus *e um equalizador paramétrico (para limpar os ruídos desagradáveis). McGeoch usa encordoamento* Rotosound *(009, 011, 015, 024, 032 e 048). Quanto aos amplificadores, McGeoch é lacônico: "Só uso Marshall".*

TORÓ DE GÊNIOS

DANCE NESSA CHUVA

Em discos e fitas
PolyGram

EUROPA — *Pepe Escobar*

A RAI teve uma idéia impecável para acompanhar a voragem pop que se abateu sobre a península em junho-julho (Prince, Durans, Bowie, Gabriel, Simply Red, Eurythmics, Tina Turner etc.): contratou nada mais nada menos que dois respeitáveis senhores, **Mr. Wyman** e **Mr. Wood,** de uns certos Rolling Stones (Wood: "Nããããão, ainda não acabou"), para comentar os performers, e depois uma minientrevista. Cada programinha durava meia hora: na primeira parte, entre trechos de clips, Wyman e Wood conversavam sobre a figura em questão. Wyman, com uma ironia galática, botava todas as coisas no lugar certo: as chupadas de Prince, os excessos de David Stewart, o oportunismo dos Durans etc. Entre outras coisas, ele revelou que David Bowie, lá no fim dos anos 60, vivia alugando limusines e assinando cheques sob o nome "Mick Jagger". Os Stones demoraram meses para descobrir. Na segunda parte do programinha, Wood dava de crítico de música (leve, despretensioso e altamente informativo). A melhor entrevista, como não poderia deixar de ser, foi com Bowie, que gostou tanto que na verdade foi ele quem entrevistou Wood. Começaram falando das "imagens inconscientes" que Bowie usou para construir seu *road show* este ano, passaram para pintura e escultura (Bowie viu dois dos três *David* de Firenze, mas sua estátua favorita na cidade é o *Rapto das Sabinas*, de Giambologna). Wood comentou sobre sua exposição de desenhos na Christie's, Bowie identificou-se ("Ah, então vamos trocar nossos desenhos..."), e por aí vai. Nunca, na TV, dois pop stars ficaram tão à vontade.

Terence Trent D'Arby — o esbelto de tranças que copia de **Prince** e **Jacko** o que estes dois copiaram de **James Brown** — está definitivamente confirmado como o furacão black pop do ano, botando as mocinhas para desmaiar. É o melhor esforço de marketing dos últimos meses, ou semanas, depois, é claro, de **Mel & Kim**, Pepsi & Shirley e outras descartabilérrimas duplinhas do gênero. No setor e-que-tudo-mais-vá-pro-inferno, a Palma por enquanto está com **Disneyland After Dark** e seu maníaco single "Marlboro Man", garagem digna do Texas em 65. No setor pau-nos-yuppies-mas-com-estilo sobressai, é claro, **Yello,** no LP *One Second,* com Billy MacKenzie, ex-Associates, e a gargantual **Shirley Bassey** de convidados especiais. No setor repescagem-do-passado-recente — e farto sucesso nas MTVs européias —, **Mel Brooks** *(foto)* com o rap de Hitler, megalômano, fetichista e *very, very funny.*

Michel Folco / Sipa Press

A geração Def Jam cai de boca nas "portas da percepção". O ao vivo dos Doors no Hollywood Bowl — diretamente de julho de 68 — entorta a cabeça dos filhos do crossover, especialmente com "Unknown Soldier", que casa à perfeição "Doorsmania" com a "Vietmania" no cinema. O Door sobrevivente, Manzarek, enquanto isso, doorzou os Bunnymen em estilo, no que — até agora — é o melhor LP de 87, com vídeo made in Brazil para "The Game" e tudo. Os Bunnymen andaram dando um concerto no topo da HMV Records em Londres — o que nos remete imediatamente a um certo quarteto de Liverpool no topo de uma certa Apple Records... O que é isso? O eterno retorno do revival? Jim Morrison previu tudo. Dizia, em 68, que os Doors estavam preparando a criação de um meio ambiente necessário à reencarnação do oeste selvagem. Este, exatamente, é o estado de coisas no pop — e na vida — contemporâneo.

Dois ex-**Quando Quango** — aquela simpática bandinha da cosmogônica Factory, fissurada em hip hop e latinidade — reuniram-se para outra operação dançante temperada com molho Manchester. Trata-se do **T-Coy,** abreviação para "Take Care of Yourself". Saíram com um single, "Carino", estupendo: batida de House Music de Chicago em cima de carnaval de ritmos latinos — tudo, claro, muito bem mixado. Vêm aí com uma House rumba. A moçada de Manchester não aguenta uma percussãozinha latina. Além do Quando, **A Certain Ratio** tenta de todas as maneiras, em seus shows, uma "batucada brasileira". Os flertes de **New Order** já são standart. Percussionistas brasileiros em busca de moeda forte e estilo de vida compatível, olho em Manchester, que é o mercado certo.

Capitol Records

Mountain / LFI

Depois de "Kiss" do Age of Chance, "Back in the USSR" hip hopada, "Whole Lotta Love" hip hopada, "A Touch of Jazz" e centenas de outras, o crossover retrô desta semana — até a próxima — é sem dúvida o surf scratch dos obesérrimos **Fat Boys** em "Wipe Out". Tem tudo: *surf sounds* imemoriais, harmonias de barbeiro, mix scratchado ao limite e rap peso pesado. A historinha do mutante é puro *plastic pop.* O original é uma musiquinha dos **Surfaris,** de 63, instrumental. A única "letra" era mesma frase — "hê hê hê wipe out" — repetida mais de 30 vezes. Um belo dia, no ano passado, os três da gordura encontraram os cinco da praia, no Texas (logo onde!). Resolveram gravar alguma coisa juntos. Um dos **Beach Boys** escolheu a música — boa batida, fácil de rapear em cima. Os gordinhos gravaram sua parte em Nova York, os da praia em LA, claro. Produtor mixa e... sai da frente! A letra, claro, também conta uma historinha: as férias dos Fat Boys na praia, na Califórnia. Só poderiam fundir os miolos, saindo do Bronx para o Pacífico... Comparece, claro, a linhazinha cult: "Just partying hard making lots of noise/ when along the beach came the real Beach Boys". Depois dessa, o quê? Emerson, Lake and Palmer, fase *Trilogy,* em scratch? *À côté,* a rapeação continua no cinema, com filminhos de Run-DMC, Beasties e Fatties (este com os Beach Boys de convidados especiais). Life is Def, man.

Quatro Rodas compra carro

Todo carro que QUATRO RODAS testa aos 50.000 km foi comprado, como o seu, e não cedido pela fábrica. Outra coisa: o carro de QUATRO RODAS atinge a marca dos 50.000 km muito antes que qualquer outro lançado ao mesmo tempo no mercado. Sabe pra que? Para submetê-lo ao mais rigoroso teste de desempenho. E em seguida desmontá-lo e avaliar cada peça. E publicar os resultados com total isenção, para que você saiba o que poderá acontecer com o seu carro muito antes dele atingir os 50.000 km. Foi assim com a Belina 4×4. Os resultados publicados por QUATRO RODAS em março/87 fizeram com que a fábrica alterasse o Manual de Proprietário, melhorando as explicações para a perfeita utilização da tração nas quatro rodas do veículo. A revista QUATRO RODAS trabalha para que, na hora de decidir pela compra de um carro, você tenha sempre à mão a melhor avaliação técnica de cada modelo.

Que outra publicação faz isso pra você? Só QUATRO RODAS! Uma revista a serviço do seu leitor.

QUATRO RODAS

EDITORA ABRIL

ESTADOS UNIDOS — *Ana Maria Bahiana e José Emilio Rondeau*

Este Air Mail não estaria completo sem pelo menos algumas linhas sobre a verdadeira enxurrada de matérias, homenagens, procissões e missas que infestaram os Estados Unidos no dia 15 de agosto, data que marcou o décimo aniversário da morte de **Elvis Presley.** Foi desencavada a famosa foto de Elvis no caixão, o empresário de Presley **Coronel Tom Parker** saiu da reclusão e deu um par de entrevistas — que provaram que era um bronco sortudo com uma mina de ouro nas mãos — e pelo menos dois livros dignos de menção chegaram às lojas. *Elvis World*, de **Jane** e **Michael Stern**, traz 250 fotos selecionadas nos arquivos pessoais da família Presley e vem embalado em lamê dourado, imitando o legendário terno do rei. *Elvis* é mais simples, mas traz fotos raras e mais antigas, de uma época em que Presley tinha nas veias o sangue rebelde que fez tremer as bases da família americana e encharcou as calcinhas das meninas. E acho que é assim que Elvis gostaria de ser lembrado.

Quando **Sting** estiver se bronzeando em praias brasileiras, entre um e outro show de sua turnê, deverá estar se alternando entre um mate, um sanduíche de atum do Pepê e uma cantarolada de músicas de seu segundo álbum solo, *Nothing Like the Sun*: "Secret Marriage", "Sister Moon", "Straight to My Heart" ou qualquer outra música que comece com S e tenha sido gravada com **Mark Knopfler, Eric Clapton, Ruben Bládes** ou **Andy Summers.** Sting diz ter tomado para título de seu novo disco uma frase do soneto 130 de **Shakespeare.** O disco, que "trata as mulheres como pessoas reais e não fantasias", dura exatamente 60 minutos.

E quem também está de álbum novo, sem que ninguém esperasse, é o chefão **Bruce Springsteen.** Ainda se sabe muito pouco sobre o álbum *Tunnel of Love*, gravado, a maior parte, em Los Angeles. A revista *Insiders* garante que o disco tem bastantes convidados especiais e mais do que uma pequena dose de *pedal steel guitar*. *Tunnel of Love* estará nas lojas antes de novembro e previsões otimistas não descartam a possibilidade de o disco estar nas lojas antes que setembro acabe. Bruce — visto pela última vez tocando "La Bamba" com *Marshall Creenshaw* numa biboca de New Jersey — tem sido alvo de uma polêmica trabalhista e artística levantada numa reportagem de capa do *NME*. Dois ex-empregados de Springsteen — os técnicos de guitarra *Mike Batlan e Doug Sutphin* — abriram processo contra ele, alegando não cumprimento de cláusulas contratuais e demissão mal-indenizada. De quebra, acusam Springsteen de só querer saber de grana e de não ser nada daquilo que empresários, gravadoras e baba-ovos em geral querem fazer acreditar. Os lábios de Bruce estão selados, mas foi divulgado que o salário de Batlan — mesmo que Bruce estivesse de férias — era de 50 mil dólares anuais e que as indenizações de Batlan e Sutphin foram de, respectivamente, 125 mil e 100 mil dólares. Isso é que é reclamar de barriga cheia.

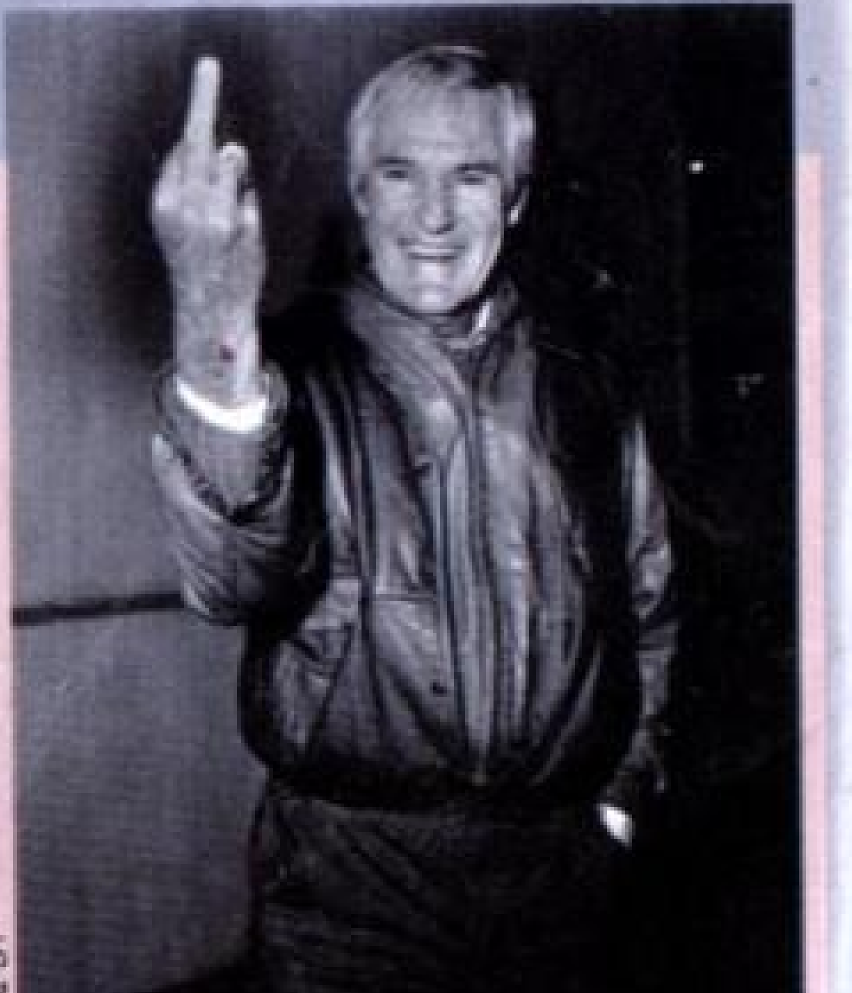
Tom Waits — a exemplo de Sting — se divide cada vez mais entre o cinema e a música. Ele vai excursionar a partir de outubro, mostrando material do recém-lançado *Franks Wild Years*, e, em dezembro, estará nas telas americanas, ao lado de **Meryl Streep** e **Jack Nicholson**, na versão que **Hector Babenco** fez do romance *Ironweed*.

WEA

Nesta terra onde grupos de rock estabelecidos se desmembram para depois se reunirem novamente a torto e a direito — alguém consegue manter a conta de quantas vezes **Crosby, Stils** e **Nash** ficaram de bem e de mal? —, não foi surpreendente chegar ao ultraluxuoso Grand Salon do Bel Age Hotel, perto do cocoruto que a Sunset Boulevard forma entre Beverly Hills e Hollywood, para participar da coletiva que o **Fleetwood Mac** estava dando como anúncio da primeira turnê do grupo em mais de cinco anos. A novidade do evento não chegava a ser *novidade* para o currículo do Mac — a partir daquele momento, saía o guitarrista, vocalista, compositor, produtor **Lindsey Buckingham.** Em seu lugar entravam *dois* guitarristas/vocalistas: **Billy Burnette** (artista solo de muito sucesso nas internas daqui) e **Rick Vito** (mais conhecido por gravações recentes com Bob Seger e Jackson Browne). Mudanças de escalação não são inéditas na carreira do Mac. Muito pelo contrário: desde sua formação, vinte anos atrás, três guitarristas já passaram pelo grupo — **Peter Green, Bob Welch** e, até agora, Buckingham. Mas o caso de Lindsey é especial. Foi ele quem dirigiu o Mac ao megassucesso de *Rumours*, o álbum que transformou o grupo no gigante de vendas que é hoje. Buckingham assegurou, numa declaração por escrito entregue à imprensa, que o Mac já sabia que não poderia contar com ele desde a época em que concordou em produzir o álbum *Tango in the Night*, lançado no primeiro semestre deste ano. **Mick Fleetwood**, o baterista e fundador do grupo, não desmentiu Lindsey na coletiva, mas, em vez de elaborar, preferiu promover a turnê "Shake the Cage", que começa em outubro, em Iowa, e termina, 50 shows mais tarde, em Washington.

Timothy Leary *(foto)* estava lá — mulher e filho adolescente a tiracolo. **Keith Harring** também. Os locutores/estrelas da rádio K-ROQ idem. E acabaram sendo a melhor diversão da noite, embora o show no Inglewood Forum, na periferia de Los Angeles, fosse, oficialmente, do **Duran Duran.** Simon Le Bon & Cia limitaram-se a decupar seus grandes hits para a platéia gritona e 99% feminina numa apresentação morna, beirando o tedioso. Tocar bem eles só fizeram horas mais tarde, numa festa privê oferecida ao grupo pela Capital Records, no enrustidíssimo Llasha Club, em Hollywood. Sem maquiagem e sem prosopopéias, o Duran tocou cinco músicas num palquinho apenas alguns centímetros maior do que o do Madame Satã para um público que incluía todas as **Bangles** e o vocalista do metálico **Poison.** Conclusão: poucas bandas de pub são tão boas quanto o DD.

Grande Lift



BIZZ

ESPECIAL!

ÍDOLOS DO ROCK

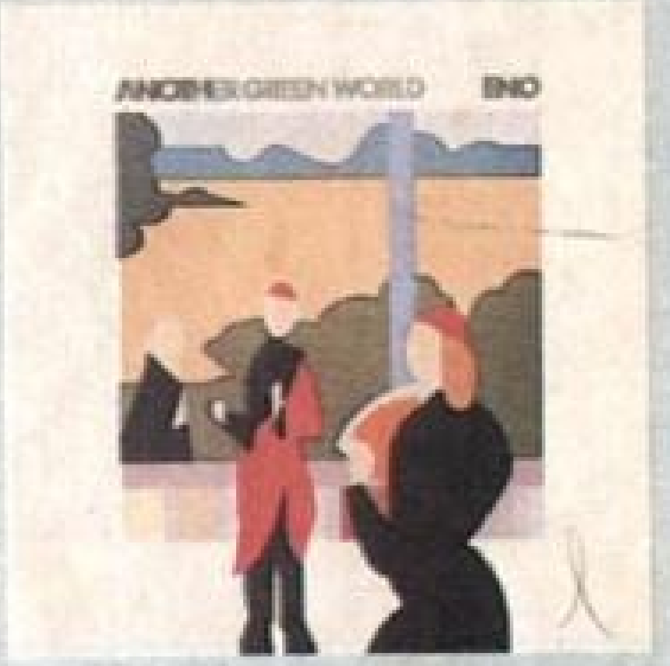
O primeiro disco de rock brasileiro, o iê-iê-iê, o tropicalismo, as bandas dos anos 70 e a explosão do rock nos anos 80.

Os movimentos mais significativos de trinta anos de rock no Brasil estão nesta edição de Ídolos do Rock.

ADESIVOS GRÁTIS!

A HISTÓRIA DO ROCK NO BRASIL

NAS BANCAS



BRIAN ENO
ANOTHER GREEN WORLD (1975)

O barulho acompanha a formação do universo, a grande explosão primeira, os sons da natureza, fontes de terror e fascínio que o homem procurou dominar para dar forma aos rituais de sacrifício, festa, guerra, luto etc. A partir dos sons, arquitetou-se a música que foi evoluindo através dos séculos. No século XX, redescobriu-se a dissonância (Stravinski), apareceram os sons eletrônicos (Varése, Stockhausen, Cage) e concretos (Schaeffer), mas a abordagem popular da música derivada do folclore sempre se manteve dentro de padrões essencialmente conservadores, cada geração curtindo um estilo, uma moda (blues, jazz, rock, soul...), todas variações em torno de uma mesma estrutura básica. Com o advento do sintetizador e a evolução das técnicas de gravação em estúdio, o rock'n'roll foi se sofisticando, as bandas injetando eletricidade em torno da mesma estrutura, procurando desesperadamente renovar a música dita pop.

É justamente em 1975, ano considerado o menos criativo da década, que Brian Eno sugere (melhor do que lança) *Another Green World*, após quatro anos de provocações e extravagâncias *glitter*, dois dos quais passados a colocar Roxy Music nos trilhos. Poderia ter sido mais um LP de *pop music*. Os nomes dos músicos convidados podem enganar: Robert Fripp, o inevitável Phil Collins e John Cale (ex-Velvet Underground), para citar os mais famosos. O que se descobre é um álbum de 14 canções e miniaturas instrumentais onde os climas se alternam em tons e semitons suaves, em que a eletrônica tem um papel básico. As melodias são simples, as harmonias são reduzidas ao mínimo de notas, os instrumentos se sobrepõem por camadas (Eno toca sozinho metade das faixas), e todos sem exceção sofrem um *tratamento* específico, têm sua sonoridade alterada, seus timbres modificados. Onde o Pink Floyd, por exemplo, recorre a efeitos acústicos para fins ilustrativos, Eno incorpora sintetizadores, vozes e efeitos como um todo orgânico. Estamos ouvindo pela primeira vez um disco de rock em que a preocupação principal é com a *textura* dos sons, linhas do tecido musical, como meio de criação de uma atmosfera.

As atmosferas claras, luminosas de "St Elmo's Fire" (com solo perfeito de Fripp) ou "I'll Come Running" alternam com as atmosferas inquietantes de "Sky Saw", que abre o álbum com uma base de quatro notas econômicas de guitarra "digital", ou "In Dark Trees", instrumental em que as guitarras recriam o efeito da buzina de um veículo em movimento. Além dos teclados, sintetizados ou não, Eno toca uma série de instrumentos inusitados: uma guitarra "serpente", outra "desértica" e até uma chamada "porrete", órgãos "encrespados", piano "incerto", um gerador de ritmos tratados, percussões elétricas, sintéticas, peruanas, "espasmódicas", "elementos elétricos", sons "não naturais" e fitas constam da ficha técnica.

Em 1982, Eno chegou a tecer alguns comentários a respeito: "Neste disco, procurei inscrever cada composição numa paisagem específica, de modo que o ambiente determinasse as formas de atividade instrumental que poderiam ocorrer. Isto se deu com mais freqüência por meio de efeitos de eco mecânicos e eletrônicos e *delays*; ecos da curta repetição sugerindo espaços urbanos retilíneos, por exemplo, e até hoje essas possibilidades têm sido usadas realisticamente para evocar espaços que fossem reconhecíveis. De *Another Green World* em diante, voltei meu interesse para o exagero e a invenção mais do que para a reprodução de espaços, experimentando em particular várias técnicas de distorção do tempo..."

O álbum teve uma repercussão razoável quando lançado. Mas abriu novos horizontes para "um outro mundo verde", cuja influência é determinante para a música deste final de século. *Jean-Yves de Neufville*

EDITORA AZUL

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Silvio Faria
Roberto Civita

BIZZ

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

Diretor de Grupo: Carlos Arruda

REDAÇÃO
Editor Chefe: Alex Antunes
Editor Executivo: Roberto Wagner Pereira Perucci
Editora Assistente: Bia Abramo
Redação: Bia Abramo, Jean-Yves Neufville, Thomas Pappon
Reportagem: Sônia Maia
Coordenação de Produção: Igor Ismael Assan

ARTE
Editor: Rodolfo Tucci
Diagramadores: Deise Bitinas, Maria Amélia de Azevedo, Paulo Fernando Zahorcsak
Arquivo e Pesquisa de Fotos: Cidval Heredia
Atendimento ao Leitor: Marisa Adán Gil
Correspondentes: José Emilio Rondeau e Ana Maria Bahiana (Los Angeles), Pepe Escobar (Milão), Cesar G Lima e Silvano Michelino (Paris), Eva Joory (Londres)
Colaboradores
Texto: José Augusto Lemos (consultor), Aldo Merola, Arthur G. Couto Duarte, Akira S, Carlos Albuquerque, Celso Salles Pucci, Fernando Naporano, Hagamenon Brito, Leopoldo Rey, Livio Tragtenberg, Luiz Antonio Giron, Marcel Plasse, Marisa Adán Gil, Tom Leão, Valdir Montanari, Walter Silva.
Arte: Murilo Rodriguez de Maria, Renato Yada (diagramação)
Fotos: Claudia Thompson (New York), Eva Joory (Londres), Fabiana Figueiredo, Geraldo Luis Gomes, Hamilton Penna Filho, J. R. Vianco, Kid, Mauricio Valladares, Mila Maluhy, Rui Mendes, Tucci

Diretora Responsável: Liége de Lima Dória Castelli

PUBLICIDADE
Diretor: Carlos Alberto F. de Araujo
Gerente: Julio Cesar Ferreira
Contatos: Lidia Camarate (Rio), Carlos Eduardo Munhoz, Claudia Rosenthal, Márcia Andrade, Marlene Orlovas (São Paulo)
Produção Gráfica/Publicidade-Gerente: Paulo Luchesi

SERVIÇOS EDITORIAIS
Abril Press: Judith Baroni (gerente). Escritórios - Milão: Rita de Luca, International Business Centre, Corso Europa, 12, Phone: 02-54-56331 e 54-56212-20122, Milano, Telex: 313585 e 332809; Nova York: Odilio Licetti, Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165, Telex: 237670, Phone: (212) 557-5990/5993; Paris: Pedro de Souza, 33, rue de Miromesnil, 8.° - 75008, Paris, facsimile: 42.66.13.99, Phone: 42.66.31.18, Telex ABRILPA 660731
Departamento de Documentação - Dedoc - Gerente: Aida Rojas Barreto - av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP, Telex: (011) 22115
Serviços Fotográficos - Gerente: Pedro Martinelli

COMERCIAL
Diretora-Circulação: Vera Helena Mirandez Gomes
Promoção: Fernando Mendonça (Rio)
Assistente de Circulação: Maria Luzia Alves
Assistente de Propaganda: Rosana Aparecida G. Almeida

EDITORA AZUL
Diretores: Carlos Arruda, Nivaldo Montingelli e Pedro Frazão
Diretor Escritório Rio: Carlos Alberto F. de Araujo

BIZZ é uma publicação da Editora Azul S.A. São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência: r. Marquês de São Vicente, 1771, CEP 01139, tel. (011) 826-6777. Telegramas: Editabril/Abrilpress. Rio de Janeiro: r. da Passagem, 123, 8.° ao 11.° andares, CEP 22290, tel. (021) 546-8282, Telex: (021) 22674, Telegramas: Editabril/Abrilpress. Distribuidor em Portugal: Distribuidora Jardim de Publicações Lda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. Assinatura anual: Cz$ 960,00 à vista. Ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal à Editora Abril S.A. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção definitiva da entrega dos exemplares contratados, sem que para isto tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição da parte do preço total antecipadamente pago, correspondente aos exemplares que não forem entregues, acrescida de correção monetária calculada com base na variação do valor nominal das OTNs verificada no período. Esta revista vai às bancas mensalmente no dia 03. Números atrasados: ao preço da última edição em banca, por intermédio do seu jornaleiro ou no distribuidor de sua cidade. Pedidos pelo correio: DINAP - Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000 Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

CARTAS SERVIÇOS

CARTAS E SERVIÇOS

NICK CAVE COMPLETO

Vocês poderiam me dizer as discografias do Birthday Party e do Nick Cave? **Cristina Reinoso, Buenos Aires — Argentina**

Vamos começar o nosso mergulho nas profundezas falando sobre o Birthday Party, o primeiro e já extinto grupo de Nick Cave. Ainda com o nome de Boys Next Door, os australianos Rowland Howard (guitarra), Mick Harvey (guitarra, teclados, bateria), Tracey Pew (baixo) e Nick Cave (voz) reuniram-se pela primeira vez em 79 para a gravação do LP Door Door. *Antes de deixar a Austrália, o grupo gravaria* The Birthday Party *(80), já com o novo nome. Depois da mudança para a Inglaterra, gravam* Prayers on Fire *(81) e* Junkyard *(82), além do EP* Drunk on the Pope's Bood *(82), dividido com Lydia Lunch. 83 é o ano da separação do grupo, precedida pelo lançamento de quatro EPs:* The Bad Seed, The Birthday Party, Munity! *e* Hee Haw. *Completam a discografia do Birthday Party os álbuns* It's Still Living *(85), com sobras de estúdio, e* Peel Sessions *(86), com gravações realizadas no programa de John Peel, da BBC. Dois remanescentes do grupo, Mick Harvey e Rowland Howard, se uniriam a Simon Bonney (vocais), Harry Howard (baixo) para formar o Room of Lights, que lançaria, em 86, seu único álbum até agora:* Crime — The City Solution. *A história das "sementes más" começa em 84, quando Harvey e Barry Adamson (ex-baixista do Magazine) procuram Nick Cave para formar um novo grupo. Com a guitarra entregue a Blixa Bargeld, do Einstürzende Neubauten, gravam* From Her to Eternity *(84). Seguem-se* The Firstborn is Dead *(85) e a coleção de covers* Kicking Against the Pricks *(86, este lançado no Brasil), com a participação de Thomas Wydler na bateria. O LP mais recente de Nick Cave é* Your Funeral... My Trial *(86). O "homem da caverna" participa ainda do álbum* Burnin' the Ice, *do grupo alemão Die Haut — ele é responsável pelas letras e vocais. Atualmente, Nick Cave compõe, ao lado de Mick Harvey, a trilha sonora para um roteiro de sua autoria, que deverá ser filmado pelo diretor Evan English.*

CRÍTICAS AOS CRÍTICOS

Envio esta carta para protestar contra a crítica do sr. Celso Pucci ao LP do Violeta de Outono. O potencial sonoro do Violeta em seus shows é inegável. Mas é absurdo dizer que o mini-LP independente é mais ousado e original do que o disco recém-lançado. Afirmar que as letras são extremamente redundantes é ridículo. Não foi esse mesmo crítico que, ao criticar o *Crocodiles*, dos Bunnymen, afirmou que "Do It Clean" estava incluída no mesmo? Como é que um cara desses pode comparar o Echo ao Violeta, se não sabe que "Do It Clean" e "Read It in Books" só fazem parte do *Crocodiles* americano? No Brasil, onde predominam os conjuntinhos xerox, um grupo que tem algo a dizer não pode ser tratado dessa maneira. **Alberto Costa, presidente do Fã-Clube do Violeta de Outono**

Celso Pucci responde: "Caro Alberto, o meu comentário sobre o LP do Violeta — longe de ser depreciativo ou difamatório — apenas aponta alguns problemas sobre os quais não podemos fazer vista grossa, sob pena de juntar no mesmo balaio de gatos os "conjuntinhos xerox" que você cita e bandas promissoras como o Violeta. É justo esperar mais do primeiro LP de um grupo que, inclusive, foi eleito como revelação de 86 pelos leitores de BIZZ. Notar que o disco não possui o impacto do mini-LP anterior ou se referir à redundância das letras não desmerece, de forma alguma, o trabalho da banda. Quanto à espinafração a respeito do Crocodiles *do Echo, só nos resta registrar nossas humildes desculpas. Acontece que, às vezes, por problemas de tempo, temos de fazer as críticas a partir das edições importadas, para que as resenhas possam sair simultaneamente com os lançamentos.*

VERDE & AMARELO

Compro a BIZZ porque adoro música e quero manter-me informada. Entretanto, estou chegando à triste conclusão de que essa é uma revista feita pelo crítico e para o crítico, ou para os integrantes do meio musical. BIZZ usa uma linguagem que não nos deixa à vontade para absorvê-la. Além disso, insiste em colocar, salvo exceções, a música estrangeira em primeiro plano, focalizando com certo exagero nomes que não se acham tão em evidência no cenário artístico-musical. Afinal, há um complô contra a nossa música? Não? Então, por que esse protecionismo, esse endeusamento, essa superpromoção em torno de nomes como Smiths, Banshees, Echo & The Bunnymen, Cure? Por que essa mania de enfatizar as nossas deficiências de som, insinuar que a nossa música é feita de imitação, que estamos atrasados em relação a eles? Pô, não existe tanta diferença assim! O que eles têm e nós não temos resume-se numa única palavra: dólar. **Francisca Nunes, Petrolina — PE**

Aproveitando a sua crítica, Francisca, gostaríamos de deixar claro alguns procedimentos e critérios que orientam a revista BIZZ. Primeiro, não há um complô contra a música brasileira e isso você pode verificar na própria revista. Temos todo mês uma pauta equilibrada, entre matérias nacionais e internacionais. Segundo, se você critica, por um lado, o "protecionismo" e o "endeusamento" de certos grupos estrangeiros, por outro lado, sugere que adotemos esta postura em relação às bandas nacionais. Ora, essa é uma concepção que BIZZ nunca teve e nunca terá com grupo nenhum. Não é sendo paternalista com o rock nacional que ele vai atingir um patamar mais alto de qualidade. Não é omitindo problemas como as deficiências, o atraso e a falta de personalidade que atinge uma grande parte das bandas nacionais que estaremos contribuindo para que esta situação se modifique. Não é fechando os olhos para o fato de que, além dos dólares, o rock inglês e o rock americano têm alguns (muitos) anos de história a nossa frente e que escreveremos a nossa própria história. Não é com peneira que se tapa o sol.

CARTAS SERVIÇOS

CARTAS E SERVIÇOS

RONDA ALTERNATIVA

O programa *Ronda Alternativa*, apresentado todos os sábados pela Rádio Clube de Santo André, é um espaço aberto a todas as bandas, músicos, poetas e escritores independentes. Para participar, basta enviar seu disco, fita, livro ou qualquer material relacionado à cultura independente. **Programa Ronda Alternativa, Caixa Postal 53091, CEP 08201, São Paulo — SP**

MÚSICOS

Urgente! Preciso de moças guitarristas (base e solo). **Denise Martha, Rua Gonçalvez Figueira, 326, CEP 02552, São Paulo — SP**

Sou letrista e vocalista e quero montar uma banda de rock com um pessoal que more no Rio. **Sandro de Carvalho Cortes, Avenida dos Operários, 379, CEP 26600, Paracambi — RJ**

PEDINDO BIZZ

Compro as edições de BIZZ do número 1 ao 6. **Luís Cláudio Garrico, Rua Piauí, 661, ap. 802, CEP 40000, Salvador — BA**

Compro as revistas BIZZ do número 1 ao 10, Letras Traduzidas 9-C e 12-A e Top-Hits 1. **Patrícia Moura, Rua dos Radialistas, 28, CEP 41820, Salvador — BA**

Compro a BIZZ número 2. **André Nogueira, Rua Doutor Roberto Reid Kalley, 160, CEP 03324, São Paulo — SP**

Compro a Ídolos do Rock 9-A. **Karinc Donafe, Rua Tibiriçá, 629, CEP 09720, São Bernardo do Campo — SP**

COMPRO, VENDO, TROCO

Compro os seguintes discos de David Bowie: *Space Odity, The Man Who Sold The World, Hunky Dory, The Rise and Fall of Ziggy Stardust..., Diamond Dogs, Young Americans, Station to Station, Low, Heroes, Lodger, Scary Monsters e Tonight*. Compro também gravações desses LPs. **Sérgio Marinez, Rua Rio Amazonas, 35, ap. 303, CEP 40000, Salvador — BA**

Compro qualquer coisa referente à Siouxsie & The Banshees, Echo & The Bunnymen e, principalmente, Cure. Posso trocar por material sobre Madonna, Talking Heads, Prince e outros. **Janaína de Melo, SHCGN 714, Bloco H, Casa 5, CEP 70760, Brasília — DF**

Procuro desesperadamente o Star Poster Album e o poster autografado do Bruce Springsteen que saíram na revista alemã *Pop Rocky*. Compro também qualquer outro material sobre Bruce. **Áurea Garcia, Rua Saturnino de Brito, 598, CEP 96200, Rio Grande — RS**

Vendo disco do Bauhaus importado. **Florence Lainscek, Rua Castro Alves, 654, ap. 92, CEP 01532, São Paulo — SP**

Compro material sobre o A-ha. Tenho material para troca. **Emília Harket, Rua Pedro de Lucena, 34, CEP 03113, São Paulo — SP**

FÃ-CLUBES

A-ha *A-ha Fan Club*, A/C Patrícia Furoholmen, SQN 115/F/506, CEP 70772, Brasília — DF

Bon Jovi *Bon Jovi Fan Club*, Rua Curitiba, 868, CEP 85600, Francisco Beltrão — PR

Duran Duran *Duranies, Thunders of Planet Earth*, Rua Dom Lúcio de Souza, 267, CEP 04129, São Paulo — SP

Kid Abelha *Fã-Clube Kid Abelha*, Caixa Postal 410082, CEP 72000, Brasília — DF

Kiss *Killer's Friend Club*, Avenida Francisco Sales, 1663/10, CEP 30150, Belo Horizonte — MG

Lobão *Fã-Clube Vida Bandida*, Rua Moacir Salles D'Ávila, 963, CEP 06280, Osasco — SP

Lulu Santos *Fã-Clube Lulu Santos — Um Pro Outro*, Rua Martin Afonso, 26, CEP 24400, São Gonçalo — RJ

Raul Seixas *Corrente Pra Frente Raul Seixas Club*, A/C Wilson Donizete de Siqueira, Rua Marajó, 95, CEP 09499, Ribeirão Pires — SP

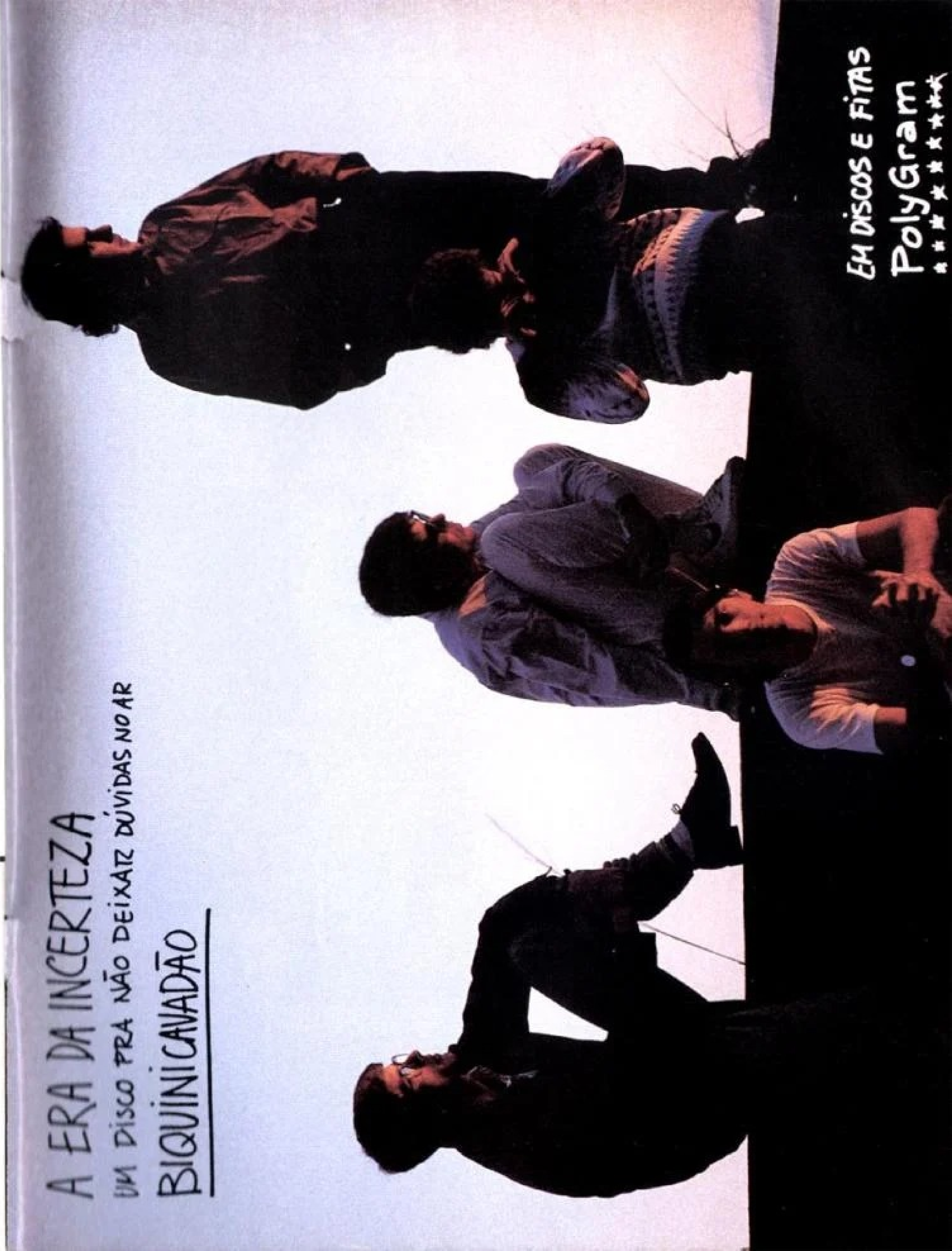
Rod Stewart *Fã-Clube Rod Stewart*, Rua Itutinga, 4714, CEP 59000, Natal — RN

Siouxsie & The Banshees, *The Scream of Siouxsie & The Banshees*, Rua Paulo Gama, 25, CEP 27180, Volta Redonda — RJ

Violeta de Outono *Fã-Clube Violeta de Outono*, Caixa Postal 77296, CEP 85488, Limeira — SP

MÊS QUE VEM NA BIZZ

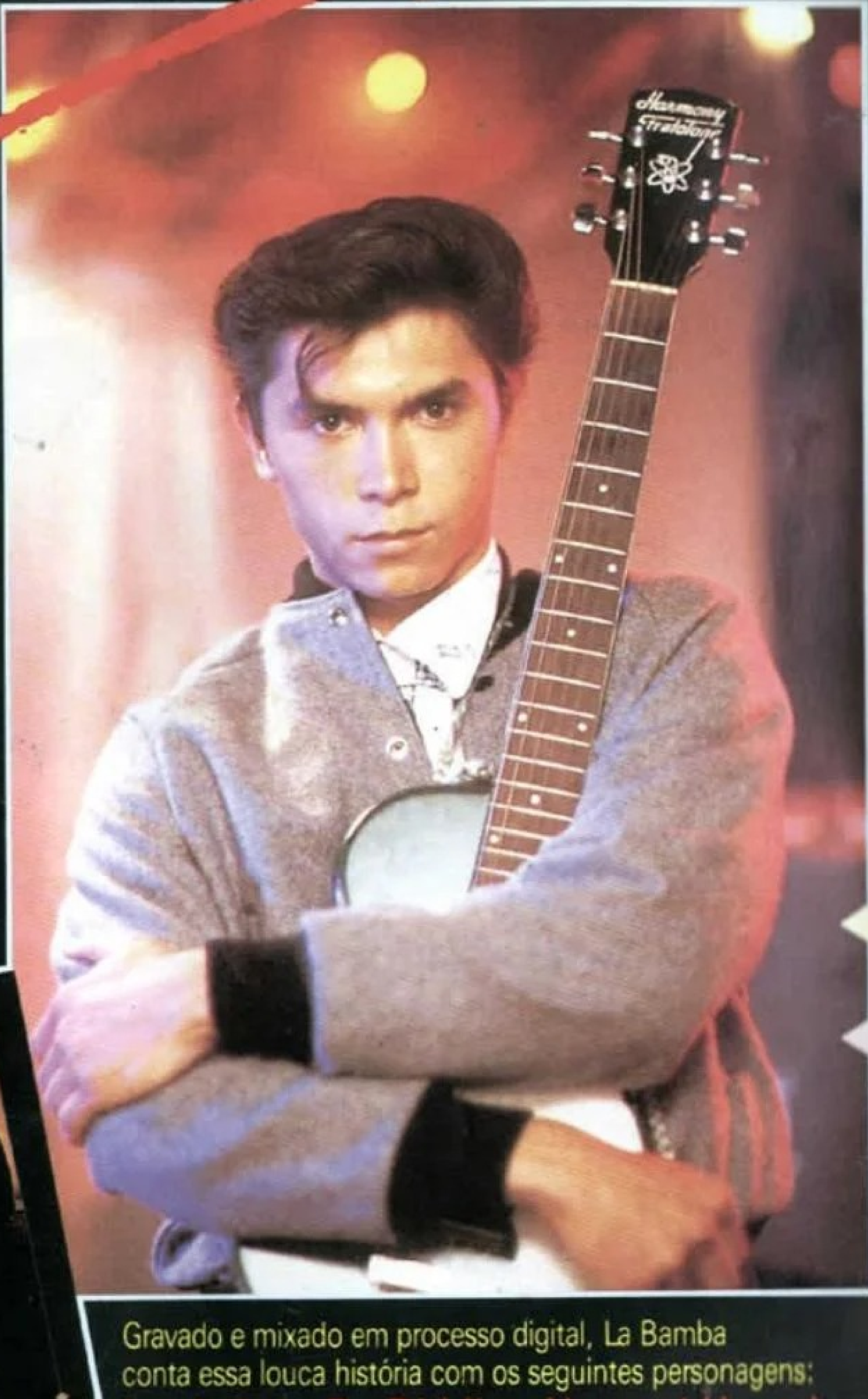
EXCLUSIVAS COM TITÃS, JESUS & MARY CHAIN, CAMISA DE VÊNUS E PETER MURPHY. O FUTURO DO RPM, A NOVA ONDA HEAVY NOS EUA E O NOVO FILME DA MADONNA

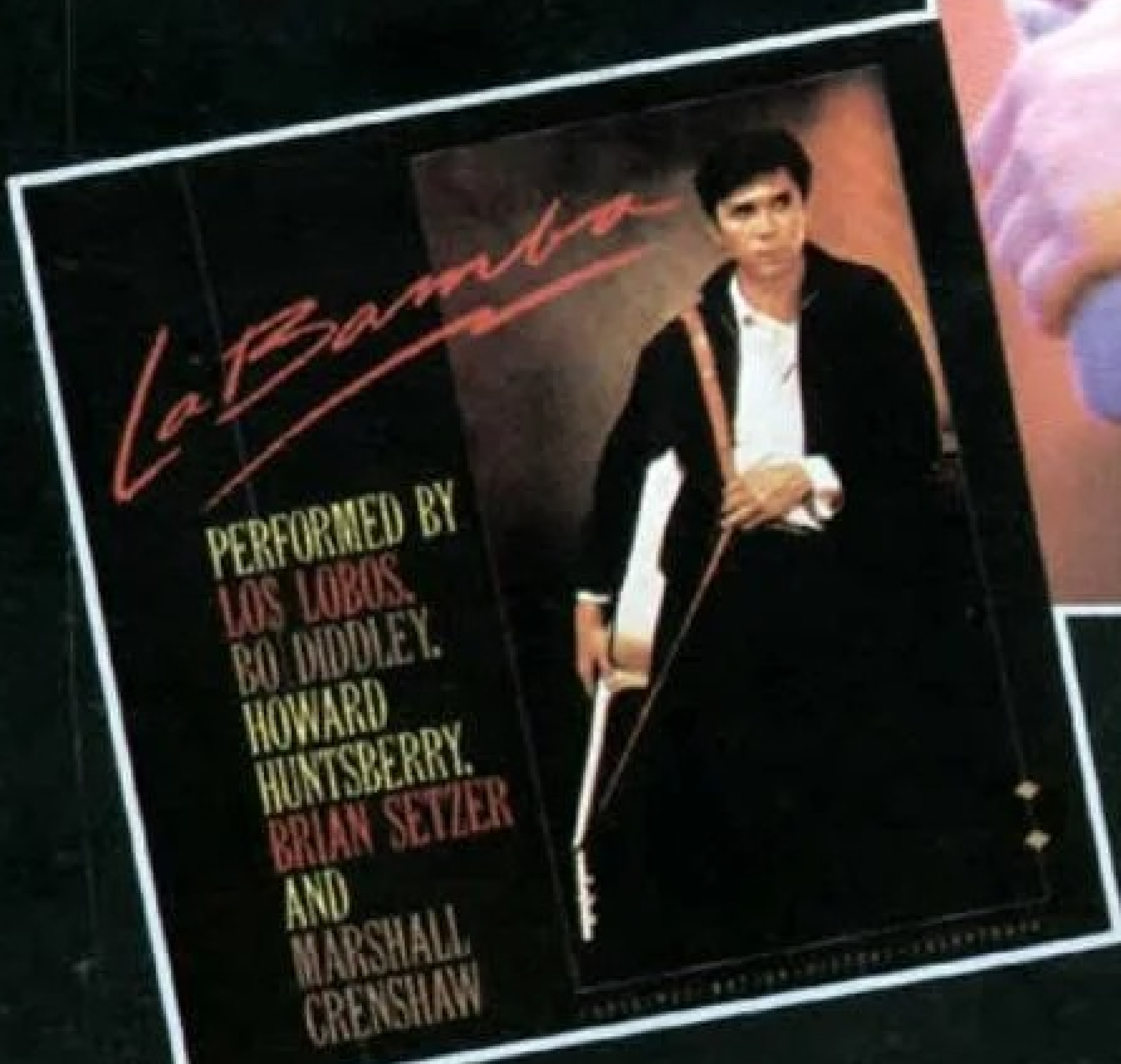


A TRILHA SONORA A PROVA DE TEMPO

La Bamba

La Bamba é o disco mais vendido em vários países do mundo por motivos óbvios.
La Bamba é a história do Rock Americano com "H" maiúsculo, sem purpurina, sem blá-blá-blá.
La Bamba é um jarro de adrenalina derramado por Ritchie Valens nas veias pulsantes do Rock'n Roll.





Gravado e mixado em processo digital, La Bamba conta essa louca história com os seguintes personagens:
Los Lobos, Bo Diddley, Howard Huntsberry, Brian Setzer e Marshall Crenshaw.

Em discos e fitas PolyGram